

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO –  
MESTRADO E DOUTORADO**

**JOSIANA AYALA LEDUR**

**REPRESENTAÇÕES ACERCA DAS PRÁTICAS CORPORAIS NAS  
ASSOCIAÇÕES NIPO-BRASILEIRAS DO RIO GRANDE DO SUL (1969-2019)**

**PORTO ALEGRE**

**2023**

**JOSIANA AYALA LEDUR**

**REPRESENTAÇÕES ACERCA DAS PRÁTICAS CORPORAIS NAS  
ASSOCIAÇÕES NIPO-BRASILEIRAS DO RIO GRANDE DO SUL (1969-2019)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Janice Zarpellon Mazo

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Ayala Ledur, Josiana  
REPRESENTAÇÕES ACERCA DAS PRÁTICAS CORPORAIS NAS  
ASSOCIAÇÕES NIPO-BRASILEIRAS DO RIO GRANDE DO SUL  
(1969-2019) / Josiana Ayala Ledur. -- 2023.  
215 f.  
Orientadora: Janice Zarpellon Mazo.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, , Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. História do Esporte. 2. Práticas Corporais. 3.  
Imigrantes Japoneses. 4. Associativismo Esportivo. I.  
Zarpellon Mazo, Janice, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

## AGRADECIMENTOS

Ao finalizar um trabalho como este, destinar palavras de agradecimento é um ato um tanto difícil, visto que, por representar uma trajetória, muitas são as contribuições, as pessoas envolvidas, e os caminhos percorridos. Sendo assim, sempre corremos o risco do esquecimento. Ciente disso, e necessitando correr este risco, a realização deste trabalho contou com a contribuição de professores, funcionários, colegas e amigos, aos quais sou enormemente grata. Entre estes, inicialmente agradeço a Professora Janice Zarpellon Mazo, pela orientação da pesquisa, bem como pela confiança e paciência em todos esses anos de convívio. Devo muito à Professora Janice pela confiança para com a realização deste trabalho e, desde já, saliento que os erros aqui contidos não são de responsabilidade dela, embora ela gentilmente tenha eliminado muitos.

No curso de expressar minha gratidão, em específico aos últimos quatro anos, entre 2019 e 2023, recorro às minhas memórias, que agora emergem como um filme destinado a contar diferentes áreas da vida, cabendo citar aqui, a institucional e a familiar. Assim sendo, agradeço profundamente as experiências compartilhadas durante esses anos e que produziram capítulos marcados por momentos bons e desafiadores.

Assim sendo, agradeço à Capes, pela bolsa de doutorado, que possibilitou o desenvolvimento dos meus estudos e pesquisas. Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e aos professores com os quais convivi e adquiri bagagem de valor inestimável. Dentre os quais estão os professores da banca desta tese, Professor Fabiano Bossle, a Professora Vanessa Bellani Lyra e a Professora Tomoko Kimura Gaudioso, que prontamente aceitaram o convite. Agradeço aos colegas do NEHME pela companhia, amizade, pelas trocas de conhecimento, bem como pela parceria em disciplinas, reuniões e eventos. Do mesmo modo, agradeço a professora laioi Tao, ao Sr. Jorge Kinoshita, aos funcionários da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti e do Memorial da colônia japonesa de Ivoti e da Associação de Assistência Nipo Brasileira do Sul (ENKYOSUL) por terem despendido preciosos momentos de atenção e colaboração para com a pesquisa e ao Victor da Silva Antunes pelo capricho e cuidado com as traduções.

À minha família, em especial ao meu esposo, Márcio de Medeiros Ledur e a minha filha Martina por serem tão amorosos, compreensivos, além de serem minha fortaleza. Bem como, agradeço aos meus pais Giselda Caldas Aiala e Ademar Solano Aiala, pelo amor incondicional, bem como pelo incentivo com estudos. Agradeço as minhas irmãs, Tatiana e Meliana e meu irmão Samir, pelo carinho e torcida de sempre. Por fim, agradeço um ser que, em 2020 passou a ser parte das estrelas e que sempre dediquei todos os meus trabalhos, meu avô Antônio Sipriano Caldas.

“Cada experiência é um degrau para o progresso da alma. Você está, agora, diante de uma nova experiência. Dedique-se a ela de corpo e alma, e verá surgir o próximo degrau da evolução”

(Masaharu Taniguchi)

## RESUMO

Este estudo histórico cultural trata das práticas corporais no Rio Grande do Sul, especialmente, as desenvolvidas nas associações nipo-brasileiras. As contribuições advindas dos japoneses na sociedade brasileira, quando observadas pelo prisma das práticas corporais, embora apontem para um maior envolvimento com artes marciais, evidenciam outras práticas realizadas desde o período inicial da imigração no país, tais como gateball, beisebol, softbol, undokai e rádio taissô. No caso do Rio Grande do Sul, a organização das primeiras associações voltadas a preservar a cultura dos japoneses e descendentes no estado correspondem ao final da década de 1960. Nas décadas seguintes foram incrementando as práticas corporais e ações com o intuito de conferir mais visibilidade a sua cultura. Entretanto, no ano de 2020 percebe-se significativas transformações neste processo em decorrência da pandemia de COVID-19. Diante de tais indícios, o problema de pesquisa que orientou a escrita da presente tese de doutorado foi apresentado a partir da seguinte questão: como as práticas corporais foram representadas nas associações culturais esportivas dos nipo-brasileiros do Rio Grande do Sul entre os anos 1969 e 2019? Para tanto, além da revisão bibliográfica, foram analisadas fontes documentais, imagéticas e orais. Como alicerce teórico para a interpretação e a escrita da narrativa histórica, foram apropriados os preceitos da História Cultural. A partir do cotejamento e da interpretação das informações foi possível depreender que, através das práticas corporais realizadas nas associações, os nipo-brasileiros do Rio Grande do Sul, buscaram preservar a cultura de seus antepassados. Neste cenário, as associações nipo-brasileiras, enquanto lugares de memória, constituem-se em locais privilegiados para à manutenção e negociação de representações identitárias.

**Palavras-chave:** História do Esporte; Práticas Corporais; Imigrantes Japoneses; Associativismo Esportivo.

## ABSTRACT

This cultural and historical study deals with bodily practices in Rio Grande do Sul, especially those developed in Japanese-Brazilian associations. The contributions made by the Japanese to Brazilian society, when observed from the perspective of bodily practices, although they point to a greater involvement with martial arts, highlight other practices carried out since the initial period of immigration into the country, such as gateball, softball, undokai and rádio taissô. In Rio Grande do Sul, the organization of the first associations aimed at preserving the culture of the Japanese and descendants in the state corresponds to the end of the 1960s. In the following decades, body practices and actions were increased with the aim of giving more visibility to your culture. However, in 2020, significant changes were seen in this process as a result of the COVID-19 pandemic. Given such evidence, the research problem that guided the writing of this doctoral thesis was presented based on the following question: how were bodily practices represented in cultural sports associations of Japanese-Brazilians in Rio Grande do Sul between the years 1969 and 2019? To this end, in addition to the bibliographic review, documentary, image and oral sources were analyzed. As a theoretical foundation for the interpretation and writing of the historical narrative, the precepts of Cultural History were appropriated. From the comparison and interpretation of the information, it was possible to infer that, through the corporal practices carried out in the associations, the Japanese-Brazilians of Rio Grande do Sul sought to preserve the culture of their ancestors. In this scenario, Japanese-Brazilian associations, as places of memory, are specifically in privileged locations for the maintenance and negotiation of identity representations.

**Keywords:** History of Sport; Bodily Practices; Japanese Immigrants; Sports Associations

## LISTA DE IMAGENS

|   |     |
|---|-----|
| Imagem 1 - Navio Burajiru Maru .....                                | 52  |
| Imagem 2 - Yunosuke Nemoto e família.....                           | 54  |
| Imagem 3 - Principais Colônias Japonesas no Sul.....                | 61  |
| Imagem 4 - Família Sasada.....                                      | 63  |
| Imagem 5 - Competição de Karaokê na ACENB de Ivoti em 1990.....     | 83  |
| Imagem 6 - Koinobori no undokai da ENKYOSUL.....                    | 96  |
| Imagem 7 - Reportagem do Jornal ENKYO, 1995.....                    | 98  |
| Imagem 8 - Notícias do Enkyo, 2002.....                             | 101 |
| Imagem 9 - Brincadeira de pegar grãos com hashi.....                | 103 |
| Imagem 10 - Brincadeira “corrida de pesca da garrafa”.....          | 104 |
| Imagem 11 - Yushohai – Taça da Vitória, 2004.....                   | 105 |
| Imagem 12 - Brincadeira bola ao cesto na ENKYOSUL.....              | 106 |
| Imagem 13 - 33ª Gincana Esportiva Familiar.....                     | 107 |
| Imagem 14 - Programação Undokai ENKYOSUL, 2014.....                 | 108 |
| Imagem 15 - Grupo Shinsei no Festival Japão de 2019.....            | 130 |
| Imagem 16 - Dança de Bon Odori em Itati década de 1970.....         | 135 |
| Imagem 17 - Incentivadores do sumô no Rio Grande do Sul.....        | 141 |
| Imagem 18 - Sumô no dohyo da ENKYOSUL no ano de 1987.....           | 144 |
| Imagem 19 - Jornal Enkyo 1995.....                                  | 146 |
| Imagem 20 - Reportagem Campeonato Brasileiro de Sumô.....           | 148 |
| Imagem 21 - 53º Campeonato Estadual de Sumô em Ivoti.....           | 152 |
| Imagem 22 - Atletas no 58º Campeonato Gaúcho de Sumô.....           | 155 |
| Imagem 23 - Sumô feminino no 58º Campeonato Gaúcho.....             | 158 |
| Imagem 24 - Sumô infantil no 58º Campeonato Gaúcho.....             | 159 |
| Imagem 25 - Time de Beisebol GAÚCHO em 1966.....                    | 168 |
| Imagem 26 - Torneio de Softbol no campo do Lanifício Kurashiki..... | 169 |
| Imagem 27 - Ivoti Phoenix, campeão Gaúcho de beisebol 2011.....     | 172 |
| Imagem 28 - Torneio Misto de Softbol da ENKYOSUL.....               | 174 |
| Imagem 29 - “Torneio Pioneiros” 2019.....                           | 175 |
| Imagem 30- Partida de gateball em Ivoti.....                        | 181 |

## LISTA DE TABELAS

|   |     |
|---|-----|
| Tabela 1- Programação undokai ENKYOSUL, 2014.....                                 | 108 |
| Tabela 2 - Atividades undokai em Itati.....                                       | 113 |
| Tabela 3 - Atividades undokai Associação Cultural Nipo Brasileira de Pelotas..... | 114 |
| Tabela 4 - Descrição de Exercícios de rádio taissô.....                           | 121 |
| Tabela 5 - Resultados 58º Campeonato Gaúcho de Sumô.....                          | 157 |
| Tabela 6 - Equipes de beisebol do Rio Grande do Sul.....                          | 170 |
| Tabela 7- Equipes de softbol do Rio Grande do Sul.....                            | 171 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|          |  |
|----------|--|
| ACEI     | Associação Cultural e Esportiva de Itati                                   |
| ACENB    | Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti                   |
| ACENBPEL | Associação de Cultura Nipo-Brasileira de Pelotas                           |
| ACJ      | Associação da Cultura Japonesa de Porto Alegre                             |
| ADITA    | Associação para o Desenvolvimento de Itati                                 |
| ASERJI   | Associação Esportiva Recreativa da Colônia Japonesa Itapuã                 |
| CARI     | Centro de Assistência Rural de Itati                                       |
| ENKYOSUL | Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul                         |
| JAMIC    | JAMIC – Imigração e Colonização Ltda.                                      |
| KKKK     | Kaigai Kougyou Kabushiki Kaisha – Companhia Ultramarina de Desenvolvimento |

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>13</b>  |
| <b>2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....</b>                    | <b>21</b>  |
| 2.1 QUADRO TEÓRICO.....  | 22         |
| 2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....                               | 29         |
| <b>3. HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA.....</b>                     | <b>40</b>  |
| 3.1 A CHEGADA DOS PRIMEIROS IMIGRANTES NO BRASIL.....              | 43         |
| 3.2 CONTORNOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL.....      | 51         |
| 3.3 COLÔNIAS JAPONESAS NO RIO GRANDE DO SUL.....                   | 60         |
| <b>4. AS NIHONJINKAI DO RIO GRANDE DO SUL.....</b>                 | <b>74</b>  |
| <b>5. PRÁTICAS CORPORAIS NAS ASSOCIAÇÕES NIPO-BRASILEIRAS.....</b> | <b>90</b>  |
| 5.1 GINCANA UNDOKAI: SÍMBOLO DE FESTIVIDADES E ESPORTES.....       | 91         |
| 5.2 RÁDIO TAISSÔ: A GINÁSTICA RÍTMICA RADIOFÔNICA.....             | 117        |
| 5.3 DANÇAS TRADICIONAIS JAPONESAS.....                             | 124        |
| 5.4 SUMÔ: UM ESPORTE DE TRADIÇÃO MILENAR.....                      | 138        |
| 5.5 BEISEBOL E SOFTBOL: REPRESENTAÇÕES DE ESPORTES OLÍMPICOS.....  | 163        |
| 5.6 GATEBALL: UMA PREFERÊNCIA ENTRE OS IDOSOS.....                 | 178        |
| <b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                | <b>184</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>190</b> |
| <b>GLOSSÁRIO.....</b>  | <b>214</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

Ao revisitarmos a trajetória dos imigrantes japoneses que vieram para o sul do Brasil, logo nos deparamos com as “bagagens” por eles trazidas para uma terra que, embora distante da sua de origem, cumpriu um papel de os receber, ao mesmo tempo em que se constituiu de um espaço carregado de novos significados, um “porto” para a construção de uma identidade particular. Assim sendo, o grupo étnico cultural que trataremos neste estudo, se refere ao nipo-brasileiros do Rio Grande do Sul, ou de modo mais particular, podemos nos referir a eles como nipo-sul-riograndenses, conceito este, que pode ser considerado resultante de um extenso processo multicultural, que abarca tanto características japonesas quanto brasileiras, ao mesmo tempo, que carrega as regionalidades do estado do Rio Grande do Sul.

Na presente pesquisa, destacamos que, dentre tantos produtos originários da tradição de um povo, o “uso dos corpos se desloca com a população imigrante” (CAVALCANTI; JÚNIOR, 2018, p.260). Diante de tal entendimento, esta pesquisa se interessa pelas práticas corporais, aqui entendidas como práticas eminentemente culturais. As práticas corporais<sup>1</sup> realizadas por imigrantes e seus descendentes, passaram a ser observadas a partir dos primeiros fluxos imigratórios direcionados ao Brasil, principalmente, durante os séculos XIX e XX. No que diz respeito ao campo cultural e esportivo, o estabelecimento de diferentes formas associativas, relacionadas as práticas corporais também emergiram no referido período, de forma a representar identidades tanto européias quanto orientais. Assim sendo, o associativismo parece ter atuado enquanto um mecanismo que contribuiu para a manutenção da cultura de diferentes grupos étnicos.

Nos valem, inicialmente, do conceito cunhado por Boudon (1990) para nos referirmos o termo “associação”, que ocupa lugar de centralidade na presente pesquisa. Em sentido restrito, “associação” caracteriza um agrupamento de duas ou mais pessoas que compartilham conhecimentos e atividades, sem a finalidade de partilhar lucros. Um dos sentidos concernentes ao fenômeno associativo corresponde à propensão dos homens de se agruparem para a defesa dos seus

---

<sup>1</sup> As práticas corporais segundo Silva (2014) podem ser compreendidas como fenômenos que se mostram, prioritariamente, ao nível corporal, constituindo-se em manifestações culturais, tais como os jogos, as danças, as ginásticas, os esportes, as artes marciais, as acrobacias, entre outras.

direitos, de forma a garantirem a propagação das suas ideias e práticas voltadas a um objetivo em comum.

Nesta mesma direção, Mazo (2003) ao dissertar acerca do termo “associação esportiva”, o define como um agrupamento de indivíduos que se reúne em torno de uma ou mais práticas esportivas, ou seja, por meio do associativismo esportivo, as identidades culturais podem se afirmar e expressarem-se por meio da reprodução de um singular “repertório de símbolos, valores, normas, comportamentos e outras representações que identificam os limites culturais entre diferentes grupos sociais” (MAZO, 2003, p.2). Tal entendimento, encontra aporte em estudos relativos ao campo esportivo no estado do Rio Grande do Sul, entre o final do século XIX e início do século XX, tais como (ASSMANN, 2015; FROSI, MAZO, 2012; SILVA, 2011), que apontam que durante o referido período observava-se certa hegemonia de identidades culturais europeias (teuto-brasileiros, luso-brasileiros e ítalo-brasileiros) atuando em espaços esportivos.

As fontes consultadas indicam que ao final do século XIX, a capital do estado, Porto Alegre, possuía em torno de 30 associações, fundadas pelos grupos acima citados, voltadas a promover diferentes práticas esportivas, tais como bolão (MAZO, 2006), tênis (PEREIRA; MAZO; BALBINOTTI, 2010), ginástica, tiro ao alvo, natação, esgrima, futebol (MAZO; PEREIRA; SILVA, 2013), corrida rústica (MAZO; MADURO; PEREIRA, 2010), futebol de salão (VICARI, 2014), turfe, remo e ciclismo (MAZO et al, 2012). Para além de comporem ambientes de práticas corporais, as associações também eram espaços de sociabilidade, diversão, lazer e preservação da cultura dos imigrantes e seus descendentes.

Este quadro só passou a abarcar manifestações relativas à imigração japonesa no Rio Grande do Sul, após a segunda metade do século XX, quando os primeiros representantes desta identidade cultural passaram a compor o arranjo social. Como resultado, as movimentações e práticas advindas deste grupo influenciou áreas distintas, como religião, economia, educação e cultura. Assim sendo, as contribuições dos japoneses, quando observadas pelo prisma das práticas corporais, apontam um maior envolvimento deste grupo com as artes marciais<sup>2</sup> na

---

<sup>2</sup> As Artes Marciais referidas neste trabalho são as de origem japonesa, orientadas a partir dos preceitos do *Budo*, que é o conjunto de regras disciplinares, que rege a ordem moral dos praticantes de Artes Marciais Japonesas e que os conduz em direção à elevação tanto física, como mental e espiritual. Bu 武 significa “Guerra” ou “Marcial” e provém da época onde as técnicas dos antigos Guerreiros (Samurais) eram ensinadas com o intuito de vencer o exército inimigo. Este conjunto de

sociedade brasileira, compondo uma esfera de associativismo com caráter mais institucionalizado e organizado em prol da difusão destas práticas, compondo um cenário que se desenvolveu com propósitos voltados para espaços pensados para além das comunidades e associações de japoneses estabelecidas por meio da consanguinidade.

Conforme apontado pelo estudo realizado por Nunes (2011), práticas de origem japonesa como o judô, trazem como parte de sua história, duas versões para a introdução e difusão desta arte marcial. A primeira estaria diretamente ligada a imigração japonesa para o nosso país, iniciada em 1908, na medida em que há indícios da prática do judô em colônias japonesas, principalmente, no estado de São Paulo. E, a segunda, possui ligação com a chegada de professores lutadores, como Mistsuyo Maeda (conhecido como Conde Koma) e Soshihiro Satake, que desembarcaram no Brasil em 1914, como representantes da Kodokan<sup>3</sup> com intuito de difundir o judô no país, realizando apresentações em capitais de vários estados, como Manaus (Amazonas) e Porto Alegre (Rio Grande do Sul).

Além dos professores acima citados, segundo infere (MADURO, 2011) o desenvolvimento do judô no estado do Rio Grande do Sul, contou com a presença de outros professores japoneses. Nas décadas de 1950 e 1960, destaca-se a influência do professor Takeo Yano, conhecido como “japonês”, que atuou em Porto Alegre, ministrando aulas nos “dojôs” instalados no terraço do Hotel Majestic e no “Sport Clube Ruy Barbosa”. Neste mesmo período, também vieram a Porto Alegre para ensinar judô os professores Naoshige Ushijima, Ricardo Shunji Hinata e Teruo Obata (BOEHL, MAZO, 2019).

Referente ainda ao contexto das artes marciais, outras modalidades advindas da cultura japonesa se estabeleceram em diversas regiões do estado do Rio Grande do Sul, por intermédio da imigração, tal como o *karate-do*, que teve seus primórdios

---

técnicas era chamado de “Bujutsu” – literalmente “Arte de Guerra”, “Arte Marcial” ou “Técnicas de Guerra”. Do 道 significa “Caminho” e provém do sentido religioso sobre o Caminho que leva à Iluminação. Conceitos teóricos que ensinam a necessidade de aplicar na prática e vivenciar cada ensinamento buscando a evolução do ser (ARTES DO JAPÃO, 2023). Salientamos que as únicas artes marciais evidenciadas nas associações nipo-brasileiras do Rio Grande do Sul durante o recorte temporal proposto para a escrita da Tese, foram o sumô e o judô. As demais artes marciais, como karate-do, aikidô, kendo e kyudo, não foram evidenciadas no período correspondente ao recorte temporal. O judô, por ter sido abordado de forma particular durante a pesquisa de mestrado da pesquisadora, teve um espaço mais breve na Tese.

<sup>3</sup> Escola criada por Jigoro Kano para desenvolver o judô, o termo significa escola para desenvolver o caminho.

demarcados entre as décadas de 1970 a 1980, por meio da atuação de professores como Luiz Tasuke Watanabe e Akira Taniguchi (AIRES *et al.*, 2016; LEDUR; CARMONA; MAZO, 2013). Do mesmo modo, podemos atribuir aos nipo-brasileiros a introdução de outras práticas, tal como, *kendo*<sup>4</sup>, *kyudo*<sup>5</sup>, *aikido*<sup>6</sup>, *sumô*, *taissô gateball*, *odori*, *undokai*, *beisebol* e *softbol*. Estes dois últimos, ainda que possuam origens inglesa e norte-americana, respectivamente, tiveram seu desenvolvimento atrelado a cultura japonesa.

De acordo com Fukuda e Stanganelli (2006), a história do beisebol no Brasil possui uma vertente relacionada ao período da imigração japonesa, e outra ligada à vinda de cidadãos norte-americanos que se estabeleceram no estado de São Paulo, na segunda metade do século XIX. Porém, a continuidade deste esporte, se deu por intermédio dos nipo-brasileiros, embora já houvesse significativa participação de outros grupos étnicos. Este mesmo estudo menciona uma considerável identificação do beisebol no país como um “esporte de japoneses”, principalmente, durante a primeira década do século XX. Esta percepção, de natureza cultural, se deve a concentração de praticantes de beisebol nos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, que representam regiões onde há maior densidade de população de origem japonesa (FUKUDA, STANGANELLI, 2006; SUZUKI, MIRANDA, 2008).

No que tange a história do *softbol* no país, esta se delineou de forma conjunta com a do beisebol e, os cenários que unem estas duas práticas, são representados por meio de clubes, ligas e demais associações, que tratam de organiza-las em território brasileiro. A exemplo disto, no ano de 1946, ocorreu a fundação da *Federação Paulista de Beisebol e Softbol* (FPBS), que começou a organizar competições oficiais no Brasil, incluindo a incorporação de equipes de outros estados, principalmente do Paraná.

Ao investigarmos a literatura disponível, acerca da prática de associar-se em comunidades nipo-brasileiras, podemos perceber que este elemento já marcava as relações sociais entre grupos no país desde o processo imigratório. Concernente a esta informação, Handa (1987) descreve que os acordos de imigração relativos ao Brasil propunham a vinda de famílias aptas ao trabalho. Em decorrência desta

---

<sup>4</sup> O *kendo* possui *dojos* no estado do Rio Grande do Sul, em cidades como Porto Alegre, Caxias do Sul, Novo Hamburgo e Santa Maria (INSTITUTO NITEN, 2016).

<sup>5</sup> O *kyudo* é uma arte marcial japonesa fundamentada através do tiro com arco.

<sup>6</sup> O *Aikido* é uma arte marcial que visa neutralizar o agressor, utilizando a força por ele oferecida contra ele mesmo.

necessidade, casais sem filhos, por exemplo, se associavam com outra família composta para além dos laços exclusivamente consanguíneos. Essas composições familiares, encontraram no Brasil um cenário que proporcionou o fortalecimento de vínculos entre conterrâneos japoneses, uma vez que estes indivíduos compartilhavam hábitos e costumes muito diferentes dos observados no Brasil.

Além do mais, muitos foram os imigrantes japoneses que sustentavam a ideia de trabalhar temporariamente em nosso país, com o intuito de enriquecer e voltar ao Japão. No entanto, tal objetivo fracassou, principalmente, em decorrência da II Guerra Mundial, ocasião em que o Brasil passou a ser moradia definitiva de um grande contingente de japoneses e de seus descendentes.

Se tomarmos como referência o período que compreende o início da imigração japonesa para o Brasil, em 1908, até o final da II Guerra Mundial, para analisar os impactos socioculturais sofridos pelos japoneses, podemos inferir que, este grupo experienciou momentos de “alienação por conta de uma segregação étnica, por ser uma minoria imigrante” (TSUDA, 2003, p. 124). Deste modo, foi em decorrência da necessidade de se agrupar, que a prática associativa japonesa passou a ser percebida como algo importante e, até mesmo, essencial (BARRETO; SILVA, 2013).

As produções acadêmicas que versam sobre as associações nipo-brasileiras, tem apontado distintos elementos que caracterizam a vida associativa de famílias de ascendência japonesa. A autora Hatugai (2011), ao abordar a Associação Cultural Nipo-Brasileira de Araraquara, descreve as relações estabelecidas entre os associados, salientando os encontros semanais e as festividades que marcavam o calendário anual da referida instituição, que englobava eventos que congregavam o lazer e a sociabilidade, como a noite o *Tanabata Matsuri*<sup>7</sup>, o Torneio Morada do Sol de *gateball*, as partidas de futebol frequentadas pelos homens, bem como havia também a prática do *taiko*<sup>8</sup>, frequentada por crianças, adultos e jovens, que na

---

<sup>7</sup> O Tanabata Matsuri originou-se de uma lenda chinesa, criada há mais de quatro mil anos e inspirada nas estrelas Vega e Altair: conta a história de uma certa Princesa Orihime e seu amado Kengyu, que por terem seu amor proibido, foram transformados em estrelas, como punição. A tristeza do casal foi tanta, que o “Senhor Celestial”, comovido com tal tristeza permitiu um único encontro anual entre eles, num dia de julho. No Brasil, o este festival é realizado nas comunidades nipo-brasileiras, onde dezenas de enfeites são pendurados e o público pode escrever nos “Tanzakus”, papeletas para escreverem os seus pedidos e pendurarem nos ramos dos bambus chamados “sasadake”.

<sup>8</sup> O *taikô* é uma prática musical, percussiva, corporal e coletiva, que utiliza os tambores japoneses (taikô) como instrumentos principais

associação foi “percebido como um claro projeto de imprimir à “tradição” uma forma comunicável aos olhos dos espectadores” (HATUGAI, 2011, p. 115).

Já a prática associativa, no estudo de Barreto e Silva (2013), sobre a Associação Nikkei de Uberlândia (ANIUDI) descreve as dificuldades enfrentadas pelos nipo-brasileiros que formaram a primeira colônia em Uberlândia em 1920 e, que ainda no final da década de 1980, “passaram por forte processo de estigmatização na sociedade receptora” (BARRETO; SILVA, 2013, p.43). Deste modo, um pequeno grupo, formado por famílias de descendentes em primeiro ou segundo grau, passou a se reunir aos finais de semana para realizar práticas comumente associadas à cultura japonesa, que incluíam o preparo de comidas típicas, ouvir músicas tradicionais e compartilhar experiências e problemas referentes ao cotidiano, que muitas vezes contavam com as narrativas dos antepassados. Ainda como parte das atividades que reuniam os associados estavam as esportivas, como o *gateball* e o *softbol*.

Em contexto sul-rio-grandense, indícios apontam que no final na década de 1960 começaram a surgir as primeiras entidades voltadas a preservar os valores culturais herdados pelos ancestrais japoneses, conformando-se também, como espaços destinados a oportunizar práticas corporais com fins recreativos. Destacamos, portanto, as associações<sup>9</sup>: Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul (ENKYOSUL), que possui sedes em Porto Alegre e Gravataí, Associação dos Imigrantes Japoneses de Santa Maria, Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti (ACENB) e Associação Cultural-esportiva da cidade de Itati/RS (ACEI), Associação de Cultura Nipo-Brasileira de Pelotas (ACNBPEL) e Associação Regional de Cultura Japonesa ‘Sakura’. Diante do cenário explicitado, apresentamos o seguinte problema de pesquisa: como as práticas corporais tem sido representadas nas associações culturais esportivas dos nipo-brasileiros do Rio Grande do Sul entre os anos 1969 e 2019?

A fim de delinear um eixo de trabalho voltado a responder o problema de pesquisa, foram elaboradas as seguintes questões norteadoras da pesquisa:

---

<sup>9</sup> Destacamos que o critério de inclusão das referidas associações é resultado das buscas nas fontes documentais consultadas. Desse modo, as contempladas na tese foram as que, de fato encontramos práticas corporais sendo desenvolvidas e, de igual maneira, onde essas práticas estavam sendo veiculadas de alguma forma em páginas oficiais das associações.

a) Investigar o contexto social, cultural e político que permeou o processo de associativismo dos nipo-sul-riograndenses no estado.

b) Elucidar as práticas e representações culturais produzidas e negociadas nas associações dos nipo-sul-riograndenses, no período de 1969 a 2019.

c) Averiguar como a identidade dos nipo-sul-riograndenses foi constituída a partir das práticas corporais nas associações, considerando o contato cultural com os brasileiros.

O recorte temporal inicial dessa investigação corresponde aos anos finais da década de 1960, quando surgem as primeiras associações voltadas a preservar a cultura dos japoneses e descendentes no estado e se encerra no ano 2019, posto que no ano seguinte, 2020, observamos a ocorrência de modificações significativas, no formato de eventos realizados pelas associações. Bem como, percebemos impactos relativos às práticas corporais, visto que, os encontros presenciais foram impossibilitados de ocorrer, assim sendo, treinamentos, campeonatos e projetos foram suspensos, em razão da pandemia de COVID-19 e dos decretos de isolamento social, que demandaram novos arranjos à comunidade nipo-sul-riograndense, no sentido de viabilizar a manutenção dos vínculos e a continuidade das atividades culturais.

A justificativa desta pesquisa está centrada na possibilidade de contribuir para o campo dos estudos socioculturais, discorrendo sobre como a cultura japonesa estabeleceu conexões com cultura brasileira e com a cultura de outros grupos étnicos que dividiam territórios no estado do Rio Grande do Sul, no processo de ressignificação das práticas abordadas ao longo da tese. Salientamos que, a proposta aqui apresentada, não ambiciona construir verdades absolutas, mas sim, apresentar uma versão dos acontecimentos e mensurar os significados pertinentes ao objeto central do estudo de modo mais verossímil possível.

Com intuito de viabilizar a leitura desta tese, a estrutura que a compõe foi organizada em cinco segmentos, após a **Introdução**. No segundo capítulo apresentamos o “**Referencial Teórico-metodológico**”, o qual se encontra dividido em dois subcapítulos a saber: “**Quadro Teórico**”, onde damos a conhecer os constructos adotados para a interpretação das informações, a partir da perspectiva dos estudos histórico-culturais, onde primamos por discorrer, principalmente, sobre

as noções de práticas e representações, tendo como referência os estudos de autores como Chartier (2000); Burke (2004) e Pesavento (2008). E “**Procedimentos Metodológicos**”, os quais foram construídos a partir da coleta e análise de informações em fontes documentais, imagéticas e orais. Na sequência, apresentamos o terceiro capítulo, intitulado – “**Histórico da Imigração Japonesa**” no qual buscamos apresentar o processo de inserção dos imigrantes no Brasil e no estado do Rio Grande do Sul. No quarto capítulo, intitulado – “**As Nihonjinkai do Rio Grande do Sul**”, apresentamos o contexto social, político e econômico que favoreceu a criação desses espaços que se dedicam a divulgar e preservar aspectos da cultura japonesa no Brasil. O quinto capítulo, intitulado “**Práticas Corporais nas Associações Nipo-Brasileiras**”, se orienta a descortinar como os nipo-brasileiros tem demarcado suas fronteiras identitárias por meio das práticas corporais presentes nestes espaços e, para além deles, visto que as conformações estabelecidas entre os indivíduos ultrapassam os limites físicos das associações. Ao final, explicitamos, no capítulo seis, as “**Considerações finais**” da tese de doutoramento, ponderando elementos intrínsecos às construções narrativas que, unidas, visaram contemplar o problema central da investigação.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A construção historiográfica é feita sempre a partir de um diálogo que o próprio pesquisador estabelece entre seu problema de pesquisa, teóricos e fontes, aos quais recorre para seu cumprir seu intento. Os encontros e confrontos, com os quais nos deparamos durante as leituras advindas dos autores elegidos para compor nosso aporte teórico, serviram de guia para sustentar nossas ideias, ao mesmo tempo em que orientaram as opções acerca dos métodos de recolha, organização e análise de dados aplicados ao longo do texto.

Michael de Certeau descreve a escrita de um trabalho historiográfico como uma interpretação, uma adaptação criativa do pesquisador, que se vale do suporte teórico-metodológico fornecido pelo ambiente e suas relações.

Toda pesquisa histórica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural [...] Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam (CERTEAU, 2008, p. 66).

Na presente tese, a narrativa construída está alocada no campo da História do Esporte e da História da Educação Física que, pouco a pouco foi sendo tecida, de modo a produzir uma “leitura do tempo” (CHARTIER, 2009). Quiçá poderíamos falar de “tempos”, uma vez que nos é permitido pensá-los para além do sentido cronológico, sendo tema de inesgotáveis reflexões, pois, de fato, quando se fala em história se fala sobre o tempo e suas possibilidades.

Marc Bloch (2001) aponta que a história tem por objeto o homem e, por isso, ela “é a ciência que estuda os homens no tempo” (p.55). Deste modo, o tempo histórico é construído a partir dos grupos humanos e de seus agentes, posto que estes estão em constante transformação, ou seja, são suas ações que provocam mudanças sociais, na mesma medida em que são modificados por elas. Os percursos de indivíduos, grupos, instituições e mesmo das memórias, temas estes tão ricos aos historiadores, nos possibilitam tecer versões de um tempo que, embora passe igualmente para todo o mundo, possui suas nuances, visto que nem todos passam por ele da mesma forma.

## 2.1 QUADRO TEÓRICO

Dentre as tantas vertentes históricas possíveis para a composição de um trabalho acadêmico, neste em particular, adotou-se o emprego de noções advindas da História Cultural, visto que esta opção nos possibilita examinar uma extensa gama de objetos culturais produzidos, bem como os sujeitos produtores e receptores da cultura observada. A busca pela compreensão dos processos e os sistemas que envolvem a produção cultural, sua difusão, e as normas que regem as sociedades através da consolidação de seus costumes, tem sido um dos objetivos centrais dos historiadores culturais (BARROS, 2011).

Cabe ressaltar que a História Cultural, atualmente conhecida na historiografia contemporânea e, de forma mais evidente, nas décadas finais do século XX, desenvolveu-se a partir de uma importante expansão de objetos historiográficos. Tal movimento, abriu possibilidades para os mais variados estudos, que passaram a se debruçar para além da “cultura letrada”, ou seja, passaram a abarcar a “cultura popular”, as “representações” e as práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais, os sistemas educativos, ou a quaisquer outros campos temáticos atravessados pela polissêmica noção de “cultura”. Os pressupostos do pensar histórico-cultural consideram, primeiramente, que toda a vida cotidiana se encontra mergulhada no mundo da cultura. Conforme Barros (2003):

Ao existir, qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, sem que para isto seja preciso ser um artista, um intelectual ou um artesão. A própria linguagem e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social embasam esta noção mais ampla de Cultura. “Comunicar” é produzir Cultura, e de saída isto já implica na duplicidade reconhecida entre cultura oral e cultura escrita (sem falar que o ser humano também se comunica através dos gestos, do corpo e da sua maneira de estar no mundo social, isto é, do seu “modo de vida” (BARROS, 2003, p.146).

Para Roger Chartier (2000), a História Cultural permite identificar como em diferentes lugares e momentos determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Na construção dessas realidades, a cultura é observada enquanto “prática”, e sua interpretação se dá por meio de “representações”. As noções de

práticas e representações compõem um par conceitual bastante relevante dentro dos estudos históricos, pois, por meio da relação interativa entre elas é possível examinar a cultura (ou as diversas formas culturais), ou seja, a produção de objetos culturais se dá “entre práticas e representações”, que de certa maneira corresponderiam, respectivamente, aos “modos de fazer” e aos “modos de ver” (BARROS, 2011).

Na percepção de Chartier (1991), as práticas visam fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira de ser no mundo, a significar simbolicamente uma posição. Seriam formas institucionalizadas e idealizadas por meio das quais os “representantes” marcam o seu modo de existir individual ou coletivamente. De um modo geral, abarcam em uma sociedade os costumes, normas de convivência, tal como caridade, discriminação, repúdio, repressão, bem como as atitudes que podem ser exemplificadas por meio do acolhimento, da hostilidade, da vigilância, etc.

A respeito da categoria de “representações”, Sandra Jatahy Pesavento (2008) elucida que estas passaram a ser incorporadas pela historiografia a partir das elaborações de Émile Durkheim e Marcel Mauss, nas primeiras décadas do século XX, visto que os estudos dos referidos autores, acerca dos chamados povos primitivos, bem como dos elementos integradores da vida social, construídos pelos homens para manter a coesão de um grupo, se propunham como representação do mundo. Tais representações, ao serem expressas por normas, instituições, discursos, imagens e ritos, moldam uma realidade paralela à existência dos indivíduos, que passam a viver por elas e nelas. Ou seja, “as representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência” (PESAVENTO, 2008, p. 21).

Primeiramente, representar é estar no lugar de, é a presentificação de algo ausente. Seu conceito apresenta ambivalências, pois, na relação que se verifica entre ausência e presença, não há uma correspondência perfeita ou completa. Deste modo, a representação não é uma simples cópia do real, mas, uma construção elaborada a partir dele (PESAVENTO, 2008). Para Roger Chartier (2000), o indivíduo ao se apropriar de um discurso – representação – é conduzido a uma nova forma de compreender a si próprio e ao mundo, podendo por vezes, ressignificar uma prática.

As representações geram de fato apropriações motivadas pelos os interesses sociais, por resistências políticas e, também, pelas necessidades e confrontos inerentes ao mundo humano. Através de associações culturais e esportivas, os grupos étnicos nipo-brasileiros construíram representações de suas realidades. Por meio de um conjunto de significações e produção de estratégias particulares, os sujeitos e as associações eram identificados interna e externamente.

Uma das maneiras que podem nos auxiliar a pensar as noções de 'práticas' e 'representações' dentro do campo das práticas corporais, é que estas não ocorrem como um fenômeno isolado, mas fundam-se de tal forma que se torna difícil saber onde está o começo desta ação, pois, 'práticas' geram 'representações' e 'representações' geram práticas em um círculo tal que, não se sabe se o início está em determinadas 'práticas' ou em determinadas 'representações' (BARROS, 2004).

Cabe ressaltar que, atrelado à noção de representação há o construto conhecido como imaginário, que traduz uma composição de ideias e imagens provenientes de representações coletivas construídas pelos homens para dar significado ao mundo. Para Barros (2005, p.209), o imaginário consiste em um sistema "complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais, que carregam sistemas simbólicos diversificados que atuam na construção de representações diversas".

O imaginário social, na leitura de Bronislaw Baczko (1985) é conceituado como um fenômeno que se forma por meio da memória afetivo-social de uma cultura, ou seja, é um substrato ideológico criado de forma coletiva e mantido por uma comunidade. Esse imaginário é responsável por modelar condutas, visões de mundo e modos de sociabilidade que podem funcionar de maneira definitiva ou não, isto é, podem endossar a ordem vigente ou servir como elemento contestador. Baczko (1985) ainda ressalta:

É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de "bom comportamento", designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do "chefe", o "bom súbdito", o "guerreiro corajoso", etc. Assim é produzida, em especial, uma representação global e totalizante da sociedade como uma "ordem" em que cada elemento encontra o seu "lugar", a sua identidade e a sua razão de ser (BACKZO, 1985, p.309).

Concernente a este estudo, as práticas corporais relacionadas ao associativismo dos nipo-brasileiros, por serem dotadas de sentidos e significados, implicam um sistema educacional que é identificado por meio de padrões de conduta, determinados por repertórios linguísticos e comunicativos, comuns às relações sociais do grupo a que pertencem, ou seja, carregam uma identidade cultural. Identidade esta que, através das décadas tem sido preservada nas comunidades japonesas, por meio dos costumes trazidos de seu país de origem, mantendo assim um modo de vida particular que, com o processo de contato cultural vivenciado na nova terra, possibilitou a manutenção de uma identidade cultural, que aos poucos passou a ser permeada por novos hábitos, muitas vezes marcados por regionalidades.

Destacamos, portanto, que a utilização do termo identidade, quando apresentada no singular ao longo de nosso texto, acompanhará a forma como alguns autores a adotam para sua escrita, pois, em nossa concepção, tal terminologia deva ser sempre pensada no plural, aplicando-se também ao grupo dos nipo-brasileiros, na medida em que o uso do termo no singular tende a se excludente, redutível, não dando conta, por vezes, de para abarcar a pluralidade da sociedade em que vivemos. Em outras palavras, defendemos que existem identidades nipo-brasileiras, com representações que convergem e divergem dentro do próprio grupo de pertencimento étnico.

De acordo com Hall (2006), a identidade cultural reflete os códigos culturais partilhados em um grupo social, fornecendo, portanto, quadros de referência e sentido estáveis. Hall expõe que o entendimento deste conceito não pressupõe algo estático nem imutável, visto que as identidades estão em permanente construção. Assim sendo, a identidade deve ser vista como um processo construído historicamente, baseado tanto nas características que reúnem os indivíduos de forma a representar um grupo cultural, como as características que os diferenciam dos demais.

Corroborando com o exposto, Barth (1969) menciona que a identidade cultural, como criação e representação de uma cultura e sociedade, não é inerente ao sujeito, não nasce com ele, mas é produzida em uma relação de

interdependência. A partir dela, são estabelecidas diferenças, que só de mobilizam com referência a uma alteridade, através de fronteiras demarcadoras, determinantes na identificação de um grupo étnico. O próprio grupo é quem as define a partir de critérios de valorização, significação e manifestação (BARTH, 1969).

Para além dos conceitos de identidade, desenvolvidas em nossa pesquisa, serão abordadas também noções de memória, uma vez que estas complementam as intenções do fazer historiográfico desta proposta. A interação entre estes dois campos, histórico e memorialístico é de grande valia, pois, ambos se propõem a buscar nas narrativas a reconstrução do passado, tornando possível o registro de uma ausência no tempo (PESAVENTO, 2008).

Michael Pollack nos traz uma leitura particular para pensarmos as relações entre identidade e memória, posto que esta última está ligada às lembranças de vivências imanentes aos laços afetivos, que criam a noção de pertencimento. Assim sendo, para que esse pertencimento seja possível, há uma busca pela identidade, que por sua vez, é essencial à memória. Quando a memória acaba, rompem-se os laços afetivos e sociais de identidade. O indivíduo desaparece, não o grupo, assim sendo possível a reconstrução de memórias. E é justamente quando acaba a memória que começa a história, para salvar as lembranças, sendo o registro histórico não afetivo, mas intelectual (POLLACK, 1992).

Para autores como Marieta Ferreira, a memória, “é a construção do passado pautada por emoções e vivências. É flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente” (FERREIRA, 2002, p. 321). Partindo desta interpretação, o conceito de memória não é homogêneo e conforma-se por múltiplos significados, destacando-se principalmente, a retenção de elementos inerentes a conhecimentos adquiridos; estabelecimento de nexos entre o presente e as experiências vividas; evocação do passado, através de reminiscências e lembranças; afirmação de identidades através do reconhecimento da pluralidade e da alteridade, que conformam a vida em fluxo contínuo; atualização do passado no eterno presente.

De acordo com Jacques Le Goff (1990), a memória é vista como propriedade de conservar informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Tal definição, tem sido muito cara

tanto nas áreas da psicologia e psiquiatria, quanto para as ciências humanas, especialmente na história e na antropologia, que tem se debruçado de forma mais contundente em torno da memória coletiva do que das memórias individuais, ou seja, sua relevância reside no potencial de representar as referências coletivas de um povo, a respeito do ato de recordar.

Corroborando com o exposto, o sociólogo Maurice Halbwachs (2006), identifica a memória como uma construção social. Assim sendo, os indivíduos só se lembram do seu passado à medida que se colocam sob o ponto de vista de uma ou mais correntes do pensamento coletivo. De forma mais pontual, para o referido autor (2006), a memória individual, só é possível quando há interação do indivíduo em seu grupo social, que mediante a memória coletiva fornece informações para que este se integre ao meio formando sua memória pessoal:

[...] a sociedade está presente na memória e vice-versa. O caráter central da memória é que ela é social. Desta forma, o indivíduo pensa (e lembra) a partir de grupos ao qual se vincula opondo-se à ideia de que a memória seria uma simples reconstrução e ou recordação do passado (HALBWACHS, 2006, p.98).

As memórias compartilhadas pelos sujeitos envolvidos nas práticas corporais observadas nas associações frequentadas pelos nipo-brasileiros perpassam sua dimensão individual e se enquadram na concepção de Halbwachs, posto que foram constituídas a partir da interação entre uma memória comum, compartilhada a partir das histórias inerentes aos espaços onde estes indivíduos estão inseridos. Tais espaços, nos direcionam para adentrarmos no aporte teórico desenvolvido por autores que possuem estudos já consolidados no campo relativo aos Lugares de Memória.

Pierre Nora, ao operar com os lugares de memória nos aponta dimensões que traspõe as concepções de lugares físicos, tais como museus, arquivos, cemitérios, monumentos, santuários, associações. Suas premissas incluem coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, jornais e, do mesmo modo, aqueles lugares de memória inerentes a cada indivíduo, ou seja, o lugar que ocupam. Ainda sob o ponto de vista do autor Nora (1993), os lugares de memória se ligam à vida do indivíduo em coletividade, podem guardar lembranças pessoais ou

comunitárias. Os espaços de memória estão relacionados a espaços de acontecimentos vividos pelo grupo, podendo ou não ter um tempo cronológico determinado. Já na concepção de Coser (2017), os lugares de memória são individuais, familiares, comunitários ou nacionais, podem se apresentar na forma de álbuns, de música, retratos, livros, praças, monumentos ou comemorações. E, a partir destes suportes de cunho material e imaterial, assume a função de substituir as memórias vivas na tentativa de que elas não se percam.

Os lugares de memória concernentes a este trabalho, emergiram das associações culturais e esportivas fundadas pelos japoneses e seus descendentes. Deste modo, buscando alinhar nossa escrita com o já exposto pelos autores acima referidos, destacamos que a importância de abordarmos estes lugares de memória, reside em “dar a ver”, para além das paredes, aqueles que recordam a instituição como ela é, que revivem e compartilham diariamente seus hábitos, que definem seus propósitos, as regras de convivência. Tais elementos, se fazem presentes, por meio dos estatutos de fundação, regimentos ou ainda são representados por meio das datas que celebram os eventos importantes, que se encarregam de manter viva a história daquele lugar, que traz consigo as histórias de vida de seus fundadores, de suas práticas, das conquistas e lutas de cada um que teve “seu lugar” nas associações.

Os lugares de memória, para além de serem receptáculos da memória coletiva (POLLAK, 1989), atuam na preservação de seus bens patrimoniais culturais. O conceito de patrimônio cultural compreende um conjunto de bens materiais e imateriais, que são vivenciados e preservados ao longo do tempo por um povo e transmitidos de geração a geração. Diante desta concepção, a função de patrimônio só se estabelece, quando estes bens são reconhecidos e compartilhados pela comunidade que os produz. O patrimônio cultural, tal como mencionamos anteriormente, pode ser dividido em duas categorias: os bens materiais e os bens imateriais. Os bens materiais representam tudo aquilo que pode ser visto e tocado enquanto bens imateriais são todos aqueles relacionados à memória, as identidades e heranças de um povo ou nação (FEITOSA; SILVA, 2011; CORÁ, 2014; DILLY; GEVEHR, 2014).

Segundo Brayner (2007) a preservação do patrimônio cultural significa, principalmente, cuidar dos bens aos quais esses valores são associados. Estão

previstos neste processo, a conservação de edifícios, monumentos, objetos e obras de arte, tais como livros, esculturas e quadros, ao mesmo tempo, envolve o cuidado com os costumes e manifestações culturais, visto que, um dos objetivos principais da preservação do patrimônio cultural é fortalecer a noção de pertencimento de indivíduos a uma sociedade, a um grupo, ou a um lugar (BRAYNER, 2007).

Diversos aspectos da cultura dos imigrantes japoneses do estado do Rio Grande do Sul, estão sendo preservados pelas associações culturais e esportivas, pelas festividades que as comunidades continuaram desenvolvendo ao longo dos anos. Vale ressaltar que, nesse estudo, entendemos que as práticas corporais, realizadas nestes espaços, a transmissão do idioma japonês, as festas tradicionais, entre outros, estão presentes no cotidiano dos nipo-brasileiros, e representam simbolicamente esta identidade e, de tal modo, podem ser caracterizadas como um patrimônio cultural (CORÁ, 2014).

Com base nos pressupostos que sustentaram nossa pesquisa e, procurando aproximar-nos da versão gerada pelas práticas corporais nas associações de nipo-brasileiros, apresentamos nas linhas que seguem os “Procedimentos Metodológicos”, através dos quais, lançamos um olhar sobre os materiais de pesquisa rastreados. Assim sendo, descrevemos o contato com os vestígios do passado, bem como sinalizamos as etapas relativas à interpretação e análise dos mesmos.

## 2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O conceito de fonte, segundo Marc Bloch e Lucien Febvre, poderia ser compreendida como “qualquer coisa” que pudesse responder às perguntas formuladas pelo historiador, designando a famosa concepção de história-problema. Ainda no campo da história, autores igualmente importantes qualificam fonte como “vestígio”, tal como o italiano Carlo Ginzburg (1989). Deste modo, mais do que um documento escrito, ou oficial, no caso dos advindos da burocracia estatal, para além disso, o historiador deve apelar para aquilo que restou do passado no seu presente (FEBVRE, 1989). Para Lucien Febvre (1989):

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o

que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta das flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem (FEBVRE, 1989, p. 249).

Diante das perspectivas em torno dos documentos, neste subcapítulo, passamos a apresentar os procedimentos metodológicos adotados para alcançarmos os objetivos deste trabalho. Destacamos que, as fontes de naturezas distintas possibilitaram interpretações pertinentes às suas particularidades, ou seja, foram considerados o conhecimento de suas origens e suas relações com a sociedade que as produziu (SILVA, 2006).

Como parte integrante de nossa pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica, que adotada de forma contínua, perpassou a construção desta pesquisa desde os seus primeiros delineamentos, nos permitindo, assim, uma maior aproximação e compreensão acerca do tema investigado. Destarte, foi realizado um levantamento de estudos publicados em livros, artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, cujos conteúdos apresentados tratassem da imigração japonesa no Rio Grande do Sul, das associações culturais e esportivas, em específico, as voltadas as práticas corporais realizadas pelos japoneses e descendentes no estado.

As buscas por estes materiais bibliográficos foram realizadas, principalmente, na Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. No que tange à Teses e Dissertações, no âmbito do Rio Grande do Sul, foram evidenciados quatro estudos voltados a associações japonesas no estado, sendo o primeiro, a Dissertação de Mestrado de Ledur (2017), intitulada “As práticas corporais de origem japonesa na cidade de Ivoti, Rio Grande do Sul (década de 1980 a década 2010)”, localizada na área da Educação Física e apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No âmbito da história, localizamos a Dissertação de Mestrado apresentada por Dai Prá (2021),

sob o título “Imigração japonesa em Ivoti, RS: aspectos culturais e identitários”, a qual investigou a imigração japonesa no Rio Grande do Sul, com foco na colônia japonesa de Ivoti e as manifestações culturais promovidas no local, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

Do mesmo modo, encontramos importantes subsídios para alicerçar nosso entendimento acerca da imigração japonesa no Brasil e da presença de práticas culturais, principalmente no que se refere a Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul, a partir da Tese de Doutorado de Gaudioso (2019), intitulada, “A presença do governo japonês e sua política para a preservação de memória, da identidade e perpetuação da etnia japonesa no exterior: Brasil, século XX” e, contamos ainda, com a Tese de Doutorado de Silva (2019), intitulada “*Nihonjinkai*- A associação dos imigrantes japoneses de Santa Maria”, ambas localizadas na área da história e defendidas junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Nossas buscas também compreenderam as produções disponibilizadas no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LUME), que além de artigos e pesquisas de pós-graduação, contemplou trabalhos de conclusão de curso de graduação e os publicados em anais de eventos científicos. Para além da revisão supramencionada, este estudo adotou distintas fontes documentais, consideradas matérias-primas pelos historiadores, tal como sugere a escrita de (BACELLAR, 2010), ao trazer seu ponto de vista sobre a relação estabelecida nos últimos anos entre os historiadores e as fontes documentais. Conforme o autor (2010) os documentos, antes vistos como fontes de verdade, testemunhos neutros do passado, ao longo dos anos passaram a ser analisados com maior criticidade, ou seja, seu conteúdo, seus discursos e vieses passaram a ser desconstruídos.

A gama de possibilidades documentais é extensa e as instituições arquivísticas que as abrigam são diversas, do mesmo modo, os arquivos pessoais, ao serem considerados, podem trazer riquezas incomensuráveis para a realização de um estudo. Porém, “a maior ou menor importância de cada arquivo só pode ser estabelecida de acordo com o objeto da pesquisa específica a ser realizada pelo historiador, seus interesses e questionamentos” (BACELLAR, 2010, p.25).

Os documentos, também compreendidos por nós como vestígios, vão ao encontro das ideias de Marc Bloch (2001), pois este autor aponta que, “o conhecimento de todos os fatos humanos no passado, da maior parte deles no presente, deve ser um conhecimento através de vestígios” (BLOCH, 2001, p. 73). Foram eleitos, ainda, para compor o *corpus* documental da pesquisa fontes impressas, imagéticas e orais. E de modo a ampliar nossas possibilidades de busca, nos valem de informações coletadas em sites destinados a divulgar as associações culturais e esportivas nipo-brasileiros.

Salientamos que, durante a escrita da tese, a necessidade de nos lançarmos aos domínios digitais, emergiu como uma aliada, frente as adaptações inerentes aos tempos de pandemia. Assim sendo, a continuidade da pesquisa esteve vinculada a esta possibilidade, posto que o contexto experienciado durante os anos de 2020 e 2021, que representou período correspondente ao “meio do caminho” do doutoramento, tornou-se um grande desafio, visto que não era possível acessar acervos físicos que nos trouxessem evidências documentais para compor a nossa escrita.

Aqueles momentos, vividos diariamente por todos nós, corroboram com exposto por Almeida (2011), ao apontar uma maior imersão dos pesquisadores neste novo espaço de compreensão do mundo social, representado pela Internet. Este entendimento traduz a adoção de documentos que fogem da chamada “consagrada materialidade” que carregam os papéis, tais como “correspondências, ofícios, requerimentos, atas, inventários, testamentos, processos, registros paroquiais, periódicos, etc.” (ALMEIDA, 2011, p. 10).

Nesse sentido, os recursos advindos do meio digital nos proporcionaram o acesso a documentos, que tal como os “papéis”, nos possibilitaram a análise de novos sentidos. Porquanto, que a internet consiste de uma representação de nossas práticas sociais, por conseguinte, demanda novas formas de observação, assim sendo, passou a ser uma necessidade, tanto a fabricação de novas lentes, como instrumentos e métodos que sustentassem essas maneiras de enxergar o conhecimento das relações e produções de conhecimento inerentes ao homem contemporâneo (FRAGOSO, 2011, p.14). Cabe ressaltar que, no decorrer de nossa pesquisa, os documentos impressos, imagéticos e orais foram interrogados, confrontados e triangulados, a fim de atentarmos para cada detalhe ou possível

ausência nas fontes. Com intuito de organizar e apresentar as fontes adotadas neste estudo de uma forma mais clara, optamos por subdividi-las de acordo com a especificidade, descrevendo tanto sobre a composição como análise das mesmas.

No que tange as fontes impressas contempladas no estudo, foram consultados registros de fundação das associações, livros comemorativos, programações de eventos e informativos da Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul (ENKYOSUL). Tais documentos, veiculados em japonês e português, noticiavam diversas práticas culturais organizadas pela entidade, como edições da gincana *undokai*, bem como os treinos de times e campeonatos de *sumô*, *beisebol* e *softbol* de equipes do Rio Grande do Sul e de outras localidades.

De forma complementar, reunimos informações sobre imigração e práticas corporais desenvolvidas pelos japoneses e seus descendentes na Associação Cultural e Esportiva Nipo Brasileira da Colônia Japonesa de Ivoti (ACENB) e no Memorial da Colônia Japonesa de Ivoti. Recorremos, portanto, à consulta em jornais como Zero Hora, Correio do Povo, o Jornal de Ivoti, Jornal Livre Expressão e Diário da Encosta da Serra e Jornal NH de Novo Hamburgo, obtidos na biblioteca Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti, onde foi possível acessar reportagens que tratavam tanto das práticas corporais quanto da imigração japonesa e o estabelecimento da colônia de Ivoti, que existe desde 1966.

O Jornal de Ivoti, fundado em 1985 noticiava acontecimentos policiais, sociais e esportivos com maior foco na cidade de Ivoti e em menor escala arredores como Dois Irmãos, Estância Velha, entre outras. Era produzido pela Editora Menin Caldas LTDA, com sede na Av. São Miguel, nº 597 em Dois Irmãos. Inicialmente era quinzenal, porém mais tarde passou a ser Diário de Ivoti (devido a tiragem passar a ser diária e não mais quinzenal). As notícias a nível estadual e nacional consistiam em reproduções de jornais maiores, dando a entender que o jornal não possuía uma equipe que fizesse cobertura fora da região. Um detalhe em particular neste jornal nos chamou a atenção, foi que nos dois primeiros anos de publicação foram encontradas nove reportagens em língua japonesa que explicavam datas festivas como Natal e Páscoa e outros costumes ligados ao catolicismo. Este jornal também

apresentava matérias na língua alemã, que com o passar do tempo passou a nomear mais festividades como a *Kerb*<sup>10</sup>.

O Jornal livre Expressão, produzido pela editora Livre Expressão, teve suas primeiras edições em janeiro de 1995. Apresentava notícias principalmente sobre as sociedades de Ivoti e Lindolfo Collor por meio de cadernos como Expressão rural, Variedades e Geral. Os acontecimentos sociais neste jornal era um de seus pontos fortes, pois dava grande destaque a festas de debutantes, aniversários, cursos e concursos de modelo e outros eventos em clubes como o Rotary de Ivoti.

O Diário da Encosta da Serra O Diário da Encosta da Serra, fundado em 1992, é filiado a Associação dos Diários do Interior do Estado (ADI RS), entidade que congrega os mais importantes jornais diários do Rio Grande do Sul. Possui circulação de segunda a sexta feira em diversas cidades como Ivoti, Dois Irmãos e Nova Petrópolis levando as comunidades das regiões da Encosta da Serra e Vale dos Sinos, notícias de esporte, política, economia, novidades tecnologia, sociais e entretenimento.

As informações contidas no Jornal NH tratavam, principalmente, sobre a comemoração dos 100 anos da imigração japonesa ocorrido em 2008. Este periódico, fundado em 19 de março de 1960, abrange diferentes notícias da sociedade sul-rio-grandense, destacando Novo Hamburgo, Campo Bom, Estância Velha, Taquara, Montenegro e outras 41 cidades que compõem o Vale dos Sinos, Vale do Paranhana, Vale do Caí, Região Metropolitana, Região das Hortênsias e Litoral Norte do estado.

Do mesmo modo, realizamos buscas nos endereços eletrônicos dos acervos do Arquivo Nacional e da Hemeroteca Digital Brasileira, onde encontramos, principalmente, registros sobre a imigração japonesa no Rio Grande do Sul, localizados em jornais como: A Federação, Correio Riograndense, Pioneiro, Jornal do Dia, dentre outros jornais veiculados no Rio Grande do Sul que pudessem trazer informações relevantes ao estudo.

---

<sup>10</sup> O *kerb* está ligado a religiosidade e em muitas famílias é mais significativo do que os eventos de Natal e Páscoa. Surgido em 1868, é a festa que comemora a inauguração da igreja e época de reunir a família. O evento acontece em datas diferentes em cada município, já que nem todas as igrejas foram inauguradas na mesma época. No Rio Grande do Sul, por exemplo, ocorre no mês de janeiro no município de Ivoti, em setembro em Dois Irmãos, e no mês de maio em Estância Velha em maio, e assim cada município define seu mês (DHEIN, 2012).

Entre os documentos impressos garimpados, destacamos também, o Livro Comemorativo intitulado “Gente de dois mundos”, escrito por Elio Eugenio Müller em 1993, em razão do aniversário de 25 anos da colônia japonesa de Itati e o Livro Marcas do Desbravamento - Primeira Imigração Japonesa para Rio Grande do Sul (1956-2011) em comemoração aos 55 anos de imigração japonesa no Rio Grande do Sul. Ainda, foram realizadas buscas no Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul: atlas do esporte, educação física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul (MAZO; REPPOLD FILHO, 2005); e no Atlas do Esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades de saúde e lazer no Brasil (DACOSTA, 2005). Vale ressaltar que, parte do conteúdo acessado nas fontes citadas acima, se encontrava organizado em um banco de dados criado pela pesquisadora ao longo da realização da pesquisa de mestrado, que percorreu sobre a temática das práticas corporais de origem japonesa na colônia japonesa de Ivoti.

Visando a análise dos documentos impressos, seguimos os passos de catalogação, análise e cotejamento das informações, segundo as orientações de Pimentel (2001), Bacellar (2010). De acordo com os direcionamentos de Bacellar, a técnica de análise documental abrange três etapas principais: a) que corresponde ao “levantamento e a seleção de documentos”; b) “codificação dos dados”, onde foram transcritas as informações que mais se aproximavam do objeto investigado e c) “interpretação dos dados coletados”, que envolve questionamentos como: sob quais condições o documento foi redigido?

Deste modo, conforme os documentos foram sendo encontrados, posteriormente foram arquivados em pastas, de acordo com sua natureza e conteúdo, ao mesmo tempo em que a coleta prosseguia. A fim de torna-los inteligíveis, desde o início alertamos para os questionamentos básicos que necessitamos fazer quando temos uma fonte em mãos, ou seja, averiguar sob quais condições aquele documento foi redigido? Com que propósito? Por quem? E para quem? Pensamos que tal cuidado reside na necessidade de se entender o contexto em que foi produzido.

Uma vez que estes materiais se originaram de acervos diferentes, com intuito de facilitar sua identificação e manuseio ao longo da pesquisa, foi necessário realizar o fichamento dos documentos, com informações acerca do local de busca, descrição, autoria, ano em que foi produzido, dentre outras informações (PIMENTEL,

2001). Diante deste contínuo e minucioso processo, a fala de Bacellar (2010, p. 53) se tornou pertinente ao mencionar a paciência como “uma arma básica do pesquisador em arquivos”; paciência para procurar, para folhear as páginas amarelas, muitas vezes quebradiças e que podem se romper facilmente, para manter a ordem da documentação, para decodificar as diferentes ortografias, para fotografar, transcrever, traduzir e compreender, enfim, para adentrar no universo dos documentos manuscritos e impressos de outro tempo.

Este mesmo autor (2010) pontua que as primeiras tentativas de leitura de um documento de arquivo deixarão claro que o pesquisador precisa se "moldar" a uma ortografia e a uma gramática diferenciadas, posto que documentos têm escritura distinta, e diante de tais características, muitas vezes o trabalho de transcrição e tradução pode ser necessário.

Ressaltamos que, dentre os intervenientes da pesquisa, nos deparamos com a necessidade de tradução de grande parte das fontes consultadas. Assim sendo, devido ao fato de a autora não ter fluência na língua japonesa, precisamos contar com a colaboração de um de um aluno do curso de bacharelado em letras (tradutor-português e japonês da UFRGS). Este processo tornou a escrita e as análises mais dispendiosas e, ao mesmo tempo instigantes, principalmente por nos depararmos com termos utilizados somente nas comunidades japonesas do Rio Grande do Sul.

No que se refere a organização e apresentação das fontes eleitas à tradução, para fins de contextualização, optamos por trazer as reportagens em japonês com a transcrição ao lado, tal como a versão elaborada pelo tradutor. Assim sendo, as reportagens advindas de diferentes edições do Jornal da ENKYOSUL, foram apresentadas em formato semelhante a um livreto que espelha as duas versões do texto. Do mesmo modo, foram priorizados o sentido das palavras em detrimento da forma, visto que o japonês e o português são muito distantes estruturalmente falando. Relacionado a isso, também foi necessário traduzir as palavras que substituíssem, da melhor forma possível, os vocábulos e expressões idiomáticas advindas de dialetos. Diante do exposto, a cada leitura e releitura fomos organizando as informações contidas em cada documento, na busca de compreendermos o contexto sociocultural, político e econômico em que foram produzidas, e posteriormente, cruzá-las com os demais indícios dessa pesquisa. De forma complementar, no tópico seguinte buscamos apresentar as fontes imagéticas.

As fontes imagéticas reunidas para este estudo incluem fotografias, folders de divulgação de eventos organizados pelas associações de nipo-brasileiros, bem como, imagens encontradas nos jornais consultados. Tais imagens, quando pertencentes a fontes impressas, foram fotografadas e identificadas conforme seu local de origem. A relevância de trabalharmos com imagens, reside na possibilidade de rerepresentarmos épocas distintas, que abarcam diferentes contextos históricos, carregados de situações vivenciadas por diferentes grupos sociais, assim, podem contribuir de forma muito rica durante o processo investigativo.

Os pressupostos indicados por autores como Burke (2004) e Borges (2003), vão ao encontro dos questionamentos já descritos na seção dedicada as fontes impressas, ou seja, é de suma importância que se busque compreender as motivações e possível função que cercam a produção, veiculação e, em alguns casos ocultação de alguém ou de algum elemento em uma determinada imagem. A captura de um momento é dotada de uma multiplicidade e variabilidade de sentidos em suas formas de produção, emissão e recepção (BORGES, 2003).

Para complementar este entendimento, nos utilizamos da advertência feita por Burke (2004), pois este autor nos lembra que, embora as fotografias e os retratos representem fontes excelentes para os historiadores, levar ao pé-da-letra a expressão: “a câmera nunca mente” (p.25) não é recomendável, pois toda fotografia deve ser contextualizada, visto que ela é resultado de uma seleção. A proposta essencial de Burke (2004) sugere que as imagens, assim como textos, são uma forma importante de evidência histórica, pois registram atos de testemunho ocular.

Na perspectiva de Hoffman (2011) o poder das imagens, especialmente da fotografia, reside justamente em ativar nossas percepções, uma vez que trazem à tona lembranças, histórias e sentimentos. Isto posto, se constituem como um importante instrumento de pesquisa, no que tange a recuperação de memórias e o conhecimento do passado (HOFFMANN, 2011, p.203).

Para fins de análise das imagens, o método adotado seguiu os pressupostos descritos por Boris Kossoy (2007), que descreve as imagens como um elemento de estreitamento das relações entre as pessoas e analisa-las pressupõe um método particular de aprendizado do que tomamos como real. Durante o registro de um instante há uma conexão com o fato real, porém, no instante seguinte, e para sempre, o que se tem é o assunto representado; o fato se dilui no instante em que é

registrado: o fato é efêmero, sua memória, contudo, se torna permanente pela fotografia (KOSSOY, 2007, p.42).

Para o autor, a análise iconográfica das imagens visa inferir sobre os elementos icônicos, ou seja, os que a formam ao nível da descrição, o que está explícito. Já o momento iconológico vai além, propondo uma análise mais profunda e requer uma incursão em profundidade por parte do observador, na cena representada. Desse modo, nossa “leitura” da imagem buscou identificar os elementos implícitos no documento fotográfico, na direção de contextualizá-las a partir de datas, locais, cultura, os porquês de sua realidade interior, entre outros fatores que pudessem compor de maneira mais clara esses elementos iconológicos (KOSSOY, 2007, p.52).

Outra etapa considerada durante a análise das imagens, foi quando estas se apresentavam em composição com textos, como no caso dos jornais. Neste caso, a imagem é inserida em um contexto designado por títulos e frases, podendo ter sua “leitura” modificada e conseqüentemente transformando o sentido. Em nosso entendimento, as imagens também se constituem como proposta de diálogo entre um contexto histórico e o referencial teórico da História Cultural, visto que o pesquisador trabalha com a dimensão da representação. Para Sandra Pesavento, a imagem ao ser trazida, porta uma herança, é a representação de uma realidade vivida, a presença de algo que já passou. Cabe ao pesquisador a tarefa de, analisá-la e de compreender seus significados e a verossimilhança com o acontecido (PESAVENTO, 2008).

Dentre tantos exemplos que destacam o papel da memória, a recuperação e preservação de momentos vivenciados por indivíduos e grupos em trabalhos científicos conta com um método privilegiado de investigação, a História Oral. Deste modo, para além dos documentos acima descritos, forma também utilizadas no estudo as fontes orais, a partir da metodologia proposta por Verena Alberti (1989; 2005). Tal metodologia desenvolve-se por meio de produção e análise entrevistas, uma vez que qualquer acontecimento ou situação vivida pelo entrevistado não pode ser transmitido a outrem sem que seja narrado. E, inerente a este processo, há uma seleção das memórias, correspondente a capacidade de rememoração do entrevistado, bem como de sua ótica. Valendo ressaltar, portanto, que a História Oral está longe de ser uma história espontânea, não correspondendo deste modo,

as experiências vividas em estado puro (SANTOS, 2000). Esta observação aponta para a necessidade de submeter tais narrativas ao mesmo trabalho crítico das outras fontes que os historiadores costumam consultar (HALL, 1992).

Destacamos que as fontes orais utilizadas no estudo contemplam duas entrevistas relativas ao *sumô*, advindas do meio digital, em específico a rede social *Instagram*. Tais entrevistas foram realizadas e disponibilizadas pela atleta de *sumô* de São Paulo, Luciana Watanabe. Conforme as etapas relativas à História Oral indicadas por Alberti (2005), as entrevistas foram transcritas e cruzadas com informações advindas de uma entrevista da modalidade, gravada pela pesquisadora no momento do mestrado.

A autora (2005) ainda menciona que, mesmo depois de transcritas, as entrevistas transformam-se em documentos orais, assim sendo, foram analisadas por meio da perspectiva teórico-metodológica da História Oral (ALBERTI, 1989; 2005). Cabe ressaltar que, em razão das fontes orais não terem sido produzidas pela pesquisadora, a interpretação desse material transcrito foi orientada por categorias de análise definidas a priori. Deste modo, buscamos identificar ao longo das entrevistas, elementos que pudessem contribuir com o problema de pesquisa estabelecido à pesquisa.

### 3. HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA

A imigração japonesa no Brasil ocupa um cenário importante na história do país, sob diferentes aspectos, que representam a cultura da maior comunidade japonesa no mundo fora do Japão (SASAKI, 2016). As contribuições trazidas pelos japoneses e, evidenciadas por meio dos contatos culturais estabelecidos no nosso país, abrangem práticas religiosas, gastronomia, os arranjos florais (*ikebana*), a arte de dobradura (*origami*), as artes marciais e outras práticas corporais como as gincanas esportivas (*undokai*), que ao serem investigadas na presente pesquisa, revelaram seus contornos nas associações japonesas do Brasil e do estado do Rio Grande do Sul, como um importante processo multicultural imbuído de negociações, reconstruções, enfim, de representações, que na tessitura deste texto, temos ciência de não corresponderem a sua totalidade. Intento esse, que sequer ousaríamos alcançar.

O processo de inserção dos japoneses junto à sociedade brasileira começou a ser delineado nas últimas décadas do século XIX, momento em que foram estabelecidas as primeiras relações entre os dois países. No referido período, o Japão buscava soluções para resolver questões relacionadas a modernização do país, em decorrência da chamada Restauração Meiji<sup>11</sup> (1868-1912), que ao tomar principalmente os países ocidentais como modelo, introduziu uma gama de elementos culturais e de produtos diversos que representaram uma “onda de ocidentalização”, influenciando áreas como vestuário, obras literárias, músicas e esportes (SAKURAI, 2016).

Cabe ressaltar, que a Restauração Meiji significou a transposição de um período de isolamento comercial e cultural do Japão, instituído durante o Período Tokugawa (1603-1867)<sup>12</sup>, fase na qual o Japão fechou-se para contatos comerciais e culturais do restante do mundo, mantendo apenas de forma muito restrita algumas

---

<sup>11</sup>A Era Meiji (1868-1912) é considerada um momento importante para os japoneses, pois “marca o início de um intenso processo de mudanças que influencia toda história posterior do Japão. [...] O fato político é a restituição do poder ao imperador, após os longuíssimos anos de xogunato Tokugawa e de fechamento do país ao contato com o exterior. Mas a Restauração Meiji é mais do que isso. Ela se pauta por reformas internas cujo objetivo é adaptar o Japão às exigências do mundo na época” (SAKURAI, 2016, p. 133).

<sup>12</sup> O período Tokugawa (1603-1867), foi o período mais marcado pela vigência do governo militar conhecido como Xogunato. O termo *Xogunato* faz referência a *Xogum* (general), que representava a autoridade máxima no poder de governar (SOMMA, 2005).

autorizações de comércio, tais como as estabelecidas com a China e a Holanda (UTSUNOMIYA, 2014).

Ao fechar suas fronteiras com a finalidade de combater as influências estrangeiras, proibiram-se, inclusive, viagens de japoneses ao exterior. Em 1639 foi promulgado o Édito de Exclusão (*Sakoku*)<sup>13</sup> que proibia os japoneses de saírem do país e, em caso de desobediência, a pena seria a morte. Do mesmo modo, alguns milhares deles não puderam retornar à pátria depois daquela data, porque as medidas do regime feudal proibiam até mesmo a volta dos que haviam saído para o exterior. Tal período perdurou até 1854, quando ocorreu a reabertura de fronteiras do país (BARROS,1992). Segundo Sakurai (2000) a Restauração Meiji significou a abertura do Japão ao mundo, e fez com que o país incentivasse a saída dos japoneses para outros países, com intuito de estabelecer contatos de negócios, buscar novos meios de abastecimento para a economia interna e usufruir de extensões territoriais, para sanar a excessiva densidade demográfica.

Os problemas populacionais surgiram em grande parte, na fase final do xogunato Tokugawa, onde a população nipônica girava em torno dos 30 milhões, dos quais 84% constituíam a classe de lavradores e 7% a de samurais e os restantes 9% representavam as demais classes. Dentre outros fatores que impactaram na crise econômica do Japão, podemos citar a abolição da classe samurai, decretada pelo governo Meiji. Assim sendo, muitos dos antigos guerreiros acabaram perdendo as oportunidades de trabalho, garantidas pelo antigo regime feudal, e passaram para avolumar a massa de desempregados.

Diante desse quadro, muitos japoneses buscaram regiões além-mar, visando fugir dessa situação. De acordo com Nakamura (2013), quando os primeiros emigrantes deixaram o Japão rumo as Américas, os primeiros destinos dos foram as ilhas do arquipélago do Havaí, após assinatura do Tratado de Amizade em 1871, onde se inseriram no corte de cana-de-açúcar. Logo em seguida rumaram para a costa oeste dos Estados Unidos e para o Canadá, onde enfrentaram uma onda de preconceito e desconfiança desencadeada por conflitos entre trabalhadores irregulares e fazendeiros. Em decorrência disso, em 1907, os norte-americanos

---

<sup>13</sup> O *sakoku* (鎖国) – significa fechamento do país. “[...] foi um período em que as relações com os países europeus foram proibidas sob pena de morte (com exceção dos holandeses da ilha de Dejima, em Nagasaki) e em que as relações com os países asiáticos foram rigorosamente controladas pelo governo” (FRÉDÉRIC, 2008, p. 996).

desenvolveram medidas que vetavam novas entradas de japoneses e proibiam a compra de terras e a naturalização destes imigrantes em solo americano. Em 1908 é assinado o *Gentlemen's Agreement* ou Acordo de Cavalheiros, que se posicionava de uma forma contrária, ou seja, estabelecia que o governo japonês proibia a saída de seus trabalhadores para os Estados Unidos, tornando a proibição americana menos explícita (NAKAMURA, 2013).

A circunstância acima descrita, gerou preocupações e aborrecimentos para o governo japonês, suscitando a ideia de que a emigração representava uma fonte inviável. Junto a isso, houve o caso de rebeliões como de a Rebelião de Satsuma<sup>14</sup>, que exigiu enormes gastos militares, forçando o governo a emitir grande volume de papel-moeda, fato que provocou inflação e aumento dos tributos regionais e indiretos, que agravaram a situação crítica já vivenciada nas áreas rurais. Deste modo, o governo do Japão mudou seu posicionamento a respeito ao problema da emigração, passando a reconhecê-la como necessária para reduzir as tensões sociais agravadas com o aumento demográfico, sobretudo nas zonas rurais.

Ainda sobre as razões que levaram o Japão a exportar mão de obra e incentivar a emigração Yanaguida e Alisal (1992, p.61) expõe que, desde o início de sua jornada para a modernização, o Japão procurava se diferenciar da China e dos demais países asiáticos, perante os países ocidentais, tratando de dar ao país uma imagem de “nação moderna e civilizada”. Este entendimento, corrobora com o mencionado por Sakurai (1998):

O Japão buscava inspiração nos países ocidentais para a constituição de seus modelos de desenvolvimento industrial e financeiro, na elaboração de sua Constituição de 1890. Essa adoção de padrões ocidentais é entendida como uma forma de dialogar em condições de igualdade com países como a Grã-Bretanha ou a França. A emigração deveria também passar por um critério de tratamento de igualdade. Desse modo, a saída de japoneses só ocorreria na condição de

---

<sup>14</sup> A Rebelião de Satsuma, também conhecida como a Guerra Seinan, foi uma revolta de samurais insatisfeitos contra o novo governo imperial, nove anos após o início da Era Meiji. Seu nome vem do Domínio de Satsuma, que foi influente na Restauração e se tornou o lar de samurais desempregados depois que as reformas militares tornaram seu status obsoleto. A rebelião durou de 29 de janeiro de 1877, até setembro daquele ano, quando foi decisivamente esmagada, e seu líder, Saigō Takamori, foi baleado e mortalmente ferido.

trabalhadores, com contratos previamente discutidos” (SAKURAI, 1998, p.5).

Ao apresentarmos o panorama das tramitações que antecederam ao movimento imigratório dos japoneses para o Brasil, buscamos compreender os percalços de ordem política, econômica e social enfrentados por aqueles que se aventuraram a atravessar os mares em busca de novas oportunidades de vida no continente americano.

### 3.1 A CHEGADA DOS PRIMEIROS IMIGRANTES NO BRASIL

Em meados do século XIX passou a existir no Brasil, um amplo debate sobre a probabilidade de trazer imigrantes, os quais pudessem suprir a falta de trabalhadores na lavoura, pois a mão-de-obra utilizada neste setor, como para serviços em geral, se constituía massivamente por escravos e alguns poucos assalariados. Entretanto, paulatinamente, foi sendo delineado um processo de transição da escravidão para a mão-de-obra assalariada, iniciado com a promulgação da Lei Euzébio de Queiroz, assinada em 04 de setembro de 1850, a qual proibia o tráfico negreiro, que impactou sobremaneira aquele sistema de exploração instaurado.

Anos depois, a aprovação da Lei do Ventre Livre, de 28 de setembro de 1871, determinava que os filhos de escravas, a partir daquela data seriam livres, além disso, em 28 de setembro de 1885, foi aprovada a Lei dos Sexagenários, que tornava livre os escravos com mais de sessenta anos (SALZANO; FREIRE-MAIA, 1967; TAKENAKA, 2003). Os fatos narrados culminaram na abolição da escravidão, dada em 13 de maio de 1888 com a assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel.

Embora estivesse em voga no referido período, uma ideologia de branqueamento da população e, por isso, uma maior preferência por imigrantes europeus, a necessidade de trazer mão de obra direcionou o governo a repensar a vinda de imigrantes asiáticos, levando o Brasil e o Japão a firmarem em 5 de novembro de 1895 o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação. Conforme infere Lisboa (2013), desde o final do século XIX e início do século XX, a ideologia do branqueamento foi ganhando propulsão ao ser hasteada enquanto bandeira da

democracia racial, destinada a apregoar a superioridade do homem branco. Na esteira do Brasil se tornar um “país branco”, havia o entendimento de que o homem branco era dotado, dada sua condição biológica, de capacidades mais apuradas, no sentido de ajudar nos propósitos e interesses, então condizentes, ao processo de desenvolvimento econômico de que o país buscava alcançar.

Diante de tal contexto, a imigração japonesa não se adequava aos propósitos do branqueamento, visto que os preceitos racialistas consideravam os imigrantes oriundos da África e da Ásia, como empecilhos à unificação do tipo nacional (SEYFERTH, 2002). O intuito de trazer subsídios que demonstrassem as vantagens do Brasil em contratar imigrantes japoneses para sanar a questão da mão de obra, requiriu intervenções mesmo de diplomatas nipônicos, tal como Sho Nemoto, responsável por assuntos de imigração, no ano de 1894. Seus esforços são trazidos por Silva (2006):

Na verdade, Nemoto empenhou-se muito para persuadir as elites nacionais de que a solução para a questão da mão de obra radicava-se na contratação de japoneses. Chegou ao ponto de dizer – de forma pouco delicada- de que os nipônicos eram os brancos da Ásia. Evidentemente, a utilização do termo branco, não foi casual. O representante japonês procurou imprimir uma marca étnica sobre o grupo do qual era o porta-voz. Uma marca que, no contexto de então, revelava a ideia de supremacia, preeminência; por oposição a negros ou amarelos, palavras que descortinavam a noção de vileza, desnobrecimento. A intenção do discurso era esclarecer o seguinte: “apesar de asiáticos, os japoneses se comportavam como brancos, portanto, eram merecedores de crédito (2006, p.13).

No entanto, a resistência ao “tipo amarelo” expressada por boa parte dos representantes do governo brasileiro, acabou por postergar a primeira vinda de imigrantes japoneses. Cabe ressaltar que, ainda no século XIX, algumas tentativas relacionadas à imigração chinesa<sup>15</sup> no país, já haviam contribuído para a edificação de preconceitos em relação aos nipônicos, dado que aos olhos ocidentais não

---

<sup>15</sup> Entre 1812 e 1819, uma colônia de chineses foi trazida de Macau para o Rio de Janeiro pelo Governo Real Português para introduzir a cultura do chá no Brasil. Tratava-se de um projeto econômico estratégico que foi considerado um fracasso, pois a falta de experiência dos imigrantes, as condições climáticas e os maus tratos aos quais eram submetidos os levaram a fugir e abandonar as plantações. Esse episódio contribuiu para a imagem negativa dos orientais.

familiarizados, os dois povos, por terem semelhanças físicas, pareciam pertencer ao mesmo país (DEZEM, 2005).

Conforme aponta Leão (1990) o discurso da época reforçava objeções à imigração japonesa, por crer que ela favorecia “uma maior mistura de raças inferiores na nossa população” (LEÃO, 1990, p. 22). Contudo, no início do século XX o setor cafeeiro encontrava-se em expansão, e em 1902, o governo italiano optou por vetar a imigração subsidiada para o Brasil, ao tomar conhecimento das más condições vivenciadas pelos seus conterrâneos nos contratos de trabalho assalariado. Assim sendo, a diminuição de oferta de mão de obra italiana influenciou para que o governo brasileiro aceitasse o recebimento de imigrantes japoneses. Essa decisão, aparentemente paradoxal é apresentada por Sasaki (2006), ao resumir as contradições e as possíveis justificativas que pontuaram essa mudança de perspectiva:

Os amarelos, isto é, os asiáticos, não condiziam com os ideais da construção da identidade nacional brasileira, que era baseada na política de embranquecimento, embora eles tenham sido vistos como uma alternativa para compor a mão-de-obra e atender à demanda na lavoura cafeeira. Além disso, havia uma preocupação em relação à sua adaptação nas terras brasileiras (SASAKI, 2006, p.100).

A questão da assimilação esperada pelos nacionais se contrapunha à racionalidade econômica e produtiva. Isso configurava uma das contradições da política imigratória brasileira, pois, ao receber os imigrantes, por um lado, desqualificava o nacional como trabalhador (uma vez que o trabalhador brasileiro era tido como indisciplinado e indolente), para justificar a imigração estrangeira, e, por outro lado, desqualificava o imigrante como estrangeiro para justificar medidas discriminatórias” (SASAKI, 2006).

Frente a este emaranhado de tensões políticas e idealistas, no dia 18 de junho de 1908, ano 41 da era *Meiji*<sup>16</sup>, o navio *Kasato-Maru* aportou no porto de

---

<sup>16</sup> A Era Meiji (1868-1912) é considerada um momento importante para os japoneses, pois “marca o início de um intenso processo de mudanças que influencia toda história posterior do Japão. [...] O fato político é a restituição do poder ao imperador, após os longuíssimos anos de xogunato Tokugawa e de fechamento do país ao contato com o exterior. Mas a Restauração Meiji é mais do que isso. Ela se

Santos trazendo os primeiros 781 japoneses, que partiram de Kobe, no Japão, em uma viagem que durou 52 dias, dando início a um processo identificado pela especialista em história da imigração japonesa no Brasil, Célia Sakurai como “imigração tutelada” pelo governo imperial do Japão, uma vez que se encarregaram estabelecer arranjos e acordos com o Brasil (SAKURAI,2000). Por essa razão, há uma ampla documentação acerca desse processo, a exemplo da lista dos imigrantes que chegaram na primeira embarcação e que pode ser consultada no Arquivo Nacional (SIAN, 2022).

Nessa fase, que abrange desde a primeira leva de imigrantes do *Kasato Maru* até o ano 1924, o estabelecimento dos trabalhadores japoneses direcionou-se marcadamente para São Paulo e contou com a assistência dos governos do Japão e do Brasil (BARROS, 1992; HANDA, 1987; CARDOSO, 1998; SAKURAI, 1999). A vinda dos trabalhadores, portanto, se dava por meio de contratos entre as companhias de imigração japonesas e os cafeicultores paulistas, os quais eram encarregados de custear o estabelecimento das famílias nas fazendas. Dentre os requisitos previstos no contrato, cada família deveria ser composta de, no mínimo três pessoas, com idade superior a doze anos, que estivessem aptas a cumprir regimes de trabalho assinado por período um período de dois anos. Do mesmo modo, estava previsto nos contratos que as passagens de navio seriam, em parte, subsidiadas pelo governo de São Paulo, para depois serem descontadas de seus salários (FLORES, 1974).

Tal critério, além de priorizar indivíduos “aptos” em termos de idade para época, visava reduzir a possibilidade de abandono do trabalho para os quais haviam sido contratados. Devido a essa exigência, muitos imigrantes solteiros ou casais ainda sem filhos que tinham interesse de vir para o Brasil, acabaram por formar “famílias artificiais”, composta por familiares ou apenas conhecidos, nas quais a porcentagem de crianças muito pequenas e pessoas idosas era mínima (NOGUEIRA, 1984, p. 94; JICA, 2003).

Esta conjuntura relativa a primeira fase da imigração japonesa no Brasil, corresponde as experiências deste processo que carregava, naquele momento, contornos de incerteza, de natureza experimental (SAKURAI, 1999), visto que seus resultados eram completamente desconhecidos e com expectativas antagônicas de

---

pauta por reformas internas cujo objetivo é adaptar o Japão às exigências do mundo na época” (SAKURAI, 2016, p. 133).

ambas as partes, pois pelo lado do governo japonês e dos próprios imigrantes, a oportunidade de trabalho no novo país era vista com otimismo, contudo, entre os brasileiros, havia uma resistência quanto à vinda e possível permanência de imigrantes não brancos.

O otimismo a que nos referimos, fundamenta-se na perspectiva trazida por Barros (1992) ao discorrer sobre o desejo que muitos japoneses nutriam ao se dirigirem à “nova terra”, na medida em que esta incursão representava a possibilidade permanecer no Brasil por poucos anos, acumular dinheiro e voltar ao país de origem. Este mesmo autor (1992), salienta que a imigração japonesa no Brasil, assim como a imigração de outros grupos étnicos, traz a história de homens e mulheres cheios de esperanças:

Esta é uma história que, como história e homens, não se faz sem desentendimentos recíprocos, sem conflitos e sofrimentos individuais e coletivos, sem decepções, amarguras e tragédias, como todas as sagas devem ser. [...] E se as sagas falam sempre de novos caminhos e novos mundos para o homem, esta visão do que foi a imigração japonesa no Brasil aponta caminhos futuros para maior e melhor integração futura da humanidade (BARROS, 1992, p.12).

As esperanças acima mencionadas, muito foram alimentadas pelas propagandas divulgadas no Japão, suscitando expectativas entre os japoneses, que compraram a ideia de que, através do “pé de café que dizem dar ouro”, cada membro da família podia receber de 1 *iene* e 20 *sens*, por cada dia de trabalho realizado. Ao multiplicarem esse valor por 3, correspondendo a média por família (a exigência de três pessoas, pelos contratos de imigração), o total seria de 3 *ienes* e 60 *sens* diários (SHINDO, 1999).

Apesar das projeções salariais parecerem rentáveis, a realidade mostrou uma situação bem adversa, pois, mesmo mediante trabalho de três pessoas de uma família, o que rendia uma diária de cerca de 60 *sens*, diários, ou seja, bem abaixo do que o esperado e divulgado. Tais circunstâncias geraram grande insatisfação entre os japoneses, que desenganados, se viram impossibilitados de juntar dinheiro para saldar as dívidas com os fazendeiros.

Assim sendo, as relações de trabalho foram agravadas, ao ponto de muitos imigrantes optarem por abandonar as fazendas e, em outros casos, adotavam um ritmo de trabalho árduo, valendo-se da mão de obra da mulher e das crianças, onde sacrificavam domingos, feriados e momentos de lazer que costumavam ser compartilhados com outras colônias (COMISSÃO, 1992). Para termos uma dimensão mais precisa dos casos de dispersão ocorridos, conforme os apontamentos de Kodama e Sakurai (2008), dos 781 trabalhadores que haviam chegado no *Kasato Maru* em 1908, e que haviam sido direcionados para o trabalho em cafezais, somente 191 permaneceram nas fazendas ao fim de dois anos.

Aos poucos, o cenário negativo alusivo às primeiras experiências foi sendo modificado, e os japoneses, num espaço de tempo relativamente curto, alguns foram se tornando pequenos proprietários, enquanto outros, partiram em busca de novas oportunidades em São Paulo, onde passaram a procurar emprego nas docas do porto de Santos, ou a ocupar atividades como empregados domésticos.

Cabe ressaltar que, durante a década de 1920 se intensificou o mito do “perigo amarelo”, como um estigma de menosprezo nipônico vinculado a cor da pele que caracteriza a etnia e ao receio fomentado pelas ideias de intelectuais e políticos influenciados, ainda que tardiamente, pelas teorias raciais em voga na Europa da segunda metade do século XIX. Estes grupos promoviam discursos de ataque às colônias japonesas, classificadas dentro do contexto de valorização nacionalista brasileira como “quistos raciais”, ou seja, locais de preservação não somente da cultura de origem, mas também do temido espírito imperialista nipônico que inspirava desconfiança sob a acusação de agirem disfarçados de pescadores e de lavradores com o intuito de preparar a futura invasão do Brasil (TAKEUCHI, 2008).

A partir das notícias de que imigrantes haviam adquirido terras propícias ao plantio de café, o governo japonês, passou a demonstrar maior interesse pela emigração, assumido completamente a atividade das companhias. A *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha*<sup>17</sup>, a KKKK, por exemplo, passou a monopolizar os serviços de imigração para o Brasil com efetiva participação do governo japonês (SAITO, 1961). A decisão do governo japonês em assumir a emigração se concretizou em 1925, ano em que o governo brasileiro suspendeu os subsídios para os imigrantes

---

<sup>17</sup> A mais importante das companhias japonesas de emigração foi a *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha*, KKKK, fundada em 1917. Seu objetivo era fixar colonos proprietários em terras adquiridas por elas, em acordos de compras ou concessão com o governo do estado.

japoneses. Devido ao fato de o Peru ter proibido a entrada desses imigrantes no ano de 1923, o governo japonês intensificou seus esforços para manter as “portas do Brasil abertas”, porquanto, naquele momento, era o único país aberto no mundo ao Japão.

As medidas adotadas pelo Japão, com intuito de manter as boas relações, se deram por meio de investimentos para as instituições nipo-brasileiras e de reforços as propagandas que atraíssem os cidadãos japoneses interessados em deixar o país, em especial, camponeses empobrecidos e desempregados que ocupavam os centros urbanos, ao mesmo tempo que incentivou a imigração de pessoas com alto nível de escolaridade, tais como professores, advogados, engenheiros, etc.

De acordo com Hiroshi Saito (1980), essa mudança de postura do governo japonês, demarca o segundo período da imigração japonesa no Brasil, que engloba os anos 1925 a 1941, uma vez que os números de entrada de japoneses saltaram em escala a olhos vistos. Para mensurarmos quantitativamente as diferenças entre os períodos imigratórios, basta mencionar que de 1908 até 1924 registrou-se a entrada de 32.366 indivíduos, enquanto para o período de 1925 a 1935 foram 141.732 imigrantes registrados (KODAMA; SAKURAI, 2008, DA SILVA, 2022).

Durante a chamada Era Vargas (1930-1945), a situação enfrentada pelos imigrantes japoneses, bem como àqueles advindos de outros países se tornou crítica, posto que medidas eugenistas e claramente racistas alcançaram maior expressão, principalmente, por terem o aporte de diversos intelectuais que produziam discursos em defesa do embranquecimento da população.

Os mandatos de Getúlio Vargas compreendem três períodos: o Governo Provisório (1930-1934), o Governo Constitucional (1934-1937) e o Estado Novo (1937-1945). No decorrer deste momento político foi implementado, pelo então presidente Vargas, a campanha de nacionalização, que tinha como objetivo minimizar as comunidades de imigrantes e construir a integração entre os brasileiros (LESSER, 2001; DOI; JUNIOR, 2018). Corroborando com o exposto, Seyferth (2000) aponta que, na prática, a campanha nacionalista condenava a formação de grupos étnicos oriundos da imigração, nos quais poderia existir um tipo de enquistamento étnico.

No ambiente escolar, as aulas deveriam ser ministradas em português por professores brasileiros natos ou naturalizados, sendo proibido o ensino de outras

línguas estrangeiras. Em 1939<sup>18</sup>, as medidas impostas pelo governo impactaram no fechamento das associações culturais, onde os encontros sociais e as práticas culturais tornaram-se inadmissíveis, incluindo culto ao imperador e aos antepassados (MIZUMURA, 2011).

As perseguições e restrições relativas aos imigrantes japoneses, se tornaram ainda mais drásticas durante os anos correspondentes à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) pois, pautavam-se pela ideia de desconfiança e conspiração, assim sendo, estes passaram a ser vigiados como suspeitos de espionagem e sabotagem. As conversas e o ensino em idioma natal também foram proibidos, por serem avaliados como antinacional e "prova" da falta de assimilação e de lealdade<sup>19</sup> (SILVA, 2008; TAKEUCHI, 2008). Neste ambiente, era interrompida a corrente imigratória japonesa para o Brasil, que só recomeçaria no início de 1950, ou seja, cinco anos após o fim da guerra, momento em que se iniciava uma nova corrente imigratória.

Destacamos que o final da guerra também trouxe problemas para os japoneses dentro das comunidades, devido a cisões ocorridas entre o grupo que não aceitava a derrota do Japão na guerra e aqueles que aceitaram os fatos, que por sua vez, foram considerados pelos primeiros como traidores. Os primeiros, representavam a organização chamada *Shindo Renmei*<sup>20</sup>, que tinha como objetivo a promoção de paz e prosperidade no Brasil e no mundo através da propagação do 'espírito japonês' (TAKENAKA, 2003).

As represálias empreendidas pela organização acima referida incluíam desde perseguições até assassinatos, o que demandou naquele momento, a intervenção da polícia brasileira, caso contrário, o número de pessoas mortas teria sido muito mais alto. Tal como infere Nagaoka (2008) entre os anos de 1946 e 1947, por considerarem que os derrotistas eram traidores da pátria, extremistas da *Shindo*

---

<sup>18</sup> Em 1939 é criado o Departamento de Imprensa e Propaganda, dando início à censura dos jornais em japonês. Exigia-se a tradução para o português das matérias principais e a criação de uma seção escrita em português.

<sup>19</sup> Tal fato impactou de forma expressiva, sendo posteriormente abordada até mesmo em filmes como o drama "Corações Sujos" (*Kegareta Kokoro*), dirigido por Vicente Amorim. Este filme, produzido em 2011 é baseado no best-seller de mesmo nome de Fernando de Moraes e baseia-se na história verídica da organização terrorista *Shindo Renmei*, uma organização composta por imigrantes japoneses no Brasil, na década de 1940, durante o final da 2ª Guerra Mundial (AMORIM, 2011).

<sup>20</sup> A *Shindo Renmei* (Liga dos Súditos Fiéis), foi uma organização fundada em 1944 por ex-militares, considerada a organização-mãe dos *Kachi-Gumi*. A guerra trouxe diversos conflitos e uma profunda ruptura no seio da comunidade japonesa que ficou dividida em duas facções, uma que acreditava na vitória do Japão (*kachi-gumi*) e a outra que aceitava a sua derrota (*make-gumi*).

Renmei mataram 23 pessoas e feriram 147. Ainda em 1946, quase 400 deles foram condenados à prisão. Esse movimento durou do final de 1946 até o início de 48.

A entrada de japoneses no país no período pós-guerra, esteve atrelada a diversas questões que, novamente, foram tangenciadas por um cunho racial, aliada as polêmicas da participação do Japão enquanto pertencente ao Eixo<sup>21</sup>. As primeiras movimentações do governo brasileiro no intuito de regularizar novamente a imigração japonesa, deu-se somente devido ao engajamento do país receptor no programa da Organização das Nações Unidas – ONU, responsável pelo acolhimento de refugiados e recrutamento de mão-de-obra qualificada entre as populações afetadas pela guerra.

Do mesmo modo, em 1952 foram reatadas as relações diplomáticas entre o Brasil e o Japão, dando início a terceira fase imigratória. Diante de um quadro desolador, a reconstrução do Japão trouxe novas demandas para setor econômico, ao mesmo tempo que eram assolados com altas taxas de desemprego. Em 1954, foi criada pelo governo japonês a Federação das Associações japonesas no Ultramar (*Nihon Kaigai Kyōryoku Rengōkai Kairyōken*) destinada a centralizar os processos de envio e adaptação desses novos imigrantes. Nesta mesma direção, organizações internacionais japonesas, como a JAMIC (*Japan Migration and Colonization*) estabeleceram empreendimentos econômicos, geralmente de cunho agrícola, para a fixação de colônias e administração de propriedades em solo brasileiro (UTSUNOMIYA, 2014).

O governo japonês criou uma infraestrutura sob o comando do Ministério das Relações Exteriores e em articulação com as organizações de imigração, para selecionar os emigrantes, não só para o Brasil, como para outros países da América Latina. Naquele momento, a preferência, era por jovens solteiros com escolaridade média ou superior, formados em cursos especializados em agricultura e em técnicas industriais. A corrente imigratória que representou essa nova fase, pode ser percebida pela sua grande amplitude geográfica, a contar o número de portos utilizados para o desembarque dos japoneses, que compreenderam desde o tradicional porto de Santos aos portos de Belém, Recife, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (SAKURAI, KODAMA, 2008).

---

<sup>21</sup> Os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e os Aliados (França, Inglaterra, EUA e, posteriormente, URSS) constituíram as alianças formadas na Segunda Guerra.

### 3.2 CONTORNOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL

A imigração japonesa no Rio Grande do Sul ocorreu a partir de duas ondas migratórias, a primeira vinda de São Paulo<sup>22</sup>, na década de 1920, e a segunda teve início em 1956, quando chegaram a bordo do navio *Burajiru Maru*, 23 jovens japoneses com idades entre 17 a 26 anos, com intuito de trabalhar, principalmente na agricultura, em vários municípios gaúchos. Esses são considerados os pioneiros, pela condição de terem vindo diretamente do Japão para o Rio Grande do Sul, na medida em que algumas famílias de imigrantes japoneses já haviam migrado da região Sudeste para o extremo sul do Brasil (GAUDIOSO, 2011).

**Imagem 1-** Navio Burajiru Maru



Fonte: MARCAS DO DESBRAVAMENTO, 2011, p.4.

O registro do *Burajiru Maru*, constante no livro *Marcas do Desbravamento*, foi feito por Haruo Higashi, um dos jovens que integrou o conhecido “grupo dos 23”. A

---

<sup>22</sup> Sabe-se que até 1955, um ano antes da chegada de primeiros imigrantes oficiais, vieram para o estado cerca de quarenta japoneses, maioria oriundos de São Paulo (SASAOKA, 1971).

fotografia tem atrás de si uma história, uma arte que se constitui em intenção de registro. A chegada da embarcação ao porto de Rio Grande feita pelos imigrantes, descreve que por ser um porto estreito, a proa da embarcação havia sido amarrada ao cais, enquanto a popa era puxada por outro navio para auxiliar na manobra em direção ao estuário. As memórias daqueles primeiros momentos ao serem narradas, reconstroem uma representação do vivido e que ao serem compartilhadas, tal como infere Halbwachs (2006), se tornam parte da memória coletiva:

O navio Burajiru Maru, trazendo 23 jovens imigrantes solteiros, havia atracado em Rio Grande. Após o desembarque dos passageiros, todo o espaço interno começou a ser preenchido com grãos de soja do Brasil. A cena do carregamento no que havia servido de moradia para estes 23 jovens, durante os 50 dias de viagem, não deixava de ser dolorida e causar uma forte sensação de abandono. Do convés do navio ouvia-se uma música de despedida em homenagem aos que aqui permaneceram. Os jovens, por sua vez, abanavam os braços e gritavam palavras de adeus. Aos poucos, o navio foi se afastando e quando não se via nada mais que uma simples silhueta no horizonte, ouviu-se o seu apito pela última vez. O silêncio tomou conta do cais enquanto lágrimas corriam todos os rostos” (MARCAS DO DESBRAVAMENTO, 2011, p.4).

De 1956 até a extinção da migração sistemática em 1963, desembarcaram diretamente do Japão um total de 1.786 japoneses no Rio Grande do Sul. Cabe ressaltar que antes da década de 1950 alguns imigrantes vieram para o estado de forma independente. Visto que encontramos registros sobre o primeiro japonês em terras gaúchas, o médico Yunosuke Nemoto, que teria chegado em 1920, e, algum tempo depois, Eito Asaeda, em 1924, ambos vindos de São Paulo (MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL, 2017).

Em reportagem realizada em comemoração ao centenário da imigração japonesa no Brasil, é contada a história desse pioneiro. Nemoto era filho de agricultor, nascido na província de *Ibaraki*<sup>23</sup> em 24 de janeiro de 1892, o jovem imigrante após trabalhar para uma empresa que minerava ouro em Minas Gerais, foi atraído ao Sul pela vaga de professor, oferecida pelo Instituto Borges de Medeiros da Escola de Engenharia da UFRGS, atual faculdade de Agronomia. Se afeiçãoou a Porto Alegre e nunca mais retornou ao Japão, casou-se em 1923 com a gaúcha

---

<sup>23</sup> *Ibaraki* (茨城県) é uma província japonesa localizada à nordeste do litoral japonês, na região de *Kanto*, da ilha *Honshu* que é a maior das ilhas do arquipélago japonês.

Arminda Parrot, com a qual teve três filhos, Elloy, Elloah e Heloísa. Nemoto faleceu em 1960 aos 68 anos de idade e em sua homenagem, anos depois seu nome foi referência para batizar uma avenida na zona norte de Porto Alegre, no bairro São Sebastião (PIRES, 2008).

Conforme podemos observar na imagem abaixo veiculada no Zero Hora, em que Nemoto está com sua esposa e um dos filhos, lhe é atribuída a representação de gaúcho, ou seja, uma identidade que o vincula ao Rio Grande do Sul. Tal entendimento vai ao encontro de Pesavento (1993), ao mencionar a identidade do Rio Grande do Sul como praticamente consensual no Estado, ou seja, há uma construção deste imaginário social, que é um processo historicamente constituído, é uma elaboração social de um conjunto de representações coletivas que dão sentido e significado às práticas sociais que delineiam essa identidade.

A autora (1993) ainda infere que temos no Rio Grande do Sul uma realidade na qual a construção da identidade é um processo consolidado. No que tange a construção textual do jornal, ressaltamos que a construção imaginária da sociedade e dos meios de comunicação comportam intenções, artifícios, que podem estabelecer ou reforçar na sociedade distintos vieses ideológicos, cabendo, portanto, serem analisadas com cautela a respeito dos possíveis interesses que carregam.

**Imagem 2-** Yunosuke Nemoto e família.



Fonte: PIRES, 2008.

A cidade de Caxias do Sul também foi destino de imigrantes na década de 1930. Segundo o jornal Pioneiro, datado de 24 de agosto de 2000, o primeiro imigrante a chegar na cidade foi Moriji Umezu, que após passar um ano nos estados Unidos, nutriu um interesse pelo Brasil ao ouvir que aqui havia abundância de terras. Inicialmente, Moriji residiu na cidade do Rio de Janeiro durante três anos, custeado pelo governo japonês e chegou em Caxias no ano de 1933, por meio do convite de um amigo. Diferente dos imigrantes de outras nacionalidades, como os italianos, que no início do século vieram para ao país para trabalhar como mão de obra, o imigrante japonês possuía formação como agrônomo e introduziu outros cultivos e técnicas pouco conhecidos na região, como aspargos, cogumelos, tulipa e quiabo. A renda principal da família, entretanto, concentrou-se nos pêssegos.

Moriji Umezu, casou-se com uma descendente de italianos, Maria Vidor, mesmo sob a desaprovação da família, que por ser predominantemente católica, era contrária a união, visto que Moriji era budista. No entanto, posteriormente ele se converteu ao catolicismo para agradar a família. Na época, sua opção religiosa o levou a ser chamado de comunista, termo que era utilizado pela sociedade para denominar toda a pessoa não batizada.

O jornal também compartilhou as memórias da filha do imigrante, Maria Umezu, que ilustra algumas particularidades do comportamento do pai que geravam no imaginário local representações sobre sua forma de ser e de seu trabalho:

No domingo, enquanto as pessoas iam a missa ou descansavam, ele cuidava da plantação. Os vizinhos achavam que meu pai fazia alguma coisa à noite com os cultivos, porque tudo crescia. Ele dizia que aqui se plantava com a Lua, e ele, com a Terra (LANGBECKER, 24 ago. 2000, p.9).

Moriji morreu em 1975, alguns dias depois de ter finalmente conseguido trazer do Japão mudas de cerejeira, realizando um desejo antigo. O segundo precursor a chegar em Caxias foi Masashi Takizawa, que veio para a cidade no ano de 1935, para tentar a vida na cidade como técnico nos parrerais Antunes. Ele era originário da cidade costeira japonesa Nigata. Durante anos, Moriji e Masashi foram os únicos de origem nipônica em Caxias e se tornaram muito amigos. A trajetória de vida dos dois encontra-se em vários pontos. Ambos tiveram a formação como técnicos em

agronomia no Japão, chegaram sozinhos e se casaram com mulheres descendentes de italianos. Masashi faleceu em 1978, três anos após Moriji (LANGBECKER, 24 ago. 2000).

De acordo com Flores (1974) dentre as motivações para a vinda dos japoneses para o estado do Rio Grande do Sul na década de 1950, estava vinculada a informação de que o estado era detentor de extensas áreas propícias ao plantio de arroz, que naquele tempo encontrava-se como um setor potente desenvolvimento. Corroborando com o exposto, notícias veiculadas pelo jornal Diário de Notícias no ano de 1956, apontavam que havia um interesse particular por parte do Brasil nos sistemas japoneses de plantio visto que “a indústria do Japão era detentora de técnica aprimorada” (ONAR,1956, p.8). Por meio de reportagem, com extensão de meia página, o jornal pontuava que o Japão era detentor da técnica mais aprimorada do mundo, qual fosse o setor, principalmente na indústria e na agricultura. Tal entendimento, encontrava-se relacionado aos progressos alcançados pelo Japão com a Guerra de 1914 e, do mesmo modo, dos observados durante a Segunda Guerra, possibilitando que suas indústrias atingissem uma evolução excepcional. Assim sendo, o cenário em torno das tratativas para a vinda de imigrantes para a Estância de São Pedro acenava para melhorias em grande escala para a agricultura do Rio Grande do Sul.

No que tange as tramitações, o governo japonês por intermédio da Embaixada no Rio de Janeiro e do Consulado Geral de São Paulo em contato com o Embaixador Joao Batista Luzardo, estabeleceu negociações para a fixação, na Estância de São Pedro, de cerca de 50 famílias de colonos nipônicos, descritos como “altamente especializados em diversos misteres” (ONAR,1956, p.8), demarcando assim, o início da colonização japonesa pela vasta e rica zona Oeste do Rio Grande do Sul. Posteriormente, seriam estabelecidos novos contatos com o governo japonês, com intento de combinar a vinda de técnicos de outras especialidades.

O jornal O Diário de Notícias finaliza a matéria por meio de um discurso inflamado, na direção de reforçar que, uma vez que o primeiro núcleo de japoneses no estado estivesse formado, se daria o início do deslocamento das grandes indústrias para o Rio Grande do Sul:

[..] a fabulosa Estância de São Pedro, mais uma vez desfraldará a bandeira da dinamização das nossas riquezas, trazendo, agora, a participação do braço, da técnica, da experiência, da tradição e do capital da indústria japonesa para o aceleração do nosso progresso, neste extremo meridional do Brasil. Podemos dizer que a Estância de São Pedro iniciará a participação dos filhos do Império do Sol Nascente no aceleração do nosso progresso agrícola e industrial (ONAR, 1956, p.8).

Para tanto, o Consul geral do Japão em São Paulo, Sr. Isono, bem como o engenheiro Kymura, chefe da imigração nipônica no Brasil, haviam estado na Estância de São Pedro para estudar “*in loco*” a localização das futuras famílias. Nesta mesma ocasião, um cinegrafista da Embaixada do Japão, do Rio de Janeiro, filmou a Estância. Este filme, acompanhado de um relatório, foi enviado ao governo imperial de Tóquio. As inferências aventando o possível sucesso das tratativas mais uma vez foi salientada: “os japoneses ombro a ombro com outros elementos estrangeiros que prestam sua colaboração para a grandeza de nossa terra, poderão desempenhar um papel de alto valor nos destinos da nossa história. Temos um encontro marcado com o progresso, ao qual não podemos faltar” (ONAR, 1956, p.8).

Na mesma direção do jornal o Diário de Notícias, o estudo de Soares e Souza (2008) por meio de edições do Jornal a Razão, versa sobre a chegada das primeiras famílias de japoneses no estado do Rio Grande do Sul, em particular, os assentados nas regiões de Santa Rosa, Uruguaiana e Santa Maria e destaca tanto os tramites quanto os envolvidos neste processo. Destacamos que, embora tenhamos transcrito a citação acima tal qual a grafia apresentada no jornal o Diário de Notícias, o estudo dos autores (2008) também menciona o nome Mitori Kimura, que ocupava na época, o cargo de presidente da Associação de Jovens Japoneses em São Paulo. Seu nome é evidenciado devido a sua atuação em conjunto com Ademar de Barros, que foi um sério defensor do braço imigrante nipônico no país, posicionando-se inúmeras vezes a favor destes quando era interventor do estado de São Paulo, durante a ditadura de Getúlio Vargas.

O contexto acima referido proporcionou a chegada de 50 famílias ao porto da cidade de Rio Grande, no navio nomeado *Afurika Maru*, em 2 de abril de 1957. A maior parte delas era originária de *Kumamoto* e seus destinos apontavam caminhos diferentes, posto que, dezessete famílias iriam para a Colônia na região de Santa

Rosa, atual Ernestina, enquanto as demais seriam encaminhadas para Uruguaiana. No caso de Uruguaiana, trinta e três famílias dispunham-se ao plantio de arroz como objetivo, e o local era a fazenda São Pedro, de propriedade do já mencionado ex-embaixador João Batista Luzardo. Assim, os imigrantes desembarcam no porto de Rio Grande e, posteriormente, seguiram para a estação ferroviária, onde prosseguiram em viagem de trem até Uruguaiana.

As referências encontradas a respeito da estada desses imigrantes apontam insucessos, embora Soares e Souza (2008) descrevam como fundamental a compreensão de que havia estreita relação entre a colônia japonesa em São Paulo e as famílias que viviam em Uruguaiana. Isto posto, tanto a chegada, quanto os problemas enfrentados por essas famílias eram acompanhados e noticiados por jornais da colônia japonesa em São Paulo. Alguns dos problemas enfrentados pelos imigrantes estiveram atrelados aos salários pagos pelas jornadas de trabalho, que por sua vez, não era em dinheiro, mas em produtos, alimentos e outros bens. Esses imigrantes também deveriam pagar pelos custos de viagem até a fazenda, bem como pelos alimentos que consumiam. Tal situação, rapidamente fez com que os imigrantes se encontrassem mais endividados do que na chegada, e o quadro apresentado a seguir denota que a piora foi evidente.

No decorrer dos meses, os japoneses ao se depararam com o acúmulo de dívidas e solicitaram uma revisão dos contratos, principalmente, no que se referia a forma de pagamento, que nunca era em dinheiro. Concomitantemente, o plantio de arroz foi em extensões de terra bem inferiores do que o inicialmente estipulado, de forma que muitas vezes os imigrantes ficavam ociosos. Ao analisarmos nossas fontes, encontramos dois vieses distintos na questão relativa à alimentação. Enquanto o estudo de Soares e Souza (2008) ao se utilizar de entrevistas, descreve que alguns imigrantes asseguram que não houve fome, todos reconheceram que passaram muitas necessidades durante a estada em Uruguaiana. Já o estudo de Flores (1974) cita que este grupo, após permanecer por oito meses, se retirou desta fazenda, alguns já subnutridos por desconhecerem o sistema alimentar brasileiro.

A situação foi se tornando insustentável, diversos impasses foram sendo estabelecidos entre os imigrantes e o fazendeiro local, Sr. João Batista Luzardo, que

não queria modificar o contrato<sup>24</sup>. Ademais, as grandes diferenças culturais e a falta de compromisso no pagamento e nas provisões não oferecidas levaram os japoneses a sair da fazenda de São Pedro. Especificamente, estava previsto no contrato o fornecimento de implementos agrícolas, como tratores, ceifadeiras, entre outras máquinas que auxiliassem no preparo do solo e demais etapas necessárias nas atividades do campo, e ao contrário disso, foram oferecidas pelos brasileiros apenas enxadas para o trabalho (FLORES, 1974).

Após essas dificuldades, as famílias foram em busca de outras cidades para se estabelecerem, formando comunidades em diferentes regiões do estado do Rio Grande do Sul, com um número mais expressivo de famílias residindo em quinze localidades, tais como Ivoti, Itati, Gravataí, Ijuí, Caxias do Sul, Cachoeira do Sul, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Santa Maria, Santa Rosa, São Leopoldo, Viamão, Itapuã e Porto Alegre (GAUDIOSO, 2006; GAUDIOSO & SOARES, 2008).

A partir da década de 1960, as condições econômicas das famílias japonesas começaram paulatinamente a se modificar, ao mesmo tempo em que se integravam à sociedade, na proporção em que passaram a administrar negócios próprios, fosse na agricultura com aquisição de chácaras ou estabelecimento de comércio. Houve também a intensificação da imigração de mulheres japonesas solteiras, noivas ou casadas (GAUDIOSO, 2006. p. 8). Assim sendo, os imigrantes japoneses e seus descendentes, para além das atividades agrícolas e de comércio, com o passar dos anos passaram ocupar papéis nos campos educacional, cultural e esportivo.

Embora na atualidade, haja uma grande concentração de famílias japonesas na região de grande Porto Alegre, residindo em bairros ou municípios junto à comunidade brasileira, tal fato não caracteriza uma colônia propriamente dita. Destacamos as diferenças relativas à terminologia, pois o termo colônia é empregado em grande parte nos trabalhos acadêmicos para denominar essas comunidades. No que diz respeito ao estado do Rio Grande do Sul, existem três que possuem configurações que as caracterizam como tal, são elas: Ivoti, Itati e Itapuã (GAUDIOSO, 2011). Este entendimento está relacionado à proximidade de moradia entre as famílias, que atuam de forma conjunta por meio de cooperativas aonde são desenvolvidas diversas atividades responsáveis pela subsistência do grupo.

---

<sup>24</sup> No Rio Grande do Sul, os imigrantes eram encaminhados pelo Serviço de imigração e pela JAMIC, que orientava e coordenava o fluxo, direcionando-os as fazendas. Nestes locais, os contratos de trabalho compreendiam 4 anos e em caso de descumprimento por parte dos proprietários os imigrantes eram encaminhados para outras localidades (FLORES, 1974).

Corroborando com o acima exposto, segundo Hirata (2006), o termo “colônia japonesa” pode ser entendido como o conjunto de imigrantes e descendentes japoneses de um determinado espaço geográfico, com áreas que podem corresponder desde uma microrregião até um distrito, segundo as classificações territoriais dos órgãos oficiais competentes. Podem, ou não, estar organizadas socialmente ou economicamente através de cooperativas, sindicatos e associações culturais, sociais, assistências ou educacionais.

A história de cada colônia possui particularidades acerca de sua construção histórica e o conhecimento deste processo, nos permite estabelecer, como nestes espaços onde as famílias se desenvolveram e estabeleceram contatos culturais com o povo brasileiro, mesmo que por vezes tenham sido interpretados como fechados em sua cultura (MULLER, 2011).

### 3.3 COLÔNIAS JAPONESAS NO RIO GRANDE DO SUL

A história das colônias de Ivoti, Itati e Itapuã teve seu início entre as décadas de 1960 e 1970, naquele momento, a implantação dos imigrantes no estado se deu por intermédio da Agência Internacional de Cooperação do Japão (JICA). As famílias destinadas a essas localidades, se dedicavam principalmente à floricultura, fruticultura e horticultura, tal como referenciado em documento alusivo às principais colônias do Sul do país, o qual foi consultado na Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul (ENKYOSUL).

**Imagem 3- Principais Colônias Japonesas no Sul**



Fonte: JAPONESES EM SOLO GAÚCHO, 2010, n.p

A primeira Colônia que abordada em nosso estudo é a localizada em Ivoti, e sua formação teve início em 20 de dezembro de 1966, a partir da chegada de 26 famílias que optaram por se estabelecer no bairro Vale das Palmeiras, ocupando trinta lotes em Ivoti e sete na cidade de Dois Irmãos (SCHNECK, 2020). Cabe ressaltar, que a localidade já havia sido desbravada por indígenas, negros e imigrantes alemães. Esses últimos, se instaram-se no ano de 1826 em 48 lotes de terra distribuídos ao longo do Arroio Feitoria e da antiga “Colônia de Bom Jardim” e construíram as primeiras formas de moradia de uma forma mais rudimentar, tal como choupanas de palha, as quais foram paulatinamente substituídas pelas construções estilo enxaimel<sup>25</sup> (DHEIN, 2012).

<sup>25</sup> Enxaimel é um a técnica de construção a partir de tramos de madeira, encaixados entre si (sem pregos) que tinham função estrutural; os vãos resultantes da estrutura de madeira eram preenchidos com adobe, taipa, tijolos, e em sua maioria ficavam aparentes (não era utilizado reboco). Dessa maneira, essas construções caracterizaram-se por ter uma aparência plástica marcante que é conferida pelo ritmo criado pelas peças de madeira em suas fachadas, transmitindo então, uma forte identidade visual (GILSON, 2013).

O próprio nome atual da cidade possui estreita relação com a presença alemã, visto que entre os anos 1928 e 1967, primórdios da colonização, a região que futuramente daria origem ao Município chamava-se “*Berghantall*” ou “*Berghanschneis*” – Vale ou picada dos Berghan em referência a primeira família que chegou à cidade. Somente em 1938, o município foi batizado de Ivoti, neste segundo momento representando a cultura indígena do tupi-guarani, posto que a tradução de “Ivoti” na referida língua significa flor. A referência ao termo foi acolhida na região, de modo que é comum escutarmos as pessoas mencionando Ivoti como “cidade das flores” (IVOTI..., 17 out. 1995).

As famílias japonesas que lá se estabeleceram, inicialmente ficaram alocadas em Gravataí e Viamão, sendo que o primeiro a chegar foi o agrônomo e professor Toyohiko Sasada, acompanhado pela esposa Masako e os filhos pequenos Naoko e Koji em 1966 (RANFT, 1987). Os tramites para a formação da Colônia iniciaram na década de 1950, por tentativa de imigrantes japoneses já estabelecidos no Brasil, que estabeleceram uma parceria com 20 alunos da escola técnica da faculdade de Agronomia de *Kagoshima*, que deveriam desenvolver a agricultura nas terras da região metropolitana de Porto Alegre (FLORES, 1974).

No ano de 1987 a família Sasada foi homenageada por meio de uma matéria produzida em razão da comemoração de 20 anos do estabelecimento da Colônia. A edição em questão contou a história da família a partir das memórias de Toyohiko e Masako Sasada, que contaram que a partida do Japão em 1958 havia sido um momento de muita emoção suscitada pela imagem que lhes vinha na mente “dos parentes que ficavam e que atiravam serpentinas que se arrebetavam quando o navio saia do porto” (RANFT, 1987 p.6). A imagem abaixo representa a última foto da família antes da vinda ao Brasil, podemos observar da esquerda para a direita Toyohiko (o pai); Hiroshi (filho mais velho); Masako (a mãe); Naoko (filha) e à frente de Hiroshi está Koji (o filho caçula). A foto que ocupava o topo direito da página dividia espaço com um texto em japonês produzido pela senhora Masako.

**Imagem 4-** Família Sasada



Fonte: RANFT, 1987, p.6.

Os contratos firmados para o estabelecimento dos japoneses em Ivoti, contaram com o apoio da *Japan Agency Immigration Cooperation* (JAMIC), instituição criada no Japão para organizar a imigração principalmente em decorrência da demanda populacional no pós-guerra. Deste modo, ficava ao encargo da JAMIC proporcionar auxílio financeiro aos imigrantes, auxiliando-os com linhas de crédito para compra de terras com juros mais baixos, além de oferecer um programa de medicina preventiva, com vacinas e visita às casas. Para além disso, orientava os imigrantes por meio de publicações, como dicionários português/japonês, além de orientações sobre a fauna e a flora brasileiras (DILLY; GEVEHR, 2014).

Com o apoio da JAMIC, emigraram moradores de regiões distintas do Japão, tais como as províncias de *Kagoshima*, *Kumamoto* e *Hokkaido* e, na medida em que chegaram à região tornou-se necessário organizar o espaço para a instalação das famílias e para o começo da produção agrícola. Cada família recebia em média

cinco hectares de terra, e foram construídas casas de madeira que serviram de moradia nos primeiros anos.

Na medida em que os primeiros imigrantes iam firmado residência, adquiriam condições de auxiliar a vinda dos demais. Assim sendo, recebiam seus conterrâneos recém chegados, os quais ficavam hospedados por algum tempo até que pudessem construir suas residências. As dificuldades de acesso às casas, em função de não haver naquele momento, estradas na área destinada à colônia, gerou a necessidade de uma mobilização por parte dos moradores, que se organizaram no sentido de contribuir com uma quantia para alugar uma patrôla junto à prefeitura de Ivoti ao custo na época de 30,00 cruzeiros por hora (FLORES, 1974).

Contudo, logo os japoneses constataram que o solo da área comprada era extremamente pobre e não oferecia, por si só, condições para render boas safras. A partir disso, decidiram então, iniciar seu trabalho colaborativo abrindo um aviário, que lhes seria fonte renda, por meio do comércio de aves, ao mesmo tempo em que poderiam usar os dejetos como fertilizantes para recuperar as terras.

Nos anos seguintes passaram a cultivar hortaliças e flores, além das uvas do tipo Itália, que se tornou um dos produtos mais rentáveis da Colônia, principalmente durante o final da década de 1960 e início da década de 1970, o que elevou o nível de contribuição dos japoneses para o desenvolvimento econômico de Ivoti (MEMORIAL DA COLÔNIA JAPONESA, 2013). De acordo com Dilly e Gevehr (2020, p.31) essa foi a época em que os moradores da comunidade lembram como a “mais importante”, quando em 20 de fevereiro de 1969 foi construída a Cooperativa Hortigranjeira Mista Ivoti Ltda., que tinha como finalidade fortalecer todos os produtores.

No entanto, a partir da década de 1980 a produção de uvas passou a enfrentar concorrência, ocasionado a queda dos preços e, conseqüentemente, impactando nos lucros obtidos. Este quadro trouxe dificuldades financeiras aos japoneses, que tiveram que buscar estratégias para melhorar suas condições de vida. Assim sendo, parte da população optou por retornar ao Japão, principalmente os filhos homens dos imigrantes, que ficavam encarregados de enviar dinheiro aos familiares que haviam ficado no Brasil, levando ao fenômeno conhecido com

*dekassegui*<sup>26</sup> (OS DEKASSEGUIS, 12 jun. 2008). A reportagem do jornal Diário da Encosta da Serra, publicado em 19 de outubro de 2004, corrobora com as informações mencionadas: “alguns voltaram para o Japão para trabalhar e mandar recursos. Outros ficaram viúvos e outros tem a família trabalhando no campo” (COLÔNIA JAPONESA..., 19 de out. 2004).

O retorno ao Japão em busca de condições de trabalho e estudo, possibilitou que grande parte dos filhos de japoneses (*nisseis*) conseguissem se formar na faculdade, assumindo profissões liberais, o que representou um afastamento das funções ligadas a agricultura. Os que optaram por continuar investindo nas atividades iniciadas pelos seus antepassados venceram os obstáculos daqueles tempos. Cabe destacar, que o movimento *dekassegui* ocasionou uma mudança na mentalidade ao longo das gerações, em grande parte gerada pelos propósitos, divergentes aos da primeira geração, que veio ao Brasil em busca de prosperidade.

Tanto os *nisseis*, e com o passar dos anos, os descendentes da terceira geração, *sanseis*, não tinham impedimentos maiores de retornar ao Japão, como ocorria no período da Segunda Guerra, o que facilitou o deslocamento e, em alguns casos, a permanência no país de ascendência. Embora a maioria dos imigrantes que retornaram ao se sentissem melhor morando no Brasil, acabavam permanecendo lá, principalmente em razão das vantagens econômicas, posto que podia-se ganhar lá em um mês o que se ganhava Brasil em um ano (COLÔNIA JAPONESA... jun. 2008).

As questões acima levantadas somam-se as mencionadas no estudo de Gaudioso (2011) ao inferir que a Colônia Japonesa de Ivoti foi impactada em sua estrutura familiar, posto que houve um afastamento geográfico e linguístico entre duas gerações, dificultando o diálogo e, por conseguinte um enfraquecimento da cultura de origem por desconhecimento entre gerações seguintes. Ademais, um outro aspecto que intensificou esse processo, diz respeito ao falecimento dos japoneses de primeira geração, os *isseis*,<sup>27</sup> que eram detentores dos valores culturais do país de origem.

---

<sup>26</sup> Dekassegui, literalmente, é o trabalhador que sai de sua região. O termo pode ser utilizado dentro do Japão para os trabalhadores que saem de sua cidade, como aqueles que saem do país em trabalho temporário (CRAVO; SOARES, 2009).

<sup>27</sup> *Issei* é o termo utilizado para designar os japoneses que representam a primeira geração, ou seja, aqueles nascidos no Japão e que imigraram para o Brasil.

Embora as questões culturais tenham sido disseminadas em proporções menores, os japoneses, no decorrer das gerações foram encontrando novas formas que garantissem minimamente sua continuidade. Desse modo, com intuito de manter as tradições e costumes vivos e ativos, o trabalho realizado dentro das próprias famílias tornou-se imprescindível, a partir do incentivo de hábitos como o ler livros e revistas, assistir a noticiários de canais japoneses, além de preservar a alimentação tradicional e a participação em atividades culturais e aulas diversas (SCHAUMLOEFFEL, 2016).

No decorrer dos anos, a Colônia Japonesa passou a contar com importantes aportes voltados aos propósitos de cultivar os aspectos culturais e sociais da comunidade, a saber: a Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti (ACEBN), o Memorial da Colônia Japonesa de Ivoti idealizado em 2011 e a Feira da Colônia Japonesa, realizada desde o ano de 2012 (A INFLUÊNCIA... 20 out. 2000; (FEIRA NA COLÔNIA, 31 mar. 2014).

Ao consultarmos nossas fontes, também foi possível observar que a Colônia Japonesa de Ivoti ao longo dos anos conseguiu manter uma estreita relação com o Japão. O jornal Livre Expressão na reportagem intitulada “Missão Japonesa visita Ivoti”, detalha a vinda de oito pessoas da província de *Shiga*<sup>28</sup>, entre eles estudantes e produtores agrícolas e um tradutor intérprete. O grupo foi recebido na prefeitura, pelo então vice-prefeito Flávio Klein, bem como pelo chefe de Gabinete Walter Egon Mundstock e o engenheiro agrônomo da EMATER, Laerte Correia da Silva.

Na oportunidade, os visitantes japoneses falaram um pouco sobre sua terra natal, que possui paisagens e vegetação bem semelhantes às do Rio Grande do Sul, bem como relataram algumas impressões sobre o Brasil, com destaque para o tamanho do país. Logo após, se dirigiram para a Colônia a fim de visitar propriedades especializadas na hidroponia de alface e plantação de kiwi, flores

---

<sup>28</sup> A província de *Shiga* está localizada na parte central do Japão, ao norte de *Kyoto*, antiga capital do país e as margens do Lago *Biwa*, o maior lago japonês de água doce. A existência deste lago em Shiga e das Lagoa dos Patos (maior do Brasil) é um símbolo de irmandade entre estados. Em torno de 12 mil brasileiros estão registrados na província que possui mais de 1,37 milhões de habitantes. Outra marca de acordo entre Rio Grande do Sul e Shiga está presente no jardim japonês – “Praça Shiga, doado a Porto Alegre. Já o município de Ivoti que possui a maior colônia de japoneses do Estado recebeu de Shiga vários artigos para o Memorial (COMITIVA JAPONESA...6 fev. 2013). Shiga é estado co-irmão do Rio Grande do Sul. Essa irmandade foi conseguida em 1983, quando o Governador Amaral de Souza visitou aquele país (CALDAS, 1991).

ornamentais e uvas. Para finalizar, foram recebidos na ACENB, pelo presidente da associação na época, Tadaomi Yano e o vice-presidente Kuniharo Orita. No local foi oferecido um almoço de confraternização, do qual também participaram membros da comunidade (MISSÃO JAPONESA..., 12 dez.1995).

No ano seguinte a troca de experiências foi acompanhada pelo jornal O Diário, que salientou a importância do intercâmbio entre o estado do Rio Grande do Sul e a Província de Shiga. Este encontro contou com a presença de dez integrantes daquela província, estando entre eles, especialistas na área dos esportes, indústria e agricultura. A visita percorreu novamente propriedades agrícolas e possibilitou constatações válidas, principalmente no campo das inovações, área essa em que os brasileiros consideravam estar aquém. Contudo, um quadro oposto deu a ver uma outra realidade, que pode ser observada no excerto abaixo que representa a fala do Engenheiro Agrônomo Laerte Correia da Silva, da EMATER, que novamente se fez presente:

Conforme Laerte, tinha-se a ideia de que no Japão a agricultura estava muito avançada em relação ao Brasil, só que segundo os japoneses que estiveram em Ivoti, várias tecnologias que já são adotadas no Brasil há muito tempo, agora é que estão sendo implantadas naquele país oriental (MISSÃO JAPONESA..., 20 dez,1996, p.13).

Para além das experiências supracitadas, no ano de 2013, momentos voltados a firmar o acordo de fraternidade entre os governos do Rio Grande do Sul e Shiga puderam ser observados. Na ocasião, o grupo foi recebido no Palácio do Piratini, pelo então governador Tarso Genro, pelo chefe de Planejamento da Seção de Relações Internacionais de Shiga, Keiji Hayashi, e o diretor da Seção de Relações Internacionais da província, Takashi Ozawa, posteriormente seguiram para a prefeitura de Ivoti, onde foram recebidos no gabinete do prefeito, na época, Sr. Arnaldo Kney. “A partir da retomada da parceria com o Estado, a comitiva também pode conhecer a Colônia Japonesa de Ivoti e conferir o acervo doado ao Memorial da Colônia Japonesa (COMITIVA JAPONESA..., 6 fev.2013). Do mesmo modo, a presença do Cônsul do Japão na Colônia também pode ser observada, reforçando os laços entre Japão e Ivoti. A importância desses momentos ganhou destaque no Jornal Diário da Encosta da Serra, publicado em abril de 2013:

Reforçar a parceria harmoniosa entre o Japão e a cidade das flores foi o foco da visita do Cônsul do Japão Takeshi Goto ao prefeito de Ivoti Arnaldo Kney, na manhã de quarta-feira, 10 de abril. A comitiva que também contou com a presença de representantes da Associação Cultural e Esportiva Nipo-brasileira de Ivoti, foi recebida no gabinete do prefeito, onde o próprio visitante resumiu o encontro com uma expressão japonesa: *Kisuna*, que significa reconhecimento dos laços de amizade (VISITA DE CÔNSUL, abr. 2013, p.20).

Quando da visita das comitivas, havia sempre a presença de representantes da ACENB. Além do mais, reforçava a parceria considerada importante tanto para a Colônia Japonesa quanto para o município e visavam manter uma comunicação fraterna, saudável, que gerava de igual maneira investimentos do governo japonês, em especial na área da saúde, pois aparatos adquiridos pelo hospital de Ivoti como aparelhos de exames de mamografia, arco cirúrgico para cirurgias de traumatologia de pequeno porte e mais um aparelho para exames de ecografia, eram “todos frutos desta parceria com o consulado” (VISITA DE CÔNSUL, abr. 2013, p.20).

O estabelecimento da Colônia Japonesa em Ivoti foi um acontecimento marcante na história do município, principalmente porque a população, por mais de um século, se constituía quase que exclusivamente por imigrantes de origem alemã. Contudo, aos poucos foi ganhando expressividade, alcançando o posto de uma das maiores colônias formada por imigrantes japoneses no estado do Rio Grande do Sul (GAUDISOSO, 2011). Cabe ressaltar, que a representação desta comunidade, como uma das maiores colônias do Estado encontra-se também pautada no número de famílias lá residentes, posto que na época referente ao estabelecimento da colônia o número de famílias correspondia a 26 e, no ano de 2013, já se contabilizava cerca de 50 famílias na localidade (MEMORIAL..., 18 de out. 2013; JUSTINO, 2016).

Para além da Colônia de Ivoti, foram criadas entre os anos finais da década de 1960 e início de 1970, respectivamente, a Colônia Japonesa de Itati, localizada na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, já próximo do estado de Santa Catarina e a Colônia Japonesa de Itapuã, pertencente à Viamão. Ambas no momento de sua criação estavam destinadas às famílias que, ao ocuparem os lotes de terras deveriam se dedicar a agricultura.

A cidade de Itati, tal como Ivoti, em seus primórdios foi colonizada pelos imigrantes alemães, que passaram a habitar a região em 1826. A história desta colônia parte do ano 1968, na antiga Vila de Itati, que no referido ano era integrada ao município de Osório. Nesta localidade, estabeleceram-se oito famílias pertencentes a corrente imigratória vinda diretamente do Japão para o Rio Grande do Sul. As famílias, antes de fixarem-se em Itati, trabalharam por um período em granjas dispersas nos arredores de Porto Alegre e Gravataí. Tal como o precursor foi Masaharu Aso, que era um técnico agrícola formado no Japão. Este, quando chegou ao Brasil, residiu durante oito anos na cidade de Cachoeirinha e um ano em Porto Alegre, ambas cidades localizadas no Rio Grande do Sul e, finalmente veio a Itati em 1968.

Após perceberem que o cultivo de verduras não compensava, procuraram terras para plantação de frutas onde houvesse bastante água e compraram lotes de 5 proprietários em Itati, tais terras eram originárias de um antigo sítio da região, o “Sítio da Figueira” (FLORES, 1974; GAUDIOSO, 2011). Inicialmente, se dedicaram a plantação de tomates e frutas e num momento, posterior, orientados em parte pelas condições climáticas amenas da região, o cultivo de flores, principalmente o de cravo, se desenvolveu fortemente. Segundo Muller (1993, p.6), a imigração japonesa na região, não chocou a população local. Pelo contrário, foram muito bem recebidos. Evidentemente, que eles chamaram a atenção pela feição, olhos e cor, pela cultura oriental e alimentação típica que os distinguiam (MULLER, 1993).

Durante a década de 1960, ainda pairava no território brasileiro a ideia que o imigrante japonês seria inassimilável, contudo, a convivência com a sociedade de Itati revelou o oposto, visto que demonstraram ser possuidores de uma grande capacidade para suportar dificuldades e assimilar muitos dos hábitos e costumes do povo do Vale de Itati, com os quais não tinham qualquer conhecimento. Conforme foram diminuindo as limitações da língua portuguesa, buscaram saber onde havia, nas proximidades, uma boa escola e onde poderiam matricular os filhos, pois traziam como parte de sua cultura essa preocupação com a educação.

Tal como observado em diversas regiões do estado do Rio Grande do Sul, em Itati, o fator miscigenação, não pensado em um primeiro momento pelos japoneses, por preferirem que os seus filhos mantivessem seus traços e raízes orientais acabou ocorrendo naturalmente. De todo o modo, no dado período, desviar-se deste tipo de

interação interétnica seria algo um tanto complicado, pois viviam em uma colônia com apenas uma dezena de famílias, fato que interferiu para a escolhas de “possíveis” esposos ou esposas.

Para além disso, os matrimônios interétnicos foram um reflexo da realidade sociopolítica brasileira. Na década de 1960, quando os imigrantes japoneses ocuparam as terras de Itati, o município era considerado “Área de segurança nacional”, sendo vetada a aquisição de terras por parte de estrangeiros, condição essa em que os imigrantes se encontravam. Devido a isso, eles não podiam ser proprietários de terras na região. Tal situação impulsionou a naturalização dos imigrantes e seus descendentes com os brasileiros.

De acordo com o autor Muller (2011), as barreiras relativas à língua brasileira para os japoneses foram, obviamente, uma realidade. Entretanto, a língua japonesa para os brasileiros também não se configurava como algo fácil. Assim sendo, as gerações mais jovens de japoneses, conforme foram frequentando as escolas de Itati, passaram a atuar como intérpretes, possibilitando que os nativos da região pudessem entender muitos assuntos a respeito do pensamento, da cultura, e das crenças do povo japonês.

A integração com a comunidade e o processo de naturalização dos japoneses se deu por meio do apoio da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Essa interação trouxe maior liberdade aos então líderes das famílias japonesas que passaram a atuar de forma mais expressiva no cenário local, demonstrando efetivo trabalho em prol do desenvolvimento de Itati como um todo. Dentre as principais participações, destacamos as realizadas na Associação para o Desenvolvimento de Itati (ADITA), e nas atividades do Centro de Assistência Rural de Itati (CARI), a criação de uma cooperativa para a produção e comércio de flores e no campo esportivo a Associação Cultural e Esportiva de Itati (ACEI) (MULLER, 1993).

O fenômeno *dekassegui* também atingiu Itati, visto que a situação da economia nas décadas de 1980 e 1990 foram adversas. Diante disso, dezesseis pessoas de Itati foram ao Japão, em busca de trabalho. As informações trocadas na época entre os *dekasseguis* e os que haviam ficado, demarcavam a vida no Japão como algo difícil. Eles sentiram fortemente o choque cultural, pois já se encontravam ocidentalizados e abasileirados. A saudade do Brasil também era muito grande.

Além disso, sofriam discriminação e muitas vezes rejeição de parte da sociedade japonesa. O que os fazia perseverar era unicamente a ideia de constituir uma poupança, que pudesse ser aplicada em Itati, para a melhoria de seus empreendimentos agrícolas.

No ano de 2019, foi realizado o Festival Cinquentenário da Imigração Japonesa da Colônia Itati, o qual foi veiculado no Facebook da Enkyo. Na ocasião, muitas pessoas que foram para Comemoração, não haviam estado na Colônia nos últimos trinta anos e comentaram que na sua infância passavam todos os verões em Itati e estavam apreciando a paisagem que continuava como na sua infância. O Sr. Shinsuke Miyazaki, que falou como representante da Colônia, desejou a longa continuidade da colônia unida por laços de amizade juntamente com os imigrantes alemães e poloneses no encerramento (ENKYOSUL, 2019).

No que se refere a história da Colônia Japonesa de Itapuã, essa se estabeleceu em uma região habitada inicialmente pelos guaranis de ITA- Ponta e PUÃ. Em 1752, a paisagem do lugar passou a contar com imigrantes portugueses vindos das Ilhas dos Açores e Madeira desembarcaram às margens da Laguna dos Patos e Lago Guaíba, numa região que se destacava das demais pelos seus morros de pedras, ilhas, baías, praias, matas e campos de criação.

Neste cenário, localizado na região metropolitana de Porto Alegre, veio a receber no ano de 1974, 19 famílias japonesas, que vieram para o estado do Rio Grande do Sul em busca de uma vida próspera e de oportunidades de emprego, decorrentes de uma política de desenvolvimento e ampliação da área agrícola do estado do Rio Grande do Sul, implementada no início da década de 1970. Como parte do contrato, estava previsto que as famílias designadas para aquela região, ocupariam uma área, com cerca de 470 hectares de terra, que seria dividida entre os imigrantes. Assim sendo, cada família ficou responsável por 23 hectares em média. Uma vez efetivada a distribuição das terras, as famílias passaram a se dedicar principalmente a horticultura (GAUDIOSO, 2011).

Inicialmente, construíram enormes barracões que serviram, ao mesmo tempo, de moradia e galpão para máquinas e depósito de outros equipamentos. Com muito e incansável trabalho, a colônia teve excelente desenvolvimento. As questões relativas, principalmente às diferenças culturais, trouxeram aos imigrantes algumas dificuldades e, além disso, os empregos a que alguns japoneses se submeteram em

algumas granjas aqui no estado, no início pagavam muito pouco, embora se trabalhasse muito (IMIGRAÇÃO JAPONESA, 2018). Na atualidade, o cultivo de verduras ainda permanece como a principal atividade das famílias que residem no local, as quais são em sua maioria originárias da província de Kumamoto no Japão. As famílias organizam sua produção a partir de uma cooperativa, que atende o comércio da região metropolitana de Porto e constituem uma das principais produtoras de hortaliças de Itapuã (SZEVCYNSKI; WOLFF, 2016).

Ao investigarmos o contexto da imigração japonesa para o Brasil e, posteriormente, seu estabelecimento no Rio Grande do Sul, podemos perceber uma forte ligação entre os japoneses que vieram para o país e o Japão. Tal constatação, presente tanto nas informações acerca do assessoramento aos imigrantes enviados a fazenda de São Pedro na década de 1950 e, posteriormente, mediante os intercâmbios realizados por meio das Missões japonesas, com a colônia japonesa de Ivoti, observados nos jornais, sugerem a preocupação por parte do governo japonês em reforçar os laços a fim de manter uma identidade japonesa mesmo fora de seus domínios territoriais.

Corroborando com o exposto, GAUDIOSO (2019) infere que, ao analisarmos os discursos envolvendo a emigração japonesa para o Brasil, percebe-se que há dois mais proeminentes. Já nos primórdios, ao tempo da chegada dos primeiros imigrantes do *Kasato Maru*, em 1908, de um lado, se observava a intenção das instituições de recrutamento em conseguir maior número de emigrantes e para isso, realizavam propagandas atraentes. Ao mesmo tempo, aos que saíam do país, era exigido que se comportassem como representantes exemplares da nação japonesa.

Além do mais, a autora (2019) ainda aponta que a teoria em voga no Japão na época da primeira leva de imigração ao Brasil, conhecida como teoria do *Tennô kikan setsu*, de certa forma, sugeria que cada um de imigrantes carregava nas suas costas a responsabilidade para a nação japonesa, que cada emigrante deveria se sentir possuidor da missão de se fazer presente a etnia japonesa no Brasil. Isto condicionou o fortalecimento do elo entre o Império e os imigrantes que, se de um lado eles eram a representação da própria nação japonesa, por outro lado, também se sentiam parte desta nação.

Deste modo, ao mesmo tempo em que este grupo étnico-cultural carregava o desejo de enriquecer e voltar ao Japão, por outro lado, tiveram suas trajetórias foram

permeadas por dificuldades que emergiram dos contatos culturais estabelecidos entre japoneses e brasileiros. As representações advindas da necessidade de adaptação à cultura brasileira e, do mesmo modo, da reinvenção da cultura de origem, podem ser entendidas como condição de possibilidade, para que os imigrantes japoneses tenham conseguido “administrar seu espaço na cultura brasileira” (SANTOS; DOLL; GAUDIOSO, 2011, p. 54). Corroborando com o exposto, Pesavento (2006) infere que os grupos sociais, por meio de reelaborações contínuas, permitem uma instigante a análise do passado, onde é possível observar o reaproveitamento e a reapropriação de valores, que perpassam o tecido do social, em novas criações de sentido. Mais do que isso, por meio de suas movimentações e representações podemos entender que os valores culturais, traduzidos em ideias e imagens, viajam no tempo e espaço, em reconfigurações e transfigurações de significado.

No traçado do tempo, quando as maiores dificuldades advindas dos primeiros anos da colonização foram superadas, novas conformações foram sendo requeridas e, dentre elas, associações que pudessem proporcionar momentos de lazer, gerados tanto pelas práticas corporais quanto por festividades. Deste modo, os imigrantes japoneses e seus descendentes organizaram associações de compatriotas denominadas *nihonjinkai* ou *Kaikan*<sup>29</sup>, onde pudessem se identificar (GAUDIOSO, 2016), se diferenciar perante outros grupos que compunham a sociedade, em particular, os imigrantes que foram seus predecessores na colonização do sul do Brasil, e que produziram fortes representações identitárias (MAZO, 2003; SILVA, 2011; ASSMANN; MAZO, 2012; SILVA; PEREIRA; MAZO, 2012). A partir do exposto, no capítulo seguinte tratamos de apresentar esses espaços, dando a ver o momento em que foram idealizados, ao mesmo tempo em que buscamos destacar a importância dos mesmos para a manutenção das práticas corporais e demais práticas culturais.

---

<sup>29</sup> *Kaikan* é um “salão de reunião”, um edifício, mas acabou assumindo, ao menos no Brasil, o sentido de “associação”, de reunião de pessoas.

#### 4. AS NIHONJINKAI DO RIO GRANDE DO SUL

As associações denominadas *nihonjinkai* apresentam, normalmente, tanto uma razão social quanto uma estrutura organizacional que as identifica conforme as finalidades para as quais se destinam. Tal como mencionado no estudo de Utsunomiya (2014), esses espaços, são geralmente registrados no Brasil com denominações como “associação nipo-brasileira”, “associação beneficente” ou, ainda “associação cultural esportiva” com objetivos de divulgar e preservar aspectos da cultura japonesa no Brasil, evidenciando o caráter comunitário e as finalidades não econômicas dessas organizações.

Do mesmo modo, segundo podemos inferir a partir dos documentos e sites consultados, seguem uma divisão estabelecida pelos integrantes, que se organizam por meio de setores ou departamentos, conforme a faixa etária ou sexo. Destacamos, portanto, as subdivisões denominadas: geral (representada normalmente por homens mais idosos), *fujinkai* (formado por senhoras) e o *seinenkai* (formado por jovens). Dentre as características que traduzem o modelo associativo observado nessas associações esportivas e culturais nipo-brasileiras, podemos citar a tomada de decisões em conjunto, posto que a maioria requer a participação de um quórum. Nota-se, também, um alto nível de cooperação e compromisso para com o grupo que representam, entre outras características (UTSUNOMIYA, 2014).

Cabe destacar que, as associações às quais destinamos nosso foco nesta tese, no momento de sua criação, eram constituídas majoritariamente por japoneses e descendentes. Contudo, com o passar do tempo observamos, que houve uma abertura maior para integrantes sem ascendência poderem participar, sendo suficiente, na maioria dos casos, identificar-se com a cultura japonesa e estar disposto a contribuir de alguma forma para a entidade realizar suas atividades.

A partir do exposto, nas linhas que seguem, procuramos tratar das associações que contribuíram para melhor compreendermos o contexto social, cultural e político permeou o processo de associativismo dos nipo-sul-riograndenses no estado. As associações em questão, passaram a ser desenvolvidas a partir do final da década de 1960, e cada um desses espaços, se configura de modo a representar a identidade cultural japonesa, possuem uma história que carrega na

sua essência particularidades, que se apresentam por meio de hábitos e da conformação de práticas que são organizadas por meio de um calendário anual, o qual inclui reuniões e eventos de caráter coletivo, ligados a cultura, ao lazer, ao esporte e à promoção da saúde como um todo, além das demais atividades e necessidades inerentes ao cotidiano dos associados e à comunidade externa.

Na atualidade, no estado do Rio Grande do Sul, há dezessete associações regionais de japoneses e seus descendentes e, algumas dessas associações representam mais de um município, fato esse observado quando há um número pequeno de moradores em determinada localidade. Ressaltamos que, as associações chamadas de *nihonjinkai*, dentro da comunidade japonesa, mesmo que tenham atividades regionais independentes, são identificadas como sucursais da Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul (ENKYOSUL). Deste modo, as associações regionais fundadas e frequentadas, principalmente, por japoneses e seus descendentes se encontram nos seguintes municípios: Bagé, Cachoeira do Sul, Caxias do Sul, Cruz Alta, Gravataí, Ijuí, Itapuã, Itati, Ivoti, Lami, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Santa Maria, São Leopoldo e Viamão. No município de Ijuí especificamente, há duas associações, o Ijuí *Nihonjinkai* e a Associação Regional de Colônia Japonesa Sakura (GAUDIOSO, 2019).

As associações acima descritas encontram-se localizadas na metade leste do estado e, tal como infere Gaudioso (2019) no censo demográfico de 2008, ainda havia sido constatado que havia moradores japoneses nos municípios de Alegrete, Santana do Livramento, Uruguaiana, Guaíba, Camaquã, Torres e Santa Cruz do Sul. As informações pertinentes aos residentes dessas comunidades são feitas pela ENKYOSUL por meio de boletins informativos. E, do mesmo modo, as famílias associadas quando necessitam se comunicar diretamente com a ENKYÔ, o fazem por meio de telefonemas ou de cartas. Além de representar as comunidades japonesas do Rio Grande do Sul, a associação representa também algumas comunidades japonesas de Santa Catarina, estes residem em cidades como, Caçador, Colônia de Ramos, Criciúma, Curitiba, Frei Rogério, Itajaí (ENKYOSUL... 23 abr., 2017).

Isto posto, a primeira sociedade a ser apresentada foi fundada em Porto Alegre em 1969, sob o nome de Associação de Assistência à Colônia Japonesa do Sul do Brasil. Entre as suas finalidades estavam, “colaborar com a fixação dos

imigrantes japoneses, dar-lhes orientação e assistência de caráter social, de saúde, higiênica e jurídica, a fim de que os mesmos possam tornar-se bons cidadãos brasileiros” (ESTATUTOS..., 10 fev. 1971, p. 2). Configura-se como uma entidade civil sem fins lucrativos, cuja principal finalidade é oferecer assistência social aos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil, além de promover eventos culturais, educacionais e esportivos para a comunidade em geral (ENKYOSUL..., 23 abr. 2017).

De acordo com Gaudioso (2019) no ano de 1975, para que os filhos dos imigrantes pudessem continuar seus estudos em Porto Alegre, foi construído no terreno da associação uma casa de estudantes, nomeada (*Nikkei Koronia gakusei ryo* – Casa de Estudante da Colônia Japonesa) mediante o apoio obtido da (*Kokusai Kyoryoku Jigyodan Poruto Aregure Shibu* – Agência de Cooperação Internacional do Japão Escritório Regional de Porto Alegre). As dependências da casa de estudantes, destinada naquele momento a rapazes, possuía a área dos dormitórios, uma cozinha, lavanderia, banheiros comuns e banheiro com *furô*<sup>30</sup>.

Para além do descrito, havia uma sala de estar, bem como uma área destinada às refeições e churrasqueira, cabendo destacar que este último item denota uma prática cultural mista entre o japonês e o brasileiro, vivenciada também entre os jovens internos. No que tange ao prédio feminino, esse foi construído separadamente, com quartos e banheiros simples. Na atualidade, a Casa do Estudante encontra-se desativada, contudo, o espaço tem sido utilizado para diversos fins culturais, acolhe reuniões de grupo de senhoras, lazer de idosos e demais atividades sociais, além de consultório médico ocasional, bem como recebe parte do acervo da instituição, esse último localizado no segundo andar.

Destacamos também que, no ano de 1970 havia sido idealizada a (*Nippaku Bunka Taiiku Kyokai* – Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira) que se constituiu de uma instituição criada em Porto Alegre pelos imigrantes japoneses. Dentre os seus objetivos estavam: promover a confraternização entre os membros da comunidade japonesa do Rio Grande do Sul; desenvolver atividades voltadas a agricultura; aos esportes e outros tipos de lazer, que incluíam desde concursos de exposições artísticas, denominada *engeikai*, bem como realizavam *undokai*.

---

<sup>30</sup> Furô ou ofurô é um tipo de banheira tradicional do Japão caracterizada pelo seu formato bem mais profundo e curto do que uma banheira ocidental, permitindo a seu usuário tomar banho sentado.

No que tange aos esportes praticados pelos associados podemos citar o beisebol, *softbol*, *sumô*, *judô* e futebol, os quais eram regidos por diretorias específicas dentro da associação. Com intuito de promover os esportes, a Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira organizava torneios e campeonatos que contemplavam as categorias masculina e feminina, bem como foi evidenciada a criação das categorias acima 35 e 40 anos de idade, de tal como evidenciado nos torneios de *softbol*. Neste rol de práticas, o *sumô* emergiu como uma prática diferenciada dos demais esportes, uma vez que no dia 27 de agosto de 1980 tenha sido realizado um torneio da modalidade, em comemoração ao 70º Aniversário da Imigração japonesa no Brasil, no estágio do Gigantinho, em Porto Alegre, dada a sua representatividade como esporte nacional japonês (ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA NIPO-BRASILEIRA, 1980).

Quanto a realização da gincana *undokai*, a associação, normalmente, buscava realizar entre a última semana de abril até a primeira semana de maio. Posteriormente, tal como o evidenciado no jornal da ENKYÔ de julho de 1981, essa associação foi fundida com a Associação de Assistência à Colônia Japonesa do Sul do Brasil, atual ENKYOSUL. Assim sendo, a organização e realização do *undokai* promovido anualmente com intuito de envolver todas as comunidades japonesas no estado do Rio Grande do Sul passaram a ser responsabilidade da ENKYÔ, que realiza o evento no dia 1º de maio de cada ano. Somente sendo transferido para o domingo seguinte em caso de chuva (ENKYONEWS, 15 jul. 1981).

Além de ter absorvido a Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira em 1981, no ano seguinte, em 10 de julho de 1982, a associação de Assistência à Colônia Japonesa do Sul alterou seu nome, sendo observadas duas modificações, a primeira se refere a denominação em língua japonesa, visto que foi retirada a palavra “colônia”, ao mesmo tempo em que inseriram a palavra “brasileira” passando a ser chamada de (*Minami Nippak Engo Kyokai* – Associação de Assistência Nipo-Brasileira do Sul). Após essa alteração, o nome jurídico da associação removeu o hífen e passou a se chamar “Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul”.

As modificações observadas, foram adotadas em razão dos propósitos para os quais a associação se destina, ou seja, ser beneficente e de cunho assistencial e, do mesmo modo, precisou ter um nome mais abrangente à população, na medida em que não se restringia mais aos japoneses e seus descendentes. Desde então, o

nome se manteve, sendo utilizado de forma concomitante com o termo ENKYOSUL (GAUDIOSO, 2019).

As sedes da ENKYOSUL estão localizadas em duas cidades distintas. A sede principal que fica situada na Avenida Jaime Vignoli, número 235, no Bairro Anchieta em Porto Alegre e uma sede campestre, localizada na Estrada RS-118 no município de Gravataí. Por representar a comunidade japonesa dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, possui considerável número de associados, que residem em localidades pertencentes aos dois territórios.

Ainda na cidade de Porto Alegre, há a Associação de Cultura Japonesa de Porto Alegre (ACJ-POA), localizada na rua Gomes Jardim, número 497, no bairro Santana. Essa instituição foi criada em 2004, com intuito de unir descendentes e admiradores da cultura japonesa em Porto Alegre. Sua principal finalidade é promover o bem estar de sua comunidade através de eventos, palestras e atividades relacionadas à cultura e arte japonesa, como ensino da língua japonesa, curso de mangá, de culinária, entre outros (ASSOCIAÇÃO...17 ago., 2016).

A ACJ, juntamente com ENKYOSUL, desde o ano de 2012, tem promovido o Festival do Japão do Rio Grande do Sul, o referido evento, tem ganhando cada vez mais adeptos, fortalecendo assim, a cultura japonesa no Estado. Com o apoio da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul, o Festival do Japão tem ocorrido nas dependências da Academia de Polícia Militar, localizada na Av. Coronel Aparício Borges, 2001, em Porto Alegre. Em cada edição um tema diferente é escolhido para nortear o Festival Japão, com intuito de renovar as atividades culturais que irão fazer parte da programação. Os preparativos ficam ao encargo de uma comissão organizadora, formada por membros da Associação do Festival do Japão do Rio Grande do Sul.<sup>31</sup>

São convidados artistas de toda a comunidade japonesa do Rio Grande do Sul e de outros estados, como forma de intercâmbio para se apresentarem como atração no palco. É realizada divulgação do evento na mídia (jornais, rádios, TV), nas redes sociais e através de panfletos, folders e cartazes. A projeção do evento a cada ano se torna mais evidente, posto que, enquanto no primeiro festival o público presente contabilizou quinze mil pessoas, na segunda edição o número dobrou, sendo contabilizadas vinte e oito mil pessoas. Tal sucesso, foi referenciado como um

---

<sup>31</sup> A Associação do Festival do Japão do Rio Grande do Sul (CNPJ19.695.098/0001-77) foi fundada em 22 de janeiro de 2014.

reflexo da crescente receptividade e curiosidade do público gaúcho pela cultura japonesa, constatada pela mídia, conforme podemos observar na reportagem do jornal Correio do Povo:

A distância entre Porto Alegre e Tóquio ficou menor neste sábado, quando teve início na Capital gaúcha o Festival do Japão RS. A Academia de Polícia Militar, localizada no bairro Glória, ganhou contornos de uma típica cidade oriental, com direito a cerimônia do chá, origami, sushi e apresentações de artes marciais e danças, além da presença dos adeptos do cosplay, pessoas que caracterizam-se como personagens de ficção. Isseis (imigrantes), nisseis (filhos) e sanseis (netos), além dos brasileiros que admiram o país do sol nascente, reuniram-se para cultuar hábitos orientais [...]. A programação recomeça às 10h de domingo, com apresentações de karatê, kenjitsu, dança e música (EVENTO CELEBRA CULTURA JAPONESA..., 18 ago., 2012).

O então presidente da Associação da Cultura Japonesa de Porto Alegre, Kazuhisa Kanno, ao ser entrevistado pelo Correio do Povo, na primeira edição do Festival, ocorrida no ano de 2012, comentou que o objetivo do evento, consistia em apresentar ao povo gaúcho as diferentes manifestações da cultura japonesa. Em sua fala, afirmou que a relação entre japoneses e gaúchos era cada vez maior, resultando inclusive, na formação de famílias multiétnicas. "Os primeiros japoneses até tinham uma certa resistência contra essa mistura, mas hoje isso é disseminado. Não tem mais essa divisão" (EVENTO CELEBRA CULTURA JAPONESA..., 18 ago., 2012).

Para além do Festival Japão do Rio Grande do Sul, no ano de 2019 foi idealizado o Projeto Takenoko, como uma iniciativa criada pela ACJ em parceria com a ENKYOSUL, com objetivo central de resgatar e disseminar os diversos temas relacionados a história, arte, aos costumes e culinária japonesa entre a comunidade nikkei, como também entre o público de não descendentes com interesse em conhecer e cultivar os ensinamentos japoneses. Aos participantes do Projeto foi concedida a oportunidade de conhecer diversos costumes que fazem parte das tradições japonesas, a partir de aulas teóricas e workshops, organizados em doze módulos e ministrados aos sábados na sede do ACJ (ASSOCIAÇÃO DE CULTURA JAPONESA, 2019).

Voltada ainda aos mesmos propósitos, que visam cultivar os aspectos culturais e sociais da comunidade japonesa no Rio Grande do Sul, ressaltamos a Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti (ACENB), que se encarrega de representar este grupo perante a sociedade. Fundada em 1981, está vinculada à Associação de Assistência Nipo e brasileira do Sul (ENKYOSUL), e ocupa um espaço que antes se chamava apenas de Clube de japoneses (ASSOCIAÇÃO CULTURAL..., 2016).

A ACENB-Ivoti, se destina a cuidar dos assuntos administrativos da colônia, assim sendo, é responsável pela documentação relativa aos interesses comuns dos imigrantes e descendentes, bem como pela preservação e o controle do uso dos espaços comunitários. Essa entidade também promove atividades como *sumô*, *gateball*, *enguekai*, *undokai*, bem como a festa de ano novo (*shogatsu*) que possui um grande significado, por proporcionar a integração entre todos os moradores da Colônia (DILLY; GEVEHR, 2014). Conforme o decreto nº 80. 228 e de acordo com a deliberação do Conselho Nacional de Desportos nº 08 de 82, foi concedido a ACENB autorização para funcionar como entidade desportiva (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, 1988).

De acordo com uma reportagem localizada no ano de 1995 no Jornal Livre Expressão, a ACENB desde o momento de sua idealização constituiu-se de um centro de integração para a comunidade. A associação mantinha um prédio anexo, onde se encontrava um gabinete odontológico, sala para atendimento médico, biblioteca e salas de aula para o estudo da língua japonesa, oferecia ainda uma academia para o aprendizado e pratica de judô e possuía um local destinado e exposições culturais e festas.

No mesmo local, se encontrava também uma cancha de *gateball*, que na década de 1990 era praticado principalmente aos domingos à tarde, contando com a participação dos idosos da comunidade, que ali se encontravam para seu lazer e diversão, integrando-se com as gerações mais novas. Contudo, um morador da colônia Kuniharu Orita, entrevistado por este jornal explicitou o quanto julgava importante essa integração, pois presenciava casos em que as pessoas de idade se encontravam esquecidas por suas famílias, “geralmente discriminadas, ao ponto de se acharem inválidas, às vezes se embebedando nos balcões dos bares” (COLÔNIA JAPONESA, 17 jan.1995, pg.9).

Através das fontes impressas representadas pelos jornais locais de Ivoti, a saber: Jornal de Ivoti e Jornal Livre Expressão, foi possível perceber que, em um primeiro momento, que as reportagens que abordavam esta comunidade e suas atividades entre as décadas de 1980 e 1990 se davam de forma mais discreta. Tal situação, parece ter se modificado a partir da criação de um projeto de cunho cultural, instituído no ano 2011, conhecido como Memorial da Colônia Japonesa de Ivoti.

A idealização do memorial emergiu do interesse cultural percebido e expressado por muitos visitantes que se dirigiam à Ivoti, posto que a cidade possui elementos bem destacados da presença cultural herdada dos imigrantes alemães, que colonizaram a região no século XIX. Sendo assim, como ainda mantinham uma colônia japonesa a poucos quilômetros do centro da cidade? Era possivelmente esta possibilidade de contato com uma cultura oriental, com aspectos diferentes da brasileira, que chamava a atenção dos visitantes (DILLY; GEVEHR, 2014).

De acordo com o estudo de Dilly e Gevehr (2014), o interesse evidenciado pelos visitantes, trouxe aos moradores da Colônia Japonesa a percepção de que a sua cultura de origem era detentora de grande importância, assim sendo, sua cultura devia ser colocada “na vitrine” para que pudessem estabelecer uma maior interação com outras pessoas e culturas. Os mesmos autores (2014) ainda ressaltaram que, o grupo que ali vivia se encontrava em situação de “abandono cultural”, pois, em sua própria concepção acreditavam que, pelo fato de a cidade de Ivoti ter sua identidade cultural germânica fortemente estabelecida, sua trajetória de imigrantes japoneses, de fato bem mais discreta, pudesse também ser valorizada. E, assim perceberam que poderiam fortalecer a memória oral do grupo, restabelecer o contato com os objetos utilizados para o trabalho pelas primeiras famílias que ali se situaram, e que representavam seu dia-a-dia, sua ligação com a terra, seus afazeres domésticos, hábitos alimentares, e práticas voltadas ao corpo (DILLY; GEVEHR, 2014).

O acervo exposto no Memorial da Colônia Japonesa foi doado pelas famílias de origem japonesa que vivem em Ivoti e inclui louças, vestimentas, documentos e ferramentas, relíquias deixadas como herança da imigração japonesa para o Rio Grande do Sul (FEIRA DA COLÔNIA...28 mar. 2014). Para além dos itens referidos, encontramos também, expostos no mostruário do Memorial da colônia de Ivoti, materiais esportivos, como raquetes decoradas chamadas *Hagoitá*, que eram

utilizadas em uma prática recreativa comum entre os japoneses, o *Hanetsuki* (jogo de rebater petecas com raquetes), que semelhante ao *badminton* era jogado, normalmente, na passagem do 1º dia do ano novo, bem como encontramos materiais de *softbol* como tacos, luvas e bolas. As *hagoita*<sup>32</sup>, normalmente possuem estrutura de madeira e são decoradas com papéis coloridos ou tecidos, contendo ilustrações com motivos que trazem sorte, como o pinheiro, bambu e ameixeira, ou grou e tartaruga, ou ainda com os Sete Deuses da felicidade (CULTURA TRADICIONAL...11 dez., 2002).

Como um dos elementos culturais realizados pela ACENB o *karaokê*<sup>33</sup> também foi evidenciado como uma prática voltada a promover a integração entre os imigrantes e brasileiros. No dia 5 de outubro de 1985 o Jornal Livre Expressão trouxe uma reportagem que ilustrava a primeira competição de karaokê na colônia. Na ocasião, foram organizados dois grupos, um composto por 12 homens e outro por 12 mulheres. As apresentações se deram de forma individual e contemplaram músicas relativas a repertório popular no Japão. Pelo parecer da comissão julgadora, as mulheres haviam vencido. O evento em questão contou com a presença do Cônsul, que juntamente aos moradores da comunidade também pode prestigiar apresentações de danças típicas japonesas e a inauguração da churrasqueira da Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira (O PRIMEIRO KARAOKÊ....out. 1985).

A investigação de Dai Prá (2021) contribui com o acima exposto ao compartilhar um registro de um concurso de karaokê na Colônia Japonesa de Ivoti, referente ao ano de 1990. A autora ainda destaca o traje social utilizado pelo participante que se encontrava no palco carregando no casaco uma placa com número 17. O empenho dedicado à organização do evento é evidenciado por meio da rica decoração utilizada como pano de fundo para as apresentações trazidas ao palco, com destaque para o grande mural que representava uma paisagem japonesa.

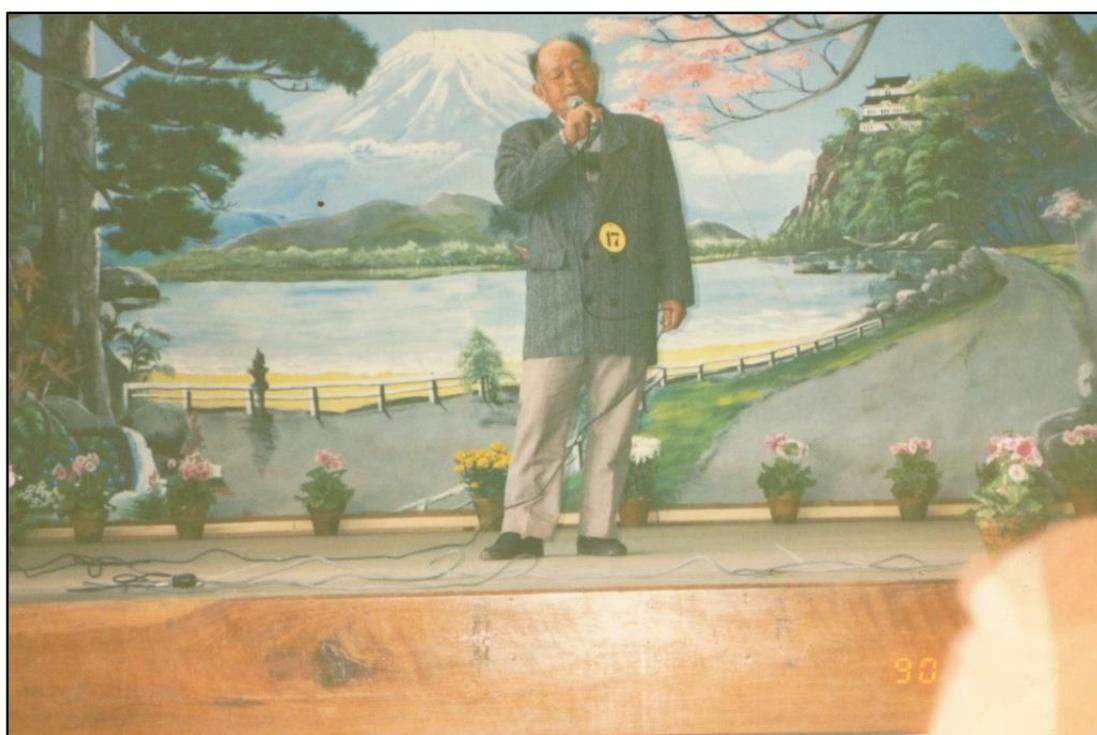
---

<sup>32</sup> Segundo informações obtidas com a responsável pelo Memorial, sra. Kiyomi Miyabe, as *Hagoita* na atualidade são mais utilizadas como peças decorativas e não há indícios da realização deste jogo entre os moradores de Ivoti.

<sup>33</sup> Karaokê (カラオケ) é uma palavra japonesa. É uma mistura de duas palavras – kara (“vazio”) + oke de “okesutura” (abreviação de “orquestra”). É um passatempo muito apreciado no Japão, onde cantores amadores cantam junto com uma música gravada instrumental. O Karaokê surgiu na década de 70 e passou por muitas evoluções nessas 40 décadas. O karaokê dá oportunidade às pessoas de se sentirem como cantores profissionais, mesmo que acompanhados de um microfone e com uma ajudinha de uma “orquestra eletrônica”. Fonte: Karaoke no Japão (<http://www.japaoemfoco.com/karaoke-no-japao/>).

Dentre os elementos presentes na imagem, o Monte Fuji ao fundo, divide espaço com pinheiros e cerejeiras, além de um caminho que leva a um castelo localizado no alto de uma montanha. No chão do palco, também vários vasos de flores coloridas completavam a paisagem. Outro ponto destacado pela autora (2021) fazia a menção as faixas etárias que dividiram as apresentações de karaokê no concurso. Embora a atividade contemple todas as faixas etárias, a predominância dos concorrentes na ocasião havia sido do público idoso.

**Imagem 5-** Competição de Karaokê na ACENB de Ivoti em 1990.



**Fonte:** Memorial da Imigração Japonesa em Ivoti apud DAI PRÁ, 2021, p. 62.

Como o já citado, a preservação dos espaços utilizados pelos moradores da Colônia Japonesa de Ivoti é de responsabilidade da ACENB. A respeito disso, na década de 1990, a prefeitura de Ivoti realizou obras relacionadas ao lazer na localidade, as quais haviam sido reivindicadas pela associação durante a gestão do prefeito Paulo Buchmann. As benfeitorias foram listadas na reportagem veiculada pelo Jornal Livre Expressão em 20 de junho de 1996: “Foi drenado o campo de futebol, para que não alagasse mais quando chovesse, e recuperados uma praça destinada a esportes de origem nipônica, muito praticado pelos descendentes

japoneses de Ivoti” (COLÔNIA JAPONESA RECEBE MELHORIAS, 20 jun. 1996, pg.6).

Cabe ressaltar que, quando defendi minha dissertação de mestrado (LEDUR, 2017), que objetivou compreender como as práticas corporais de origem japonesa foram representadas na cidade de Ivoti, Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1980 e 2010, foi possível demarcar certos moldes organizacionais presentes na Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti (ACENB). Esta Associação foi percebida como um local de encontro entre conterrâneos, destacando-se seu papel enquanto difusora de aspectos inerentes a cultura japonesa, tais como os alimentares, a religião, as festividades, o lazer e o esporte.

A Colônia Japonesa como mais uma forma de divulgar sua cultura, desde o ano de 2012 passou a realizar uma feira. As atrações incluem pratos preparados de forma típica no Japão como peixe assado no bambu entre outros produtos como *sushi*, *yakissoba*, *harumaki*, *guiozás*, doces, artesanatos, flores e frutas. A feira também se configura como espaço para divulgar os esportes, tal como o evidenciado na feira ocorrida no dia 30 de março de 2014, onde foi promovido um campeonato de *sumô* (FEIRA NA COLÔNIA, 31 mar. 2014). A cooperativa de Produtores e Agroindustriais de Ivoti (PROAGRIL) também fazia e exposição de seus produtos coloniais como Paes, roscas, queijos e verduras. Ao todo eram vinte produtores, entre representantes da cultura japonesa e alemã a dividirem as bancas no evento, que sempre acontecia no último domingo de cada mês (FEIRA DA COLÔNIA....28 mar. 2014).

Como representante da região central do Rio Grande do Sul, a Associação dos Imigrantes Japoneses de Santa Maria, também foi evidenciada como uma das difusoras da cultura japonesa no estado. A referida associação foi fundada em 1958 e, principalmente, durante as décadas de 1970 e 1980, teve expressiva atividade cultural na cidade em que está sediada. Dentre suas atribuições, podemos citar o desenvolvimento de atividades que promoviam formas de sociabilização entre seus associados, tais como eventos de confraternização, torneios de esportes, gincanas e outras formas de divertimento e perpetuação da cultura nipônica (SILVA, 2019).

A criação da Associação dos Imigrantes Japoneses de Santa Maria possui estreita relação com a chegada dos imigrantes que desembarcaram no estado na década de 1950, visto que em 1957, 33 famílias chegaram ao estado com contrato para

trabalhar nas plantações de arroz da antiga Estância de São Pedro, no município de Uruguaiana. Contudo, essa tentativa de inclusão dos japoneses na fazenda de arroz não foi exitosa, e essas famílias de imigrantes se fixaram no município de Santa Maria. No ano de 1958, essas famílias se organizaram por meio de um “grupo cooperativo, porém, só posteriormente, fundaram oficialmente a Nihonjinkai de Santa Maria, a qual foi criada em 1975 (SILVA, 2013). Tal foi a representatividade da referida associação, que na década de 1980, a prefeitura de Santa Maria a considerou como de utilidade pública para o município, quando o então prefeito Osvaldo Nascimento assinou a Lei Municipal n.2188/81(SOARES; GAUDIOSO, 2008).

A partir do levantamento bibliográfico, foi possível identificar a tese de doutorado de Alexandra Begueristain da Silva, que foi usado como referência para tecermos os primeiros apontamentos sobre esta associação. O estudo em questão, salienta a importância da referida associação para a manutenção cultural do grupo étnico que havia se estabelecido em Santa Maria. Embora possua uma abordagem mais acentuada na imigração, a investigação traz em sua narrativa eventos como *engeikai*, *undokai* e festas comemorativas.

Para além das associações citadas, outros espaços permearam a trajetória das comunidades japonesas, tanto no que se refere as práticas corporais, quanto a outras práticas voltadas a manutenção das tradições e a consolidação dos laços identitários inerentes a cultura japonesa. Deste modo, podemos citar a Associação Cultura-esportiva da cidade de Itati/RS (ACEI) e a Associação Esportiva Recreativa da Colônia Japonesa Itapuã (ASERJI), fundadas nos anos finais da década de 1980.

A ACEI foi idealizada em 03 de julho de 1987 (EMPRESAS DO BRASIL, 2015). Localizada na Rua Nestor Becker, S.N no centro do município de Itati é uma entidade de caráter cultural e esportiva, de direito privado e sem fins lucrativos (PREFEITURA..., 2013). Nesta associação, a prática do *sumô* apresentou-se por meio do ensino desta arte marcial preservada entre os descendentes de japoneses e ensinada a outras etnias. Ainda como uma das formas de manter a cultura japonesa naquela localidade do sul do país, conforme aponta Muller (1993), a colônia japonesa de Itati além de ser muito ativa na sociedade itatiense, mantinha na sua associação, além do *sumô*, a prática do *undokai* e de uma dança tradicional nomeada *bon odori* em homenagem aos antepassados (MULLER, 1993).

Na região de Pelotas, informações acerca da Associação de Cultura Nipo-Brasileira de Pelotas (ACNBPEL) foram constatadas. Tal instituição foi fundada oficialmente em 14 de novembro de 1979. No entanto, as primeiras famílias residentes na região, vieram antes da década de 1940 de São Paulo e, portanto, já se reuniam em períodos anteriores a esse para realizar atividades culturais. No que tange a famílias vindas diretamente do Japão, essas vieram somente após a década de 1960.

Para além das atividades culturais, identificamos grande aproximação da associação com o consulado japonês, bem como denotamos o envolvimento da associação com a política na comunidade pelotense, em específico, no que se refere a assuntos ligados a mobilizações em prol da área da saúde. As informações que confirmam tal envolvimento, fazem referência ao ano de 2010, onde os representantes da Associação de Cultura Nipo-Brasileira de Pelotas, juntamente com o Cônsul japonês Shigehiro Takeuchi e a então deputada Leila Fetter, em visita à Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, anunciaram a inclusão de um projeto a ser contemplado pelo orçamento do Governo japonês no referido ano. Na ocasião, o Cônsul procedeu com o encaminhamento do projeto encaminhado ao Consulado japonês relatando a necessidade da instituição obter novos aparelhos para Raio-X, ao mesmo tempo em que solicitou a doação de recursos para a aquisição dos equipamentos.

Shigehiro Takeuchi ainda destacou a mobilização da deputada Leila e da comunidade japonesa de Pelotas junto ao Consulado para que o projeto fosse aceito pelo governo japonês. A mobilização da parlamentar e da colônia japonesa havia sido destacada como fundamental para a aceleração daquele pleito. O vice-presidente da Associação Cultural Nipo-brasileira de Pelotas, naquele momento representada por Alexandre Namazu, também enfatizou o empenho da deputada Leila Fetter, que por sua vez, ressaltou que o que o Japão sempre atuou em prol do povo brasileiro, especialmente, nas questões relacionadas ao setor da saúde (ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA..., 2010). Para além do exposto, ao buscarmos informações que evidenciassem as práticas corporais nessa associação, encontramos momentos que as atividades culturais ao longo dos anos continuaram a ser promovidas como um meio de integrar os descendentes e as demais pessoas da comunidade, tais como os eventos de *Undôkai*, *Keirokai* e *Shinnenkai*.

A comunidade japonesa de Pelotas, devido ao seu destaque, no ano de 2017, em referência ao aniversário da cidade, teve uma matéria publicada no jornal Diário Popular em sua homenagem. Na ocasião, retrataram o Sr. Nagayori Yamaguchi, referenciado como representante da família japonesa mais antiga da cidade e presidente da ACENBPEL. O excerto abaixo aponta alguns elementos relativos ao processo imigratório da família de Yamaguchi e de sua família, bem como expressa a boa relação entre a comunidade japonesa e os demais moradores da sociedade pelotense:

De fala mansa, Nagayori Yamaguchi, conta que os pais chegaram por aqui na década de 1930, com o objetivo de plantar arroz. “os japoneses que vinham para cá, não tinham recursos para montar negócios, então, eram obrigados a ir para a agricultura”, comenta ele que nasceu em Rio Grande, mas, foi criado em Pelotas, onde há 35 anos administra a loja de lãs na região da Cohabpel. Dos irmãos, ele foi o único a ficar. Sem no futuro migrar para São Paulo. “Alguém tinha que cuidar dos velhos”, comenta. Da geração seguinte, nenhum ficou no Sul: os dois filhos foram para o sudeste. Presidente da Associação Nipo-Brasileira de Pelotas, Yamaguchi não tem queixas, em relação ao tratamento dado a seu povo pelo pelotense. “O japonês é muito honesto, nem mesmo teria porque tratar mal” finaliza. (PELOTAS DE MUITAS FACES, 7 de jul.2017, p.8).

Dentre os eventos organizados pela associação, e que, do mesmo modo, reforçam a aproximação da instituição com o consulado japonês do Rio Grande do Sul, podemos citar a realização do *Keirokai*, identificada como uma festa voltada a valorizar as pessoas idosas. O *Keirokai* em questão, ocorreu no dia 16 de setembro de 2018, na sede social no Bairro Sanga Funda, em Pelotas e mobilizou uma comitiva de Porto Alegre, composta de trinta e nove pessoas, que aceitaram o convite, a fim de participar das Festividades. Em consideração a esse grupo vindo da capital, e que havia enfrentado oito horas de “estrada”, sendo quatro de ida e quatro de volta, a associação, em nota divulgada no seu site institucional, comentou sobre a importância de serem observados os fortes laços sociais que “marcam as gentes que preservam a cultura japonesa, não medindo esforços para manter as relações sociais de forma permanente” (KEIROKAI, 2018).

Ainda sobre esse encontro, a associação mencionou que as pessoas participantes tinham sido honradas com a presença do ilustríssimo Sr. Cônsul do

Japão no Rio Grande do Sul, diplomata Takashi Kondo, que surpreendeu a todos com seu dinamismo, naquele momento representado pela sua participação como um dos participantes do *Karaoke*, cantando canções japonesas de forma muito bonita e agradável aos presentes. Ainda como parte da programação, foram feitas apresentações artísticas da comunidade local, que entreteram os convidados, que se divertiram “cantando e dançando, segundo a melhor tradição da cultura e valores japoneses” (KEIROKAI, 2018). Na sequência, apresentamos algumas percepções complementares alusivas ao evento:

A Comitativa de Porto Alegre, os Convidados, o Ilustre Sr. Cônsul, todos foram recebidos de forma muito calorosa pela Comunidade Nipo-Brasileira de Pelotas, através do Sr. Presidente da Associação de Cultura local, Sr. Alexandre Tadahisa Namazu e demais Diretores. Parabéns à COMUNIDADE DE PELOTAS pelo excelente evento realizado. Um dia de muita alegria a todos pelo reencontro e celebração comum das festividades (KEIROKAI, 2018).

Em razão do envolvimento da instituição em benefício da comunidade da cidade de Pelotas, já mencionado anteriormente, e que ultrapassam a esfera cultural, no dia oito de julho de 2019, a Câmara Municipal de Pelotas em sessão solene outorgou o título de Instituição Emérita à Associação de Cultura Nipo-Brasileira de Pelotas (CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2019).

Como representante do município de Ijuí, no ano de 2017 foi fundada a Associação Regional de Cultura Japonesa ‘Sakura’<sup>34</sup>, com intuito de resgatar por meio de projetos culturais e educacionais, a história da imigração japonesa na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, bem como visa promover e difundir a cultura japonesa, seus valores e tradições. No momento de sua criação, a associação contava com a participação de oito famílias de integrantes, representadas em Ata de Fundação, e constituídas na primeira diretoria, composta integralmente por membros nipo-descendentes, tendo como um dos líderes, o senhor Mateus Mitsuo Asada. Como a associação ainda não desfrutava de um espaço físico, os integrantes se organizavam em grupos, tais como os grupos de

---

<sup>34</sup> A flor de cerejeira, ou flor de sakura, como é conhecida no Japão, foi escolhida para nomear a associação, pois simboliza pureza e felicidade.

performance e arte, a saber: o grupo Aiko de Danças Japonesas e *Taikô* e grupo Junko de Dança Japonesa (IJUINEWS, 2017).

Colônia Japonesa de Itapuã, a Associação Esportiva Recreativa da Colônia Japonesa Itapuã (ASERJI) localizada na Rua Yamato, nº 44, na sede campestre da Colônia Japonesa de Itapuã em Viamão foi criada em 29 de fevereiro de 1988 (EMPRESAS DO BRASIL, 2015). Segundo informações obtidas em 2016 na ENKYOSUL, muitos dos moradores da colônia eram idosos e praticavam o *gateball* na sede da ASERJI, bem como participam de campeonatos deste esporte em nível estadual e interestadual. O capítulo seguinte se destina a apresentar as práticas corporais inerentes ao associativismo de nipo-brasileiros no estado do Rio Grande do Sul.

## 5. PRÁTICAS CORPORAIS NAS ASSOCIAÇÕES NIPO-BRASILEIRAS

Discorrer sobre as práticas corporais nas associações nipo-brasileiras do Rio Grande do Sul, se expressa como uma tentativa de mapeá-las, uma vez que existem práticas aonde encontramos maior recorrência e, em contrapartida, há outras que surgem de forma mais tímida, compondo muitas vezes, o quadro de práticas de apenas uma associação. Buscaremos, do mesmo modo, descortinar, como os nipo-brasileiros tem demarcado suas fronteiras identitárias por meio das práticas corporais presentes nestes espaços e, para além deles, visto que as conformações estabelecidas entre os indivíduos ultrapassam os limites físicos das associações.

Com intuito de compreender as origens e as apropriações de muitas das práticas corporais realizadas pelo povo japonês e de seus descendentes no Brasil, iremos retomar os aspectos históricos de algumas delas, apresentando quando possível, como elas tem sido ressignificadas no país e, em especial, no estado do Rio Grande do Sul. Partimos, portanto, de alguns elementos culturais do Japão, país este que gerou um complexo único de artes, técnicas artesanais, culinária, espetáculos, música, filmes, desenhos animados, quadrinhos e tradições e práticas corporais com séculos de história que se enquadram como tradicionais, tais como o *sumô*. Bem como, há o *beisebol* e o *softbol*, que foram introduzidos no país após a Restauração *Meiji* e foram popularizados por meio do sistema educacional (MATSUBARA, GODOI, 2011). Para além das práticas citadas, outras se caracterizam como populares no Brasil e, tem sido realizadas pelos japoneses e seus descendentes nas associações nipo-brasileiras em nosso estado, a saber: o *undokai*, o *gateball*, o *rádio taissô*, além das danças tradicionais.

De acordo com Yamashiro (apud RUBIO, 2000), do ponto de vista histórico e cultural, os japoneses apresentam duas características importantes: por um lado há a preservação de valores nativos ao longo do tempo, fato pouco observado na história de outros povos e, por outro lado, existe uma capacidade de introduzir, incorporar e assimilar culturas estrangeiras, que harmonizam diversos fatores, considerados perante alguns olhares até mesmo conflitantes. Tal observação, evidenciada pelo autor, talvez possa constar como um dos elementos que caracterizam a capacidade de adaptação e sobrevivência dos japoneses em locais distantes de sua “terra natal”, bem como pode nos auxiliar a compreender a

“nacionalização” de práticas corporais ocidentais, como o beisebol no fim do século XIX e o futebol no início do século XX (MATSUBARA, GODOI, 2011).

Mesmo perante todas essas influências, de imigrar para lugares distantes e com outras culturas, o vínculo com a ancestralidade possibilita ao japonês uma ligação, que pode ser vista como permanente com suas origens. Essa concepção corrobora com os estudos de Kikushi (apud RUBIO, 2000, p. 39), que afirmam que “embora continuem identificando-se enquanto japoneses, sua experiência de vida no Brasil os torna japoneses do Brasil e não do Japão”.

Nos valeremos do contexto acima apresentado para analisarmos as práticas descritas ao longo da tese, uma vez que, intencionamos perceber como essas tem sido representadas no contexto do associativismo nipo-brasileiro, aqui vinculado a uma identidade cultural particular. Como veremos a seguir, tal entendimento corrobora com os primeiros indícios encontrados sobre as práticas corporais desenvolvidas nas associações.

## 5.1 GINCANA *UNDOKAI*: SÍMBOLO DE FESTIVIDADES E ESPORTES

Os cenários dos quais emergem as primeiras evidências da gincana *undokai*, além de comportarem diversas práticas corporais, trazem consigo um ambiente demarcado por festividades, que tem sido preservadas pelas associações de nipo-brasileiros em todo país. De acordo com a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (2019) há evidências acerca da realização dessa prática cultural mesmo antes do efetivo desembarque dos japoneses no Brasil, denotando a importância para a integração das pessoas:

O primeiro *undokai* da história da Imigração Japonesa no Brasil foi feito antes mesmo dos primeiros imigrantes pisarem em terras tupiniquins, pelos passageiros que estavam a bordo do navio *Kasato Maru* em 1908 – o primeiro a trazer oficialmente um grande grupo de imigrantes pelo acordo assinado entre o Brasil e o Japão em 1895 – que ocuparam todo o deque superior externo do navio para assistir e participar das corridas e brincadeiras (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, 2019).

Corroborando com essa informação, o estudo de Jesus (2011) menciona que, determinadas atividades recreativas eram realizadas pelos imigrantes japoneses a bordo do navio *Kasato Maru*. Assim sendo, a partir da fixação destes grupos nas fazendas do interior paulista, a gincana *undokai* tornou-se um referencial comemorativo para integrar os imigrantes japoneses e seus descendentes, bem como para a composição identitária dos membros com a festividade (CANTARINO FILHO; MIURA, 2010). Isto porque a constituição de um grupo étnico se dá por meio da negociação da sua identidade, sendo a cultura um elemento fundamental neste processo.

As terminologias em torno do *undokai* apresentadas nas fontes consultadas apresentam essa prática como ‘encontro esportivo’, sendo mencionado, ainda, como ‘gincana esportiva familiar’, todavia, originalmente era uma festividade destinada a comemorar o aniversário do imperador<sup>35</sup> e de asseverar os valores japoneses (SATO, 2011; ENKYOSUL, 2012). O *undokai* foi concebido no Japão, durante o Governo *Meiji* (1868-1912), que instituiu sua celebração em colégios nacionais e privados, e em outras entidades sociais com o propósito de formar “bons vassalos do Império do Sol Nascente, física e mentalmente sãos e fortes” (YANAGUIDA, 2003, p. 1). Este entendimento pautava-se no fato do Japão ter sido a primeira sociedade asiática a cruzar a barreira cultural que separa as sociedades tradicionais das modernas. Um aspecto dessa transição para a modernidade foi a rápida difusão durante o século XIX e início do século XX na sociedade japonesa de esportes modernos inventados na Europa e América do Norte (GUTTMAN, 2004).

A abertura cultural ocorrida após a Restauração Meiji possibilitou que várias modalidades esportivas do ocidente fossem introduzidas no Japão, influenciando a criação de práticas voltadas ao treinamento físico, tal como os métodos ginásticos, que usados em combinação com comandos militares objetivavam melhorar a forma física de soldados e dos cidadãos japoneses. Pode-se dizer, portanto, que a ênfase principal deste período em que surgiu o *undokai* estava ligada à questão de construir uma representação de modernidade no país. Tais incentivos passaram a refletir na educação disciplinar e treinamento físico, principalmente nas escolas, bem como

---

<sup>35</sup> O *undokai* marca o aniversário do imperador Taishō Tennō, filho do imperador Meiji. Na época da “Era Taishō” o aniversário do imperador era comemorado, no Japão, numa data diferente da de seu nascimento: 31 de agosto era o dia do seu aniversário, mas a comemoração tinha lugar em 31 de outubro”. A mudança de data ocorreu porque no mês de agosto é verão no Japão e apresenta intenso calor (HANDA, 1987).

passaram a fazer parte da rotina dos japoneses sob o viés recreativo (SHIMIZU, 2007).

O *undokai* no Japão, desde o período em que foi idealizado, tem ocorrido anualmente, nos meses correspondentes ao outono, ou seja, setembro, outubro e novembro. No Brasil, os depoimentos de famílias de imigrantes japoneses indicam que este encontro cultural, tal como ocorre no Japão, também fez parte do contexto escolar<sup>36</sup>, em instituições frequentadas pelos filhos (as) de imigrantes japoneses, na cidade de São Paulo: “os professores levavam as crianças para passear no Parque da Aclimação, local onde se realizava o *undokai*” (DEMARTINI et al., 2000, p. 56).

Contudo, os clubes e as associações japonesas parecem ter realizado algumas adaptações, no que se refere ao período em que essa gincana ocorre no Japão. Deste modo, no Brasil, podemos observar em diferentes regiões e cidades, que o *undokai* é geralmente realizado entre os meses de abril e maio, reforçando os vínculos culturais nipônicos e a perpetuação dos supostos símbolos de outrora.

Conjectura-se que, um dos motivos para a escolha destes meses, possui relação com a proximidade ao dia das crianças no Japão, conhecido como *kodomo no hi*<sup>37</sup>, o qual é comemorado no dia cinco do mês de maio (CANTARINO FILHO; MIURA, 2010). Para além disso, podemos evidenciar que, em alguns clubes japoneses, tal como a Associação Nipo de Cuiabá/MT (MATSUBARA; GODOI, 2011), promovem este encontro no mês que representa o dia das crianças no Brasil, ou seja, em outubro. Em ambos os casos, o *undokai* possui a intenção de cultivar a cultura japonesa por meio da disseminação dos seus valores, só que com determinadas adaptações – como as datas, por exemplo – que podem apontar para um processo de “adaptação cultural” (GONÇALVES, 2008).

Conforme o descrito por Cantarino Filho e Miura (2010) desde a fixação dos primeiros imigrantes japoneses em regiões paulistas, no início do século XX, o *undokai* tem sido uma das mais recorrentes celebrações. Os autores (2010, p.293) ainda sugerem: “onde há japoneses há *undokai*”. Corroborando com o acima

---

<sup>36</sup> O contexto escolar frequentado pelos filhos de imigrantes japoneses consistia em “[...] uma rede de escolas japonesas paralelamente ao sistema público estadual” (DEMARTINI et al, 2000, p. 44).

<sup>37</sup> O *Kodomo no Hi* (こどもの日 – Dia das Crianças) é um feriado nacional japonês que ocorre anualmente no dia 5 de maio. Essa data comemorativa remonta ao período Nara (710-794), quando era chamada de Tango no Sekku (Dia dos Meninos), destinada a celebrar a perseverança e a força dos meninos. No período pós-guerra, em 1948, quando o governo japonês o declarou feriado nacional, a data foi renomeada como *Kodomo no Hi* (Dia das Crianças). Dessa forma, atualmente, o Dia das Crianças é visto como um dia para celebrar o crescimento saudável e a felicidade tanto de meninos quanto de meninas.

exposto, Handa (1987, p. 245) infere que, no período de conformação das colônias japonesas no Brasil, comemorações como as realizadas em tributo ao aniversário do imperador abarcavam um ambiente imponente de cerimonial, o que não dispensava “os comes e bebes”. Como parte dessas comemorações a competição *undokai* se fazia presente e, do mesmo modo, eram feitas apresentações de teatro e lutas de *sumô*.

No que se refere aos preparativos fundamentais para o *undokai* em São Paulo, Handa (1987) descreve que esses, geralmente, eram feitos pela Associação dos Jovens e pela Associação das Moças, como, por exemplo, as fileiras de bandeirolas presas a barbantes e flores de papel para adornar o lugar. No mês de outubro, como não havia mais crisântemos, flor-símbolo da família imperial, o meio encontrado era recorrer às flores artificiais para ornamentar a decoração.

Tal como o referido anteriormente no capítulo destinado à imigração, durante o Estado Novo (1937-1945) e em decorrência da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a construção e preservação identitária dos imigrantes japoneses e descendentes no Brasil foi alvo do governo na época, visto que foi um período no qual as pessoas de ascendência japonesa permaneceram à mercê da fiscalização governamental. Em tal conjuntura, acirrada em agosto de 1942, o estado brasileiro e as forças do eixo (Japão, Itália e Alemanha) estiveram de lados opostos. Além disto, o governo de Getúlio Vargas aumentou consideravelmente a vigilância aos indivíduos e grupos que supostamente cultivavam relações com as “nações inimigas”.

A vigilância em questão se acentuava à época através do discurso de “perigo amarelo” (MARTINELLO; DE CARVALHO, 2011) em relação aos imigrantes japoneses e descendentes, difundido pelos detratores propagandistas. Conforme Morais (2000, p. 45-51): “O rompimento de relações entre o Brasil e o Japão transformou a vida da colônia em um inferno”, e não se podia mais realizar o *undokai*, nem disputar partidas de *kendô*, a arte da esgrima japonesa. Restava, apenas, o *hanafuda*, popular jogo de cartas para casais em que os parceiros deveriam jogar silenciosamente. Depois do fim da II Guerra Mundial e do Estado Novo, os encontros sociais para o *undokai* voltaram gradualmente a ocorrer, pois já não havia uma constante inspeção por parte da polícia.

Ao longo dos anos, a gincana tem sido empregada como referencial cultural, ainda que a dimensão do conceito de identidade tenha sido hibridizada com as múltiplas culturas existentes. As atividades que compõem o *undokai* são, normalmente, as corridas individuais, corrida em equipe, cabo de guerra, salto em distância, além das provas de “catar doces”, pescar bala dentro da farinha, corrida do limão na colher, corrida para encher a garrafa de água, corridas do tripé e do quadripé, bola ao cesto (CANTARINO FILHO; MIURA, 2010), entre outras, sugeridas pelas pessoas que organizam o evento, podendo incidir diferenças entre uma comunidade japonesa e outra.

Se no princípio da imigração japonesa para o Brasil no início do século XX foram observadas manifestações do *undokai* ainda no interior dos navios, neste ponto de nossa escrita e, intencionando nos aproximarmos da realização do *undokai* em contexto sul-rio-grandense, retomamos o estudo de Silva (2019) que evidencia que os japoneses destinados ao estado também realizaram o *undokai* em navios, antes de aportarem em solo brasileiro. Nesta mesma direção, Gaudioso (2019) rememorou que, na condição de imigrante, ainda em tenra idade o *undokai* esteve presente no contexto da imigração japonesa. No excerto abaixo são descritas suas lembranças acerca dos momentos vivenciados em um dos navios que demarcam o final da imigração japonesa para o Rio Grande do Sul, o *Afurika-maru*<sup>38</sup>:

O *undokai* a bordo do navio continuou sendo praticado durante a história da imigração japonesa ao Brasil, mesmo depois da Segunda Guerra Mundial. A própria autora vivenciou a realização de *undokai* na infância, em 1962, a bordo do navio *Afurika-maru*, que trazia imigrantes ao Brasil. Sendo que, pela pouca idade que tinha na época, lembra-se apenas que havia competição de abocanhar um pedaço de pão pendurado na corda. Havia também competição de furar o balão com o cigarro. O ganhador de cada categoria recebia um prêmio que poderia ser de diversos tipos (GAUDIOSO, 2019, p. 184).

Concernente à fala da autora (2019), o significado daqueles momentos representou algo tão marcante, que ainda no momento em que seu trabalho havia sido realizado, conforme outra passagem de seu texto, é mencionado que alguns

---

<sup>38</sup> Entre 1955 até abril de 1963, data da chegada do navio *Afurica Maru*, o último a trazer imigrantes, contabilizam-se 27 viagens de japoneses vindos diretamente do Japão com desembarque em Rio Grande.

imigrantes, tal como a Sra. “H”, residente em Viamão, tinham guardado os prêmios que ganharam naquela data, ou seja, cinquenta e sete anos depois. A referida senhora, passageira do mesmo navio em que a autora veio para o Brasil, mantinha em sua casa uma garrafa térmica com a marca da companhia de navegação *Osaka Shoosen* que ganhou na ocasião da competição (GAUDIOSO, 2019, p. 184).

Em nossa capital, essa prática ao longo dos anos passou a ser realizada em locais cedidos para tal fim, como o pátio do Lanifício Kurashiki e na Sede Campestre da Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul (ENKYOSUL), que dispõe de um grande campo gramado e de um pavilhão coberto. As fontes consultadas também evidenciaram, que o *undokai* da ENKYOSUL se direciona a promover a integração de toda a comunidade nipo-brasileira do Rio Grande do Sul. Essa informação encontra-se amparada pelos folders de divulgação do evento, pelos informativos da associação, bem como pelas tabelas consultadas na ENKYOSUL e que trazem as pontuações referentes a equipe de cada região que participa das edições do *undokai*.

A realização do *undokai* na ENKYOSUL, normalmente, ocorre no dia primeiro de maio, que consiste em um feriado, por ser dia do trabalhador e, em razão da proximidade do dia das crianças no Japão, *Kodomo no hi*, só sendo adiado mediante a presença de chuva, já que as brincadeiras ocorrem em um gramado. As fontes consultadas demonstraram que, a celebração do *undokai*, dada a sua importância perante a comunidade japonesa do estado, normalmente conta com a presença de diversas autoridades locais, tais como o cônsul do Japão em Porto Alegre e demais representantes regionais das comunidades japonesas.

Os aspectos relacionados à parte cerimonial da abertura do *undokai* na ENKYOSUL, comportam tradicionalmente, o adido diplomático do Japão – com o cônsul do Japão – e o presidente da Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul, representante da entidade organizadora do evento, que ficam encarregados de segurar as pontas das cordas para içar as bandeiras do Japão e do Brasil, enquanto os demais cantam os hinos nacionais japonês e brasileiro. Após, as autoridades presentes discursam, para então, serem iniciadas as atividades esportivas (GAUDIOSO, 2019). Destacamos também, que um elemento em comum em todas as edições observadas no *undokai* na ENKYOSUL, bem como em edições realizadas em outras associações de nipo-brasileiros, se refere a presença de

birutas em forma de carpa, chamada pelos japoneses de *koinobori*. A presença dessas pipas, normalmente, se encontra associada ao dia dos meninos, ou ao espírito juvenil masculino.

**Imagem 6-** *Koinobori no undokai* da ENKYOSUL



Fonte: fotografia da autora. Porto Alegre, *undokai* da ENKYOSUL, 2016.

As atividades propriamente ditas, realizadas no *undokai* da ENKYOSUL são as mais variadas e visam proporcionar divertimento para todas as idades. Antes das provas, os participantes realizam o *rádio taissô*<sup>39</sup>, que consiste de uma ginástica rítmica orientada pelo rádio. Cabe ressaltar que, devido a presença do *rádio taissô* ter sido observada em outras associações, ele será abordado em um tópico específico. Isto posto, as provas iniciam conforme programação pré-estabelecida,

sendo realizadas de forma individual ou coletiva, onde os participantes vão acumulando pontos em atividades como: cabo de guerra, bola ao cesto e pegar grãos com *hashi*<sup>40</sup>, que contemplam as categorias infantil, juvenil e adulto.

Os primeiros documentos em torno da realização do *undokai* fazem referência ao Jornal ENKYO publicado em 22 de maio de 1995, em data posterior à realização da gincana daquele ano. A representação de algumas partes do evento foi trazida em forma de diálogo entre dois indivíduos<sup>41</sup>: (T) e (M). A narrativa de (T) e (M) se desenrola apontando para uma prova de corrida que, ao que parece contou com poucas participantes. Entretanto, é ressaltada a participação de um finalista de terceira idade na corrida masculina. Sua presença e participação são mencionadas como dignas de um prêmio especial.

Posteriormente, ainda são mencionadas as apresentações de *Dadaiko/Ôdaiko*<sup>42</sup>, com representantes da ENKYOSUL, CCIJB, e, então, a Associação *Nikkei*. Ao final, tiveram a apresentação do Sr. Nagao. A paisagem descrita pelos interlocutores trouxe a representação de um dia tranquilo com o céu azul, estando eles sob a proteção de guarda-sóis coloridos, que contribuíram para que “tanto os pequeninos quanto os velhinhos pudessem aproveitar um almoço em comunidade! Tudo isso enquanto os *koinobori* comemoravam balançando ao vento” (JORNAL ENKYO, 1995, n.p).

Embora as músicas tenham sido evidenciadas sob um tom de desaprovação, a corrida das três gerações, a competição de estourar balões, para os idosos com mais de 70 anos e o manejo das mulheres com os *Tana*<sup>43</sup> de madeira foram mencionados de forma positiva.

---

<sup>40</sup> O *hashi*, é o conjunto de varetas utilizadas como talheres por parte dos países do Extremo Oriente como a China, Japão, Vietnã e Coréia.

**Jornal Enkyo (援協) ・ 22/05/1995**

**第十四回南日伯援護協会家族慰安大運動会**は、絶好のスポーツ日和の恵み、大変盛り上がりだった大会となり、老いも若きも素晴らしいハッスルプレーを展開されました。

今号では、JICAのシニア専門家の井邑勝先生にこの運動会を初めてごらんになっての感想を、ご夫妻の対話形式で楽しく書いていただきました。なお、イラストは井邑タツミ先生に描いていただきました。

**井邑(先生)と大妻の運動会観戦記!**

(Mは勝先生、Tはタツミ先生です)

M・明日は運動会。運動会、と言えど？

M・一番に天気、それに、井邑のこと。

M・女の人はやはりね。僕は会場までの足のこと。

M・日伯修好百周年記念の家族慰安大運動会。どんな運動会か楽しみだね。

T・九時半。世田号にて会場に到着。

T・わあ！鯉のぼりが。小旗の飾り付けが芝生の緑に映えるね。

M・準備が大変だったろうね。

M・十時。開会式、ラジオ体操。

T・わあ！子供たちの玉入れ、可愛いね。

M・小さな子供が、こんなに沢山いるのね。

M・子供の数が少なくなっている日本を思うと、ここは頼もしいね。

M・あんな小さな子が走っている。可愛いがいね。

T・スタートの合図に笛を吹いたらどうかな。それしてもみんな真剣ね。

M・そう。出場したくてたまらないようにしているのいいね。

T・一五〇〇米走の男子は多かったが、

**運動会会計報告\***

(収入) 九七〇・〇〇 (RS)

(寄付) 九三五・六九

(支出) 三四・三一

合計 九三五・六九

三三・三一

M・あれ？ダンスの音楽はなぜをひいたのかな？

T・音響効果の工夫があると、もっと楽しくなるんじゃないか。競技に合った音楽を流していくとか。軍歌じゃねえか、ほのぼののさせられたね。

M・親子三代りレーは、微笑ましく、なにか、何組か走ってみたい感じね。

T・七十才以上の風船割は、とても若々しく見えたよとくに、女性の木製のナタの振りには力強かったよ。

T・ボール送りやボールけりも、人数が(裏へ続く)

女子の完走者がたった二人だったのは寂しいね。

M・女子マラソンの盛んな時代にしてはね。男子は高齢の方が完走されたよ T・あれは、特別賞もんじゃない...?

**大太鼓披露**

領事館・援協・商工会・ニッケイの順に初打ち。長尾氏による模範演技。

十二時二十五分、午前中の競技終了

**昼食**

あざやかな緑の芝生、青空、カラフルなグラウンド・パラソルのもと、赤ちゃんからお年寄りまで、平気あいあいの食事風景を、鯉のぼりが尾びれを振りって祝福



女子の完走者がたった二人だったのは寂しいね。

M・女子マラソンの盛んな時代にしてはね。男子は高齢の方が完走されたよ T・あれは、特別賞もんじゃない...?

**大太鼓披露**

領事館・援協・商工会・ニッケイの順に初打ち。長尾氏による模範演技。

十二時二十五分、午前中の競技終了

**昼食**

あざやかな緑の芝生、青空、カラフルなグラウンド・パラソルのもと、赤ちゃんからお年寄りまで、平気あいあいの食事風景を、鯉のぼりが尾びれを振りって祝福

É uma pena vermos apenas duas moças finalistas, né.

M・ Ainda mais considerando que as maratonas femininas estão em uma época de prosperidade. E ainda, dentre os homens houve um finalista de terceira idade. T・ Ah é? Acho que merece um prêmio especial, né?

Apresentação de *Dadaiko/Ôdaiko*

A performance de *Taiko* foi apresentada na seguinte ordem: Consulado, Enkyo, CCIJB, e, então, a comunidade *Nikkei*. Finalizando com a apresentação de Sr. Nagao.

A performance do início da manhã encerra às 12:25.

Almoço

Sob a tranquilidade da paisagem da grama verdinha debaixo do céu azul e dos guarda-sóis coloridos, tanto os pequeninos quanto os velhinhos puderam aproveitar um almoço em comunidade! Tudo isso enquanto os *koinobori* comemoravam flambulando ao vento.



十三時半、午後の競技開始

M・あれ？ダンスの音楽はかぜをひいたのかな？

T・音響効果の工夫があると、もっと楽しくなるんじゃない。競技に合った音楽を流していくとか。軍歌じゃね M・親子三代リレーは、微笑ましく、なにか、ほのぼのさせられたね。

T・もう何組か走ってもらいたい感じね

M・七十才以上の風船割は、若々しく見えたよ。とくに、女性の木製のナタの振りは力強かったよ。

T・ボール送りとボールけりも人数が



13:30, Início da apresentação de *Taiko* da tarde

M・Ué? Será que o vento levou a música alegre?

T・Seria bem melhor se tivesse alguma produção acústica... Uma música que encaixasse com a apresentação. Afinal, isso não é *Gunka*.<sup>44</sup>

M・A corrida das 3 gerações foi muito comovente, olha, me aqueceu o coração.

T・Sinto que quero ver mais alguns grupos correrem...

M・A competição de estourar balões para os de mais de 70 estava tão jovial, né? Em especial, o manejo dos *Tana* de madeira das mulheres foi incrível.

T・O número de pessoas do passe de bola também...

Fonte: Jornal do Enkyo, 1995

No ano de 2002, a ENKYOSUL realizou a 21ª edição do *undokai*, mesmo sob preocupações geradas pela chuva iminente. Ao contrário do que se esperava e segundo as informações contidas em uma página inteira do Jornal da associação, as boas vibrações do pessoal haviam sido capazes de “parar até a chuva”! (NOTÍCIAS DO ENKYO, 2002, p.1) Na ocasião, a gincana foi aberta pela família Tsushima e o texto redigido pós evento endereçou palavras de agradecimento a família Moriguchi, aos afiliados, ao comitê feminino e a todos os contribuintes.

Os propósitos em torno da realização do *undokai*, ao serem expressados nessa mesma edição do Jornal ENKYO, denotavam a os esforços direcionados à promoção de eventos entre os imigrantes japoneses e descendentes:

<sup>44</sup> Significa literalmente “canção militar”. Um tipo de música nacionalista e de cunho militar. Normalmente se refere às canções guerreiras da Segunda Guerra Mundial, mas também pode fazer referência a qualquer tipo de canção guerreira.

Desde sempre viemos anfitriando eventos para desenvolver a colônia com paz, saúde, e enriquecimento cultural, promovendo a amizade entre todos os nossos membros. As crianças que praticaram duro todos os dias, correram com todo seu ânimo e energia nas partidas. Ficamos admirados com a garra que demonstraram no evento, um futuro brilhante aguarda essas crianças! Os netos do pessoal devem estar em ótimo espírito, satisfeitos de terem feito o seu melhor. Com a compreensão, apoio e o espírito de trabalho duro dos membros da colônia *nikkei*, além de todas as doações que recebemos, a Colônia foi plantada, cultivada e agora floresce prosperamente. Oramos pelo fortalecimento e crescimento dos laços de irmandade entre todos os membros, e pela permanência da cordialidade e amizade nos *undokais* e em diversos outros eventos de cada região (NOTÍCIAS DO ENKYO, 2002, p.1).

Ainda conforme o noticiado, o evento havia contado com a participação de famílias da cidade de Joinville e Rio Grande, sendo salientado que esses últimos haviam destinado grandes esforços para angariar doações e brindes em diversas empresas para aquela edição do *undokai*. Além disso, foi mencionado que a intenção da associação se destinava a usar a colônia como um meio de repassar a cultura aos jovens descendentes, ao mesmo tempo que se prontificava a ensinar a beleza da cultura japonesa às novas gerações, contribuindo para o desenvolvimento da comunidade *nikkei* e para o futuro das crianças.

Um ponto a ser destacado nessa vigésima primeira gincana diz respeito ao número de crianças presentes, na medida em que o presidente da associação, Yasuhiro Tone, ao fazer a cerimônia de abertura, constatou que o público infantil havia mais que duplicado em comparação à outras edições. No seguimento das atividades, foram enfrentados percalços com o aparelho de som, que estragou. Assim sendo, o *rádio taissô*, naquele momento mencionado como ginástica musical foi feito sem música, desenrolando-se “apenas com o vívido ecoar das vozes da plateia” (NOTÍCIAS DO ENKYO, 2002, p.1).

A programação de atividades da referida edição do *undokai*, em homenagem à copa do mundo, realizada nos anos de 2002, incluiu a competição de pênaltis. Para as crianças abaixo de 10 anos de idade, houve competição de arremesso de anéis e outras novas atividades. Em especial, na corrida de comida de doces, que levou os pais a tirarem fotos desesperadamente de seus filhos, visto que esses

ficaram com os rostos cobertos de farinha e, como ainda apontado no texto, essa situação não correspondia a algo que eles tinham a oportunidade de ver todos os dias. Dentre as práticas realizadas pelos adultos e que gerou grande empolgação foi a corrida da pesca de garrafa, que contou com a presença do Cônsul Geral do Japão, do professor Moriguchi Yukio e o chefe da associação, Yasuhiro Tone. Por fim, o *undokai*, a contar os inúmeros momentos de integração, foi mencionado como uma ótima oportunidade para todos fortalecerem os laços de amizade no sul. Conforme é possível observar no quadro abaixo, no item (\*\*Apresentação dos Resultados), a equipe que se consagrou vencedora foi a do município de Gravataí, o segundo lugar ficou com Ivoti e, em terceiro lugar a equipe Nikkei.

Imagem 8 - Notícias do Enkyo, 2002.

| <b>援協ニュース</b><br><b>(Notícias do Enkyo)</b>   |   |   |   |  |
|---|---|---|---|--|
| 2002年6月19日(火)   | ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA NIPO-BRASILEIRA DO SUL  |   |   |  |
| 1   |   |   |   |  |
| <table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td style="width: 30%;"> <p>南日伯援護協会<br/>               Av. Jaime Vignoli, 235<br/>               Anchieta, Porto Alegre,<br/>               90200-110, RS.<br/>               fone/fax (051)3371-1788</p> </td> <td style="text-align: center; font-size: 2em; font-weight: bold;">               援協ニュース             </td> <td style="width: 30%;"> <p>発行責任者：刀種泰弘<br/>               編集者：藤井みどり<br/>               協力：栗原隆之<br/>               e-mail: Enkyosul@aol.com</p> </td> </tr> </table>                               | <p>南日伯援護協会<br/>               Av. Jaime Vignoli, 235<br/>               Anchieta, Porto Alegre,<br/>               90200-110, RS.<br/>               fone/fax (051)3371-1788</p>  | 援協ニュース  | <p>発行責任者：刀種泰弘<br/>               編集者：藤井みどり<br/>               協力：栗原隆之<br/>               e-mail: Enkyosul@aol.com</p> |  |
| <p>南日伯援護協会<br/>               Av. Jaime Vignoli, 235<br/>               Anchieta, Porto Alegre,<br/>               90200-110, RS.<br/>               fone/fax (051)3371-1788</p>  | 援協ニュース  | <p>発行責任者：刀種泰弘<br/>               編集者：藤井みどり<br/>               協力：栗原隆之<br/>               e-mail: Enkyosul@aol.com</p> |   |  |
| <p>危ぶまれていた天候も皆様の熱意で雨もやみ、南日伯援護協会主催『第二回家族慰安運動会』が津嶋総領事ご夫妻はじめ、森口先生ご夫妻を迎え、関係者、婦人会、会員皆様のご協力により開催できましたことを我が南日伯援護協会におきましてありがたく思っております。かねてから平和にして健康的な、しかも文化的コロニア作りを志して、各種の行事を催し、会員各位の親睦とコロニア発展を期待して参りました。日頃鍛えた子供さんたちは、それぞれの種目を力いっぱい元気に競技して力走していました。正々堂々と元気いっぱい頑張っている姿は、将来本当に頼もしく、感心しました。皆様のお孫さんたちが、全力を尽くした満足感を味わったことと思っています。日系コロニアの会員皆様のご理解あるご支援、ご寄付と奉仕精神のもとに貴重な種をまき、そして育て、かつその輪を広げて参りました。今後とも各地区で行う運動会や色々な行事などに会員の方が友愛、親善と相互理解の絆を一層強くされ、益々会員各位の親睦の輪を広め、発展されますことを心からお祈り申し上げます。追伸:このたびの運動会のために遠くはリオ・グランデ市の会員の方が、忙しい中を走り回り、各会社、ロージャなどからの寄付、景品を数多く集めてくださいました。南日伯援護協会として感謝しております。そ</p> | <p>Por mais que houvesse preocupações com o tempo ruim, parece que as boas vibrações do pessoal são capazes de parar até a chuva! Com patrocínio da Associação de Assistência Nipo-Brasileira do Sul, a "21ª edição do undokai de recriação familiar" foi aberta pela família Tsushima. Nós do Enkyo Sul gostaríamos de agradecer a família Moriguchi, aos afiliados, ao comitê feminino e a todos os contribuintes. Desde sempre viemos anfitriando eventos para desenvolver a colônia com paz, saúde, e enriquecimento cultural, promovendo a amizade entre todos os nossos membros. As crianças que praticaram duro todos os dias, correram com todo seu ânimo e energia nas partidas. Ficamos admirados com a garra que demonstraram no evento, um futuro brilhante aguarda essas crianças! Os netos do pessoal devem estar em ótimo espírito, satisfeitos de terem feito o seu melhor. Com a compreensão, apoio e o espírito de trabalho duro dos membros da colônia Nikkei, além de todas as doações que recebemos, a Colônia foi plantada, cultivada e agora floresce prosperamente. Oramos pelo fortalecimento e crescimento dos laços de irmandade entre todos os membros, e pela permanência da cordialidade e amizade nos undokais e em diversos outros eventos de cada região. P.S: Os participantes da</p> |   |   |  |

の他遠くは、ジョイン・ビル市からも会員の方が参加してくれました。なお、参加すること自体に意義があり、若い世代に日本文化の素晴らしさを教え、日系社会の発展と子弟育成に取り組んで、同センターを日本文化発信の基地として若い日系人をひきつけ、次世代に残せる日本人の遺産としたいと考えております。南日伯援護協会会長 刀禰泰弘開会式ではステレオが壊れ、ラジオ体操を音楽なしで、掛け声のみで行うというハプニングに見舞われましたが、例年の倍近くに増えた小さなお子さんたちの活気あふれる中、開幕致しました。

(左より津嶋総領事、優勝のグラバタイ 海老名会長、援協刀禰会長)

開会式ではステレオが壊れ、ラジオ体操を音楽なしで、掛け声のみで行うというハプニングに見舞われましたが、例年の倍近くに増えた小さなお子さんたちの活気あふれる中、開幕致しました。今年のプログラムには、コーパ・ド・ムンドにちなんで『ペナルティ』や一〇歳以下を対象にした『輪投げ』など、新しいゲームが幾つかありました。特に『あめ食い競走』ではお子さんたちの顔いっぱいに粉が付き、親御さんたちは我が子の普段絶対に見ることの出来ない姿を一生懸命写真に収めてました。

在ポルトアレグレ総領事、森口幸雄先生、刀禰南日伯援護協会会長の三人が一斉に参加した『ビン釣り競走』は多いに盛り上がりました。南二州にいらっしゃる皆さまの懇親の輪が広がると同時に、親睦深まる運動会となりました。

尚、当日は開会式でのハプニングや様相以上の競技参加者のため、一部の種目が中止になったことをお詫び申し上げます。

distante cidade de Rio Grande colocaram grande esforço coletando doações e brindes de diversas empresas para esta edição do undokai. Nós da Associação expressamos nossa gratidão. Também de bem longe, tivemos a participação do pessoal de Joinville. A participação em si já é muito significativa. Nossa intenção é a de usar a colônia como um meio de repassar a cultura aos jovens descendentes, ensinar a beleza da cultura japonesa às novas gerações e contribuir para o desenvolvimento da comunidade Nikkei e para o futuro de nossas crianças.

### **\*\*Apresentação dos Resultados!!**

Vencedor: Gravataí; 2º lugar: Ivoti; 3º lugar: Nikkei

O presidente da associação, Tone Yasuhiro, fez a cerimônia de abertura, e no abrir das cortinas notou-se que o público infantil mais que duplicou em comparação com as outras edições. Porém, como a máquina de som estragou, a ginástica musical desta edição foi feita sem música, apenas com o vívido ecoar das vozes da plateia. Na programação deste ano, em homenagem a copa do mundo, houve a competição de pênaltis. E para os abaixo de 10 anos de idade, houve competição de arremesso de anéis e outras novas atividades. Em especial, na corrida de comida de doces, os pais desesperadamente tiraram fotos de seus filhos com os rostos cobertos de farinha, algo que eles não têm a oportunidade de ver todos os dias.

O Cônsul Geral do Japão, agora em Porto Alegre, o professor Moriguchi Yukio e o chefe da associação, Tone Yasuhiro, todos participaram com muita empolgação na corrida de pesca de garrafa. O undokai foi uma ótima oportunidade para todos que vieram fortalecerem os laços de amizade no sul.

Além disso, nos desculpamos pelo inconveniente na cerimônia de abertura e pelas competições que acabaram sendo canceladas, e também pela superlotação inesperada.

Fonte: Notícias do Enkyo, 2002.

Nos anos seguintes, o *undokai* da ENKYOSUL manteve seus propósitos de integrar a comunidade japonesa do Rio Grande do Sul. A imagem trazida abaixo representa a brincadeira de “pegar grãos com *hashi*”, referente a 22ª edição do

*undokai* realizado no dia 1º de maio de 2003. Conforme podemos observar, a prática é realizada por adultos que estão dispostos em uma fileira, enquanto buscam por meio de suas habilidades com “os pauzinhos de madeira”, juntar os grãos de soja espalhados em um tecido para, em seguida, coloca-los em um recipiente, que parece ser um copinho de plástico, numa quantidade predeterminada.

**Imagem 9** - Brincadeira de pegar grãos com hashi.



Fonte: Acervo Enkyosul, 2003.

Na sequência apresentamos, respectivamente, as imagens correspondentes à brincadeira “corrida de pesca da garrafa” e o momento de entrega da taça para a equipe campeã relativa à 23ª edição do *undokai*, ocorrido no ano de 2004. A primeira atividade em questão, normalmente é realizada por adultos e o “peixe” a ser pescado, na prática, é uma garrafa vazia colocada em pé, na metade do percurso.

Para a captura do “peixe” são disponibilizadas varas, deixadas no chão, a alguns metros da linha de partida, contendo um barbante e um prego, de pelo menos 5 cm, que é amarrado ao meio. Por essa ser uma prova individual, cada participante deve sair correndo, pegar uma vara, chegar às garrafas e deve, a dois passos de distância, fazer com que o prego entre na garrafa. Com a garrafa presa à vara pelo barbante com prego, o participante deve completar o percurso sem deixar a garrafa cair.

**Imagem 10** - Brincadeira “corrida de pesca da garrafa”



Fonte: Acervo Enkyosul, 2004.

O registro abaixo, feito na ocasião do recebimento da taça, no ano de 2004, representa o momento final do *undokai*. Conforme o apontado por GAUDIOSO (2019), a taça dos campeões (*Yushohai* – Taça da Vitória) é entregue ao representante do *nihonjinkai* que obtém as melhores pontuações ao longo da competição.

Imagem 11 - *yushohai* – Taça da Vitória, 2004



Fonte: Fonte: Acervo Enkyosul, 2004.

Para além da documentação encontrada no acervo da ENKYOSUL, no ano de 2006, em razão do cinquentenário da imigração japonesa no Rio Grande do Sul, a autora KANAN (2006), produziu a reportagem intitulada: “Costumes da terra do sol nascente chegaram ao Pampa há 50 anos”, na qual dissertou sobre a imigração japonesa no estado, bem como apontou algumas das tradições mantidas pelos japoneses e descendentes nas comunidades e associações, com destaque para a ENKYOSUL.

Ao citar os eventos organizados pela associação, o *undokai* foi mencionado como um dos mais importantes e com maior repercussão. Com intuito de ilustrar algumas das atividades do evento, compartilhou a brincadeira “bola ao cesto”, realizada por crianças. A dinâmica ocorre da seguinte forma: dividem-se as crianças em dois times, que correspondem às cores -geralmente branco e vermelho- de dezenas de bolinhas de pano recheadas com retalhos, do tamanho de bolas de

beisebol. Uma pessoa - de preferência com um capacete na cabeça- segura no centro do campo um grande balde instalado na ponta de uma vara ou cano com aproximadamente 4 metros de altura, no qual as crianças devem durante 5 minutos jogar e tentar encestar o maior número de bolas da cor do seu time.

**Imagem 12**– Brincadeira bola ao cesto na ENKYOSUL.



Fonte: KANAN, 2006.

Na década seguinte, a continuidade do *undokai* se mostrou presente. O Jornal da ENKYO, ao convidar a comunidade a participar da Gincana Esportiva Familiar, buscava ilustrar por meio de imagens convidativas alguns dos esportes que normalmente compõe o evento. A edição do Jornal veiculado em abril de 2014, retratou por meio de desenhos o “cabo de guerra” e a “brincadeira de pegar pão” (33ª GINCANA..., 2014, p.1).

Imagem 13- 33ª Gincana Esportiva Familiar

南日伯援護協会 ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA NIPO E BRASILEIRA DO SUL

援協ニュース

2014年4月号

Av. Jaime Vignoli, 235 - Bairro Anchieta - Porto Alegre - 90200-110  
☎(51) 3371-3535 ☎(51) 3371-1788 ✉contato@enkyosul.org  
Redação: Marisa Katsurayama, Mary Hiwatashi, Mie B. Makino,  
Tomoko Kimura Gaudioso

**南日伯援護協会**

**33ª Gincana Esportiva Familiar**

**Data: 01 de Maio de 2014**  
**Horário: 9 horas;**



**運動会**

**Local:** Sede Campestre, Beco Sayonara, 855, RS 118-KM 11, Gravataí/RS.

**Informações:**  
tel.:(51)3371-1788  
E.mail:contato@enkyosul.org

**Realização:**



Obs.: Caso chover, será transferido para o dia 04 /05/2014.



**Bazar do Enkyo**  
Data: 08 de junho (domingo)  
Estaremos arrecadando doação de roupas e objetos usados para vender no bazar. Traga sua doação no dia do Undokai.



Fonte: 33ª GINCANA..., 2014, p.1.

As atividades realizadas nas edições do *undokai* da ENKYOSUL, contemplam em média 20 modalidades. Com intuito de ilustrarmos cada uma delas, e, ao mesmo tempo trazermos informações acerca das faixas etárias a que se destinam e as principais regras, apresentamos o documento acessado na secretaria da ENKYOSUL, referente a 33ª edição do *undokai* realizado em 2014 e, para melhor visualização das práticas apresentadas na imagem (14), formulamos a tabela 1, apresentada na sequência.

Imagem 14 - Programação undokai ENKYOSUL, 2014

| 第 29 回 南日伯援護協会主催 家族慰安大運動会  |   |  |                              |
|--|---|--|------------------------------|
| Nº   | プログラム   | 出場者  | 実施回数                         |
| 01   | 開会式 ABERTURA  |  |                              |
| 02   | 競走<br>100m/200m<br>CORRIDA de<br>100m/200m          | 一般男女<br>(a) Feminino (100m)<br>(b) Masculino (200m)                                | 4<br>4                       |
| 03   | 競走<br>100m<br>CORRIDA de<br>100m                    | 幼少年<br>(a) Até 06 anos<br>(b) 07-09 Anos (M/F)<br>(c) 10-12 Anos<br>(d) 13-15 Anos | 3<br>(2/2)<br>(2/2)<br>(2/2) |
| 04   | タイヤ転がし<br>CORRIDA COM<br>PNEU                       | 一般男女<br>(a) Feminino<br>(b) Masculino  | 4<br>4                       |
| 05   | 魚釣り競走<br>PESCARIA                                   | 10歳までの幼年<br>Até 10 anos  | 6                            |
| 06   | ろうそく火付け競走<br>ACENDER VELA                           | 婦人/60歳以上<br>(a) Senhoras<br>(b) Acima de 60 anos                                   | 5<br>6                       |
| 07   | 400mリレー<br>★ REVEZAMENTO<br>400m                    | 一般女子<br>Adulto/Feminino  | 1                            |
| 08   | 800mリレー<br>★ REVEZAMENTO<br>800m                    | 一般男子<br>Adulto/Masculino   | 1                            |
| 09   | 大豆つまみ<br>PEGAR GRÃO                                 | 来賓/一般男女<br>Convidados<br>(a) Feminino<br>(b) Masculino                             | 1<br>4<br>4                  |
| 10   | パン食い競走<br>PEGAR PÃO                                 | 一般男女<br>(a) Feminino<br>(b) Masculino  | 5<br>5                       |
| 11   | 競走<br>800m/1500m<br>CORRIDA de<br>800m/1500m        | 一般男女<br>(a) Feminino (800m)<br>(b) Masculino (1500m)                               | 1<br>1                       |
| 12   | 幸運の数字<br>NÚMERO DA<br>SORTE                         | 75歳以上<br>Acima de 75 anos  |                              |
| 13   | ピン釣り競走<br>PESCAR<br>GARRAFAS                        | (a) Acima de 60<br>(b) 一般女性<br>(c) 一般男性<br>(d) 来賓                                  | 5<br>5<br>5<br>1             |
| 14   | 玉入れ<br>BOLA AO CESTO                                | Acima de 75 anos<br>Até 10 anos  |                              |
| 昼食 ALMOÇO   |   |  |                              |
| ★ PONTUAÇÃO POR TIME DE CADA REGIÃO.    |   |  |                              |
| <b>Regras da Gincana:</b><br>- Não pode correr dentro do círculo;<br>- Não pode ultrapassar dentro do círculo, somente pelo lado de fora;<br>- Declarar idade certa;<br>- O Torcedor deve se manter fora da pista; |   |  |                              |
| 15   | 盆踊り<br>DANÇA JAPONESA                               | 全員<br>Todos  |                              |
| 16   | あめ食い競走(粉なし)<br>PEGAR BALA (sem<br>farinha de trigo) | 13歳まで<br>(a) 07-09 anos<br>(b) 10-12 anos  | 5<br>5                       |
| 17   | ゲート通し<br>"GUETO"                                    | 60歳以上<br>(5人一組)<br>5 pessoas/equipe  |                              |
| 18   | ★ ボール蹴り競走<br>CHUTAR BOLA<br>男女各5人・<br>10人一組         | 50歳以上<br>Acima de 50 anos<br>10 pessoas/equipe                                     | 1                            |
| 19   | 年代別リレー<br>★ REVEZAMENTO<br>POR IDADE<br>10~60代男女    | 6人一組<br>10 até 60 anos<br>6 pessoas/equipe<br>(a) Feminino<br>(b) Masculino        | 1<br>1                       |
| 20   | 二人三脚<br>CORRIDA EM<br>DUPLA COM PÉS<br>AMARRADOS    | 15歳以下の男女ペア<br>(a) Até 15 anos<br>15歳以上の男女ペア<br>(b) Acima de 15 anos                | 4<br>4                       |
| 21   | CORRIDA COM<br>OBSTÁCULO                            | 幼少年<br>07-15 anos<br>(a) 7-9 anos<br>(b) 10-12 anos<br>(c) 13-15 anos              | 4<br>4<br>4                  |
| 22   | スプーン競走<br>CORRIDA DE<br>COLHER                      | 7-15歳まで<br>(a) 7-9 anos<br>(b) 10-12 anos<br>(c) 13-15 anos                        | 4<br>4<br>4                  |
| 23   | ★ 400mリレー<br>REVEZAMENTO<br>400m                    | 8-11歳まで<br>08-11 anos<br>(a) Feminino<br>(b) Masculino                             | 1<br>1                       |
| 24   | ★ 400mリレー<br>REVEZAMENTO<br>400m                    | 12-15歳まで<br>12-15 anos<br>(a) Feminino<br>(b) Masculino                            | 1<br>1                       |
| 25   | ★ ムカデ競走<br>CORRIDA DE<br>CENTOPÉDIA<br>※6人一組        | 一般男女<br>ADULTOS<br>6 pessoas/equipe<br>(a) Feminino<br>(b) Masculino               | 1<br>1                       |
| 26   | どっこい綱引き<br>CABO DE GUERRA                           | 6歳から13歳まで<br>06 até 13 anos  |                              |
| 27   | ★ 綱引き<br>CABO DE GUERRA<br>※10人一組                   | 一般男女<br>ADULTOS<br>10 pessoas/equipe<br>(a) Feminino<br>(b) Masculino              | 1<br>1                       |
| 28   | ENCERRAMENTO E PREMIAÇÃO                            |  |                              |

- Manter limpo o campo;
- Para organizar e orientar as partidas, é necessário a ajuda de uma ou duas pessoas de cada região participante;
- O integrante de cada região poderá participar somente uma vez por jogo.

**Enky(sul)**  
Associação de Assistência  
Típica e Iracema de Itaipava

Fonte: Jornal do Enkyo, 2014.

**Tabela 1- Programação undokai ENKYOSUL, 2014.**

|                                 |  |  |   |
|---------------------------------|--|--|---|
| <b>01 Abertura</b>              |  | <b>15 Dança Japonesa</b>                     | Todos   |
| <b>02 Corrida de 100m/200m</b>  | a)Feminino (100m)<br>b)Masculino (200m)                            | <b>16 Pegar bala (Sem farinha de trigo)</b>  | a) 07-09 anos<br>b) 10-12 anos                                  |
| <b>03 Corrida de 100m</b>       | a)Até 06 anos<br>b)07-09 anos(M/F)<br>c)10-12 anos<br>d)13-15 anos | <b>17 "GUETO"</b>                            | Acima de 60 anos<br>(5 pessoas por equipe)                      |
| <b>04 Corrida com pneu</b>      | a)Feminino<br>b)Masculino  | <b>18 Chutar bola</b>                        | Acima de 50 anos<br>(10 pessoas por equipe)                     |
| <b>05 Pescaria</b>              | Até 10 anos  | <b>19 Revezamento por idade</b>              | 10 até 60 anos<br>6 pessoas/equipe<br>a)Feminino<br>b)Masculino |
| <b>06 Acender vela</b>          | a)Senhoras<br>b)Acima de 60 anos                                   | <b>20 Corrida em dupla com pés amarrados</b> | a) Até 15 anos<br>b) Até 15 anos                                |
| <b>07 Revezamento 400m</b>      | Adulto/Feminino  | <b>21 Corrida com obstáculo</b>              | a) 7-9 anos<br>b) 10-12 anos<br>c) 13-15 anos                   |
| <b>08 Revezamento 800m</b>      | Adulto/Masculino   | <b>22 Corrida da colher</b>                  | a) 7-9 anos<br>b) 10-12 anos<br>c) 13-15 anos                   |
| <b>09 Pegar Grão</b>            | Convidados<br>a) Feminino<br>b) Masculino                          | <b>23 Revezamento 400m</b>                   | 08-11 anos<br>a) Feminino<br>b) Masculino                       |
| <b>10 Pegar Pão</b>             | a) Feminino<br>b) Masculino  | <b>24 Revezamento 400m</b>                   | 12-15 anos<br>a) Feminino<br>b) Masculino                       |
| <b>11 Corrida de 800m/1500m</b> | a) Feminino (800m)<br>b)Masculino (1500)                           | <b>25 Corrida de centopéia</b>               | ADULTOS<br>6 pessoas por equipe<br>a) Feminino<br>b) Masculino  |
| <b>12 Número da sorte</b>       | Acima de 75 anos   | <b>26 Cabo de guerra</b>                     | 06 até 13 anos  |
| <b>13 Pescar garrafas</b>       | a) Acima de 60<br>b)Feminino<br>c)Masculino                        | <b>27 Cabo de guerra</b>                     | ADULTOS<br>10 pessoas/equipe<br>a)Feminino<br>b)Masculino       |
| <b>14 Bola ao cesto</b>         | Acima de 75 anos<br>Até 10 anos                                    | <b>28 Encerramento e Premiação</b>           |   |
| <b>Almoço</b>                   |  |  |   |
| <b>Regras da Gincana:</b>       |  |  |   |

|  |  |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- Não pode correr dentro do círculo;</li> <li>- Não pode ultrapassar dentro do círculo. Somente pelo lado de fora;</li> <li>- Declarar idade certa;</li> <li>- O torcedor deve se manter fora da pista</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Manter limpo o campo</li> <li>- Para organizar e orientar as partidas, é necessário a ajuda de uma ou duas pessoas de cada região participante;</li> <li>- O integrante de cada região poderá participar somente uma vez por jogo.</li> </ul> |
|--|--|

Fonte: Elaborado pela autora com base na programação da 33ª edição do *undokai* da ENKYOSUL, realizado em 2014.

O referido programa indica, portanto, a realização de 27 atividades, que contemplam crianças bem pequenas, a exemplo da “corrida de 100m”, que indica participantes de (até 6 anos) e, a atividade com idades superiores foi observada no “número da sorte”, posto que sugere a participação de pessoas com idade acima de 75 anos, afora a dança que é um momento que contempla a todos. Ressaltamos também, a menção a atividade de número 17, nomeada no arquivo como “GUETO” se refere ao *Gueto toshi*, ou seja, momento do jogo de *gateball* em que a bola passa pelo “gate” (trave).

Nos anos subsequentes, a gincana *undokai* da ENKYOSUL seguiu normalmente com suas edições, havendo uma ruptura nos anos 2020 e 2021, em razão da pandemia Covid-19. Deste modo, com intuito de manter os laços entre as comunidades nipo-sul-riograndenses, a estratégia encontrada foi a de substituir a gincana por um “almoço de *undokai*”, onde as pessoas podiam buscar as refeições ou pedir entrega. Dentre as opções oferecidas estavam a *yakisoba*<sup>45</sup>, *manjū*<sup>46</sup> e *futomaki*<sup>47</sup> (ENKYOSUL, 2021).

Ademais, foi possível observar nas programações das edições consultadas, que o evento não visa criar um ambiente puramente competitivo, visto que todos ganham premiações pela participação no evento. Desse modo, tanto ganhadores como perdedores são agraciados com alimentos, que podem ser tanto não perecíveis como doces, bem como objetos escolares, produtos de limpeza e outros acessórios que mostrem consideração a sua presença e participação (SATO, 2011, ASSOCIAÇÃO...maio, 2014).

<sup>45</sup> *Yakisoba* significa literalmente “macarrão frito em molho”. Trata-se de um prato muito popular na culinária japonesa, feito de macarrão refogado com legumes e carnes, temperado com um molho de soja.

<sup>46</sup> *Manjū* é um doce cozido no vapor muito popular no Japão. São feitos de uma massa de farinha de trigo, farinha de arroz e que geralmente é recheada com pasta doce de feijão azuki.

<sup>47</sup> O *futomaki* é uma versão grossa do sushi enrolado com recheios diversos, que são embalados com arroz e nori e, posteriormente fatiados.

A presença do *undokai* também pôde ser evidenciado na Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti (ACEBN), conforme o jornal O Diário, datado do ano de 2003 menciona “a Tradicional Gincana Esportiva Undokai”, promovida pela Colônia Japonesa de Ivoti, acontecia desde a década de 1970, mesmo antes da criação da associação, fundada em 1981, visto que já estava em sua 30ª edição, primando pela conservação da cultura e conhecimentos originados dos antepassados por meio de uma experiência vinculada a momentos de desenvolvimento social.

Na publicação acima mencionada, foi aludido que, todos os anos, os habitantes da Colônia Japonesa se agrupavam para realizar o *undokai*, apontando para a promoção da integração, por meio do estímulo a jogos e brincadeiras que atraíam desde os mais jovens até os mais idosos. O evento havia acontecido em um sábado e havia decorrido ao longo de todo o dia, contemplando “velhas brincadeiras como a corrida com velas acesas, procura da noiva, cabo de guerra, entre tantas outras que envolveram várias pessoas que disputavam a gincana” (GINCANA..., 2003, p. 6).

Os vitoriosos foram laureados no fim de cada tarefa, com prêmios consumidos na culinária e na higiene, e o vitorioso final ganhou uma taça, que permaneceria de posse como campeão até o ano seguinte, quando, novamente, seria posta em disputa (GINCANA..., 2003). Na reportagem ainda constava um registro da brincadeira da “corrida com a bola”, a qual consiste de uma disputa entre duas pessoas que conduzem uma bola presa entre as pernas até um ponto determinado e, posteriormente retornam para passar a bola ao próximo da coluna. A prática havia sido realizada entre grupos mistos compostos por homens e mulheres de diferentes faixas etárias (GINCANA..., 2003).

A prática do *undokai* no Rio Grande do Sul, de acordo estudo de Cravo e Soares (2009) traz apontamentos referentes à periodicidade do *undokai* em Santa Maria. Os referidos autores, ao utilizarem informações obtidas por meio de entrevistas, evidenciaram que a gincana acontecia uma vez ao ano e era preparada pela Associação Nipo-Brasileira de Santa Maria (NIHONJINKAI), que com seus grupos etários, confiava o preparo do evento a diversas pessoas; entre estas, as mulheres nipo-brasileiras.

Ainda no estudo de Cravo e Soares (2009) o *undokai* realizado pela NIHONJINKAI era um espaço para descontração e sociabilidade, visto que na data em que se concretizava a gincana, as famílias vinham de muito longe para participarem de brincadeiras, bem como para cantar músicas no *karaokê* e dançar. Não obstante, o *undokai* perdeu sua força no referido local em função do movimento *dekassegui*<sup>48</sup> e, ainda, porque a mentalidade dos adolescentes e jovens com o tempo foi se alterando (CRAVO; SOARES, 2009). Esta mesma pesquisa, cita que o *undokai* foi conservado durante 50 anos e que a colônia japonesa de Santa Maria era extremamente unida em comparação com outros lugares. As informações relativas ao enfraquecimento das atividades culturais na associação NIHONJINKAI em decorrência do retorno dos japoneses ao país de origem, podem ser percebidas por meio de um excerto que eles compartilharam a partir das memórias de uma das entrevistadas para a pesquisa:

Antigamente realizávamos Gincana esportiva e Festival de artes cênicas (*engeikai*). Depois que iniciou o movimento *dekassegui*, a comunidade dispersou, principalmente porque o chefe de família se tornou ausente (CRAVO; SOARES, 2009, p. 7).

Cabe ressaltar que, as famílias de japoneses que chegaram à Santa Maria faziam parte dos grupos que desembarcaram no estado do Rio Grande do Sul no pós Segunda Guerra Mundial e, passaram a compor o cenário da sociedade santamariense no ano de 1957. O estudo de Silva (2019) infere que, mesmo antes de chegar ao Brasil, essas famílias realizaram na longa viagem diversas atividades dentro do navio *Afurika Maru* e, dentre elas estava o *undokai*.

Em trecho compartilhado por Elio Eugênio Müller (2011) em sua obra em homenagem a memória de Itati, o *undokai* é mencionado como uma das práticas as realizadas na cidade pela comunidade japonesa. O autor, na condição de descendente de alemães e pastor da Igreja Evangélica de Itati, descreveu algumas das suas experiências oriundas das competições da gincana relativas aos anos de 1972 e 1974, dos quais teve a oportunidade de participar:

---

<sup>48</sup> O fenômeno *dekassegui* tem se sobressaído, no Brasil, pelo significativo contingente de descendentes de japoneses que se desloca para o Japão, em uma procura por emprego e por uma poupança financeira, e que regressa novamente (RESSTEL, 2015).

Tive a oportunidade de participar das competições do *undokai*, realizadas em 1972 e 1973 no potreiro do Sr. Cristiano Bruschi, diante do cemitério da vila. Tratou-se de competições realizadas ao ar livre, algo que dependia de bom tempo. Felizmente nestes dois anos o dia escolhido foi perfeito, ensolarado e com temperatura agradável. O Dia do *undokai* é realizado preferencialmente no outono, mais precisamente no dia 1º de maio. [...] O objetivo da gincana é de integrar japoneses e descendentes, conta com competições esportivas, com participação de crianças e adultos, além de apresentações culturais de *taikô* (tambor), danças, além de comidas típicas.

O autor ainda inferiu, que todos haviam se divertido muito para realizar as atividades e, na sequência citou algumas das atividades destinadas para cada faixa etária e gênero, as quais foram dispostas na tabela seguinte. Destacamos que, algumas práticas foram descritas pelo autor e, por isso, optamos por trazer essas informações na sequência de seus nomes.

**Tabela 2 – Atividades *undokai* em Itati**

| Atividades para as crianças | Atividades para os jovens                          | Atividades para os adultos  | Atividades para os idosos  |
|-----------------------------|--|---|--|
| 01- bola no cesto           | 01-corrída de 100m (feminino) e 200m (masculino)   | 01-corrída com pneu   | 01-acender vela  |
| 02- corrida de 100m         | 02- corrida 200m (masculino)                       | 02-acender vela   | 02-número da sorte<br><b>Descrição:</b> cada um pega um número que corresponde a um prêmio |
| 03- corrida com obstáculos  | 03- corrida de dupla com os pés amarrados          | 03-pegar grãos com hashi  | 03- gueto toshi<br><b>Descrição:</b> jogo com bolas e tacos                                |
| 04 – ginástica              | 04- corrida de revezamento de quatrocentos metros. | 04- revezamento 400m (feminino)   | 04- chutar a bola  |
| 05 – dança                  |  | 05- revezamento 800m (masculino)  |  |
| 06- pegar bala              |  | 06-corrída de centopéia<br><b>Descrição:</b> seis pessoas realizam uma volta no campo com os pés amarrados um atrás do outro. |  |
| 07-corrída de colher        |  | 07-cabo de guerra   |  |

|                        |  |  |  |
|------------------------|--|--|--|
| 08-revezamento<br>400m |  |  |  |
| 09-Cabo de guerra      |  |  |  |

Fonte: Elaborado pela autora com base na programação do *undokai* em Itati com base em Muller 2011.

Na continuidade dos relatos voltados às suas impressões, o pastor Elio Müller ainda demarcou que havia sido para ele um privilégio ter podido desfrutar daqueles momentos de integração nas festas da Colônia Japonesa de Itati. Tanto que, como forma de retribuição, procuraram idealizar projetos, que permitissem agradecer as gentilezas à altura, visando também a integração dos japoneses nos eventos dos brasileiros, para que eles soubessem que tinham passado a fazer parte do povo do vale do rio Três Forquilhas.

Indícios do *undokai* foram localizados também na Associação Cultural Nipo Brasileira de Pelotas, concernente ao ano de 2017. O documento acessado convidava a todos para participar da “gincana poliesportiva” a qual seria realizada no dia 07 de maio, na sua sede na Avenida Idelfonso Simões Lopes, 3750, bairro Sanga Funda, Pelotas. A programação do evento, tal como constatado nos documentos alusivos à ENKYOSUL e demais associações, marcava o início da gincana para as 9h da manhã, bem como apresentou as atividades no texto primeiramente na língua japonesa e ao lado em português, com a descrição de cada atividade, conforme apresentado na tabela abaixo:

**Tabela 3 - Atividades *undokai* Associação Cultural Nipo Brasileira de Pelotas.**

| <b>Nome da atividade</b>       | <b>Público e descrição</b>   |
|--------------------------------|--|
| 01) <i>Gojyū meeturo Kyōsō</i> | (corrida de 50 metros rasos) para crianças.  |
| 02) <i>Hyaku meeturo Kyōsō</i> | (Corrida de 100 metros rasos) para as crianças.  |
| 03) <i>Ninin Sankyaku</i>      | (Corrida de três pernas) para crianças e para adultos. Em duplas, amarra-se a perna direita de uma pessoa à perna esquerda de outra, que abraçadas pelos ombros ou pela cintura correm juntas por 50 metros.   |
| 04) <i>Supuun reesu</i>        | (do inglês spoon race) corrida da colher com ovo (para senhoras- Mulheres casadas). Equilibrando um ovo em uma colher de sopa, em uma das mãos, as senhoras devem percorrer 50 metros de chegar sem deixar o ovo cair e sem segurá-lo com a outra mão. |
| 05) <i>Kani Kyōsō</i>          | (corrida de caranguejo), para as crianças e para   |

|                               |  |
|-------------------------------|--|
|                               | as mulheres. Em duplas, abraçadas de costas e correndo de lado, percorrer 50 metros.   |
| 06) <i>Sakana Tsuru Kyōsō</i> | (corrida da “pesca da garrafa”), para homens e para mulheres. O “peixe” a ser pescado, na prática, é uma garrafa vazia colocada em pé, na metade do percurso. Varas com um barbante e um prego de pelo menos 5 cm amarrado ao meio são deixadas no chão, a alguns metros da linha de partida. Cada participante sai correndo, pega uma vara, chega às garrafas e deve, a dois passos de distância, fazer com que o prego entre na garrafa. Com a garrafa presa à vara pelo barbante com prego, o participante deve completar o percurso sem deixar a garrafa cair. |
| 07) <i>Tamairê Kyōsō</i>      | (bolinhas ao cesto), para crianças. Dividem-se as crianças em dois times, que correspondem às cores- geralmente branco e vermelho- de dezenas de bolinhas de pano recheadas com retalhos, do tamanho de bolas de beisebol. Uma pessoa- de preferência com um capacete na cabeça- segura no centro do campo um grande balde instalado na ponta de uma vara ou cano com aproximadamente 4 metros de altura, no qual as crianças devem durante 5 minutos jogar e tentar encestar o maior número de bolas da cor do seu time.  |
| 08) <i>Tsunahiki</i>          | (cabo de guerra), misto, para grupos de crianças e grupos de adultos.  |
| 09) Música                    | Karaokê  |

Fonte: Elaborado pela autora com base na programação do *undokai* da Associação Cultural Nipo Brasileira de Pelotas realizado em 2017.

No texto de divulgação do evento, a associação de Pelotas ainda solicitava que fossem doados objetos/gêneros que pudessem servir de prêmio, e, se possível, que as famílias contribuíssem para o almoço com um prato de sua especialidade para compor o buffet comunitário e informou que haveria no local venda de churrasco.

Diante das evidências acerca das representações do *undokai* nas associações de nipo-sul-riograndeses podemos inferir que a gincana reflete uma tradição de outros tempos. Por meio de sua realização são partilhados significados em torno da identidade cultural desse grupo, os quais são canalizados por aqueles que participam, cunhando uma atmosfera simbólica de demarcação de fronteiras perante outros grupos étnico-culturais. As práticas corporais realizadas nas diferentes edições narradas da gincana, além de representarem a coesão entre os indivíduos, reforçam a memória coletiva da comunidade, ou, como indica Chartier

(2000), as representações vão sendo fortalecidas por meio da resignificação destas práticas, que os leva a constituir novas formas de compreenderem-se tanto individualmente quanto como um grupo diante do mundo social que os cerca.

## 5.2 RÁDIO TAISSÔ: A GINÁSTICA RÍTMICA RADIOFÔNICA

O *rádio taissô* consiste de em ginástica rítmica transmitida pelo rádio, idealizada como um ato em memória a entronização do Imperador *Hirohito* (1901-1989). O termo japonês *Taissô*, pode ser traduzido como "exercícios de corpo ou ginástica" é de origem moderna e associa-se a contextos militares. Conforme Shimizu (2007), o *taissô*<sup>49</sup> antes de chegar ao rádio, percorreu um grande percurso que iniciou na Era Meiji (1868-1912).

Evidências históricas apontam que Nishi Amane, um famoso filósofo atuante na década de 1870 foi convidado para elaborar um código sobre a lei moral e física para o Ministério do Exército. Tendo como base estudos desenvolvidos sobre a ginástica no ocidente, este intelectual buscou elaborar um termo que pudesse ser aceito em território japonês, ao fazer referencia a exercícios corporais calistênicos. Desse modo, a partir da expressão, 'art d'Exercer le corps ', contida na edição de 1868 do dicionário francês-japonês de Noël's, cunhou o termo *taissô-jyutsu*, que mais tarde veio a se tornar *taissô* or *taijyutsu*.

Destacamos, portanto, que no início o *taissô* esteve fortemente associado a exercícios militares, como resultado da posição oficial de Nishi como um membro do Ministério da Educação e Cultura e do Ministério do Exército. Os exercícios realizados como um método de treinamento físico, usados em combinação com comandos militares, objetivavam melhorar a forma física de soldados japoneses. Ao mesmo tempo em que sua elaboração visava construir uma estrutura moderna do exercito nacional, visto que vigorava na época o discurso de promover atividades e rotinas que melhorassem o corpo físico e cultivassem soldados fortes. A partir dessa perspectiva, o *taissô* se tornou profundamente ligado com a educação disciplinar e treinamento físico, pricipalmente nas escolas.

---

<sup>49</sup> Termo que designa Educação Física, mas por consistir de movimentos ritmados também é descrita como ginástica.

Em vias de corroborar com o exposto, Shimizu (2007) menciona que no ano de 1886, o *taissô* foi introduzido como matéria obrigatória nos currículos escolares através das “Leis Escolares”, por meio da promulgação de Arinori Mori, primeiro ministro da Educação e Cultura do Japão. Ainda no mesmo ano, o referido ministro emitiu a “Lei da Escola Normal ”com a finalidade de formar professores para educar os alunos de uma forma que nutrisse um caráter sério, obediência e amizade.

Ainda referente ao contexto educacional, foi evidenciado que, no ano de 1913 o *taissô* presente no currículo dos professores, sofreu algumas alterações, elaboradas por Nagai Michiakira, que havia estudado ginástica sueca e esportes na America Grã-Bretanha e na Suécia. As modificações realizadas por esse professor, em parte, estiveram pautadas em seu posicionamento crítico frente ao Ministério da Educação por sua forte dependência do Exército, porque segundo ele, a principal responsabilidade das escolas deveria ser “treinar a juventude”.

Cabe ressaltar que, naquele tempo a regulamentação da cultura escolar era profundamente influenciada pelas condições e acontecimentos sociais, tal como as guerras, que por muito tempo marcaram a sociedade japonesa. Desse modo, a escola por ser um lugar onde a educação era fornecida, por meio da educação disciplinar e treinamento físico, também funcionava para moldar o corpo e espírito em uma forma desejada pela nação. Após o *taissô* ter alcançado os ambientes militar e escolar com repercussão favorável, posteriormente, alcançou um dos sistemas de comunicação mais efetivos da época. Foi então que, no ano de 1928 surgiu o *rádio taissô*, ginástica orientada com músicas pelo rádio, como outra ferramenta para produzir um corpo disciplinado, especialmente no tempo de guerra.

Na década de 1930, a prática, para além dos ambientes já citados, passou a ser realizada em diversas instituições japonesas, como: fábricas, empresas, corporações e organizações locais. Aliado a isso, surgiram no país, clubes de *rádio taissô*, que se tornaram uma tendência no Japão e se expandiram rapidamente. Com o passar dos anos, essa prática passou a ser realizada com orientações gravadas em fita cassete, cuja série de exercícios era acompanhada normalmente por música de piano (SHIMIZU, 2007).

A prática do *rádio taissô* fez parte até mesmo da rotina dos soldados japoneses durante a Segunda Guerra Mundial, onde os soldados começavam o seu dia sempre com o mesmo ritual. O *rádio taissô* foi brevemente suspenso em 1945

com o término da Segunda Guerra Mundial, quando o Supremo Comando das Forças Aliadas proibiu a prática em todo o território japonês, retornando somente em 1950 a ser transmitido pela Nihon Hōsō Kyōkai <sup>50</sup> (NHK) (RADIO TAISO,....2017).

No Japão, os exercícios de *rádio taissō* atualmente, são transmitidos pela NHK também pelo nome “*min’na no taiso*”, diariamente, em diferentes horários para todo o território nacional. A ginástica apresenta níveis, normalmente, conforme o nível de dificuldade. No entanto, se caracteriza por movimentos simples, podendo ser praticada por qualquer pessoa, em qualquer hora e em qualquer lugar. Dentre os objetivos do *rádio taissō* estão a promoção da saúde, relaxamento muscular, melhora da flexibilidade, ativação da circulação sanguínea, disposição, enfim, se direciona a melhorar a saúde e o bem-estar e a saúde em geral, não importando o gênero ou a idade. Assim sendo é possível observar séries de exercícios que contemplam mesmo pessoas com mobilidade limitada, tal como cadeirantes (INOUE, 2017).

No Brasil, o *taissō* teria chegado por meio de executivos nipônicos no ano de 1969, nos estaleiros da Ishikawajima do Brasil (ISHIBRAS) <sup>51</sup>, empresa localizada no Rio de Janeiro, onde até a atualidade são praticados os exercícios visando a prevenção de acidentes de trabalho. Os exercícios desenvolvidos na ISHIBRAS tinham a duração, em média, de dez minutos e faziam parte de um Programa de “Ginástica Matinal”, nomenclatura essa também utilizada por praticantes da filosofia de origem japonesa Seicho-no-ie, que desenvolve seminários nas “Academias de Treinamento Espiritual”.

Além disso, na década de 1970 foi formada a primeira associação de “Rádio Taissō” <sup>52</sup> no Brasil, no bairro da Liberdade, em São Paulo, onde a técnica japonesa de se exercitar ao som de um rádio foi adaptada para a realidade dos brasileiros, abrindo espaço para atuação dos Profissionais de Educação Física da época (BRANCO et.al, 2015). Deste modo, os primeiros indícios da organização do *rádio taissō* em termos associativos, fazem referência ao dia 18 de junho de 1978, ano em que a associação foi fundada a Federação de Rádio Taissō do Brasil. Cabe destacar

---

<sup>50</sup> A Nihon Hōsō Kyōkai (NHK), também chamada em inglês: Japan Broadcasting Corporation, ou em português: Corporação de Radiodifusão do Japão) é a organização nacional de radiodifusão e televisão pública do Japão.

<sup>51</sup> Ishikawajima do Brasil Estaleiros S/A (ISHIBRAS) é um estaleiro brasileiro, instalado na cidade do Rio de Janeiro. A empresa pertence a multinacional japonesa IHI Corporation.

<sup>52</sup> Termo adaptado para a grafia portuguesa. Mesmo que o termo já tivesse sido adaptado ao Romaji, foi necessária uma segunda adaptação para marcar a acentuação.

que, a idealização da referida federação, escolheu a data em questão, com intuito de comemorar os 70 anos de imigração japonesa no país.

De acordo com Polito (2010) a Federação de “*Rádio Taissô*” do Brasil possui praticantes ligados a 30 entidades divididas em quatro estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Mato Grosso do Sul, estimando-se que no país há mais de 10.000 praticantes. Dada a importância da ginástica para a comunidade japonesa de São Paulo, no dia 14 de março de 1996, o governador à época, Mário Covas, promulgou a lei estadual nº 9.345, que instituiu o “Dia do *Rádio Taissô*”, comemorado em 18 de junho (POLITO, 2010).

No que tange ao estado do Rio Grande do Sul, o *rádio taissô* também contou com a contribuição dos imigrantes, na medida em que estes, após se estabelecerem economicamente, passaram a fundar associações de conterrâneos. Deste modo, após o período inicial de imigração japonesa para o Rio Grande do Sul, circunscrito ao ano de 1956, pouco a pouco começaram a surgir as primeiras associações de nipo-brasileiros do estado. Havendo evidências que as primeiras associações surgiram na década de 1960.

Nestas associações nipo-brasileiras do Rio Grande do Sul, o *rádio taissô* passou a ser desenvolvido, principalmente, como forma de aquecimento em eventos, como o *undokai*, tal como observado na Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti (ACENB)<sup>53</sup> e Associação de Assistência Nipo Brasileira do Sul (ENKYOSUL)<sup>54</sup>. Tal como infere Gaudioso (2019), tradicionalmente, no Brasil, a ginástica, além de ser praticada matinalmente em diversas comunidades onde há grande concentração de imigrantes japoneses, também se faz presente em eventos como *undokai*, como primeira atividade do dia. Essa ginástica coletiva acompanhada de música rítmica serve como exercício de aquecimento para os participantes desse evento festivo e esportivo.

De modo específico, no que se refere aos indícios relativos a essa ginástica na ENKYOSUL, nos anos de 2016 e 2017, a autora da presente pesquisa, quando ainda cursava o mestrado, pode participar de duas edições do *undokai* da ENKYOSUL. Nestas oportunidades, foi possível praticar o *rádio taissô* junto com a comunidade nipo-brasileira, representada naquele momento por pessoas vindas de várias regiões do estado. Nos dois momentos em questão, o *rádio taissô* fez a

abertura da programação da gincana, com início às nove horas da manhã. Assim sendo, após a parte cerimonial, que incluía o hasteamento das bandeiras e hinos do Brasil e do Japão, todos foram convidados a permanecer no gramado e realizar o *rádio taissô*, a fim de preparar o corpo para as demais atividades esportivas e brincadeiras que seriam realizadas ao longo do dia.

As séries de movimentos realizados incluíram uma espécie de marcha estacionária, elevação de braços na altura dos ombros, ao mesmo tempo em que se realizava flexão de joelhos, posteriormente foram realizadas rotação de tronco para o lado direito e esquerdo com o braço correspondente estendido e acompanhando a rotação, e outros movimentos tais como flexão de tronco até aproximadamente 90° com retorno, ou seja, extensão de tronco, com leve hiperextensão acompanhada de mãos na cintura ao mesmo tempo em que era necessário olhar para o alto.

Em Ivoti, o *rádio taissô*, emergiu das fontes que referenciavam o *undokai*, onde constatamos sua presença em diferentes edições da gincana. A fim de confirmar tal dado, o Jornal O Diário anuncia que o “*rádio taissô*” havia composto o *undokai* realizado na colônia japonesa de Ivoti no ano de 2012. Dentre as vinte modalidades esportivas disputadas, que entreteram os participantes, realizadas na gincana, estava o *radio taissô* como um dos momentos iniciais do evento, como forma de aquecimento para todos (UNDOKAI..., 2012).

A fim de viabilizar o *rádio taissô* nas associações, diferentemente da forma antiga em que se utilizava fita cassete, são utilizados CDs ou Pen Drive que contenham a gravação da série de movimentos a serem executados. Os áudios em questão possuem ao fundo uma música ritmada de piano e, juntamente a isto, os comandos são transmitidos em japonês e cadenciados através de uma contagem, que evidencia quantas repetições são necessárias. A partir da contagem em japonês, os praticantes são orientados a realizar movimentos de rotação, circundução, flexão e extensão de diferentes segmentos corporais, tais como: estender os braços na altura dos ombros e desce-los até a altura dos quadris, juntamente com leve flexão de joelhos. Bem como, rotação e flexão de tronco para ambos os lados, para frente e para trás (UNDOKAI...2 abr. 2012).

Conforme a senhora Iaiou Tao, filha de imigrantes que cresceu na colônia japonesa de Ivoti e professora da “*Nihongo Gakkou*” (escola de língua japonesa) na

comunidade, o *rádio taissô* <sup>55</sup> era normalmente utilizada como prática de alongamento e já era praticada na escola de língua japonesa de Ivoti desde os anos 1970. Sendo que o próprio professor de língua japonesa na escola orientava a prática antes do início das aulas e, também, era feito pelos pais nos “*undokais*” e em campeonatos de *softbol* na Colônia Japonesa de Ivoti e outras localidades dos encontros, em cidades como Sapucaia do Sul, no campo esportivo da Lanifício Kurashiki e atualmente no campo da ENKYOSUL em Gravataí (TAO, 2022). Cabe destacar que, desde o ano de 2022 o *rádio taissô* passou a ser realizado como uma das atividades de abertura da Feira da Colônia Japonesa e, no referido ano a autora participou da atividade juntamente com a professora Iaioi Tao.

No que concerne aos objetivos e descrição dos exercícios, posto que em Ivoti, não foram encontrados documentos que assinalassem os benefícios da prática, por intermédio da professora Iaioi, fomos colocados em contato com o presidente da Federação Brasileira de Rádio Taissô, do Brasil, Jorge Kinoshita. Posto que em Ivoti, normalmente, a versão praticada é nomeada “Ginástica Rítmica RádioTaissô 1”, o Sr. Jorge, gentilmente, nos cedeu o programa contendo as etapas referentes a versão descrita.

**Tabela 4-** Descrição de Exercícios de Rádio Taissô

| Programa “Ginástica Rítmica RádioTaissô 1” |   |
|--|---|
| Marcha (canção) e o Exercício do Pescoço.  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- MARCHA - a música estimula o Sistema Límbico, no cérebro, centro das Emoções e da Alegria; incentiva a continuar com o exercício.</li> <li>-Fortalece e desenvolve as Panturrilhas (batata da perna) considerada como Segundo Coração, pois alivia o esforço coronário para trazer o sangue da parte inferior do corpo.</li> <li>- A Marcha com 150 passos, use tênis de solado fino, estimula os pontos de Acupuntura, na sola dos pés, equilibrando as energias vitais do organismo. O Exercício do Pescoço, além de tonificar os músculos em torno, estimulam os Nervos Vagos, o Frênico e outros.</li> </ul> |
|  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- A maioria dos exercícios é feita com os dedos da mão levemente fechados, para evitar colocar força nos dedos. Dar início aos movimentos, quando o comando diz Hay (Rai). As mãos estendidas na lateral das pernas. Pés com os calcanhares juntos e abertos em V. Braços</li> </ul>   |

|  |  |
|--|--|
| <p>Rádio Taissô 1 - Exercício 1 - Alongamento da coluna.</p> | <p>paralelos, entre si, ao levantar, inspire o ar (O<sub>2</sub>) pelo nariz. Ao abaixar lateralmente os braços, dedos estendidos, próximos das laterais das pernas.</p> <p>Observe a respiração, inspirar o ar pelo nariz, quando levanta os braços (amplia a caixa torácica) e expirar pela boca, quando abaixa os braços (a caixa torácica diminui, os músculos abdominais empurram o Diafragma para cima, ajudando a saída de mais ar (CO<sub>2</sub>)).</p> <p>O ideal é respirar bem a cada exercício, em todos os movimentos. Não se preocupem com o Inspirar (ato involuntário) e sim com o Expirar (ato voluntário) pela boca, assoprar, soltar o ar pela boca.</p> |
| <p>Rádio Taissô 1- Exercício 2</p>                           | <p>- Dobrar e esticar as pernas, balançando os braços. Terminando o exercício 1, o seguinte começa já cruzando os braços, ao mesmo tempo, levantando os calcanhares (juntos), flexionando levemente os joelhos para a frente.</p> <p>Ao elevar os braços, estes devem ficar paralelos ao solo, até aqui com os calcanhares levantados. Ao cruzar os braços, na frente do torax, quase na altura dos ombros, cotovelos justapostos. Mãos com dedos levemente fechados.</p>  |
| <p>Rádio Taissô 1 - Exercício 3 - Girar os braços.</p>       | <p>Girar os braços, bem próximos do rosto. Ao levantar os braços - inspirar o ar, pelo nariz; e ao abaixar os braços, expirar, soltar o ar pela boca. Mãos com dedos levemente fechados. Braços paralelos ao solo, observar os pés - calcanhares juntos, em V. Acompanhar o ritmo, tempo de execução. A respiração abdominal é a melhor, o bebê respira assim, o adulto é que respira mal. Pela boca elimina mais CO<sub>2</sub> (dióxido de carbono,) assim temos uma vida mais saudável.</p>   |

Fonte: Elaborado pela autora a partir do programa disponibilizado por Kanoshita (2022).

O programa apresentado acima, envolve movimentos suaves e dinâmicos que contemplam o corpo como um todo. Além de melhorar a flexibilidade e fortalecer a musculatura, apresenta benefícios cardiorrespiratórios e, do mesmo modo, a música estimula o Sistema Límbico, no cérebro, responsável pelas respostas emocionais, comportamento e memória.

Ao nos determos na prática do *rádio taissô*, realizadas tanto pela associação ACENB de Ivoti, quanto pela ENKYOSUL, foi possível inferir que há um local de destaque para essa forma de ginástica, denotando sua preferência diante da comunidade nipo-brasileira que circula por estes eventos como o *undokai* que, promovem momentos de integração, viabilizados pelo encontro entre as gerações, o

que indica um movimento voltado a preservação e continuidade de certas práticas corporais por este grupo social, o que contribui para a manutenção da identidade japonesa no estado do Rio Grande do Sul. Por meio da realização do *rádio taissô* ao longo dos anos nas associações, o engajamento da comunidade como um todo se torna evidente, reproduzindo uma memória de outros tempos.

### 5.3 DANÇAS TRADICIONAIS JAPONESAS

Tratar das representações acerca das danças tradicionais japonesas nas associações de nipo-brasileiros do Rio Grande do Sul, para além da história que as constitui, se destaca o grande senso estético e leveza, observados nos diferentes grupos que se organizam em prol de difundir as danças advindas de sua terra natal. Suas formas de expressão atingem características que ultrapassam a noção de espetáculo, podendo simplesmente estar associada a uma movimentação poética do corpo a ser representada em momentos corriqueiros da vida, em suas expressões mínimas. É uma arte, uma linguagem que comporta um nobre veículo simbólico de estados de espírito culturalmente compreendidos compartilhados por inúmeros grupos sociais (OSHIRO, 2016).

As danças tradicionais japonesas, e as danças de uma forma geral, por vezes se apresentam por meio do termo “*odori*”, que representa as práticas corporais fundamentadas, em grande parte, por culturas populares e religiosas, estando entre as suas vertentes mais antigas àquelas transmitidas pela tradição *Kagura*<sup>56</sup>, como os episódios mímicos da mitologia Xintoísta, vinculada às relações entre a humanidade e aos deuses. Corroborando com exposto, Iwamoto e Sarat (2016), inferem que as danças cerimoniais originadas a partir da influência da religião Xintoísta, eram criadas de forma a expressar os mandamentos dos deuses e fortalecer as preces dos seguidores.

---

<sup>56</sup> Os relatos mais antigos da música Xintoísta, ou *kagura* (música dos deuses), estão preservados no mito da deusa do sol Amaterasu que, tendo sido ofendida pelo seu irmão, ocultou a sua luz na Caverna Rochosa dos Céus. Segundo a lenda, Amaterasu foi atraída para fora da caverna por uma música tocada pela deusa Ama no Uzume no Mikoto, gerando a compreensão de que os deuses são atraídos pelas performances musicais e, assim, revitalizam a comunidade. *Mikagura*, ou *kagura* de corte, é distinta da *sato kagura*, ou *kagura* de vila, que compreende uma série de estilos musicais locais, associadas a regiões particulares ou santuários. *Kagura* de vila pode ser escutada por ocasião de festivais, quando os intérpretes acompanham suas músicas com flautas transversais e uma variedade de tambores (PLUTSCHOW, 1996).

No Japão, para além das referidas práticas de dança, são notadamente reconhecidas ao redor do mundo, as performances teatrais observadas no *Noh* e *kabuki*<sup>57</sup>, que narram histórias acompanhadas por músicas produzidas a partir de instrumentos nativos de *koto* ou *shamisen*. Observa-se, do mesmo modo, outras práticas de dança que simbolizam importantes acontecimentos, tais como as estações do ano, celebração aos alimentos, plantio de arroz, semeadura, pesca, incluindo também, a dança da chuva. Tais práticas também podem ser observadas em festivais e são muito apreciadas por turistas que visitam o Japão (MATIDA, 2013; FREDERIC, 2005).

Devido ao fato de existirem manifestações diversas relativas às danças, estas também recebem denominações específicas dependendo das pessoas que as realizam, podendo ser idosos, jovens, crianças, dentre outros grupos (FREDERIC, 2005). O ato de dançar pode ser apropriado de diferentes formas, indo além da noção de espetáculo, uma vez que, pode ser associado a uma movimentação poética do corpo, a expressar momentos corriqueiros da vida. Segundo Oshiro (2016), as danças tradicionais japonesas compreendem uma arte, uma linguagem, que comporta um nobre veículo simbólico de estados de espírito, culturalmente compreendidos e compartilhados por grupos sociais.

A história das danças tradicionais japonesas em contexto brasileiro, remete ao ano de 1908, que demarca oficialmente o ingresso do primeiro grupo de imigrantes japoneses no Brasil por meio da chegada do navio *Kasato Maru* ao Porto de Santos, em São Paulo. As danças tradicionais trazidas pelos imigrantes e descendentes de japoneses, cultivadas nas comunidades nipo-brasileiras, podem ser consideradas como uma das formas de expressão corporal que representam o grupo, em um espaço e tempo determinados socioculturalmente. Dentre as formas representativas das danças tradicionais japonesas mais difundidas no Brasil, se encontra o *Bon Odori*. Esta prática é uma tradição japonesa milenar, com raízes budistas, cujo sentido primordial se destina a homenagear os mortos (KUBOTA, 2008).

---

<sup>57</sup> O teatro de máscaras *Noh* é uma tragédia clássica que floresceu no período Muromachi (1333-1573), na era medieval nipônica. O teatro *kabuki*, composto unicamente de homens adultos, retrata seres excêntricos e vistosos, tendo sido desenvolvido no período Tokugawa (1603-1867). Enquanto o *Noh* prima pelo minimalismo e sugestão na atuação, o *kabuki* é bem mais realista, mas de um realismo estilizado, diferente do ocidental. O *kabuki* chega, por vezes, ao exagero teatral (KUSANO, 2013).

No Brasil, há evidências desta dança budista entre os primeiros imigrantes japoneses. Segundo Handa (1987), o *Bon Odori* era dançado na época dos finados, sendo especialmente famosas as encenações nos templos Nishi-Honganji de Londrina, bem como nos Nambei-Honganji de Apucarana e Maringá, cidades do estado do Paraná, onde está situada a segunda maior comunidade japonesa do país, atrás apenas de São Paulo (PRUTSCH, 2014). Nos dias destinados à referida festividade, as praças e as entradas dos templos ficavam lotadas de pessoas, vindas de diversos lugares, para assistir as apresentações. O *Bon Odori* da cidade de Apucarana, no templo Nambei-Honganji, possui um pátio onde eram realizadas as danças, tendo no centro um palco alto onde ficava o conjunto de acompanhamento musical com flautas e tambores. Conforme conta Handa (1987), durante a homenagem, era possível vislumbrar várias *chochin* (lanternas) penduradas, e, acima delas, um toldo, cobrindo toda a extensão do pátio, dando a impressão de um imenso barco.

Conforme o apontado pelo estudo de Ennes (2001), voltado a investigar o *Bon Odori* no contexto de Pereira Barreto, em São Paulo, evidenciou que a prática da cerimônia é realizada anualmente e, geralmente, entre os meses de julho e agosto. Nesta localidade, a cerimônia do *Bon Odori* faz parte das atividades de comemoração de aniversário da cidade e, por esta razão, acontece antecipadamente, no último final de semana de julho. A festa do *Bon Odori* da cidade de Pereira Barreto é considerada uma das mais bem organizadas de todo o Brasil.

Ainda em contexto paulista, o *Bon Odori*, é apropriada por intermédio do associativismo, conforme o mencionado em reportagem do Diário Popular, publicada em 30 de junho de 1970, em São Paulo havia a Sociedade Cultural do ABC, a qual reunia grande parte da colônia radicada em São Bernardo do Campo e da Sociedade *Fukushima Kenjin*. A realização da dança envolvia um preparo especial, onde a Sociedade Cultural do ABC, ornamentava o local com lanternas japonesas, tendo em cada uma delas o nome das províncias do Japão onde foram travados os combates entre samurais – guerreiros que usavam o *taikô*<sup>58</sup> durante os combates e aterrorizavam as aldeias. De acordo com a reportagem, “a dança *Bon Odori* era

---

<sup>58</sup> O *taikô* é um instrumento de percussão, confeccionado com pele animal. Pode ser tocada com a mão ou com o uso de baquetas.

executada ao som de instrumentos, por personagens vestidos de gueixas, que reviviam o antigo folclore<sup>59</sup> japonês” (SBC: FOLCLORE..., 30 jun.1971).

Especificamente no Rio Grande do Sul, as fontes consultadas as quais tivemos acesso acerca das danças tradicionais japonesa no estado, correspondem às décadas de 1960 e 1970, período no qual as famílias dos imigrantes japoneses já estavam devidamente estabelecidas em terras de diversas regiões do estado, dedicando-se à agricultura. Nestas colônias, os imigrantes e descendentes de japoneses procuravam se organizar de modo a preservar as suas práticas culturais (CANTARINO FILHO; MIURA, 2010).

Destaca-se, que no ano 1964, em um anúncio do jornal Diário de Notícias, foi dedicada uma página inteira ao “Festival Folclórico Japonês”, realizado no Teatro São Pedro, em Porto Alegre/RS. Segundo as palavras registradas no referido meio de comunicação, observa-se que o encontro era percebido com grandes expectativas pela comunidade contando, inclusive, com a presença da consulesa do Japão, Maria Cecília Mitsuko Kondo: “a colônia nipônica do Rio Grande do Sul brindará o nosso público domingo com uma promoção que na certa será inesquecível: Festival Folclórico Japonês” (SAMURAI..., 13 nov. 1964).

Na programação do Festival exibia-se a descrição de cada dança, fosse ela individual ou em grupo, escrita, primeiramente, em *rōmaji*<sup>60</sup> e, posteriormente, em português, além de uma breve explicação sobre o que representaria cada *performance*. A apropriação dos dois idiomas dá a ver a construção de uma representação que atua como marcador social de um grupo, que assume a sua realidade exterior, ao mesmo passo em que afirma uma identidade nipônica.

Segundo a programação, a primeira apresentação do dia cabia ao grupo de dança da colônia japonesa de Viamão, denominado “*Sakura Nippon*” - Cerejeiras do Japão. O grupo apresentaria uma dança, que expressaria a alegria pelo fim do rigoroso inverno e o começo da primavera, com o florescer das cerejeiras. Seria, também, apresentado um bailado infantil chamado “*Oningyoo san*”, em torno de

---

<sup>59</sup> Neste estudo a palavra “Folclore” está sendo compreendida como “o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individuais ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade” (CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO, 1995 [s.n.]).

<sup>60</sup> A palavra *rōmaji* significa literalmente “letra romana” e é empregado na transcrição fonética da língua japonesa para o alfabeto latino (ou romano). Esta adaptação é utilizada para estrangeiros podendo ser encontrada, também, em dicionários e em livros didáticos para os estudantes da língua.

bonecas; outro chamado “*Okoma sugata*”, cuja dança buscava representar os sonhos de crianças de Okoma; a dança “*Kuroda bushi*”, sobre o samurai de Kuroda; a “*Gion Kouta*” (a canção de Gion), retratando uma dançarina solitária que em noite de luar contemplava a lua no silêncio da noite; e a dança “*Tsuki no sabaku*”, sobre uma caminhada ao luar do deserto. Integrando uma programação de 15 apresentações, estava elencado para o final da festividade, um grupo denominado “Danças Gaúchas”, composto por nipo-brasileiros de Viamão (SAMURAI..., 13 nov. 1964).

Na ENKYOSUL também encontramos menções às danças tradicionais, porém, em um contexto mais ligado às atividades da terceira idade. No ano de 2013, o informativo da associação divulgou que dentro das atividades para a terceira idade, o grupo de danças “*Katobuki*” vinha todas as quartas-feiras treinar e aperfeiçoar os passos de dança, trazendo alegria, harmonia e momentos de descontração aos participantes (ATIVIDADES..., ago., 2013).

Os encontros realizados pelo grupo ocorriam nas dependências da sede da ENKYOSUL em Porto Alegre, localizada no bairro Anchieta. Conforme imagem que acompanhava o informativo podemos observar, um grupo composto por seis senhoras, todas elas vestindo *kimonos* com gravuras que lembravam ondas do mar e, cada uma delas carregava um objeto diferente, sendo três portando um *Ôog*<sup>61</sup> (leque) e três o que parecia ser uma *wagasa*<sup>62</sup> (tradicional sombrinha de papel e bambu).

Em uma edição especial do Enkyo News, intitulada “Pessoa brilhante”, Kumiko Tashiro, uma das responsáveis por desenvolver as danças tradicionais e músicas folclóricas japonesas no estado, teve parte de sua história retratada. A senhora Kumiko nascida no ano de 1933 e registrada na província de Kagoshima, imigrou para o Brasil em 1958 e suas memórias evidenciaram que no início, as condições disponíveis para as pessoas disfrutarem dos momentos de dança, não

---

<sup>61</sup> Na cultura japonesa, os *Ôogi* são leques tradicionais utilizados em muitas danças. Esse acessório é indispensável na vestimenta de uma gueixa, que jamais ficará completamente vestida se não estiver segurando esse acessório ornamental. No Japão, ele possui uma série de utilidades, a mais simples é proporcionar uma brisa fresca ao usuário. E, antigamente, os leques também eram usados em cerimônias religiosas, com a intenção de afastar o mal. Era também muito usado para proporcionar sombra para as moças aristocratas ou da realeza japonesa.

<sup>62</sup> *Wagasa* é o nome dado a tradicional sombrinha do Japão, associada, na atualidade, principalmente as gueixas do país, mas que na verdade, possui outros significados. Originária da China, o guarda-chuva era usado como objeto sagrado em cerimônias budistas, além de ser símbolo de fertilidade, bênçãos e prosperidade.

eram muito favoráveis, posto que tinham que ‘produzir tudo’. No entanto, isso, lhe dava um incentivo grande. Assim sendo, quando não existia a música gravada, ela cantava e ela juntamente com as demais integrantes do grupo, dançavam ao som do seu canto.

Ao ser questionada sobre o tempo dedicado as danças, no ano de 2019, em que o informativo circulou, ela havia completado 60 anos de dedicação a essa prática corporal. Na ocasião, ela ainda mencionou que os encontros ocorriam na ENKYOSUL, e o *Katobuki Tomo no Kai*, se reunia com as pessoas idosas para cantar músicas antigas e dançar. Em alusão ao passado, ainda rememorou que, embora a vida de agricultor fosse árdua, a dança lhe dava coragem e ânimo

Além do exposto, as danças também foram mencionadas como uma tradição, visto que Kumiko tinha quatro netas como integrantes do Grupo Shinsei de Dança Tradicional. Sobre a referida informação mencionou:

Este grupo foi criado por elas mesmas eu só ajudo. Na dança típica japonesa é importante os movimentos silenciosos, calmos e em paz, mas elas acham que este pensamento não coaduna com os brasileiros. Assim, elas inserem mais movimentos. Para os olhos de japoneses podem parecer estranho, mas é bom aproximar aos brasileiros alegres. O pensamento jovem avança para a frente (ENKYONEWS, 2019).

De forma complementar, o ENKYONEWS finalizou, salientando que a senhora Kumiko era uma pessoa que irradiava a alegria de viver e transmitia a todos que se aproximavam dela, tal comportamento foi evidenciado como uma a filosofia de vida adotada por ela que, através da dança transmitia não só a cultura japonesa, mas a alegria de viver (ENKYONEWS, 2019).

À guisa de trazermos indicativos que corroborassem com as informações mencionadas pela reportagem do ENKYONEWS, constatamos que a presença do grupo de danças tradicionais denominada Shinsei possui significativa atividade em eventos realizados ao redor do estado. E, devido às ligações parentais, o grupo Shinsei no dia 23 de janeiro de 2019, compartilhou em suas redes sociais a reportagem acima referida. Além disso, as integrantes do Shinsei citaram que Kumiko Tashiro, era considerada uma das inspirações do grupo. “É por conta da

dedicação dela e de outras senhoras que o Shinsei existe. Elas trouxeram para o Brasil a sua cultura e, assim, mantiveram os laços com sua terra natal e mostraram aos brasileiros um pouco da cultura japonesa” (GRUPO SHINSEI, 2019).

De acordo com Coin (2019) Shinsei significa “a nova estrela”, e este é o nome do grupo que traz a tradição folclórica da dança japonesa para eventos em todo o Rio Grande do Sul. No Festival Japão realizado nos dias 17 e 18 de agosto de 2019, o grupo havia se apresentado e, por meio da dança transmitiu delicadeza e história. O Shinsei é composto por 15 integrantes, grande parte delas descendentes de japoneses, embora tal fato não seja uma regra, ou seja, para participar do grupo não precisa ter laços familiares com japoneses, basta a vontade de aprender.

Na ocasião do Festival, a dança apresentada se constituiu de uma junção de todas as danças que os povos japoneses apresentam na época do festival Bon Odori. No Japão, cada região comemora com uma dança específica e, aqui no Brasil, o Grupo Shinsei contempla todas essas danças, como uma forma de homenagem à cultura japonesa. Do mesmo modo, Coin (2019) ao entrevistar a arquiteta Daniela Yumi Yoshimoto, de 27 anos, uma das dançarinas do grupo, evidenciou que o amor pela dança havia começado na infância pela figura da avó, Kumiko Tashiro, 85 anos, que amava a forma de expressão e transmitia o conhecimento para as netas. A reprodução do excerto relativo à entrevista traduz esses momentos: “Ela repassou para mim e para minhas primas quando a gente ainda era pequena, com uns quatro anos de idade. Começou assim, “uma coisa mais familiar”.

Em outros tempos, quando Daniela e as primas eram mais novas, elas iniciaram se apresentando no *Enguei Kai* (Festival de Talentos). No início elas dançavam com a avó. Conforme foram crescendo, viram a necessidade de criar um grupo, pois cultivavam o desejo mostrar sua arte para o público em geral e não havia um grupo de dança voltado para jovens (COIN, 2019).

Na imagem abaixo podemos observar Kumiko Tashiro ao centro, com algumas integrantes do Grupo Shinsei. Enquanto as integrantes do Shinsei estão vestindo *kimonos* de cores destacadas com estampas diversas, a senhora Kumiko, segura um *Ôogi* e utiliza um traje de cores mais sóbrias, com uma calça mais ao estilo *hakama*<sup>63</sup>.

---

<sup>63</sup> *Hakama* é uma das vestimentas mais tradicionais do Japão. Ela parece com uma calça larga e foi tradicionalmente utilizada por samurais. Entretanto, seu uso acabou tornando-se mais popular. Hoje

**Imagem 15 - Grupo Shinsei no Festival Japão de 2019**



Fonte: COIN, 2019.

Para além da ENKYOSUL, a presença das danças também emergiu na Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira da Colônia de Ivoti (ACENB), tal como observado em diferentes eventos culturais da instituição, bem como aqueles ligados ao calendário de eventos do município. A respeito disso, o Jornal de Ivoti, nos permitiu reunir as primeiras impressões sobre a participação dos grupos de dança tradicional da ACENB. Segundo informações contidas no Jornal, na década de 1980, os grupos de dança tradicional japonesa participavam de Festivais de Folclore nas cidades de Nova Petrópolis/RS e Ivoti. O periódico salientou que os grupos de dança agradavam o público e se destacavam como representantes da cultura de Ivoti, uma vez que carregavam o seu nome (DANÇAS JAPONESAS..., 30 jul. 1985, p. 3).

---

em dia, por ser uma vestimenta tradicional, é usada somente em ocasiões formais, como em cerimônias, e também em determinadas práticas de artes marciais.

Acerca do Festival de Folclore ocorrido em Ivoti, foi possível perceber por meio da programação do evento que, no mesmo espaço, ou seja, no Ginásio Municipal, foram reunidas danças que representavam as diferentes identidades étnicas que conformavam o espaço social de Ivoti, a saber: danças alemãs, japonesas e gaúchas. Em uma imagem do cartaz de divulgação do Festival de Folclore, evidenciamos representações de um casal vestindo roupas típicas alemãs, de uma japonesa e de uma prenda<sup>64</sup> (FESTIVAL..., 1ª quinzena ago. 1985). Portanto, podemos supor que a realização do referido evento cultural, tratou-se de uma tentativa de interação entre os grupos sociais que compunham a localidade, com diferentes marcações simbólicas. Dentre estas, um traço que se fez presente de modo comum, foi a prática corporal da dança.

Esta mesma representação de interação entre os grupos presentes no espaço social de Ivoti pode ser observado por meio da divulgação de uma exposição organizada pela Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) da cidade, no início da década de 1990. O Jornal de Ivoti (CALDAS, 1991, p. 11) ressaltou que “os japoneses brasileiros da colônia de Ivoti continuam com suas danças e esforçam-se para não perder de todo a raiz cultural asiática”.

Ainda, parece produzir um discurso que vincula a cultura japonesa a um processo que “pode se perder de todo”. Em congruência com tais considerações, a notícia prossegue asseverando que, devido às comemorações do mês de setembro, em particular o dia 20 de setembro, feriado estadual do “Dia do Gaúcho”, observa-se “japoneses com “pilchas” [calça] gaúchas, o que demonstra que, no futuro, teremos xirus [meninos/homens] e prendas [meninas/mulheres] de “olhinhos puxados”, perfeitamente armados culturalmente para defender as tradições do Rio Grande” (CALDAS, 1991, p. 11).

Contudo, segundo o texto oficial, por meio desta ação, a secretaria intencionava enriquecer a cultura local, principalmente, pela existência de uma colônia japonesa no município que devia ser valorizada. A expectativa era que esse “encontro com o Japão” servisse de estímulos para novos encontros com a cultura japonesa, não só por parte da comunidade de origem ocidental, mas também por parte dos *nisseis* brasileiros: “a esperança é que com o encontro possa florescer

---

<sup>64</sup> No âmbito do movimento tradicionalista gaúcho, “prenda” é a mulher gaúcha que faz par com o “peão”. Este segundo termo se refere a figura masculina (OLIVEIRA, 2005).

uma atmosfera de sempre crescente compreensão e amizade entre os dois países” (CALDAS, 1991, p. 11).

Coerente com os discursos de assimilação, outra reportagem salienta já no subtítulo: “a integração não é total”. Esta passagem pode evidenciar que a colônia japonesa, apesar de existir há algum tempo em Ivoti, ainda mantinha certa distância de outros grupos sociais da região. O processo de integração, a seu tempo, estava ocorrendo e, a cada dia mais, os japoneses adentravam os setores da economia e da cultura ivotiense. Em tom de queixa, a reportagem aponta que há anos a colônia era bem mais “fechada”, como se os identificados como ‘brasileiros-japoneses’ tivessem alguma dificuldade de se integrar ao pleno convívio comunitário. Porém, a realidade, aos poucos, foi se modificando, mesmo com a presença de resistências. Segundo Caldas (1991, p. 11), encontrava-se na colônia dos japoneses, uma mescla de pensamentos políticos, religiosos, econômicos e mesmo culturais, visto que muitas(os) japonesas e japoneses estavam preferindo casar-se com “brasileiros”.

Acompanhadas pelas modificações comportamentais percebidas pela sociedade ivotiense, foram observados novos encontros entre as comunidades nipo-brasileiras e teuto-brasileiras. Isto se faz notar no trecho de uma reportagem, de mais de meia página, do jornal Diário de Ivoti (A TRADIÇÃO MILENAR..., 21 out.1994, p. 8). Em seu conteúdo destacava-se: “se nos primeiros tempos os imigrantes japoneses conservaram certa inibição com relação ao povo alemão, hoje em dia podemos dizer que a situação é bem diferente” (A TRADIÇÃO MILENAR..., 21 out.1994, p. 8). Esta citação revela uma possível construção de representação social de comunhão entre estes dois povos de origens diferentes. Logo, já não havia uma comemoração que pudesse ser considerada completa na cidade sem que houvesse a participação do “discreto, simpático e muito eficiente povo japonês” (A TRADIÇÃO MILENAR..., 21 out.1994, p. 8).

Ainda, na década de 1990, o Jornal Livre Expressão mencionou que a ACENB, tinha por função conservar as tradições do povo japonês, principalmente, de seus grupos de danças, os quais envolviam senhoras, jovens e crianças. Tais grupos, conforme elucidado na reportagem, recebiam inúmeros convites para participar de “um vasto rol de festividades”, tanto em âmbito estadual, quanto nas programações oficiais do município, divulgando a “curiosa e interessante arte oriental” (JAPONESES...,17 out. 1995, p. 7).

A prática corporal da dança também foi observada em momentos relacionados às visitas de políticos japoneses, como ocorreu em maio de 1995. Nesta passagem, o prefeito e vereadores de *Kanazawa*, capital da província de *Ishikawa*, localizada no litoral do Japão, visitaram Ivoti em função da comemoração dos 100 anos do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação<sup>65</sup>, selado entre Brasil e Japão, no final do século XIX. Após estas autoridades serem recepcionadas na ACENB, como parte de um momento de integração “a confraternização foi abrilhantada pelo grupo de danças da colônia, que emocionou os visitantes” (IVOTI..., 30 maio 1995, p. 2).

Na comemoração aos 100 anos da imigração japonesa, ocorrida em 2008, evidências reforçaram ainda mais a importância das danças para os nipo-brasileiros de Ivoti. Na época, Takao Miyabe, então tesoureiro da ACENB, mencionou que a Associação ainda mantinha seus grupos de danças folclóricas, compostos por senhoras e algumas crianças (CEM ANOS..., jun 2008, p. 6).

Com intuito de realizar a mais perfeita apresentação possível nesta festa da cidade de Ivoti, as senhoras que iriam desenvolver as danças, teriam passado por um longo período de ensaios, que abarcava alguns meses. Uma das danças apresentadas se chamava *Umiwo Watate Hyakunen Sai*, fazendo referência ao mar e aos 100 anos da Imigração Japonesa no Brasil. Nesta dança, os leques que nas primeiras exhibições acompanhavam as dançarinas, foram substituídos por bastões, com guizos nas pontas, que auxiliavam na marcação dos movimentos delicados que seguiam uma melodia suave (IWASAKI, 2008).

Importa referir ainda, a presença das danças na educação das crianças da Colônia Japonesa de Ivoti, indicando uma relação de valor a ser mantida entre as gerações por meio da escola formal, como também, em outro espaço de aprendizado. Conforme aponta Iwasaki (2008, on-line) “os netos da dona Yasue vão pelo menos três vezes por semana para outra escola: a de japonês. E lá não frequentam só os filhos de japoneses aqui da colônia. Crianças de outras etnias também circulam pela sala de aula” (IWASAKI, 2008). Tal fato ilustra a escola como

---

<sup>65</sup> O Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão ocorreu em 05 de novembro de 1895. Os motivos desta celebração se deram em razão do encontro de interesses dos dois países. De um lado, o Brasil buscava receber a imigração para resolver a questão da falta de mão de obra nas fazendas de café. Por outro, o Japão queria aliviar a tensão social que provinha do seu alto índice demográfico (NINOMIYA, 1995).

espaço de contato cultural, onde também são produzidas simbolicamente fronteiras étnicas entre as comunidades.

Na referida escola consta que os alunos aprendem sobre a cultura e a escrita japonesa. Iwasaki (2008) cita um exemplo de conteúdo abordado pela professora Teruko Takada: “teve aula de dança e *katakana* (um dos três tipos de escrita japonesa). A dança que as crianças ensaiaram hoje é do tempo dos samurais”, prática utilizada “quando os governantes saíam de um vilarejo ao outro. Uma guarda ia à frente para sinalizar a chegada”. A professora Teruko Takada explicou que a guarda do governante realizava “um tipo de dança, com passos marcados e um bastão, que era batido forte no chão, para mostrar poder. As crianças fazem o mesmo, mas com cabos de vassoura”. A notícia publicada e mencionada acima foi acompanhada por uma imagem da sala de aula da referida escola, no momento em que cinco crianças (quatro meninos e uma menina), de faixas etárias distintas, acompanhavam os movimentos ensinados pela professora Teruko Takada.

Em Itati, a comunidade japonesa lá estabelecida, além de ser muito ativa na sociedade, mantinha a prática do *Bon Odori* em homenagem aos antepassados. Especificamente no que se refere ao ambiente das associações, Muller (1993) ao escrever um livreto popular sobre a imigração japonesa na cidade de Itati, em homenagem aos 25 anos da Colônia Japonesa naquela localidade, trouxe uma ilustração na contracapa que representava a realização da dança tradicional japonesa nomeada *Bon Odori* referente a década de 1970.

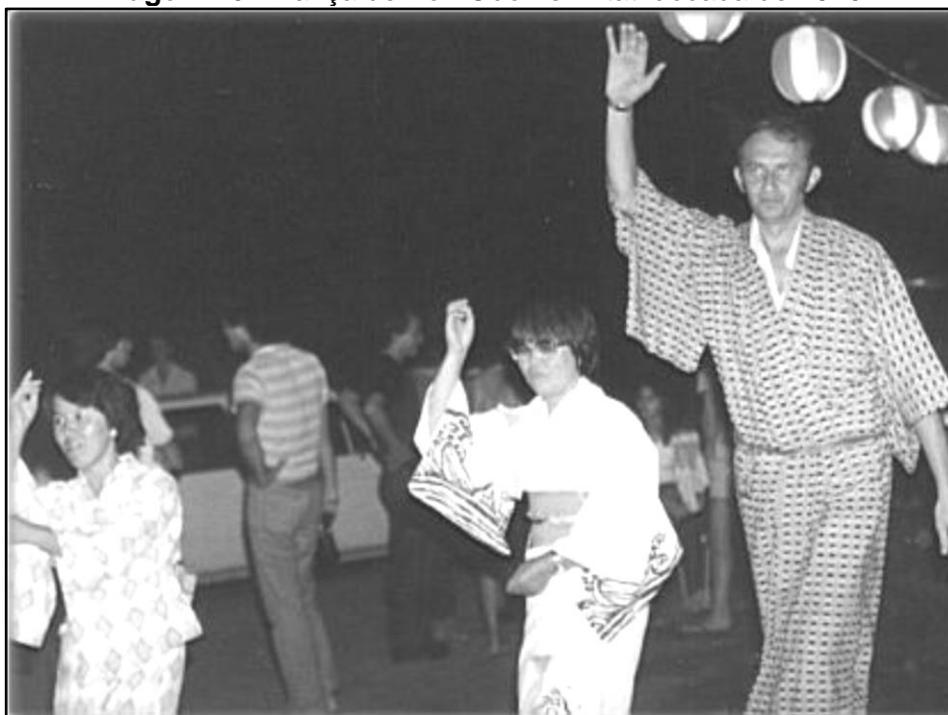
Essa alusão à dança de *Bon Odori*, mostrava os imigrantes japoneses de Itati em vestimenta típica *yukata* (kimono de verão) fazendo os movimentos da dança em um ambiente na rua que continha muitas lanternas, conhecidas como *chochin*. Em meio aos imigrantes japoneses e também vestindo *yukata* encontrava-se o autor do livro, o pastor Elio Muller, tido perante a comunidade de Itati como um dos principais promotores da integração entre a comunidade japonesa e teuto-brasileira já instalada na região.

Durante os festivais *Bon Odori*, muitas lanternas são acesas por isso também é chamado de Festival das Lanternas. A lanterna - *chouchin* - é feita de armação de bambu, de formato variado, coberta de papel ou de seda. Originalmente, era uma espécie de lanterna com uma vela acesa em seu interior e era carregada na mão quando uma pessoa saía à noite. Nos dias de hoje, as *chouchin* foram devidamente

adaptadas com o uso de lâmpadas elétricas e, são largamente usadas em ocasiões festivas. Em uma nova menção relativa a realização do *Bon Odori* em Itati, Elio Muller, no livro “Face Morena” publicado em 2011, expressa de forma detalhada a sua vivência em uma das festas destinadas ao *Bon Odori* :

Quando cheguei ao local da festividade para a dança do Bom Odori, já estava sendo aguardado pelos líderes Tadao Ouchi e Otozo Sato. Um deles trouxera um enorme quimono masculino, colocando-o à disposição. Em seguida vieram duas jovens japonesas e passaram a fazer uma demonstração da dança do Bom Odori. Queria me deixar familiarizado e preparado para ser integrado às danças. O Bon Odori tornou-se uma dança típica para as festas da comunidade nipo-brasileira e tem sua origem no budismo. Nessa Festa, os imigrantes japoneses demonstram gratidão pela colheita e é um evento para cultivar a memória dos antepassados, através da dança. O Bon Odori acontece ao anoitecer, ao som dos tambores típicos japoneses (taiko), das flautas de bambu e do canto em estilo min’yo (MULLER, 2011, p.251).

**Imagem 16** - Dança de Bon Odori em Itati década de 1970.



Fonte: MULLER, 2011, p. 251.

Conforme o mencionado pelo autor (2011), em Itati, raramente eram convidados para a festa alguém que não fosse descendente ou casado com japonês.

De acordo com o seu entendimento, sua participação foi uma exceção, uma oportunidade que, naquele momento, representou um sinal de deferência da Colônia Japonesa.

Em Santa Maria, a Associação dos Imigrantes Japoneses, conforme relata Silva (2019), realizava aulas de canto e dança tradicionais do Japão. As danças organizadas pelo grupo de mulheres (*Fujinka*), nos anos iniciais da fundação da associação ocorriam de forma frequente, contudo, na ocasião da publicação do estudo, foi mencionado que essa prática, não ocorria mais na cidade, pois, ao longo dos anos, principalmente em decorrência do *Movimento Decasségui*, houve um declínio das atividades. Na atualidade, os eventos organizados, tanto pelo grupo de mulheres ocorre em sua maioria em eventos como o *Engeikai* de Porto Alegre, dentre os quais podemos citar os providos pela ENKYOSUL (ENGEIKAI..., 2004; (SILVA, 2019).

Embora de fundação recente, a Associação Regional de Cultura Japonesa Sakura de Ijuí, tem a dança como uma das práticas promovidas pela associação, tal como ocorrido no dia 31 de setembro durante a realização do 1º Jantar Japonês da associação. O evento mencionado, contou com a presença do então Consul do Japão no Rio Grande do Sul, Takashi Kondo, do prefeito Valdir Heck e a primeira-dama Jussara Heck, assim como outras lideranças do município e do Movimento Étnico de Ijuí, também prestigiaram o evento. As danças apresentadas pelos grupos Aika e de Cheila Oba, com belíssimas interpretações de canto em japonês receberam muitos elogios, citado como um momento singular para todos os presentes (ASSOCIAÇÃO SAKURA, 2023)

A partir do exposto, podemos inferir que as danças tradicionais japonesas, ao serem trazidas ao Rio Grande do Sul pelos imigrantes japoneses e permanecer inserido nas práticas das associações, denota uma tradição nipônica que possui fortes representações identitárias. Destacamos do mesmo modo que, as danças representam uma possibilidade de integrar a comunidade nipo-brasileira com outras comunidades, tal como o observado em diversas regiões, a exemplo da ACENB de Ivoti que por vezes, compartilhou espaços destinados a eventos culturais com os teuto-brasileiros.

#### 5.4 SUMÔ: UM ESPORTE DE TRADIÇÃO MILENAR

Neste tópico destinado ao *sumô*, buscamos apresentar uma versão histórica desta prática corporal e, a partir dela, compreender o papel sociocultural que ela tem ocupado dentro das associações dos nipo-sul-riograndenses, dado que há indícios de sua realização desde o início da imigração japonesa no estado.

De acordo com Mocarzel e Columá (2015) o significado da palavra “*sumô*” pode ser entendido como “digladiar”. As origens desta prática estão alicerçadas em elementos que nos remetem a cultura histórica, filosófica e religiosa do Japão, advindas do Xintoísmo<sup>66</sup>. Concebida como uma prática marcial de grande popularidade no Japão, apareceu pela primeira vez no livro *Kojiki* (crônica das coisas de antanho), de 712 d.c., que conta uma lenda do século V, onde deuses que habitavam as ilhas do arquipélago japonês teriam lutado para determinar a força do soberano. Como forma de representar ao longo dos anos essa luta, demonstrações eram feitas para imperadores e em festas religiosas nos templos Xintoístas (HALL, 1997).

As lutas<sup>67</sup> realizadas entre os *sumotoris*<sup>68</sup> visavam ressaltar o respeito à natureza e ao caráter animista, ou seja, seres como animais e plantas seriam possuidores de espírito; do mesmo modo, eram feitas referências também aos impactantes fenômenos naturais, como manifestações divinas, como erupções vulcânicas e terremotos (HOFFMANN, 2007). De acordo com Tubino e Garrido (2007), durante o período feudal nipônico, o *sumô* se expandiu e ganhou mais adeptos sendo apresentado para as forças militares e até mesmo aos governantes. O estudo de Mocarzel (2016) corrobora com essa informação ao aludir que, durante o Período Tokugawa (1603 a 1868), o *sumô* ganhou todo o território nipônico tornando-se uma prática nacional, já apresentando competições realizadas entre atletas profissionais.

---

<sup>66</sup> O termo Xinto quer dizer “caminhos dos deuses”. O Xintoísmo é uma religião do Japão e constitui-se de crenças e práticas religiosas de tipo animista. Ao contrário da maior parte dos credos contemporâneos, não possui um fundador específico, livro sagrado, dogmas ou código moral.

<sup>67</sup> As lutas ocorrem em uma arena de luta em formato circular com 4,55 metros de diâmetro (chamada *dohyō*) e digladiam-se com técnicas de agarro, queda e arremesso, objetivando retirar o adversário da área ou fazê-lo tocar qualquer parte do corpo (com exceção dos pés) no solo (KANEHISA ET AL., 1997).

<sup>68</sup> Forma como são chamados os lutadores de *sumô*.

Cabe destacar que, durante o século XIX um dos fatos que demarca um novo período do *sumô* e, particularmente sua aproximação como um esporte moderno, se refere a fundação da NSK (Nihon Sumô Kyokai) em 1868. Este órgão começou a reger a prática em sua vertente desportivo-competitiva e, a partir de 1883, passaram a organizar campeonatos nacionais no Japão quase sempre com a presença do Imperador, demonstrando claramente a importância da prática para a sociedade nipônica. Tais eventos ocorrem até dias atuais (MOCARZEL, 2016).

O *sumô* chegou ao Brasil por intermédio dos imigrantes japoneses que chegaram em 1908, havendo indícios que apontam para a surgimento das primeiras competições já na década seguinte, tal como o primeiro campeonato realizado no Brasil no ano de 1914, na colônia de Guatapará, no estado de São Paulo. A literatura brasileira representada pelo livro “O imigrante japonês”, de *Tomoo Handa* (1987) conta que nos núcleos de japoneses estabelecidos no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, era comemorado o aniversário do imperador japonês e dentre as práticas culturais realizadas no festejo, além da competição *undokai*, teatro e, encontrava-se por vezes também, o *sumô*, que incitava muita curiosidade e certa confusão por parte dos brasileiros que assistiam, principalmente devido aos termos utilizados em japonês durante a disputa.

O autor (1987) ainda rememora situações particulares relativas a representações originadas por uma luta realizada no ano de 1918, no núcleo Tóquio, localizado próximo a Guatapará. Sobre a referida luta, Handa transcreve algumas das representações geradas nos espectadores brasileiros:

Na parte da tarde havia luta de *sumô*. Os brasileiros nunca tinham visto uma luta em que os competidores usavam apenas o *fundoshi*<sup>69</sup>, e embora fossem em pequeno número elas assistiam, admirados. O juiz ordenava *matta, matta* em japonês e dizem que os brasileiros ficavam apavorados porque em português essa palavra parecia significar "mate", e não "espere", que é o sentido de *matta* em japonês” (HANDA, 1987, p.246).

Os “primeiros tempos” do *sumô*, acima referidos, demarcam apenas o início desta prática milenar, que ao longo dos anos tem conseguido se manter viva. A

---

<sup>69</sup> O *fundoshi* é uma roupa masculina, no formato de tanga que pode ser usada em público durante os festivais. No século XIX era a principal roupa de baixo dos homens e era também usado como um *shorts*, por trabalhadores e motoristas de riquixá.

organização do sumo do Brasil atualmente conta com entidades como a *Federação Paulista de Sumô (FPS)*, fundada em 1962 e da *Confederação Brasileira de Sumô (CBS)* criada em 1998 (DARIDO, 2011). O Brasil é ainda um dos fundadores da *Federação Internacional de Sumô (IFS)* criada em 1992, além de realizar a primeira competição mundial amadora fora do Japão em 2000, no Ibirapuera, em São Paulo (IFS, 2016).

O *sumô* no Rio Grande do Sul tem sido desenvolvido, principalmente, por intermédio das comunidades japonesas, ocorrendo de forma amadora. Cabendo ressaltar, que nos últimos anos, tem sido observada a participação de pessoas não descendentes de japoneses e, fator que contribui para um maior conhecimento sobre o *sumô* no estado. Os praticantes têm divulgando entre os amigos, alguns já utilizam redes sociais para postar treinos e divulgar campeonatos, ocasionado um interesse maior pelas pessoas que admiram tanto artes marciais como a cultura japonesa como um todo.

Dentre as famílias que tem desenvolvido o *sumô* no estado do Rio Grande do Sul, podemos citar os Harufuki, os Yamada, os Ueno, os Fukunaga, os Takimoto e os Miyazaki. Outra família que tem representado o *sumô* como uma prática transmitida de geração para geração é a família Sato, que tem a figura do *issei* Kinzaburo Sato como um dos precursores da modalidade no estado. Na atualidade, o esporte tem contado com esforços de diversos atletas e treinadores, estando entre eles, Antenor Yuzo Sato, filho de Kinzaburo, que tem participado de campeonatos brasileiros, na categoria adulto, há mais de 25 anos e, pelos netos Yuuki e Isamu Sato, que são treinados pelo pai, Antenor, que chegou a ficar em terceiro lugar na categoria 85 quilos, no Mundial de 1998, realizado em Tóquio (IRMÃOS SATO... 27 ago 2014).

Corroborando com esta informação, a reportagem do jornal Correio do Povo, publicada em setembro de 2015, traz um relato de Isamu Sato, em decorrência da conquista da medalha de prata conquistada no mesmo ano, no Campeonato Mundial Junior de *sumô*, em Osaka no Japão. Isamu contou que, a tradição e a dedicação pela modalidade esportiva vinham de família: “Primeiro meu avô, depois meu pai. Hoje, para nós, o *sumô* é quase uma obrigação” (PESO PESADO..., 9 de set., 2015).

Com intuito de apresentar uma versão em torno da história do *sumô* no Rio Grande do Sul e, do mesmo modo, compreendemos como seu estabelecimento e

continuidade tem contribuído para a manutenção da identidade dos japoneses e descendentes nas associações de nipo-brasileiros do Rio Grande do Sul, nos valemos nesta pesquisa, para além das fontes impressas e imagéticas consultadas, das memórias de atletas da modalidade no estado, as quais emergiram das entrevistas analisadas.

Para tanto, as narrativas dos “tempos vividos” por Antenor Yuzo Sato e seus filhos nos levam ao início da imigração japonesa no estado do Rio Grande do Sul, visto que o *sumô*, tal como Sato (2020) infere, surgiu pelos *isseis* por volta de 1958, 1960, período esse, onde já havia vários polos de imigração, tais como a colônia japonesa no bairro Lami em Porto Alegre, na cidade de Viamão, mais especificamente no bairro Itapuã, a qual tem uma colônia japonesa até os dias de hoje. Do mesmo modo, as colônias japonesas de Ivoti, São Leopoldo e Pelotas, Nova Petrópolis e Itati, se reuniam nas associações para praticar.

No referido contexto, uma empresa japonesa representativa no Brasil, chamada *Kurashiki* que possuía um centro esportivo, destinava seu espaço para diversas práticas corporais e culturais, assim sendo, além de *sumô*, se praticava *softbol*, *undokai* e festivais. De forma específica, eventos que envolviam o *sumô*, como campeonatos, eram grandiosos e contavam com cerca de 100 famílias participando. Conforme o apontado por Sérgio Fukunaga (2017), as famílias incentivavam as crianças desde bem cedo a praticarem o *sumô*:

Bom, eu comecei por incentivo da família e por ser cultural da família de a gente ter que lutar no caso. Sinceramente, eu devo ter começado com uns seis, sete anos e agora eu só participo. [...] Não era nem opção, era uma obrigação de continuar a cultura japonesa (FUKUNAGA, 2017, p.3).

Nessa mesma direção Antenor Yuzo Sato (2020) relatou que, a introdução da prática do *sumô* nas famílias ocorria de uma forma um tanto impositiva, visto que na época, os filhos de imigrantes, enquanto crianças ou adolescentes, não tinham muita opção. O trecho abaixo representa a dinâmica adotada pelos pais em vias de passar a tradição adiante:

A gente não tinha opção: "Ah, tu quer fazer sumô?" Não. Todo mundo fazia sumô. Então, as pessoas que são assim,

da minha idade, que tem 50 anos por aí, todos já lutaram sumô alguma vez na vida (risos), no campeonato estadual, no campeonato regional...[...] Então, voltando, todo mundo que tinha a minha idade, de alguma forma lutava. Sei lá, no mirim, no infantil, no juvenil. No adulto já tinha uma opção de escolha, então, as famílias não obrigavam. Mas, todo mundo da minha idade lutou sumô um dia (SATO, 2020, p. 1).

O trecho em evidência foi complementado por Antenor Yuzo Sato, com informações sobre como essa abordagem ocorria no interior das famílias. Assim sendo, mencionou que, quando as crianças alcançavam a idade de seis, sete anos, os pais diziam o seguinte: "nós vamos te levar para um treino" (SATO, 2020, p.2) e, quando chegavam ao local determinado, era um treino de *sumô*. Ao citar seu caso em particular, mencionou que, inicialmente, não gostava muito, mas, aos poucos foi "pegando o gosto" e, por volta dos doze anos já almejava participar da seleção gaúcha, para poder disputar o brasileiro. Antenor Yuzo Sato também lembrou, que alguns colegas que haviam começado com ele, com o tempo começaram a desistir e ele permaneceu. Cabe ressaltar que, o irmão mais novo de Antenor, Alexandre Takeo Sato, também lutava sumô e, por muito tempo, foi um dos maiores rivais dele. A respeito dessa informação, Antenor mencionou: "tinha um período assim, que meu irmão era extremamente forte, até se machucar. E ele era mais forte do que eu no período que ele lutava. Era menor, mas era mais forte" (SATO, 2020, p.6).

Além de incentivarem as gerações seguintes a praticar, as comunidades japonesas se reuniam para realizar os campeonatos estaduais e, posteriormente faziam a seletiva para poder participar do campeonato brasileiro e, como parte dessa colaboração mútua, se organizavam para angariar fundos para pagar as passagens das equipes. Bem como, era comum nos momentos pós treino os mais velhos fazerem lanche, *Chanko*<sup>70</sup> ou churrasco para os mais novos (SATO, 2020).

Após os contornos iniciais do *sumô* aqui delineados, em meados de 1975 surgiu uma geração, que até os anos 1990 obteve muito destaque. Tal geração incluía a família Ueno e atletas como Takagi Miyazaki e Jair Aguiar, que representam a geração que ficou campeã brasileira em 1984. Mais tarde, vieram as

---

<sup>70</sup>*Chanko Nabe* ou apenas *Chanko*, é comida consumida pelos lutadores de *sumô*. Se refere a uma espécie de ensopado com peixes, carnes e verduras. É indicado que logo em seguida os atletas descansam, de modo que o organismo facilite o ganho de peso.

gerações em que se destacaram lutadores como Renê Crespo<sup>71</sup> e Jorge Takimoto (o Botian) pela região de Itati.

Um ponto interessante a ser destacado se refere a participação de atletas sem descendência japonesa entre os lutadores de *sumô*. Essa nova conformação dentro do esporte originou novas representações, na medida em que, a participação de Jair Aguiar e Renê Crespo, eram exceções. Corroborando com o exposto (SATO, 2020) aponta que, antes desses atletas não se tinha ocidentais praticando *sumô*, que na época muitas vezes eram chamados de *gaijins*<sup>72</sup>. Contudo, após a geração desses dois atletas, se abriu a porta para toda a comunidade, para quem quisesse participar. Na atualidade, além de Antenor Yuzo Sato, nomes como Sérgio Fukunaga, Jorge Takimoto, Adiecson Bobsin, Carlos Rauch, João Wissmann, compõe um grupo de pessoas que tem destinado grandes esforços, na direção de manter o *sumô* forte no Rio Grande do Sul e no Brasil (SATO, 2020).

Nessa mesma direção de dar continuidade ao *sumô*, os espaços representados pelas associações são considerados imprescindíveis, uma vez que concentram treinamentos, competições e momentos de confraternização realizados pelos atletas, bem como pela comunidade nipo-sul-riograndense.

Na sequência, apresentamos dois registros de um campeonato de *sumô* no *dohyo*<sup>73</sup> localizado na Sede Campestre da ENKYOSUL, referentes ao ano de 1987. Como será possível observar na primeira foto, o senhor de braços cruzados e utilizando um boné preto, corresponde ao senhor Kinzaburo Sato <sup>74</sup>, atrás dele, de boné branco está o senhor Yoshifumi Kanefuku e à frente, no canto inferior esquerdo está o senhor Yamada, que residia na colônia japonesa de Ivoti (KAKU, 2022). As imagens veiculadas por William Smith Kaku, no ano de 2022 vieram acompanhadas de um texto que, naquele momento se direcionava a prestar uma homenagem aos imigrantes e pioneiros do *sumô* sul-rio-grandense:

Registros do ano de 1987, da Sede campestre do Enkyousul, em Gravataí, RS. Na primeira foto, o senhor de boné é Sato-san - um grande precursor do esporte no RS -, pai de Antenor Yuzo Sato,

---

<sup>71</sup> Renê Crespo, natural de Novo Hamburgo por muito tempo representou a Colônia Japonesa de Ivoti. Renê acumula títulos como: campeão mundial em 1991, foi campeão gaúcho nove vezes e campeão brasileiro quatro vezes.

<sup>72</sup> A palavra *japonesa gaijin*, se refere a alguém de fora, estrangeiro. Porém, não é considerado um termo muito polido, sendo a forma mais adequada para tratar estrangeiros a palavra *Gaikokujin*.

<sup>73</sup> *Dohyô* (em japonês 土俵) é a arena onde os combates de *Sumô* são realizados.

<sup>74</sup> O Sr. Kinzaburo Sato faleceu no mês de dezembro no ano de 2020.

atual técnico da seleção gaúcha e lutador. Os filhos de Antenor, Yuuki e Isamu, são lutadores seguindo os passos de seus Otousan e Ditian. Parabéns à todos precursores do esporte no RS e Brasil; Parabéns à Família Sato! (KAKU, 2022).

**Imagem 17** - Incentivadores do *sumô* no Rio Grande do Sul



Fonte: Acervo William Smith Kaku

No caso da imagem abaixo, no centro do *dohyo* representado, vemos a figura do árbitro, também chamado de *gyōji*<sup>75</sup>, bem como podemos observar um lutador de *sumô*, ou *sumotori* utilizando o *mawashi* por cima do que aparenta ser uma sunga ou calção bem curto. Cabe ressaltar que, no Brasil, os homens tem a opção de escolher como lutar em campeonatos regionais: com a sunga ou sem. De acordo com Higuchi (2016), em campeonatos estaduais e nacionais, é uma exigência que os lutadores utilizem uma sunga por baixo do *mawashi*. A referida exigência visa seguir os padrões brasileiros, que tem sido mantidos no país, por serem considerados uma

---

<sup>75</sup> Um *Gyōji* (行司) é um árbitro profissional da luta de *sumô* no Japão. Normalmente, os *Gyōji* entram no mundo do *sumô* como adolescentes e permanecem funcionários da Associação de Sumo até os 65 anos. Atualmente são um pouco mais de 40 *Gyōji* ativos com uma média de um em cada palco de sumo, apesar de alguns palcos não terem *Gyōji* (SCHILLING, 1994). Como o xintoísmo orienta todos os aspectos do *sumô*. Os árbitros xintoístas (*gyoji*) atuam essencialmente como sacerdotes no ringue, por isso usam quimonos de seda de cores vivas que contrastam com os *sumotoris* que utilizam somente o *mawashi*. Um exemplo disso são os rituais de purificação para livrar o ringue de espíritos malignos antes de uma partida (SCHILLING, 1994).

característica que remete aos antepassados imigrantes que tiveram a ideia de usar um short ou sunga antes de colocar deste cinto protetor, pois tinham de improvisar o material utilizado na fabricação desta peça, que normalmente é de algodão, utilizando sacos de arroz e outros materiais inadequados, que rompiam com facilidade (HIGUCHI, 2016).

**Imagem 18** - *Sumô* no *dohyo* da ENKYOSUL no ano de 1987



Fonte: Acervo William Smith Kaku

Corroborando com o exposto na imagem, Fukunaga (2017) relata que, tanto no Rio Grande do Sul, como em outros estados do Brasil, onde há a prática do *sumô*, o motivo do uso da bermuda ou short por baixo pode carregar sentidos ligados as concepções culturais divergentes, na medida em que as representações do uso do traje perante a visão dos brasileiros não são as mesmas das concebidas pelos japoneses, assim sendo, por muitas vezes o uso do *mawashi* sem qualquer peça por baixo, pode estar ligado ao sentimento de vergonha (FUKUNAGA, 2017, p.4).

Do mesmo modo, importa destacar algumas características observadas na imagem acima acerca do espaço conhecido como *dohyo*, visto que elas não condizem com as reproduções ligadas à tradicional versão japonesa do esporte. Mesmo em outras localidades do Brasil, é difícil, vislumbrarmos representações de telhados ou de gongos que lembram um tempo Xintoísta.

Diferentemente disso, o que vemos é uma reinvenção desses espaços em solo sul-rio-grandense, pois, tanto na ENKYOSUL, quanto Ivoti e Itati, o piso é um compensado de argila, basicamente terra batida, com uma área de luta circular delimitada muitas vezes por sisal de arroz. Para além destes aspectos, os *dohyos* do estado, devido ao fato de não terem sido construídos dentro de ginásios fechados, por exemplo, ficam à mercê das intempéries.

Conforme reportagem do Jornal Zero Hora, intitulada “Aqui se luta Sumô”, ao relatar a rotina de atletas de sumô que treinam na ENKYOSUL na atualidade, mencionou que Antenor Yusu Sato, na condição de lutador e treinador das novas gerações, repetia o mesmo “ritual” todos os finais de semana:

Primeiro, remove as pedras que fazem peso em cima da lona, utilizada para proteger o *dohyo*. Depois, joga um pouco de areia e passa o ancinho para espalhar, deixando a área de combate o mais plana possível. Por fim, molha o piso com um regador para deixar a mistura de areia com barro mais firme (PRAETZEL, 23 e 24 de julho de 2022, p. 6).

As questões pontuadas, encontram-se também ligadas ao amadorismo da modalidade que, reflete condições distantes das ideais, fazendo do mesmo modo, com que os atletas tenham de dividir a vida entre o *sumô* e uma atividade profissional. Para além dos registros concernentes à década de 1980, a prática do *sumô* na ENKYOSUL, com o passar dos anos teve continuidade, principalmente, no que tange a realização de campeonatos em contexto sul-rio-grandense e, do mesmo modo, encontramos menções relacionadas aos atletas do estado em outras competições realizadas no Brasil, tal como o texto localizado no Jornal da ENKYOSUL e que poderemos conferir no quadro abaixo, embora os atletas tivessem perdido o título no Campeonato Brasileiro, por outro lado, haviam se destacado entre os melhores lutadores da competição. Dentre os atletas que participaram do evento estavam, o atleta Renê Crespo, que teria ficado em terceiro lugar, Satô Takeo (segundo filho de Sr. Kinzaburo) e Nagao César.

Imagem 19 – Jornal Enkyo 1995

Jornal Enkyo (援協) · 22/08/1995



戦果は、優勝は逸しましたが、大接戦の末、大人二名、準青年と少年は予選にて惜敗致すも、ベスト8の中に大人二名準青年三名が残り、ヘネ・クレスポが三位に入り、特に八十五キロ以下の軽量級の国際大会の送考試合において佐藤武夫選手（金三郎氏次男）が去年の勝者を制圧し、十二月初旬に日本に向け出発致します。

尚、長尾セーザ選手は、不覚にも足と手に負傷を負い、前伯優勝は来年に回し体と技術の鍛練に努めています。

以上、若人の進出と適切な技術指導を得て、当所の相撲部は今黎明期到来せるものと思えます。

今後、尚一層の御指導・御援助をお願いして御報告を致します。

監督 浦上守正

Depois de diversas partidas acirradas, dois adultos, os meninos e os pré-adolescentes acabaram sendo derrotados por um triz. Apesar de terem perdido a chance de vencer o título, dois adultos e 3 pré-adolescentes ficaram entre os top 8 competidores. Renê Crespo ficou em terceiro lugar. Em particular, Satô Takeo (segundo filho de Sr. Kinzaburo), dominou o vencedor do título do ano passado na partida internacional de despedida, e irá partir ao Japão no início de dezembro.

Ainda, o último atleta campeão brasileiro, Nagao César, mesmo tendo sofrido lesões em seus pés e mãos, segue se esforçando para aperfeiçoar seu corpo e suas habilidades, almejando a vitória no ano seguinte.

Tendo em mente a situação, se a juventude seguir progredindo e recebendo a instrução técnica devida, acredito que nosso grupo de sumô esteja adentrando uma nova.

De agora em diante, esperamos poder continuar a contar com vosso apoio e instrução no futuro.

Diretor geral, Urakami Muramasa

Fonte: UNDOKAI NA ENKYOSUL, 1995.

No ano de 1997, o informativo da ENKYOSUL que circulou no mês de março, trouxe na sessão intitulada “Programação de Eventos”, as atividades que seriam realizadas nos meses de abril e maio do referido ano e, entre as atividades, constava a divulgação de uma edição do campeonato de *Sumô*, que ocorreria nas dependências da ENKYOSUL, no dia 6 de abril, com início às nove e trinta da manhã (PROGRAMAÇÃO... mar., 1997).

Ainda foram encontrados indícios sobre a participação dos lutadores de *sumô* no quadragésimo primeiro campeonato nacional da modalidade, o qual havia ocorrido na arena de *sumô* de Bom Retiro, São Paulo, entre os dias 20 e 21 de junho do ano de 2002. Conforme o Jornal da ENKYOSUL, publicado em 17 de setembro do referido ano, em nota, o Comitê atleta e Comitê geral, destacaram que, graças aos atenciosos esforços de todos a equipe de Rio Grande, eles haviam conseguido participar de todo o evento. Na sequência detalharam a participação dos atletas e fizeram projeções para eventos futuros:

No dia do campeonato, que estava lindo, inclusive, os competidores tiveram a chance de mostrar os frutos de todos os seus esforços. O competidor Carlos, de Nova Petrópolis, vem chamando muito a atenção ultimamente pelo seu rápido progresso. Estendendo sua vitória do ano anterior para esta edição do torneio, Carlos conquistou uma esplêndida vitória na categoria peso médio. Além disso, ficou em terceiro lugar na categoria peso livre. Está também planejada a nossa participação no campeonato latino-americano que ocorrerá em Belém, 20 de agosto, e no campeonato mundial de dezembro, na Polônia. Infelizmente, nosso grupo de jovens acabou em segundo lugar na edição deste ano. As equipes adversárias vêm observando proximamente nosso time, que tem sido ou vitorioso ou semi-finalista já por 10 anos. Por mais difícil que seja a prospecção da futura vitória, sob a liderança de nosso prezado John Bisman, continuaremos buscando a excelência em nossa arte, colocando todo nosso esforço nisso. Muito obrigado por todo o apoio até então. Não iremos desapontá-los! (CAMPEONATO NACIONAL..., 17 set. 2002, p.1)

Na imagem abaixo, na medida em que representa a tradução dos eventos narrados, com as respectivas imagens veiculadas, é possível conferir com maior detalhamento as informações relativas às colocações dos atletas sul-rio-grandenses participantes.

|   |   |   |
|---|---|---|
| <p>2002年9月17日(火)</p>  | <p>ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA NIPO-BRASILEIRA DO SUL</p>   | <p>1</p>  |
| <p>南日伯援護協会<br/>Av. Jaime Vignoli, 235<br/>Anchieta, Porto Alegre,<br/>90200-110, RS.<br/>fone/fax (051)3371-1788</p>  | <p><b>援協ニュース</b></p>  | <p>317号<br/>発行責任者：刀禰泰弘<br/>編集者：藤井みどり<br/>協力：栗原隆之<br/>e-mail: Enkyosul@aol.com</p> |
| <p><b>全伯相撲選手権<br/>大会出場</b></p> <p>七月二〇、二十一日、サンパウロ市のボンレチーロの相撲場で第四一回目のブラジル相撲選手権大会が開催されました。皆様の温かいご支援のおかげで、私共リオ・グランデチームも全種目出場することができました。大会当日は天気も良く、選手一同日頃の練習の成果をそれなりに発揮して参りました。最近めきめきと力を付けてきているノーバ・ペトロポリスのカールス選手が昨年に続き、個人の体重別中量級で見事優勝いたしました。また無差別でも三位と活躍致しました。八月十一日のベレンでの南米選手権大会、十二月にポーランドで行われる世界選手権大会に出場することになっております。</p> <p>青年団体は今年は残念ながら準優勝に終わりました。ここ十年ほど優勝か準優勝を続けております。青年チームは他のチームから厳しくマークされ研究されています。なかなか優勝することは厳しい状況にありますが、常にトップクラスの実力を守り続けております。選手一同ジョン・ビスマン監督のもと良く頑張ってきました。今後とも皆様のご期待に応えられるよう励んでいくつもりです。今後も変らぬご支援よろしくお願い申し上げます。成績は左記の通りです。</p> <p>ありがとうございました。<br/>選手 役員一同</p> | <p><b>Campeonato nacional brasileiro de Sumô<br/>Participação no evento principal</b></p> <p>Nos dias 20 e 21 de julho, foi aberto o quadragésimo primeiro campeonato nacional de sumô, na arena de sumô de Bom Retiro, São Paulo. Graças aos atenciosos esforços de todos vocês, nós, da equipe de Rio Grande fomos capazes de participar no evento inteiro! No dia do campeonato, que estava lindo, inclusive, os competidores tiveram a chance de mostrar os frutos de todos os seus esforços. O competidor Carlos, de Nova Petrópolis, vem chamando muito a atenção ultimamente pelo seu rápido progresso. Estendendo sua vitória do ano passado para esta edição do torneio, Carlos conquistou uma esplêndida vitória na categoria peso médio. Além disso, ficou em terceiro lugar na categoria peso livre.</p> <p>Está também planejada a nossa participação no campeonato latino-americano que ocorrerá em Belém, 20 de agosto, e no campeonato mundial de dezembro, na Polônia.</p> <p>Infelizmente, nosso grupo de jovens acabou em segundo lugar na edição deste ano. As equipes adversárias vêm observando proximamente nosso time, que tem sido ou vitorioso ou semi-finalista já por 10 anos. Por mais difícil que seja a prospecção da futura vitória, sob a liderança de nosso prezado John Bisman, continuaremos buscando a excelência em nossa arte, colocando todo nosso esforço nisso. Muito obrigado por todo o apoio até então. Não iremos desapontá-los!</p> <p>Muito obrigado!<br/>-Comitê atleta e comitê geral<br/>A seguir, seguem os resultados:</p> |   |



青年団体 準優勝  
 幼年個人 ラファエル・ルディー (N. PETROPOLIS) **ベスト 8**  
 少年個人 レネ・クレスポ JR (N.HAMBURGO) **3位**  
 青年個人 (中量級) カールス・ハウチ (N.PETROPOLIS) **優勝**  
 青年個人 (重量級) エジソン・ダ・マグロ (S.LEOPOLDO) **3位**  
 青年個人 (無差別) カールス・ハウチ (N.PETROPOLIS) **3位**  
 少女個人 (中量級) アリネ・ツルマリン (A.TOKYO) **3位**  
 少女個人 (重量級) エベリーゼ・コヘア (A.TOKYO) **3位**



Grupo de jovens: Segundo lugar  
 Categoria infantil: Rafael Rudy (N. Petrópolis); 8º lugar.  
 Categoria adolescente: Renê Crespo Jr. (N. Hamburgo); 3º lugar.  
 Categoria jovem-adulto (Peso médio): Carlos Haudt (N. Petrópolis); Vencedor.  
 Categoria jovem-adulto (Peso pesado): Edson Da Magro (S. Leopoldo); 3º lugar.  
 Categoria jovem-adulto (Peso livre): Carlos Haudt (N. Petrópolis); 3º lugar.  
 Categoria feminina (Peso médio): Aline Tsurumarin (A. Tóquio); 3º lugar.  
 Categoria feminina (Peso pesado): Evelise Corrêa (A. Tóquio); 3º lugar.

Fonte: (CAMPEONATO NACIONAL..., 17 set. 2002, p.1)

Conforme o referido por Sérgio Fukunaga em 2017, no Rio Grande do Sul, existiam apenas quatro *dohyos*, a saber: na Associação Cultural e Esportiva de Itati (ACEI), localizada na cidade de Itati, na ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA NIPO E BRASILEIRA DO SUL (ENKYOSUL), no município de Gravataí, na Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti (ACENB) e no Parque Aldeia do Imigrante, em Nova Petrópolis, e os treinos realizados pela maioria das equipes ocorriam semanalmente, adotando um sistema de rotatividade, no que se refere a

essas localidades, pois, os atletas que participavam de competições residiam em diferentes regiões do estado, necessitando de um deslocamento maior, sendo assim, a dinâmica adotada se dava na direção de não privilegiar sempre os mesmos (FUKUNAGA, 2017).

Entretanto, com passar dos anos, os treinos passaram a ser mantidos, principalmente, por meio do apoio da ENKYO e pela ACEI em Itati, sendo que essa última havia conseguido o apoio da prefeitura para projetos e campeonatos. A impossibilidade de treinar no Parque Nova Petrópolis havia sido desencadeada pelo processo de privatização pela qual o Parque Aldeia do Imigrante passou no ano de 2018 (ASSINADA CONCESSÃO..., 2018). Quanto à Ivoti, esse que era considerado um centro de referência para os treinos, também passou a incorporar outros projetos. Assim sendo, as equipes de *sumô*, em 2019 ficaram com seus treinos limitados a dois locais, Itati e Gravataí pela associação japonesa ENKYO (SATO, 2020). Tais fatos foram considerados como uma grande perda para os atletas.

As conformações relativas aos treinos, até o ano de 2019 também foram assinaladas por Sato (2020), no trecho a seguir, podemos mensurar a forma como a equipe de *sumô* do Rio Grande do Sul organizava os treinos antes da pandemia:

Sempre a intenção era treinar junto. A gente sempre centralizava os treinos independente dos campeonatos. A gente sempre procurou treinar juntos, a gente se colocava a disposição, tinha gente que se deslocava em torno de 200 km, 80 km, mas o treino estava à disposição. Então, para todo mundo. A gente ia igual, independente se fosse treino de dois de três, de quatro. De quantos quisessem participar do treino. Sempre tivemos essa integração entre nós. Então, eu tenho participado ativamente de todos os campeonatos, exceto esse ano. E gente procura fazer uma atividade assim bem básica, para se manter em forma. É difícil agora na época de pandemia, é um pouco difícil, não é? (SATO, 2020, p.6).

Ainda com relação as mudanças ocorridas na rotina dos atletas decorrentes da pandemia Covid- 19, foram mencionadas a necessidade de os lutadores fazerem algum outro tipo de esporte, que pudesse contribuir para a manutenção das capacidades físicas, pois até o ano de 2019, a equipe treinava quase que em todos os finais de semana (SATO,2020, p.6).

No que tange aos contornos iniciais do *sumô* em Ivoti, podemos inferir que, assim como nas demais localidades, estiveram diretamente ligados ao começo da

colonização japonesa iniciada na região, como uma maneira de manter a cultura ativa. Conforme mencionado por Fukunaga (2017, p.5): “os antepassados tinham que improvisar um lugar onde eles pudessem treinar”, mesmo antes de haver um *dohyo* específico na colônia.

O Jornal Jornal Livre Expressão, de Ivoti, fundado na década de 1990, apresenta as primeiras evidências relacionadas a campeonatos. Em uma reportagem, de uma folha inteira, com dez imagens ilustrando momentos de luta no *dohyo* (*ringue*) da ACENB, praticantes e suas respectivas equipes e público presente, é divulgada a realização do 1º Campeonato de *Sumô* na Colônia Japonesa de Ivoti, ocorrido no dia 24 de fevereiro de 1996. O evento em questão havia contado com patrocínio de representantes do comércio local, de compatriotas de Nova Petrópolis e de uma agência de turismo de Porto Alegre (CAMPEONATO DE SUMÔ...28 fev. 1996, p.6).

A utilização do *dohyo* da ACENB ao longo dos anos manteve-se como um dos espaços a sediar outros eventos competitivos, tal como, o 43º Campeonato Brasileiro, 3º Campeonato Feminino e 2º Campeonato Máster, ambos ocorridos no ano de 2003 e, na década seguinte, o período que abrange os anos 2013, 2014 e 2015, podemos citar, respectivamente, a realização do 53º, 54º e 55º Campeonato Estadual de *Sumô*, que reuniu equipes de Nova Petrópolis, Itati e São Leopoldo, sendo disputado nas categorias: Mirim, Infantil, Adulto Leve, Adulto Médio, Adulto Absoluto, além de uma competição por equipes. Na edição em questão, o destaque foi o atleta Carlos Rauch que levou o título da categoria Adulto Médio para Nova Petrópolis (ESTADUAL DE SUMÔ..., 30 abr. 2014, p.25). A imagem abaixo destacamos o folder de divulgação do 53º Campeonato Estadual de *Sumô* em Ivoti.

Imagem 21 - 53º Campeonato Estadual de Sumô em Ivoti



Fonte: CAMPEONATO..., 2013, p.4

Com relação ao 55º Campeonato o Jornal do ENKYO divulgou que evento havia ocorrido em Ivoti e, parabenizou a organização e os atletas:

O 55º Campeonato Gaúcho de Sumô foi realizado nas dependências da Colônia Japonesa de Ivoti (RS), em 24 de abril de 2015, às 10 horas no Ringue de lutas circular (dohyo), localizado atrás do Museu da Imigração Japonesa. O ENKYOSUL esteve presente, prestigiando o evento e parabeniza a organização e os atletas pela realização do evento, a união, a lealdade, o conagraçamento e o desempenho técnico apresentado nas lutas (55º CAMPEONATO...2015, p.2).

As evidências sobre a prática do *sumô* na ACEI de Itati, em termos de fontes documentais consultadas, faziam referência a primeira década de 2000 e envolviam

também ao contexto de campeonatos, tal como observado na reportagem sobre a realização O 48º Campeonato Gaúcho de Sumô, que havia sido realizado na cidade no dia 20 de abril. A reportagem também apresentou os resultados, inferindo que os atletas de Nova Petrópolis haviam vencido a competição por equipe, além de trazer outros resultados nas categorias individuais, a saber: Kaneyoshi Ueno – campeão Peso Leve; Carlos Rauch – campeão Peso Médio e vice na categoria Absoluto; Joarez Schneider - 3º Lugar na categoria Peso Médio (EQUIPE..., 2008).

No ano seguinte, no dia 19 de abril de 2009, o *dohyo* da ACEI, novamente, foi palco para o Campeonato Gaúcho de Sumô, que ao alcançar a 58ª edição atraiu um grande público com cerca de 45 atletas de todo o estado. Na disputa por equipes, Nova Petrópolis terminou a competição em 2º lugar e os atletas que representaram a equipe do município foi representada por Kaneyoshi Ueno, Carlos Rauch, Bruno Rauch, Sammy Ueno e João Wissmann na comissão técnica (EQUIPE DE NOVA PETRÓPOLIS...,2009; SUMÔ..., 23 de Abr., 2009).

Em 2012, a prática na comunidade de Itati foi retratada pelo canal “SporTV”. Na ocasião, um dos alunos, chamado Mako, de onze anos, que treinava na ACEI com o professor Jorge Yutaka Takimoto, relatou que os treinos ocorriam em média cinco vezes por semana. O professor responsável Jorge Yutaka Takimoto, entrevistado na sequência, comentou que o *sumô* praticado ali era uma cultura japonesa milenar, preservada na localidade há mais de quarenta anos.

A associação contava, na época, com alunos descendentes e não descendentes de japoneses, com idades a partir de 5 anos e que era muito popular na pequena cidade de Itati, localizada no Vale do Rio Três Forquilhas, próxima a cidade de Terra de Areia. Além do mais, foi destacado que o foco dos treinos direcionados para os alunos, não visavam a competição, mas sim, se desenvolvia um trabalho no sentido de oportunizar às crianças e adolescentes a prática do *sumô* como uma atividade física a ser realizada depois da escola (SUMÔ EM ITATI, 2012).

Cabe ressaltar que, o projeto acima referido era oferecido para a toda a comunidade de Itati, assim sendo, com o passar dos anos a presença de meninos sem descendência japonesa também passou a ser observada, tal como o relatado pelo atleta lutador de *sumô*, Adiecson Gross Bobsin, que é natural da cidade. Bobsin, ao lembrar como a prática passou a fazer parte de sua vida, mencionou que durante a sua infância tinha muitos amigos japoneses e, aos 13 anos, em 2004,

através de amigos com raízes japonesas, foi convidado para praticar o *sumô*, principalmente, por ele ser o maior menino da turma:

E aí os caras chegaram em mim assim, ô “JACK”, que eu sempre fui o maior da turma, né? Eu sempre era o último da fila para entrar na sala de aula e aí eles me convidaram: “tu não quer fazer *sumô* com a gente, cara? Tu é grandão e tal”. Daí eu disse:” bah...*sumô*, cara. Ah, vamos lá fazer esse negócio, vamos ver como é que é isso aí. E eu aceitei e por meio desses convites outros colegas meus de sala de aula, da escola começaram a praticar o *sumô*. Então, na época o Botian (o Jorge Takimoto) ele tinha um projeto que era similar a esse que a gente tem hoje, então ele tinha muitas crianças, ele chegou a ter em torno de 30 atletas. Isso há uns 15 anos. E aí com isso, um coleguinha incentivava o outro” (BOBSIN, 2020).

Além do mais, o fato de os colegas de sala também praticarem o esporte, foi um elemento importante para que ele, posteriormente, também tenha se mantido engajado no *sumô*. Como muitos meninos da mesma faixa etária que a dele na escola, compartilhavam os significados do *sumô*, não havia preconceito. Na medida em que Adiecson seguiu praticando, foi adquirindo afeição ao esporte e começou a participar de campeonatos, na medida em que foi evoluindo. Contudo, devido ao fato de o *sumô* ser amador no Brasil, assim como seus parceiros de equipe, sempre teve que conciliar a prática com outros afazeres, tais como os estudos e trabalho dedicado à agricultura, que é um ramo desenvolvido na sua família (BOBSIN, 2020).

No ano de 2017, Adiecson participou do Campeonato Brasileiro de Sumô, onde obteve o 3º lugar na categoria peso médio e vice-campeão na categoria absoluto. Na ocasião, agradeceu à esposa que independentemente das circunstâncias nunca deixou de apoiá-lo, assim como toda a sua família. E, do mesmo modo expressou sua gratidão e reconhecimento pelo seu sensei: “não poderia esquecer aqui, de agradecer meu sensei Takimoto, que vem me treinando há 13 anos” (BOBSIN, 2017).

Nessa mesma direção, de promover o incentivo do *sumô* no estado do Rio Grande do Sul, em 22 de abril de 2018, o dohyo da ACEI, mais uma vez, sediou o Campeonato Gaúcho de Sumô, que no referido, ano havia alcançado sua 58ª edição.

**Imagem 22 - Atletas no 58º Campeonato Gaúcho de Sumô**



Fonte: SILVA, 2018.

O evento ganhou destaque por meio de uma reportagem veiculada pela prefeitura de Itati que, além de pontuar a participação de atletas da Seleção Brasileira de Sumô, apontou a participação de atletas de diferentes cidades, tais como: Três Forquilhas, São Leopoldo, Nova Petrópolis, Gravataí, Esteio, além da cidade sede, Itati. Na ocasião, a equipe de *sumô* do Rio Grande do Sul também havia se organizado, no sentido de levantar verba, com intuito de colaborar com as despesas relativas ao custeio da viagem e estadia dos atletas gaúchos Adiecson Gross Bobsin e Yuuki Sato, que iriam participar do Mundial de Sumô, que ocorreria no mês de julho daquele ano na cidade de Taiwan, na China. Para tanto, disponibilizaram a venda de almoços, camisetas e canecas.

Como parte da programação do Campeonato, em um momento anterior ao início das lutas propriamente ditas, as autoridades municipais e do *sumô* gaúcho tiveram direito a uma breve explanação. Fizeram o uso da palavra o treinador da Seleção Gaúcha de Sumô Antenor Yuso Sato; o Secretário Municipal de Esporte, Turismo e Meio Ambiente, Gilmar Silva de Oliveira; o representante do Poder Legislativo de Itati, vereador Osmar Prusch da Rocha; representante da Associação

Gaúcha de Sumô, José Newton Rodrigues de Vargas. Do mesmo modo, o então Prefeito Municipal, Flori Werb, aproveitou a ocasião para exaltar a importância da história da imigração japonesa para Itati, e propôs uma parceria entre Executivo e a Comunidade Nipônica com intuito de viabilizar a reestruturação do ginásio da ACEI, que de acordo com seu entendimento, a associação tanto em seus primórdios quanto no momento do campeonato continuava sendo fundamental para o desenvolvimento do município (SILVA, 2018).

**Imagem 20** - Solenidade de abertura 58º Campeonato Gaúcho de Sumô



Fonte: SILVA, 2018.

Tal como poderemos observar na imagem, que tem a Associação Cultural e Esportiva de Itati (ACEI) como pano de fundo, dividem espaço na mesa José Newton Rodrigues de Vargas, Flori Werb, Osmar Prusch da Rocha e Gilmar Silva de Oliveira. Na mesa localizada à direita, junto aos troféus e medalhas está Antenor Yuzo Sato. Após a abertura oficial, as competições tiveram início e os resultados por categoria, contendo os competidores e medalhistas podem ser acompanhados na tabela abaixo:

**Tabela 5 – Resultados 58º Campeonato Gaúcho de Sumô**

| MASCULINO   | FEMININO   |
|---|--|
| Categoria PRÉ-MIRIM<br>1º Gustavo (Três Forquilhas)<br>2º Cássio (Itati)<br>3º Matias (Itati)                                     |  |
| Categoria MIRIM<br>1º Guilherme (Três Forquilhas)<br>2º Andrei (Três Forquilhas)<br>3º Alysson (Itati) e Rafael (Três Forquilhas) |  |
| Categoria INFANTIL<br>1º Igor (Itati)<br>2º Humberto Dai (Itati)<br>3º Marcelo (Itati) e Gabriel (Três Forquilhas)                | Categoria INFANTIL<br>1º Juliana (Itati)<br>2º Gabriela (Itati)<br>3º Monica (Itati)                 |
| Categoria JUVENIL<br>1º Yuuki (São Leopoldo)<br>2º Murilo (Itati)   |  |
| Categoria ADULTO LEVE<br>1º Galdino (Gravataí)<br>2º Isamu (São Leopoldo)<br>3º Jair (São Leopoldo)                               | Categoria ADULTO<br>1º Elen (Itati)<br>2º Jovania (Itati)<br>3º Eline (Itati)                        |
| Categoria ADULTO MÉDIO<br>1º Deivi (Gravataí)<br>2º Gustavo (Gravataí)<br>3º Yuzo (São Leopoldo)                                  |  |
| Categoria ADULTO PESADO<br>1º Adiecson (Itati)<br>2º Joarez (Nova Petrópolis)   |  |
| Categoria ADULTO ABSOLUTO<br>1º Gustavo (Gravataí)<br>2º Yuzo (São Leopoldo)<br>3º Adiecson (Itati) e Deivi (Gravataí)            | Categoria ABSOLUTO<br>1º Juliana (Itati)<br>2º Gabriela (Itati)<br>3º Elen (Itati) e Jovania (Itati) |
| ADULTO EQUIPES<br>1º Itati<br>2º São Leopoldo<br>3º Gravataí e Nova Petrópolis  |  |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos resultados do 58º Campeonato Gaúcho de Sumô.

Na sequência, apresentamos imagens que correspondem aos participantes das categorias correspondentes ao feminino e infantil masculino.

**Imagem 23 - Sumô feminino no 58º Campeonato Gaúcho**



Fonte: SILVA, 2018.

Importa ressaltar que, conforme o disposto na tabela (5), onde estão descritas as colocações dos atletas de cada categoria contemplada no campeonato, a presença de mulheres é notadamente inferior, em termos de número de participantes, do que as observadas nas categorias masculinas. Assim sendo, enquanto temos nove categorias voltadas ao masculino, as respectivas às categorias femininas perfazem apenas duas.

Pontualmente, sinalizamos que os documentos por nós acessados, demarcam a participação de mulheres em campeonatos realizados no início dos anos dois mil, tal como 3º Campeonato Feminino, que ocorreu no ano de 2003, juntamente a dois outros campeonatos, sendo eles o 43º Campeonato Estadual de Sumô e 2º Campeonato Estadual Master de Sumô. Tais eventos haviam ocorrido no *dohyo* localizado na sede da Associação Cultural e Esportiva da Colônia Japonesa de Ivoti (CAMPEONATO DE SUMÔ, 28 de abril de 2003).

Cabe inferir que, a análise acerca do número pouco expressivo de mulheres e meninas participantes, pode estar ligada aos ditames da prática em contexto japonês. Tal entendimento, vai ao encontro das reflexões de Mocarzel (2016) ao ressaltar o que o sumô profissional no Japão é somente masculino, ditado, portanto,

por certos comportamentos conservadores, assim sendo, não permite a prática de mulheres. Mesmo que a participação de mulheres em âmbito internacional não tenha tantas ressalvas, o impacto dos referidos ditames ainda reverbera no cenário desportivo feminino do sumô (MOCARZEL, 2016).

**Imagem 24** - Sumô infantil no 58º Campeonato Gaúcho



Fonte: SILVA, 2018.

A partir do exposto, podemos denotar que os campeonatos realizados pela ACEI em Itati, tem sido um dos importantes meios voltados a promover a cultura imbricada na prática do *sumô* não somente entre os descendentes de japoneses, mas para o público em geral. Nesta mesma direção, conforme reportagem publicada pelo jornal Zero Hora em julho de 2022, o lutador Adiecson Gross Bobsin, com o apoio da família, em especial sua esposa, no ano de 2018 idealizou um projeto da modalidade em Itati, nomeado: "Sumô É Vida, Sumô É Educação", que contava com o apoio da prefeitura do município e atendia inúmeras crianças na faixa entre sete e

16 anos. No entanto, também acabou interrompido pela pandemia. O projeto sempre foi um desejo do lutador:

Sobre o projeto sempre foi um desejo. Quando eu comecei a participar do adulto me despertou esse desejo de participar de um projeto social, de poder oferecer alguma coisa diferente para as pessoas. Porque nessa época em que eu passei para a categoria adulto já não existia mais o projeto de quando eu iniciei o sumô. E com o passar dos anos, cada ano que passava e que eu crescia no sumô, mais eu tinha o desejo de realizar esse projeto (PRAETZEL, 23 e 24 de julho de 2022, p. 8).

A proposta do projeto foi estruturada de forma a desenvolver o esporte para além da cidade de Itati, ou seja, tanto em outras regiões do estado do Rio Grande do Sul como no país. De acordo com Adiecson, a relevância do projeto, para além da promoção da saúde e da sociabilidade, encontrava subsídios mesmo dentro dos valores do sumô, transmitidos aos lutadores mesmo quando pequenos. Assim sendo, por meio da disciplina, os alunos iam aprendendo que não existiam rivalidades, mas sim que tinham que conservar total respeito pelos colegas, pois havia sido dessa forma que ele tinha aprendido no *sumô*: “ali dentro do *dohyo* tu vai lutar para ganhar, mas no momento que tu sai dali, tu fortalece uma amizade, tu faz novas amizades, que são coisas que tu acaba levando para o resto da vida” (BOBSIN, 2020).

Em termos de alcance, desde que o momento em que o projeto havia sido criado, no ano de 2018 até 2020, data da entrevista analisada, já tinham passado por ele 36 atletas, dentre os quais, estavam atletas femininas. A iniciativa do projeto se deu mediante recursos próprios e, em 2019, começou a fazer parte do CRAS<sup>76</sup>, com o apoio pela prefeitura, haviam conseguido renovar para o ano de 2020, contudo, em razão da pandemia não pode continuar, o que os levou a adaptar as aulas no formato on-line.

Frente ao exposto, a narrativa historiográfica fabricada até o presente momento nos permitiu assinalar que a prática do *sumô* no Rio Grande do Sul e nas associações nipo-brasileiras teve seus primeiros contornos delineados como uma

---

<sup>76</sup> O CRAS – Itati – RS (Centro de Referência de Assistência Social) é um equipamento público mantido pelo MDS (Ministério do Desenvolvimento Social). Ele foi criado com o objetivo de fornecer apoio e proteção assistencial a pessoas que residem em áreas consideradas de vulnerabilidade social. Uma das atribuições do CRAS é viabilizar o acesso a projetos e benefícios governamentais.

tradição a ser transmitida de pai para filho, entretanto, com o passar dos anos, passou a ganhar adeptos sem qualquer ascendência japonesa.

Tal entendimento, encontrou aporte também nos testemunhos, que juntamente as fontes documentais, nos dão a ver representações de um tempo escoado, de algo que teve seu lugar no tempo (PESAVENTO, 2006). A relevância em torno das narrativas segundo a História Cultural pode ser compreendida como um meio de dar voz às pessoas comuns, visto que por meio delas é que se torna possível depreendermos “as maneiras pelas quais elas dão sentido às suas experiências, suas vidas, seus mundos. Nesta direção, Burke (2008, p. 158), ressalta que o interesse pelas práticas narrativas se encontra intimamente ligado às “características de uma cultura em particular, pelas histórias que as pessoas, naquela cultura, contam a si mesmas sobre si mesmas.”

As associações, vistas como espaços voltados a fortalecer as noções de pertencimento identitário, tem o *sumô* como um dos veículos que tem propiciado, tanto a produção como o compartilhamento de uma memória coletiva entre seus praticantes. Do mesmo modo, a partir dos documentos consultados, podemos perceber que, a partir da realização de campeonatos, os lutadores de diversas localidades do estado se reuniam para partilhar os significados circunscritos à essa prática, que na realidade dos *sumotoris* brasileiros, se mostraram um tanto diferenciadas das concebidas no Japão, visto que em nosso país, a condição dos atletas é classificada como amadora.

Logo, sugere-se que os eventos e campeonatos que tem sido promovidos ao longo dos anos, tanto na ENKYOSUL, como na ACENB e na ACEI, são momentos particularmente importantes, tanto para a reunir os atletas de diferentes localidades no Rio Grande do Sul, bem como reforçar o *sumô* como uma prática corporal da identidade nipo-sul-riograndense.

## 5.5 BEISEBOL E SOFTBOL: REPRESENTAÇÕES DE ESPORTES OLÍMPICOS

Neste subcapítulo, buscamos apresentar os primeiros vestígios relativos à história do beisebol e do *softbol* e, do mesmo modo, compreender como se deu o desenvolvimento dessas práticas no Brasil e, em específico, nas associações de nipo-sul-riograndenses. Para tanto, primeiramente, abordamos o contexto pertinente ao *beisebol* e, na sequência, as relativas ao *softbol*. Cabe destacar que, a opção de trazermos essas duas práticas corporais em um mesmo segmento, encontra-se intimamente ligada às características que as regem, dado que o *softbol* se constitui de uma versão adaptada do beisebol, figurando entre as principais diferenças, o tamanho da bola, as dimensões do campo e as regras do jogo.

As particularidades acerca das representações advindas do beisebol e do *softbol* presentes nesses, diferem dos demais esportes aqui abordados, na medida em que comportam, como parte da sua história, momentos que as circunscrevem como modalidades olímpicas, posto que a primeira aparição do beisebol se deu nos Jogos de 1912, como esporte de demonstração e, no ano de 1992 ocorreu sua estreia oficial, nos Jogos Olímpicos de Barcelona. No que concerne ao *softbol*, esse foi introduzido como modalidade olímpica somente nos Jogos de 1996, em Atlanta. Em 2005, por decisão do Comitê Olímpico Internacional, o beisebol e o *softbol* foram votados para não integrar o programa dos Jogos Olímpicos de 2012 em Londres. Estes esportes, somente retornaram ao programa olímpico nos Jogos de 2020, realizados em Tóquio.

O cenário acima descrito serviu de pano de fundo para analisarmos as fontes, principalmente, devido ao fato de denotarmos que as representações advindas dessas práticas no estado do Rio Grande do Sul diferem sobremaneira, do disposto nos Jogos Olímpicos. Assim sendo, enquanto em megaeventos, os torneios de *softbol* são disputados apenas por mulheres e aos homens ficam destinadas as disputas do *beisebol*, em contrapartida, ao consultarmos nossas fontes, evidenciamos que essas práticas tem sido desenvolvidas nas associações por equipes mistas, ou seja, por homens e mulheres dividindo espaço, principalmente em competições.

Ao buscarmos as origens do beisebol, encontramos apontamentos que este esporte teria se originado na Inglaterra, provavelmente, como uma evolução do

“rounders”<sup>77</sup> praticado no século XVIII. No entanto, a versão do beisebol que conhecemos na atualidade, foi concebida pelo norte-americano Abner Doubledy, por volta de 1839 e, após sua criação, foi rapidamente ganhando adeptos e difundindo-se não só nos Estados Unidos, mas sim, em diversos países ao redor do mundo, como Itália, França, Bélgica, Holanda e Rússia. No que se refere ao território japonês, a chegada deste esporte se deu durante a Era Meiji, no ano de 1873, a partir de transações comerciais com o exterior e de convênios universitários (HELMER; OWENS, 2005; FUKUDA; STANGANELLI, 2006).

Após a Restauração Meiji, várias modalidades esportivas do ocidente foram introduzidas no Japão. Durante os anos 1870, além da inserção do beisebol, eventos de atletismo, rugby, futebol, e a patinação no gelo foram aos poucos sendo apresentados a população. Na época, os esportes ocidentais, inicialmente eram praticados por algumas poucas pessoas, contudo, por representarem a modernidade, paulatinamente foram se popularizando em todo o país por meio do sistema educacional, que os apresentava como um meio de se obter disciplina mental, assim sendo, além de serem inseridos em contexto escolar, passaram a compor o lazer dos japoneses, como atividades recreativas (SAKURAI, 2014).

Vale salientar que, no fim do século XIX, os esportes vigentes naquele período, passaram a incorporar elementos que os distinguissem de práticas esportivas antigas e primitivas. De acordo com Elias e Dunning (1992) há mais diferenças do que semelhanças entre os esportes modernos e os esportes tradicionais ou antigos. Ainda conforme o destacado pelos referidos autores (1992), os esportes modernos possuem tempo e espaço próprios para a sua prática e se caracterizam como uma “atividade de grupo organizada, centrada no confronto de pelo menos duas partes. Exige certo tipo específico de esforço e realiza-se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizados” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 230).

No âmbito brasileiro, os estudos sobre o beisebol, normalmente, apresentam duas versões que têm sido difundidas no meio acadêmico, a primeira atribui à inserção do beisebol no país mediante a inserção de imigrantes japoneses, que chegaram em 1908, já a segunda e de menor incidência estaria relacionada a vinda

---

<sup>77</sup> O *rounders* é um jogo inglês semelhante ao beisebol moderno e tem suas origens por volta de 1744. Para as partidas são necessárias duas equipes, que utilizam tacos e bolas para realizar os lançamentos e rebatidas, as quais ocorrem em quatro bases no campo.

de cidadãos norte-americanos que se transferiram para o estado de São Paulo na segunda metade do século XIX (RUBIO, 2000; FUKUDA; STANGANELLI, 2006). Entretanto, a continuidade da prática tem sido evidenciada na atualidade, como uma preferência entre descendentes de japoneses, embora seja perceptível a participação significativa de outras etnias.

Embora seja perceptível a participação significativa de outras etnias, esta relação entre o beisebol e os descendentes de japoneses, na atualidade, continua sendo evidenciada em clubes e associações esportivas e culturais. Tal representação, encontra-se atrelada à grande concentração de praticantes nos estados de São Paulo e Paraná, exatamente nas regiões de alta densidade de população de origem nipônica, que baseada em dados demográficos brasileiros, é apontada como a segunda população de etnia japonesa do mundo, ficando atrás apenas do próprio Japão, ou seja, dois milhões de nativos daquele país e seus descendentes (FUKUDA; STANGANELLI, 2006).

De acordo com o estudo de Dói e Júnior (2018) ao investigar as reportagens produzidas pela imprensa paulista, tendo como foco o Jornal de Notícias, no período pós-Guerra, trouxe o entendimento de que os esportes eram percebidos como bons mobilizadores da colônia japonesa. Assim sendo, eventos esportivos de beisebol, natação, atletismo e tênis eram produzidos por ou continham a participação de imigrantes nipônicos (DÓI; JÚNIOR, 2018, p. 271). O referido estudo ainda trouxe uma nota do Jornal de Notícias, onde o empenho dos japoneses foi imprescindível para a difusão do beisebol no Brasil, salientando que “ninguém fez nada por ele nos primeiros tempos, a não ser os esportistas japoneses, sempre dedicados e batalhadores” (TRABALHA-SE..., 1947).

Os cenários que unem estas duas práticas, são representados por meio de clubes, ligas e demais associações que tratam da organização do *beisebol* e do *softbol* em território brasileiro. A exemplo disto, no ano de 1946, ocorreu a fundação da Federação Paulista de Beisebol e Softbol - FPBS, que começou a organizar competições oficiais no Brasil, incluindo a incorporação de equipes de outros estados, principalmente do Paraná. Já em 1948, com vistas a dirigir as atividades esportivas da região, foi fundada a Liga Desportiva Norte Paranaense, enquanto que no sul do estado foi fundada a Associação Esportiva Nipo-Brasileira que, mais tarde, passou a se denominar Associação Curitibana de Beisebol e Softbol.

Entre os anos 1985 a 2003, a ida de brasileiros descendentes japoneses para trabalhar no Japão, conhecidos como “*dekassegu*”, coincide com dificuldades da economia do Brasil, o que redundou na extinção de atividades relacionadas ao beisebol nas cidades de menor porte. Mantiveram-se em funcionamento, no entanto, as equipes e clubes de maior comprometimento financeiro. A vinda de técnicos cubanos, somada à fundação da Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol, (CBBS), em 1990, reaquece as atividades desta modalidade que passa a competir, também, no nível internacional. Em 2003 na CBBS atingiu um total de 16 jogadores brasileiros atuando como profissionais no Japão (um terço dos jogadores brasileiros de futebol no mesmo país) e mais três nos Estados Unidos, evidenciando-se assim uma melhoria de qualidade de beisebol no Brasil.

A Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol é a responsável pela organização, controle e administração dessas duas modalidades olímpicas no Brasil. Com sede em São Paulo (SP), a CBBS direciona suas atividades para divulgar e, principalmente, massificar o *beisebol* e o *softbol* no país. Para tanto, conta com o apoio de diversos parceiros, entre eles do Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Dessa forma, a CBBS tem conseguido, com bastante êxito, disseminar estes esportes no país. Já são mais de 30.000 praticantes, 120 times espalhados pelo Brasil inteiro e algo em torno de 55 campeonatos nacionais e internacionais por ano.

Atualmente são sete as Federações filiadas a CBBS: Paulista, Paraense, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Brasília, Rio de Janeiro e Paranaense, nas quais atuam 250 juízes. Além destas, há outras sendo formadas nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde há atividades de *beisebol* e *softbol* em menor escala (FUKUDA; STANGANELLI, 2006; CBBS, 2019).

No Rio Grande do Sul, as primeiras evidências encontradas sobre o beisebol remontam a década de 1960. Conforme o depoimento do imigrante Takayuki Kurihara contido no livro “Marcas do Desbravamento”, durante a adolescência, no ano de 1948, ele teve a oportunidade de conhecer o *softbol* e *beisebol* no colégio provincial de Kumamoto, onde estudava. Especificamente sobre o beisebol mencionou, “minhas lembranças do *baseball* ainda são bem vívidas” (MARCAS DO DESBRAVAMENTO, 2011, p. 80).

Em 1956 o Sr. Kurihara imigrou para o estado do Rio Grande do Sul no navio *Burajiru Maru*, que realizava sua sétima viagem internacional. No entanto, no ano de

1960 devido ao desgaste ocasionado pelos dias repetitivos de trabalho árduo para conseguir o mínimo necessário para a sobrevivência, bem como pela combinação de falta de saneamento e má alimentação, ele teve que se submeter a uma cirurgia para remoção de um rim. Foi uma experiência muito traumática por estar num país desconhecido e longe da terra natal, especialmente quando pensava como seria o futuro. Contudo, graças a ajuda de amigos, conhecidos e veteranos, conseguiu se recuperar da doença e ter alta do hospital.

De forma surpreendente, tal como relatado pelo imigrante, que havia ficado internado por quase três anos, a prática do beisebol após esse período havia se alastrado na colônia como fogo na plantação. De forma a preencher uma sensação de vazio deixado em sua vida durante a enfermidade e, também por carregar a certeza de que não encontraria um técnico que o agradasse, tal como suas memórias advindas do esporte vivenciado no Japão, decidiu voltar o curso de sua vida novamente para o beisebol.

No ano de 1964, quando o segundo cônsul, Sr. Shiro Kondo, assumiu o consulado - estabelecido em 1959 – o time organizado pelos imigrantes no Rio Grande do Sul, havia elevado seu potencial de forma significativa e, em decorrência dessa qualidade alcançada, convidaram um forte time de São Paulo para um jogo amistoso. Posteriormente, no ano de 1965, a equipe do Rio Grande do Sul nomeada “Gaúcho” teve a oportunidade de participar de um campeonato nacional. Os detalhes daquele momento foram também lembrados:

Sucessivamente, trabalhamos bastante para realizar o sonho de nossos jovens. Com a ajuda do cônsul, tivemos a doação de uma bandeira de campeão do campeonato japonês. Eu ainda não conseguia acreditar que, com a ajuda de todas as pessoas da colônia, estávamos realizando jogos de baseball com bola rígida no Brasil. Às 8:30hs do dia 4 de setembro de 1965, foi aberto o 19º campeonato brasileiro de baseball no estádio municipal de Bom Retiro, em São Paulo, com a presença de 14 times de 5 estados. Para mim, como o técnico responsável pelo time do estado do Rio Grande do Sul, a seleção gaúcha, foi uma sensação que não experimentava há 16 anos, desde o torneio estudantil de baseball, especialmente pela estrutura que havia sido providenciada para o torneio (MARCAS DO DESBRAVAMENTO, 2011, p.80).

O referido momento, ficou marcado na memória dos atletas da equipe sul-riograndense, principalmente no que diz respeito ao que foi proferido por meio de um discurso feito pelo diretor do torneio, Sr. Isao Nishi, que na ocasião, lembrou das dificuldades que o time havia superado para participar do torneio, em parte, por conta das chuvas que haviam alagado casas, inundado plantações e até derrubado pontes naquele ano. E, ainda ressaltou que, a presença de todos os atletas do time havia dado um sentido maior àquele torneio. Além do mais, afirmou que o espírito esportivo pressupunha a superação de barreiras, uma vez que as dores ao serem suportadas, aproximavam da honra. Por esta razão, a participação do time naquele torneio fazia nascer o sentimento e o espírito esportivo de cada um dos membros do esquadrão gaúcho (MARCAS DO DESBRAVAMENTO, 2011, p.82). A participação naquele campeonato nacional, do mesmo modo, serviu para combater o sentimento de estagnação que assolava a colônia, tendo sido possível somente pelo entendimento, apoio e investimento do cônsul geral.

No que tange aos resultados do campeonato, o time “Gaúcho” alcançou a sexta colocação entre os 14 times que disputaram a competição. Tal resultado, embora não tenha sido percebido pelos atletas como algo excepcional, trazia indicativos de uma primeira participação, regida previamente tanto pelo pouco tempo de treino disponível, bem como pelos poucos recursos oferecidos pela colônia. Os esforços da equipe para participar do campeonato nacional, segundo o Sr. Kurihara serviram de incentivo aos jovens, algo a ser deixado como legado para as gerações seguintes. Tanto que todos na colônia começaram a repensar o papel do Rio Grande do Sul, não somente no cenário do beisebol, mas também em todos os aspectos. Na sequência, é possível conferir o registro relativo ao time “Gaúcho” de beisebol no ano de 1966.

**Imagem 25** - Time de Beisebol GAÚCHO em 1966.



Fonte: Página Farrapos Beisebol Clube no *Facebook*, 2013.

A partir das fontes consultadas, podemos aferir que, o time “Gaúcho” foi um dos primeiros times de beisebol formados por japoneses que tivemos notícia no estado, tendo sido formado no início da década de 1960 e, portanto, referenciado como um dos pioneiros. Embora não tenhamos conseguido informações mais precisas sobre o local retratado na foto, tal como poderemos observar, o time parece ser composto, em sua maioria, por indivíduos com alguma ascendência japonesa e, se levarmos em conta a data indicada e os períodos de imigração que tivemos para o nosso Brasil, denota que os atletas eram todos jovens, ou seja, eram *isseis*.

Embora tenhamos o registro desse time da década de 1960, em meados de 1980 outros times fundados por japoneses foram evidenciados, tal como o como o *Kyushin* de Porto Alegre criado em 1982 e, posteriormente, nos anos dois mil, surgiram os times Farrapos, de Porto Alegre, e do Bromos, de Pelotas, ambos idealizados em 2006 (AMERICANOS..., 2012).

No que tange a história do *softbol*, evidências apontam para o ano de 1987, visto que essa prática foi criada por um grupo de amigos, que se reunia no ginásio do *Iate Clube Ferragut*, localizado na cidade de Chicago, nos Estados Unidos (RIASCOS; RINCON, 2014). Em território japonês, o *softbol* teve início em 1921 e,

em terras brasileiras, embora tenha sido introduzido pelos imigrantes japoneses, começou a ser praticado com maior intensidade a partir da década de 1970, principalmente pelas mulheres (esposas e filhas) descendentes de japoneses. Estas atuavam inicialmente como acompanhantes dos maridos, pais e filhos nos campos de *beisebol* e *softbol*, mas aos poucos foram mudando esta realidade ao entrarem em campo (MURATA, 2013; FUKUDA; STANGANELLI, 2006).

Em terras sul-rio-grandenses, tal como foi evidenciado no tópico referente ao *sumô*, o centro esportivo do lanifício Kurashiki, além de ser espaço de treinamento e de competições para os lutadores da modalidade, do mesmo modo, se direcionava a concentrar partidas e torneios para os praticantes de *softbol* na década de 1960, tal como o demonstrado no estudo de Moraes (2018), que menciona o time que representava o bairro do Lami, localizado na zona sul de Porto Alegre.

**Imagem 26** - Torneio de *Softbol* no campo do Lanifício Kurashiki



Fonte: (MORAES, 2018).

No estado do Rio Grande do Sul, a prática tanto do *beisebol* como do *softbol* tem se dado ao longo das décadas por intermédio de times organizados em diversas regiões, alguns deles, no momento em que foram idealizados, adotaram como nome

de batismo suas cidades de origem como referência, outros optaram por trazer expressões em inglês e, há casos de equipes que, com o passar dos anos foram modificando seu nome para atraírem mais participantes, como o Porto Alegre White Tigers, que possuía um nome em japonês (BORBA, 2017).

O levantamento realizado em vias de identificar as equipes de *beisebol* no estado e as respectivas localidades que representam, podem ser conferidas na tabela abaixo:

**Tabela 6 - Equipes de beisebol do Rio Grande do Sul**

| <b>Nome da Equipe</b>               | <b>Cidade</b>     |
|-------------------------------------|-------------------|
| Porto Alegre White Tigers           | Porto Alegre      |
| Kyushin                             | Porto Alegre      |
| Seinenkai                           | Porto Alegre      |
| Chimangos                           | Porto Alegre      |
| Farrapos                            | Porto Alegre      |
| Bromos                              | Pelotas           |
| Maragatos                           | Canoas            |
| RS Eagles Baseball Club             | Novo Hamburgo     |
| Tigers                              | São Leopoldo      |
| Veranópolis Vikings                 | Veranópolis       |
| Hunters                             | Santa Cruz do Sul |
| Phoenix Beisebol e Softbol de Ivoti | Ivoti             |

Fonte: Elaborado pela autora

As agendas dos times, além dos treinos, incluem competições como os amistosos e torneios, a exemplo da Liga Gaúcha de Beisebol e o Campeonato Nacional, cabendo mencionar que esse último é realizado anualmente, normalmente entre os meses de novembro e dezembro. E, para representar o Rio Grande do Sul nesse evento, normalmente são selecionados três times (BORBA, 2017). Tal como ocorre na Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol, algumas equipes de beisebol representam também o *softbol*, a saber:

**Tabela 7-** Equipes de *softbol* do Rio Grande do Sul

| Nome da Equipe                      | Cidade          |
|-------------------------------------|-----------------|
| Phoenix Beisebol e Softbol de Ivoti | Ivoti           |
| Porto Alegre White Tigers           | Porto Alegre    |
| Tigers                              | Novo Hamburgo   |
| Locones B. S                        | Gravataí        |
| Sapucaia Crows                      | Sapucaia do Sul |
| Gravataí Dragons                    | Gravataí        |
| Stars                               | Ivoti           |

Fonte: Elaborado pela autora

Cabe ressaltar que, das equipes acima citadas, considerando tanto as de *beisebol* quanto de *softbol*, a maioria possui ao menos um atleta nipo-brasileiro, havendo casos de times em que esta etnia representa sua totalidade. Tal evidência confirma o envolvimento deste grupo social com estas práticas em território sul-rio-grandense. Ao analisarmos as fontes pertinentes às associações de nipo-brasileiros no estado do Rio Grande do Sul, as primeiras evidências que emergiram tanto sobre o beisebol quanto o *softbol*, partem da década de 1960 e demonstraram que essas práticas tem sido desenvolvido em associações nipo-brasileiras como ENKYOSUL e ACENB.

A ENKYOSUL, além de abarcar campeonatos de *beisebol* e *softbol*, é sede para treinamentos de diversos times no estado, tal como o RS Eagles Baseball Club<sup>78</sup>, antigo Cerâmica, criado no ano de 2008, do Kyushin de Porto Alegre, do Gravataí Dragons e do Phoenix Beisebol e Softbol de Ivoti, que divide os treinos entre o campo da ENKYOSUL e o de Ivoti. Na referida associação, o *softbol* apareceu como uma das práticas realizadas na sede campestre, localizada em Gravataí.

No acervo da ENKYOSUL foi possível encontrar uma edição do ANIBRA SHIMBUM, que era um jornal da Associação Gaúcha Nipo-brasileira. O jornal publicado em abril de 1988, divulgou a realização do primeiro campeonato de *softbol* da associação. O campeão infantil havia sido o time da ANIBRA e o campeão juvenil foi o time de Ivoti, ficando o time juvenil da ANIBRA em segundo lugar (SOFTBOL,

---

<sup>78</sup>O Cerâmica Beisebol quando criado em 2008 firmou parceria para fornecimento de uniformes e utilização de espaço físico com o clube de futebol de mesmo nome na cidade de Gravataí. No ano de 2012, o Cerâmica Beisebol desvinculou-se do Cêramica Atlético Clube, passando a se chamar RS Eagles Baseball Club.

1988). Destacamos que, a equipe da ANIBRA nasceu no ano de 1982 e teve seu nome modificado para *Kyushin* no ano de 2012. Embora tenhamos encontrado informações sobre o beisebol na década de 1980, somente na década seguinte foram encontradas novas evidências. Cabendo ressaltar a relativa ao ano de 1997, onde o Jornal do Enkyo informava que aconteceria um Campeonato da modalidade no campo da associação no dia 20 de abril (PROGRAMÇÃO DE EVENTOS, 1997).

A ENKYOSUL com o passar dos anos, revelou-se como espaço de continuidade da prática do beisebol, por meio da realização de grandes eventos como o Torneio Gaúcho de Beisebol, ocorrido no dia 11 de setembro de 2011. Na referida ocasião, o Ivoti Phoenix havia vencido todos seus jogos no torneio incluindo a semifinal contra o Cerâmica. Na final, sagrou-se campeão gaúcho da modalidade e levantou o Troféu Enkyo, ao obter a vitória sobre a equipe Farrapos. O dia encerrou com a cerimônia e entrega de prêmios.

**Imagem 27** - Ivoti Phoenix, campeão Gaúcho de beisebol 2011.



Fonte: IVOTI PHOENIX, 2011.

No que diz respeito ao contexto relativo ao *softbol* na ENKYOSUL, as décadas em que localizamos informações acerca da prática partem do ano 2012 e, abarcam potencialmente a realização de campeonatos. Tal como o exposto pelo então vice-presidente esportivo da associação, Fábio Keiichi Ueno, que também era atleta da equipe *Kyushin* de Porto Alegre, em entrevista concedida a um canal

esportivo, comentou que o *softbol* era muito jogado no Japão aos finais de semana pelas famílias. Sua fala ainda salientou a influência da imigração japonesa e os incentivos da associação para o desenvolvimento da modalidade:

Os imigrantes trouxeram este esporte para o Brasil e ficou muito forte nas colônias, o esporte está crescendo. O Enkyo vai fazer com que se incentive muito mais o esporte, as atividades esportivas em geral, para confraternizar e reunir mais a comunidade. Não só os japoneses, a gente está convidando a comunidade brasileira para participar junto com nós. É muito importante esta integração e o esporte é um meio de integração da comunidade (SOFTBALL..., 20 jun, 2012).

Ainda com referência ao ano de 2012, o Jornal da ENKYOSUL publicou que os grupos de *softbol* do estado, no ano em questão, haviam firmado um acordo no sentido de incrementar a prática no estado. Para tanto, organizaram uma agenda destinada a realizar três torneios anuais na categoria masculina, os quais ocorreriam nos meses de maio, agosto e novembro (ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA..., abr. 2012, p.1).

Do mesmo modo, podemos evidenciar a promoção de Torneios Mistos, compostos pelas categorias feminina e masculina, tais como os realizados nos anos de 2013 e 2014, os quais foram veiculados tanto por meio do Informativo da ENKYOSUL, quanto nas redes sociais da associação. No dia 28 de outubro de 2013, por exemplo, havia sido realizado um Torneio de Softball Misto Enkyosul, na sede campestre da associação. Para além disso, em 23 de setembro de 2014, mais uma edição da competição foi realizada e, na ocasião, o primeiro lugar foi conquistado pela equipe Ivoti Stars, e o segundo e terceiro conquistados, respectivamente, pelos times Gravataí Dragons e Sapucaia Crows (CAMPEONATO DE SOFTBOL..., 2014; TORNEIO MISTO, 2013).

Imagem 28 - Torneio Misto de Softbol da ENKYOSUL



Fonte: Phoenix Beisebol e Softbol, 2013.

No ano seguinte, nos dias 1 e 8 de agosto a ENKYOSUL ao promover o “Torneio Misto 2015 de Softbol”, apresentou particularidades que, até então, não haviam sido especificadas nas outras edições. O torneio ao ser realizado, adotou a modalidade nomeada ‘todos contra todos’, a qual previa que cada equipe participante deveria conter uma integrante feminina, uma criança até 13 anos ou um veterano acima de 60 anos. Na ocasião, sagrou-se campeã a equipe Ivoti Stars, em segundo lugar a equipe de Gravataí, e em terceiro a equipe Sapucaia Crows. Ao final da nota do jornal ainda foi informado que em setembro daquele ano seria realizado o “Torneio de Beisebol – NANKYU” (TORNEIO MISTO..., 2015).

No ano de 2019 a ENKYOSUL promoveu nos dias 6 e 13 de abril, o “Torneio Pioneiros”, em homenagem as pessoas que ajudaram a desenvolver o beisebol e softbol no estado. Foram cinco homenageados: Kiyoshi Aso, Taketo Uto, Masayuki Mizusaki, Nobuyuki Miyazaki e Takaaki Genba.

Imagem 29 - “Torneio Pioneiros” 2019



Fonte: GRAVATAÍ DRAGONS, 2019.

Através da documentação eleita à investigação, para além do exposto anteriormente, com relação ao contexto dos campeonatos promovidos pela ENKYOSUL, o desenvolvimento do softbol e do beisebol emergiu por meio de reportagens que tratavam especificamente desses esportes na localidade de Ivoti, como uma das práticas mantidas pelos imigrantes e descendentes. As fontes consultadas revelaram que a prática vinha sendo realizada no campo da ACENB, onde ocorriam os treinos da equipe Ivoti Stars e Phoenix Beisebol e Softbol, principalmente nos finais de semana. A este respeito, o jornal NH de Novo Hamburgo, no ano de 2017, veiculou uma reportagem sobre o *softbol* e *beisebol*, as citando como práticas muito comuns em Ivoti (IVOTI STARS, 2017).

Corroborando com o exposto, o jornal Zero Hora mencionou que um dos esportes praticados na colônia de Ivoti era o *softbol*, que ao contrário do *gateball*, preferido pelos idosos, reunia os jovens descendentes de japoneses para disputar os jogos. O time Ivoti Stars foi citado na reportagem, como uma equipe composta por 10 participantes que, além de treinar na colônia, disputava campeonatos pelo

Rio Grande do Sul (OS JOGOS QUE UNEM A COMUNIDADE. Zero Hora, 16 de junho de 2008, p. 33.

No que se refere a equipe de beisebol “Phoenix Beisebol e Softbol de Ivoti”, foi formada em 26 de outubro de 2009 em Ivoti, anteriormente chamada “Ivoti Phoenix”, é uma equipe amadora de *softbol* e *beisebol* que representa a colônia japonesa do referido município e o estado do Rio Grande do Sul. A formação do time aconteceu pela vontade de montar um grupo organizado com o objetivo principal de desenvolver a prática de *softbol* e *beisebol* entre as colônias japonesas e também ao redor do estado do Rio Grande do Sul (PHOENIX BEISEBOL E SOFTBOL, 2013).

Diante do exposto, o *beisebol* e o *softbol* além de serem práticas que conquistaram grande popularidade no Japão, ao serem trazidas para o Brasil passaram a ser identificadas como uma representação da comunidade japonesa. Essa preferência acerca desses esportes entre os japoneses, também encontra-se amparada no retorno das duas modalidades nos Jogos Olímpicos de 2020, no Japão, visto que ambas haviam sido retiradas do quadro esportivo olímpico em 2012 (AMÂNCIO et al., 2019).

Embora os primeiros contornos por elas traçados no estado do Rio Grande do Sul estejam relacionados aos primeiros imigrantes que se estabeleceram no estado na década de 1950, a sua continuidade, além de ter sido observada no ambiente das associações nipo-sul-riograndenses pelas gerações seguintes, até o recorte correspondente ao nosso estudo, se apresentou de modo particular, na medida em que trouxe apontamentos que denotaram novas conformações, que representam a ressignificação dessas práticas.

O entendimento acima referido emergiu do enredo advindo das competições, posto que, enquanto no *beisebol* e *softbol* nos Jogos Olímpicos há uma delimitação que orienta que a composição das equipes de beisebol deve ser de atletas do sexo masculino e das de *softbol* do sexo feminino, ao nos depararmos com os campeonatos mistos de *softbol* realizados na ENKYOSUL, observamos equipes mistas, ou seja, composta por homens e mulheres. Além disso, em alguns casos, a maleabilidade direcionada a constituição das equipes, apontou para um elemento que podemos interpretar como uma tentativa de integração, tal como o evidenciado pelo “Torneio Misto 2015 de Softbol”, que ao determinar as regras da competição, adotou a modalidade nomeada “todos contra todos”, a qual orientava que os atletas,

ao comporem suas equipes, deveriam contabilizar uma integrante feminina, uma criança até 13 anos ou um veterano acima de 60 anos.

## 5. 6 *GATEBALL*: UMA PREFERÊNCIA ENTRE OS IDOSOS

O *gateball* é um esporte que emergiu no Japão em 1947, no período pós Segunda Guerra Mundial. Esta prática, semelhante ao jogo inglês “Cricket”, foi criada por Eiji Suzuki e, segundo a proposta inicial voltava-se a promover momentos em que as crianças pudessem desfrutar de brincadeiras divertidas que tirassem o foco dos abalos sofridos pela derrota na guerra. O *gateball*, chamado pelos japoneses por “gêtobôru”, surgia como um jogo fácil, pois não necessitava de muitos equipamentos<sup>79</sup> e nem de amplos espaços físicos, adequando-se a realidade territorial do Japão que possui pouca área e grande população (UCGB, 2014).

Após a regulamentação, o *gateball* se expandiu para outros países, incluindo a China e Brasil (UCGB, 2014). Estimativas do ano de 2005 assinalavam que 20 milhões de pessoas praticavam o esporte no mundo, sendo que a metade estava na China, seguida pelo Japão, com cinco milhões de praticantes (ALVES; POCAIA, 2005). Vale ressaltar que, no ano de 1984, houve a fundação da União Japonesa de *Gateball* e, no ano seguinte, em 1985, com a participação do Brasil, foi fundada a União Mundial de *Gateball* (WGU) (CANTARINO FILHO; MIURA, 2010). Embora tenha sido direcionada inicialmente ao público infantil, aos poucos se tornou uma atividade de lazer especialmente para pessoas da terceira idade, estando, portanto, associada a uma das imagens mais difundidas sobre a velhice no Japão até os dias de hoje (TRAPHAGAN, 1998).

A história do *gateball* nas associações nipo-brasileiras, de acordo com as fontes investigadas, passou a ser desenvolvido em meados da década de 1970, a partir da iniciativa do imigrante Matsumi Kuroki, que ao visitar o Japão em 1978, teve a oportunidade de assistir uma partida. Em decorrência disso, o esporte lhe despertou um grande interesse e, após tomar conhecimento sobre as regras e alguns aspectos técnicos, teve a ideia de introduzir esta atividade no Brasil. No

---

<sup>79</sup> Os equipamentos de *Gateball* são: tacos, bolas e arcos. Quanto ao espaço físico necessário, normalmente, pode ser praticado tanto em quadras de terra batida, como no gramado. As medidas oficiais da quadra abarcam 20 a 25 metros de comprimento, por 15 a 20 metros de largura.

entanto, ao verificar que os equipamentos eram pesados e de volume considerável, pois envolvia o uso de bolas, arcos, tacos e pinos, importá-los do Japão seria praticamente inviável, sendo possível trazer naquele momento apenas o regulamento editado pela Associação de *Gateball* da província de Miyazaki (GATEBALL..., 25 dez 2013). No tempo presente, existem sedes regionais responsáveis pelo esporte em, ao menos, oito estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Goiânia, Bahia, Recife, Paraná e Rio Grande do Sul (UCGB, 2014).

No estado de São Paulo, a pesquisadora Kanamoto (2007, p. 49), ao descrever o dia a dia dos idosos *nikkei*, em São Paulo, relatou que muitos jogam *gateball* diariamente. Esta prática, inclusive, conta com torneios específicos nos eventos realizados para o intercâmbio entre os Clubes de Anciões, organizados pela Federação dos Clubes Nipo-Brasileiros de Anciões (*Burajiru Nikkei Rôjin Kurabu Rengôkai – Rôkuren*). Esta Federação foi fundada em São Paulo, no ano de 1975 (IZUMI, 2010). Ainda no estado de São Paulo, Veloso (2010) relatou a prática do *gateball* por idosos no município de Guararapes (SP), nos treinamentos oferecidos por um clube japonês. Assim, é possível sublinhar que, dentre as características do *gateball*, está a abrangência de um significativo contingente de praticantes idosos nas colônias do país (SUZUKI; MIRANDA, 2008; SILVA, 2012).

Em Cascavel, no Paraná, por exemplo, estima-se que a introdução do *gateball* tenha principiado na década de 1980. De acordo com Silva (2012), esta prática era realizada na cidade há mais de 20 anos, congregando as pessoas todos os finais de semana, em sua maioria de descendência nipônica, na Associação Cultural e Esportiva de Cascavel (ACEC). No ano de 2012, esta entidade sediou o Campeonato do Oeste do Paraná da modalidade. O torneio, já clássico na região, contemplava no ano mencionado, sua 134ª edição e contou com o comparecimento de equipes de seis cidades.

No estado do Mato Grosso, o jornal Campo Grande News (online), no ano de 2022, evidenciou o *gateball* na Associação de Beisebol e Softbol de Campo Grande, a partir do praticante Yoshiaki, de 88 anos, que garantia que o esporte era fonte de juventude. O idoso, além de ser apaixonado pelo jogo há 28 anos, contou que objetivava repassar o gosto para as novas gerações. De acordo com a opinião do praticante, o esporte devido ao fato de unir o esforço físico moderado à necessidade

de pensar estrategicamente, ao invés de envelhecer, promove o rejuvenescimento: “Se não fosse pelos treinos, eu já teria morrido há muito tempo ou ficado em um sofá assistindo televisão com a aposentadoria”. Para além disso, relatou que, enquanto muitos idosos podem se sentir isolados em outros esportes, o jogo de origem japonesa é o espaço de inclusão. “Aqui todos os jogadores participam, independente da faixa etária, todos são os artistas principais” (ALVES, 2022).

Contudo, se por um lado, o esporte atrai muitos idosos, por ser um esporte que exige menos esforço físico, por outro não atrai muito as novas gerações. Desse modo, a Associação Campo-grandense de *Gateball*, vinha buscando métodos para repassar o amor pelo jogo japonês para pessoas mais novas e também fora da colônia japonesa. Tal assertiva encontra respaldo em estudos voltados a analisar o perfil de atividades praticadas em comunidades nipo-brasileiras e que sustentam o *Gateball* enquanto atividade física, tal como o desenvolvido por Kanashiro e Yassuda (2011).

No Rio Grande do Sul, notou-se a presença do *gateball* em três associações: ENKYOSUL, ACENB de Ivoti, bem como há evidências da prática na Associação Esportiva Recreativa da Colônia Japonesa Itapuã (ASERJI). A respeito disso, em 2014, a ENKYOSUL por meio de informativo menciona a realização do “7º Campeonato de *Gateball* do ENKYO RS”, ocorrido no dia 30 de agosto daquele ano, o qual havia sido realizado na sede campestre da associação. Esta competição compreendeu jogadores, organizados a partir de duas categorias: a primeira categoria contemplava jogadores com até 70 anos, e a segunda incluía jogadores com idade superior a 70 anos. O time vitorioso foi o “Gravataí B” e, em segundo lugar, o time nomeado “São Leopoldo A”. Ainda, foi salientado que a competição havia ocorrido em um dia muito lindo de sol e de muita alegria, brindando o momento das premiações: “Todos ficaram contentes com os prêmios recebidos e agradeceram pela realização de mais um campeonato e confraternização entre as comunidades locais. Muito obrigada a todos que ajudaram a organizar e dar continuidade a esse campeonato.” (7º CAMPEONATO, set. 2014).

Na ACENB da Colônia Japonesa de Ivoti/RS, as primeiras referências encontradas sobre o *gateball* aparecem relacionadas à fundação da associação, posto que o Jornal Livre Expressão, em uma matéria publicada no ano de 1995, infere que, a ACENB, além de ter uma academia para a prática de artes marciais,

uma cancha de *gateball* que, na década de 1990, era praticado, sobretudo, aos domingos à tarde, contando com a participação dos idosos da comunidade, que ali se encontravam para seu lazer e entretenimento, integrando-se com as gerações mais novas (COLÔNIA JAPONESA, 17 jan. 1995, p. 9).

Paralelamente a estes fins, o caráter competitivo fazia-se presente na rotina dos idosos, refletido pela realização de campeonatos, tal como o disputado na cidade de Campinas, São Paulo, no ano de 1996. O referido evento congregou 205 equipes de todos os estados brasileiros. Os representantes da Colônia Japonesa de Ivoti foram Masako Neshiba, Hisako Miyabe, Takeso Miyabe, Rumiko Sato, Jujiro Hikano e Sumaco Hayashi (COLÔNIA JAPONESA..., 1º maio, 1996).

O *gateball* nas décadas seguintes teve continuidade na quadra da ACENB. Conforme descrito por Iwasaki (2008), ao produzir uma reportagem ao jornal Zero Hora, os encontros se desenvolviam congregando praticantes distribuídos entre idosos e crianças, uniformizados, quase invariavelmente, com roupas e chapéus brancos, e divididos em duas equipes, tal como é imprescindível para efetivar-se a partida. Na reportagem em questão, evidenciou que um menino, em torno de cinco anos de idade, presente em uma imagem, era filho de habitantes da colônia e, assim como os outros, estava com seu taco para jogar *gateball*.

De modo a reforçar a prática do *gateball* com o passar dos anos na ACENB, a autora da tese, em visita à comunidade japonesa da referida localidade, teve a oportunidade de presenciar um grupo de idosos realizando uma partida durante um domingo destinado à Feira da Colônia Japonesa de Ivoti no ano de 2022. Tal como pode ser observado na imagem abaixo, a quadra de areia possui algumas demarcações e à esquerda da imagem vemos um dos “gates” próximo ao senhor que está vestindo uma camisa verde. As bolas de cores vermelha e branca, bem como os tacos representam demais materiais utilizados no jogo. Do mesmo modo, foi possível observar durante o registro, que a jogadora localizada bem ao centro da imagem, utilizando blusa e boné branco possuía avançada idade, também evidenciada por sua postura corporal.

**Imagem 30-** Partida de gateball em Ivoti



Fonte: fotografia da autora. Feira da Colônia Japonesa de Ivoti, 2016.

Para além de Ivoti, tivemos indícios que em outras comunidades de nipo-brasileiros, como a Colônia Japonesa de Itapuã, no Rio Grande do Sul, o *gateball* também tem sido cultivado nos últimos anos, em grande parte por idosos que se reúnem na Associação ASERJI. Os encontros ocorrem, de forma mais frequente, em períodos que antecedem competições estaduais e interestaduais (LEDUR, 2017). É plausível inferir que a promoção do *gateball* nas associações, ao ser realizada ao longo de décadas, representa um importante elemento de fortalecimento da identidade japonesa.

Ao considerar-se que o envolvimento de indivíduos, em uma prática presente em um determinado grupo, os leva a compartilhar sentimentos e valores em comum, a relação dos nipo-brasileiros com o *gateball* sugere uma valorização das circunscrições culturais legadas dos primeiros imigrantes que chegaram ao estado. Paralelamente a estes propósitos, o caráter competitivo fez-se presente ao refletir-se em campeonatos regionais e estaduais. A presença de crianças, mesmo que

evidenciada em menor escala, sugere a tentativa de continuidade desta prática, a ser transmitida pelos mais velhos aos mais jovens.

As fontes consultadas também revelaram mais duas práticas realizadas ao longo dos anos na cidade de Ivoti, o judô e o Tênis de Mesa. O Tênis de mesa é desenvolvido pela equipe ACENB TM de Ivoti e conduzido sob responsabilidade do professor Paulo Tanaka, que no ano de 2015 possuía um projeto voltado a promoção do Tênis de Mesa em Ivoti com 20 alunos inscritos (ACENB TM- Ivoti, 2015). E A prática do *Judô*<sup>80</sup> na colônia japonesa de Ivoti faz menção à década de 1980, sendo desenvolvida pelo *sensei* Manoel Aparecido Lacerda, na sede da Associação Cultural e Esportiva Nipo Brasileira da Colônia japonesa (COLÔNIA JAPONESA, 17 jan. 1985).

---

<sup>80</sup> Destacamos que, devido ao fato de o judô ter sido evidenciado somente na ACENB de Ivoti e já contemplado de uma forma mais abrangente durante a Dissertação de Mestrado da autora (LEDUR, 2017). Para mais informações, sugerimos o referido estudo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a narrativa da história cultural se propõe a oferecer um contexto a partir do qual as representações podem ser escritas, a busca de reconstruir uma versão acerca das práticas corporais no Rio Grande do Sul, especialmente, as desenvolvidas nas associações nipo-brasileiras, nos permitiu perceber que as contribuições advindas dos japoneses na sociedade brasileira se relacionam com o próprio processo de imigração.

Ao recuperarmos as motivações que levaram os japoneses a se aventurarem em terras distantes como o Brasil e, ao analisarmos as tratativas relativas ao estabelecimento dos imigrantes no país e no estado do Rio Grande do Sul, inferimos que, estes, após superarem as primeiras dificuldades advindas de preconceitos ligados a discursos étnicos e as barreiras culturais e linguísticas, se estabeleceram em comunidades que, posteriormente, passaram a se organizar por meio de associações de conterrâneos, denominadas *nihonjinkai*, voltadas a promover momentos de lazer, gerados tanto pelas práticas corporais quanto por festividades. Assim sendo, com intuito de compreender como as práticas corporais foram representadas nas associações culturais e esportivas dos nipo-brasileiros do Rio Grande do Sul, entre os anos 1969 e 2019, passamos a construir uma narrativa que contemplasse tal intento.

A análise das fontes consultadas para a presente tese demonstrou que, a história das práticas corporais realizadas por japoneses e seus descendentes no Brasil, passaram a ser observadas a partir da chegada dos primeiros imigrantes que aportaram no país em 1908. As contribuições advindas dessa etnia, no que diz respeito ao campo cultural e esportivo, se deu mediante o estabelecimento de associações, que traziam no seu bojo, diferentes práticas corporais. Deste modo, o associativismo se constituiu de importante mecanismo que contribuiu para a manutenção da cultura e identidade deste grupo étnico, posto que, por meio da criação desses espaços, podiam se identificar, se diferenciar perante outros grupos étnicos anteriormente estabelecidos na sociedade brasileira.

No estado do Rio Grande do Sul, as primeiras associações voltadas a preservar a cultura e as práticas corporais dos japoneses e descendentes no estado correspondem ao final da década de 1960 e, inicialmente, os associados

correspondiam, exclusivamente, aos de origem japonesa, mas, no decorrer dos anos, passaram a abarcar integrantes sem qualquer descendência. Cada um desses espaços se organiza por meio de um calendário anual, onde estão previstas reuniões e eventos de caráter coletivo, ligados a cultura, ao lazer, ao esporte e à promoção da saúde como um todo.

As práticas corporais desenvolvidas nestes espaços possuem uma história e características distintas, uma vez que tenhamos nos deparado tanto com as que traduzem aspectos que remontam aos tempos antigos no Japão, tal como o *sumô* e as danças tradicionais, bem como identificamos práticas emergidas somente após a Era Meiji, tal como o *undokai*, *rádio taissô*, bem como, há o *beisebol* e o *softbol* e o *gateball*.

Iniciamos as nossas primeiras considerações, acerca das representações advindas da presença da gincana *undokai*, nas associações nipo-brasileiras do Rio Grande do Sul. Esta, foi percebida como uma das práticas de grande representatividade da cultura japonesa, posto que traz consigo um ambiente demarcado por festividades que reúnem os japoneses e descendentes em grande parte das associações no estado. Diferenças inerentes ao período em que o *undokai* era realizado nas associações do estado, frente ao que era realizado no Japão, também foram evidenciadas, visto que, enquanto no país de origem a gincana ocorria, normalmente, nos meses correspondentes ao outono, no estado, era realizado entre os meses de abril e maio.

As atividades contempladas nas edições do *undokai* nas associações são organizadas a partir de uma programação pré-estabelecida e incluem esportes, brincadeiras, realizadas de forma individual ou coletiva, que contemplam as categorias infantil, juvenil e adulto. Assim sendo, os participantes acumulam pontos em atividades como: cabo de guerra, bola ao cesto e pegar grãos com *hashi*. Denotamos que, como momento de aquecimento e alongamento, antes das provas propriamente ditas iniciarem, os participantes realizam o *rádio taissô*, fato esse, observado em todas as associações em que constatamos o *undokai*. Embora a gincana envolva um ambiente competitivo, esse elemento não foi percebido como a tônica do evento, na medida em que, mesmo aqueles que perdem recebem premiações, que consistem de alimentos não perecíveis, doces, como objetos

escolares, produtos de limpeza e outros acessórios que mostrem consideração a sua presença e participação.

A respeito das representações inerentes ao *rádio taissô*, podemos depreender que, além de ser realizado como forma de aquecimento em eventos, como o *undokai* nas associações, essa ginástica ao ser realizada coletivamente demarca a abertura desse evento festivo e esportivo que também se destina a honrar a figura do imperador, o qual possui grande relevância para os japoneses e descendentes. Além do mais, para além do papel social desempenhado pelo *rádio taissô*, como um momento de integração, diante dos objetivos e das descrições dos exercícios que o compõem, os benefícios trazidos à saúde, potencialmente, ao serem investigados perante uma ótica voltada a promoção da saúde certamente seriam uma grande contribuição para a área da Educação Física.

Concernente às danças tradicionais japonesas, essas traduzem também reinvenção e tradição, posto que, ao nos depararmos com a história contada pela senhora Kumiko, nascida na década de 1930 em Kagoshima, podemos perceber por meio de suas memórias, que nos primeiros tempos decorrentes da imigração, o fato de não disporem de músicas gravadas não impedia que os passos de dança ocorressem, assim sendo, a melodia produzida advinha de seu canto, possibilitando assim, que a tradição continuasse.

Nesta mesma direção, os grupos formados posteriormente, se valeram do conhecimento das gerações anteriores para darem forma a novas expressões de dança, uma vez que, por meio de grupos como o *Shinsen*, formado majoritariamente por *sanseis*, a arte de dançar adotou movimentos mais dinâmicos, perante o entendimento de que os movimentos silenciosos e calmos tipicamente caracterizantes da dança japonesa não estariam em congruência com a cultura brasileira.

No que tange ao *sumô* praticado nas associações, podemos denotar que as representações produzidas no entorno dessa prática carregam significados relativos à realidade dos *sumotoris* brasileiros, posto que, na condição de amadores, as formas vivenciadas diferem significativamente das observadas no país de origem. Enquanto as representações do *sumô* profissional estão circunscritas a um contexto mais tradicional, que exige uma maior rigidez de comportamentos por parte dos lutadores, bem como dos aspectos religiosos advindos do *shintoísmo* verificado nos

*dohyos* do Japão, nas associações nipo-brasileiras do Rio Grande do Sul, o que ocorre é uma reinvenção desses espaços, que nem sempre dispõe de condições favoráveis aos treinos. Outro ponto a ser destacado se refere ao uso de bermudas por baixo do *mawashi* em treinos e competições, tal particularidade encontra respaldo em normas designadas pelas instituições que regem este esporte, bem como foi trazida por um dos atletas como algo implementado em função de preconceitos originados pelo entendimento da sociedade brasileira.

O sumô também emergiu como tradição familiar, uma vez que os primeiros imigrantes, incentivavam seus filhos a praticar desde tenra idade, mesmo que isso ocorresse muitas vezes de forma impositiva. Contudo, para além da transmissão feita entre as gerações, observamos a participação dos *gaijins*, ou seja, dos não descendentes de japoneses, os quais também absorveram os valores do esporte, de forma a motivá-los a criarem projetos voltados a desenvolver o sumô, tal como observado em Itati.

A trajetória dos imigrantes no Rio Grande do Sul também trouxe consigo a prática do *beisebol* e *softbol*, dentre todas as práticas abordadas na presente pesquisa carregam representações que as ligam aos Jogos Olímpicos e, portanto, além de serem muito apreciados pelos japoneses e descendentes, possuem maior quantidade de assíduos pelo mundo. A partir do exposto, as representações relativas a essas práticas no estado do Rio Grande do Sul são desenvolvidas, não somente pelo formato tradicional, direcionado pelas normas dos Jogos Olímpicos, onde a participação de homens é restrita ao *beisebol* e a das mulheres ao *softbol*. Mas, sim, percebemos muitas competições que, ao serem disputadas, permitem a participação de equipes mistas, tal como observado nas associações.

As primeiras equipes de *beisebol* e *softbol* formadas no estado do Rio Grande do Sul, surgiram na década de 1960. Sendo que uma das primeiras, foi um time de *beisebol*, que constituído por japoneses imigrantes, adotou o nome “Gaúcho” para identificar-se. A partir dessa menção ao termo gaúcho, podemos sugerir a intenção de integração e de trazer elementos que os ligassem também a identidade circunscrita ao Rio Grande do Sul. Tal fato, nos remete ao dinamismo observado na construção das identidades que, assim como a memória, é constantemente permeada de novos significados.

Essa permeabilidade identitária apresentada pelo time gaúcho, apresenta uma construção muito particular, posto que agrega diferentes culturas, neste caso em especial, ligada ao esporte, visto que, uma das leituras possíveis nos deu a ver um grupo formado por japoneses, praticando um esporte de origem americana em terras brasileiras, a utilizar um termo que remete a uma regionalidade. Ainda que tenhamos o registro desse time da década de 1960, outros times foram surgindo ao longo dos anos, como o *Kyushin* de Porto Alegre criado em 1982 e, posteriormente, nos anos dois mil, surgiram os times Farrapos, de Porto Alegre, e do Bromos, de Pelotas. Dos citados, a maioria foi criado e é composto por descendentes de japoneses.

Em evidência ao *softbol*, as tal como abordado no subcapítulo destinado ao *sumô*, havia em Sapucaia do Sul, um centro esportivo pertencente ao lanifício Kurashiki, que além de ser espaço de treinamento e de competições para os lutadores da referida modalidade, do mesmo modo, se direcionava a concentrar partidas e torneios para os praticantes de *softbol* na década de 1960.

Dentre os espaços que tem proporcionado o desenvolvimento tanto do *beisebol* quanto do *softbol* é a ENKYOSUL, que tanto serve de espaço de treinamento para diversos times do estado do Rio Grande do Sul, tais como os advindos de outras associações, como o Phoenix Beisebol e Softbol de Ivoti. Tal como mencionado anteriormente, os moldes adotados para a composição de times de *beisebol* e *softbol* no estado diferem dos observados em megaeventos, principalmente no que se refere ao *softbol*, posto que observamos times em que a integração parece ser um dos elementos a serem valorizados, a exemplo do que vimos nos torneios mistos, onde os times são constituídos por mulheres, crianças e idosos.

Uma outra suposição que também pode ser feita, quanto a essa proposta dos times mistos, pode ter ligação com o número de participantes de cada categoria, que se forem contabilizados separadamente podem não totalizar uma equipe completa. E, nesse caso, um estudo com esse levantamento em específico poderia oferecer os esclarecimentos necessários, dado que na presente tese os avanços nessa direção não tiveram como mensurar. Isto posto, os esportes *beisebol* e o *softbol* além de terem alcançado grande popularidade no Japão, ao serem trazidas para o Brasil

passaram a ser identificadas também como uma representação da comunidade japonesa estabelecida no Rio Grande do Sul.

O delineamento dos capítulos finais da tese também contemplou a prática do *gateball*, que no Rio Grande do Sul tem sido desenvolvido, principalmente na ENKYOSUL, na ACENB de Ivoti, bem como há evidências da prática na Associação Esportiva Recreativa da Colônia Japonesa Itapuã (ASERJI). As reportagens e demais documentos que faziam referência ao *gateball* demonstraram que essa é uma prática muito apreciada entre os idosos, no caso, representados em sua maioria pelos *isseis*, que além de praticarem nas sedes das associações participam de campeonatos organizados ao redor do estado e em outras localidades do Brasil.

Incentivados a responder nosso problema de pesquisa, fomos reunindo traços que, representados pelos documentos e demais fontes acessadas, pouco a pouco foram contribuindo para que pudessemos minimamente tecer uma narrativa voltada a compreender como as práticas corporais foram representadas nas associações nipo-brasileiras do Rio Grande do Sul. Isto posto, por meio da realização das práticas corporais realizadas nas associações os japoneses e descendentes preservam a memória coletiva da comunidade e se diferenciam perante outros grupos. Do mesmo modo, as representações vão sendo fortalecidas por meio da ressignificação destas práticas, que os leva a constituir novas formas de compreenderem-se tanto individualmente quanto como um grupo diante do mundo social que os cerca. Assim sendo, as associações se constituem de espaço tanto para preservar tanto a cultura advinda dos antepassados, quanto para negociação de representações identitárias.

## 8. REFERÊNCIAS

1º BLUMENSCHAU DE IVOTI, (花祭り). Hanamatsuri. **Jornal de Ivoti**, 12 outubro de 1991, p. 13. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

ACENB TM- IVOTI. Pagina Facebook AcenB TM- Ivoti, 2015, 18, jan., 2015). Disponível em: <[https://www.facebook.com/acenbttivoti/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/acenbttivoti/about/?ref=page_internal)>. Acesso em 13 de março de 2021.

A COLÔNIA JAPONESA NO FUTEBOL. **Jornal de Ivoti**, 1ª quinzena, nov. 1985, p.16. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

A INFLUÊNCIA dos imigrantes japoneses. **O Diário**, 20 out. 2000, p.8. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

AIRES, Hannah, LEDUR, Josiana Ayala, DE LOS SANTOS, Alfredo Fernando Aires, MAZO, Janice Zarpellon. A introdução do karate-do shotokan no Rio Grande do Sul: memórias do sensei Watanabe. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.25, n. 1, 2017, p. 118-128.

ALBERTI, Verena. **História oral e a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Fontes orais: histórias dentro da história**. In PINSKY, Carla B. (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005b.

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **AEDOS** - Revista do Corpo Discente do PPG-História da UFRGS, v.3, n. 8, p. 9 - 30, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16776>>.

ALMEIDA, Thais Rodrigues de. Gateball: jogo, cultura e identidade nipônica no Parque Farroupilha. Salão de iniciação Científica. **Livro de resumos**. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 665.

ALVES, Alessandra; POCAIA, Alessandra. Que tal uma partida de gateball? Esporte japonês abre espaço para atletas de todas as idades. **Revista na Esportiva**, Santo Amaro, n.1, p.11-12, dez. 2005.

ALVES, Aletheya. Aos 88 anos, Yoshiaki garante que gateball é a fonte de juventude. **Campograndenws**. Disponível em: <[https://lm.facebook.com/l.php?u=https%3A%2F%2Fwww.campograndenews.com.br%2Fflado-b%2Ffaz-bem%2Faos-88-anos-yoshiaki-garante-que-gateball-e-a-fonte-de-juventude&h=AT3uEz\\_N9BXkUOi3AFVw5PhAxUM70mCYcTD1b0le841kY3cd3y5kQTYfg-TCBvgcc8xWdE3TE7gawNRsw4o0EqzJGIthFWfQByW-NXSm7OuyZJtBo0UjViuM-UYK6D4EK9bnHeX7Us1iPROvLQHOEQ&s=1](https://lm.facebook.com/l.php?u=https%3A%2F%2Fwww.campograndenews.com.br%2Fflado-b%2Ffaz-bem%2Faos-88-anos-yoshiaki-garante-que-gateball-e-a-fonte-de-juventude&h=AT3uEz_N9BXkUOi3AFVw5PhAxUM70mCYcTD1b0le841kY3cd3y5kQTYfg-TCBvgcc8xWdE3TE7gawNRsw4o0EqzJGIthFWfQByW-NXSm7OuyZJtBo0UjViuM-UYK6D4EK9bnHeX7Us1iPROvLQHOEQ&s=1)>. Acesso em: 10 de agosto de 2022.

ALVES FILHO, Francisco. O ritmo lento do Gateball. **Revista ISTOÉ**, 19 de junho de 2006. Sessão Comportamento, edição nº 1917. Disponível em: <[http://istoe.com.br/6955\\_O+RITMO+LENTO+DO+GATEBALL/](http://istoe.com.br/6955_O+RITMO+LENTO+DO+GATEBALL/)>. Acesso em 02 de janeiro de 2017.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

AMÂNCIO, Deborah Soares; OLIVEIRA, Eduardo; ZANIOL, Gustavo; CAPRARO André Mendes. Beisebol e softbol: Critérios para a reinserção nos Jogos Olímpicos de 2020, sobre a perspectiva da espetacularização e midiatização esportiva. **Arquivos de Ciências do Esporte**, v. 7, n. 2, 2019.

AMERICANOS “descobrem” beisebol no RS e ensinam o esporte aos gaúchos. Por **GLOBOESPORTE.COM**, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://ge.globo.com/rs/noticia/2012/06/americanos-descobrem-beisebol-no-rs-e-ensinam-o-esporte-aos-gauchos.html>>. Acesso em: 02 de março de 2021.

ARTES DO JAPÃO. Budô. Disponível em: <<https://artesdaojapao.com/2011/10/budo/>>. Acesso em 11 de abril de 2022.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA. Leila destaca inclusão de projeto da Santa Casa de Pelotas no orçamento do governo japonês. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/noticias/leila-destaca-inclusao-de-projeto-da-santa-casa-de-pelotas-no-orcamento-do-governo-japones/2503837>>. Acesso em: 15 de maio de 2022.

ASSINADA A CONCESSÃO do Parque Aldeia do Imigrante de Nova Petrópolis. Prefeitura Municipal de Nova Petrópolis-Rio Grande do Sul. **Prefeitura Municipal de Nova Petrópolis-Rio Grande do Sul**, 10 de abril de 2018. Disponível em: <<https://www.novapetropolis.rs.gov.br/noticias/assinada-a-concessao-do-parque-aldeia-do-imigrante-de-nova-petropolis>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2022.

ASSMANN, Alice Beatriz. **O associativismo esportivo em Santa Cruz do Sul/ Rio Grande do Sul**: configurações de práticas culturais (da década de 1880 à década

de 1910). Dissertação (Mestrado), Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

ASSMANN, Alice Beatriz. **Figurações do Turnen no Sul do Brasil: redes de interdependência em escolas e clubes (décadas 1870-1920)**. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA NIPO-BRASILEIRA. **Atas**. Porto Alegre: Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira, 1973-1980.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti. **Cartaz de divulgação**. Encontrado no Memorial da Colônia Japonesa de Ivoti no ano de 2016. Acervo pessoal Josiana Ayala Ledur.

ASSOCIAÇÃO da Cultura Japonesa de Porto Alegre-ACJ-POA-Porto Alegre-RS. **Portal NIPPO Brasília – japão|Brasil**. Publicado em 23 de abril de 2017. Disponível em: <<https://www.nippobrasilia.com.br/associacao/enkyosul-associacao-de-assistencia-nipo-brasileira-sul-porto-alegre-rs/>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA NIPO E BRASILEIRA DO SUL- Undokai- **Informativo Enkyosul**, 2014, p.2.

ASSOCIAÇÃO da Cultura Japonesa de Porto Alegre-ACJ-POA-Porto Alegre-RS. **Portal NIPPO Brasília – japão|Brasil**. Publicado em 23 de abril de 2017. Disponível em: <<https://www.nippobrasilia.com.br/associacao/enkyosul-associacao-de-assistencia-nipo-brasileira-sul-porto-alegre-rs/>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

ASSOCIAÇÃO REGIONAL SAKURA realiza 1º Jantar Típico Japonês em Ijuí. **Revistanews** (online). Publicado em: 28 de setembro de 2023. Disponível em: <<https://revistanews.com.br/2019/09/03/associacao-regional-sakura-realiza-1o-jantar-tipico-japones-em-ijui/>>. Acesso em: 30 de junho de 2022.

A TRADIÇÃO MILENAR e cultura nipônica estão presentes em Ivoti. **Diário de Ivoti**, 21 out., 1994, ano II - nº 96, p. 8. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. *In*: PINSKI, C. (Org.). **Fontes históricas**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 23-80.

BACZKO, B. **Imaginação Social**. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985. Volume 5.

BARRETO, Alessandra Siqueira, SILVA, Felipe de Oliveira. Do início ao fim: mediação e associativismo a partir do caso Nikkei em Uberlândia. **Juiz de Fora**, v. 8, n. 1, jan./jun. 2013, p. 39 a 58.

BARROS, Benedicto Ferri. **A saga nipo-brasileira. Uma epopéia moderna: 80 anos de imigração japonesa no Brasil.** Comissão de elaboração da História dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil. Ed. Hucitec, Soc. Brasileira de Cultura japonesa, São Paulo, 1992.

BARROS, José D.'Assunção. BARROS, José D.'Assunção. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. **TEXTOS DE HISTÓRIA Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB.**, v. 11, n. 1-2, p. 145-172, 2003.

\_\_\_\_\_. **O campo da história: especialidades e abordagens.** Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. História política, discurso e imaginário: aspectos de uma interface. **Sæculum–Revista de História**, n. 12, 2005.

\_\_\_\_\_. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.12, n. 16, 1º sem. 2011.

BARTH, Fredrik. Introduction. *In*: BARTH, Fredrik. **Ethnic groups and boundaries.** Boston: Little, Brown, 1969.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 160p.

BOBSIN, Adiecson Gross. Bom Retiro, São Paulo. 16 de julho de 2017. (Instagram). Jack\_sumogauch. Disponível em: <[https://www.instagram.com/jack\\_sumogauch/](https://www.instagram.com/jack_sumogauch/)>. Acesso em: 04 de setembro de 2022.

\_\_\_\_\_. Entrevista com o atleta-Adiecson Gross Bobsin. . Entrevista concedida à Luciana Watanabe [[@lucianawatanabeoficial](https://www.instagram.com/lucianawatanabeoficial)]. Instagram, 7 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/CE2spz8i-0D/>>. Acesso em: 12 de maio de 2022.

BOEHL, Walter Reyes; MAZO, Janice Zarpellon. **Judô em Porto Alegre (décadas de 1950 e 1960): itinerários da prática na cidade.** Lecturas: Educación Física y Deportes, Vol. 23, Núm. 250, Mar. (2019).

BORBA, Tina. **Beisebol em Porto Alegre? Temos, sim senhor!** Disponível em:

<<https://medium.com/betaredacao/beisebol-em-porto-alegre-temos-sim-senhor-3196c79eba8a>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

BORGES, M. E. L. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BRAYNER, Natália Guerra. Patrimônio cultural imaterial: para saber mais. Brasília, DF: Iphan, 2007.

BURKE, Peter. BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: Educs, 2004.

\_\_\_\_\_. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 216 p.

CALDAS, Alan. Mostra japonesa em Ivoti. **Jornal Ivoti**, 21 de setembro de 1991, p. 11. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

CAMPEONATO DE SOFTBOL misto Enkyosul. **Jornal do Enkyo** setembro de 2014. Encontrado no acervo da Associação de Assistência Nipo brasileira do Sul – Enkyosul de Porto Alegre.

CAMPEONATO DE SUMÔ COLÔNIA JAPONESA. **Jornal Livre Expressão**, 28 de fevereiro de 1996, p.6. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

CAMPEONATO DE SUMÔ. **O Diário**, Ivoti, 28 abr. 2003. Edição 672, Ano XI-Sessão Esporte, p.1. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

CAMPEONATO NACIONAL brasileiro de sumô. **Jornal do ENKYO**, 17 de setembro de 2002, p.1. Encontrado no acervo da ENKYOSUL.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012. 219p.

CANTARINO FILHO, Mario Ribeiro; MIURA, Hiromi. **Japão e Brasília**: imigração e esporte. Brasília: Thesaurus, 2010, 346 p.

CASTRO, Suzana. Atleta de Ivoti participa da seletiva de São Leopoldo. **Jornal de Ivoti**, 3 de Julho de 2015, p.47.

CBBS. Confederação de beisebol e softbol. **Sobre a CBBS**. Disponível em:<<https://www.cbbs.com.br/pt/SiteConteudo.php?idParentConteudo=3489>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

CELLARD, A. 2008. **A análise documental**. In: J. Poupart, et al. (Orgs.). A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes.

CEM ANOS DE IMIGRAÇÃO. **O Diário da Encosta da Serra**. Junho de 2008, p. 6. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão de Arno Vogel. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estud. av., São Paulo, v. 5, n. 11, abril 1991.

\_\_\_\_\_. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 244p.

COIN, Juliana. Tradição folclórica japonesa: a dança das novas estrelas. Beta Redação. Disponível em: <<https://medium.com/betaredacao/tradi%C3%A7%C3%A3o-folcl%C3%B3rica-japonesa-a-dan%C3%A7a-das-novas-estrelas-da544a07662d>>. Publicado em: 27 ago. 2019. Acesso em: 24 jan 2022.

COLÔNIA JAPONESA DE IVOTI comemora 80 anos de imigração. **Jornal de Ivoti**, Ivoti, de 9 a 15 de jul. 1988, nº 88, pg.3. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

COLÔNIA JAPONESA. **Jornal Livre Expressão**. 17 de Janeiro de 1995, p. 9. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

COLÔNIA JAPONESA: gateball. *Jornal Livre Expressão*, Ivoti, p.8, 1º Mai.1996. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

COLÔNIA JAPONESA uma história dos que vieram e venceram. **Diário da Encosta da Serra**, 19 de outubro de 2004, p. 30. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. **Uma epopéia moderna**. São Paulo: Hucitec, 1992.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. **Carta do Folclore Brasileiro**. Salvador: CNF, 1995. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>>. Acesso em: 20 de abril de 2018.

COMITIVA JAPONESA de Shiga visitou Ivoti. **O Diário da Encosta da Serra**, 6 de fevereiro de 2013, p. 11. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

CONVIDAMOS a todos para participar da 31ª Gincana Esportiva Familiar, 2012, p.1. Encontrado no acervo da ENKYOSUL.

COSER, Stelamaris. **Em torno da memória: conceitos e relações**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2017.

CORÁ, Maria Amelia Jundurian - **Do material ao imaterial: patrimônios culturais do Brasil**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2014.

CRAVO, Ana Carla; SOARES, André Luis Ramos. **Um Breve Olhar Sobre a Mulher Nikkei na Imigração**. Congresso Internacional de História. Maringá, 2009. Disponível em: <<http://jararaca.ufsm.br/websites/nep/download/TExtos/mulher%20nikkei.pdf>>. Acesso em 22 de março de 2016.

CRICKET RULES: **Cricket history**. Disponível em: <<https://cricket-rules.com/cricket-history/>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

CULTURA TRADICIONAL- Feira de Hagoita. Arquivo NippoBrasil - Edição 185 - 11 a 17 de dezembro de 2002. Disponível em: <<https://www.nippo.com.br/culturatradicional/n185.php>>. Acesso em 02 de jan. 2021.

DAI PRÁ, Giovanna Aparecida Lisboa. **Imigração Japonesa em Ivoti, RS: aspectos culturais e identitários**.

DANÇAS JAPONESAS DIVULGAM O NOME DE IVOTI. **Jornal de Ivoti**, jul. 1985, p. 3. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física Escolar: compartilhando experiências. São Paulo: Phorte, 2011. v. 1. 464 p.

DA SILVA, Rafael et al. **A história da educação japonesa na Baixada Santista e Vale do Ribeira (1908-1945)**. Editora Appris, 2022.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n.6, p.9-25, 2003.

DEMARTINI, Z. de B. f.; et al. Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: elementos para a história da educação brasileira. *Educação & Sociedade*, ano XXI, n. 72, p. 43-72, agosto, 2000.

DEZEM, Rogério. **Matizes do 'amarelo'**: a gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

DILLY, Gabriela; GEVEHR, Daniel Luciano. **Para não espetacularizar o passado**: memória, identidade étnica e educação patrimonial na construção do Memorial da Colônia Japonesa de Ivoti. *COLÓQUIO – Revista do Desenvolvimento Regional - Faccat - Taquara/RS* - v. 11, n. 2, jul./dez. 2014.

DHEIN, Cíntia Elisa. **A interpretação patrimonial da imigração alemã para o turismo na Rota Romântica RS/BR**. 2012. 176f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias, 2012.

DOI, Igor Cavalcante; JUNIOR, Edivaldo Góis. Os Esportes dos Imigrantes Japoneses no Jornal de Notícias e suas Relações com a Identidade Nacional (1947-1950). **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 21, n. 4, p. 259-285, 2018.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p.187-221.

EMBAIXADA do Japão no Brasil. **Esportes**. 2012. Disponível em:< <https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/esporte.html>>. Acesso em 23 de fev. 2019.

EMPRESAS DO BRASIL. **Cadastro nacional**. ACEI, 2015. Disponível em: <<http://empresadobrasil.com/empresa/acei-90938259000170>>. Acesso em 13 de novembro de 2020.

\_\_\_\_\_. ASERJI, 2015. Disponível em: <[empresadobrasil.com/.../assoc-esportiva-rec-colonia-japonesa-itapua-aserji-92099134000120](http://empresadobrasil.com/.../assoc-esportiva-rec-colonia-japonesa-itapua-aserji-92099134000120)>. Acesso em 13 de novembro de 2020.

ENGEIKAI E KEIROKAI. 45º Apresentações artísticas ENKYOSUL- setembro de 2004. Encontrada no acervo da ENKYOSUL.

ENKYONEWS, Porto Alegre. Associação de Assistência à Colônia Japonesa do Sul do Brasil, n. 127, 15 jul. 1981. Encontrada no acervo da ENKYOSUL.

\_\_\_\_\_. Pessoa Brilhante. Associação de Assistência à Colônia Japonesa do Sul do Brasil, vol.5, p.4. Encontrada no acervo da ENKYOSUL.

ENKYOSUL. *Jornal da Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul*, abr. 2012, capa. Encontrado no acervo da Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul.

ENKYOSUL- Associação de Assistência Nipo Brasileira do Sul – Porto Alegre-RS. **Portal NIPPO Brasília – japon|Brasil**. Publicado em 23 de abril de 2017. Disponível em: <<https://www.nippobrasilia.com.br/associacao/enkyosul-associacao-de-assistencia-nipo-brasileira-sul-porto-alegre-rs/>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

ENNES, Marcelo Alario. **A construção de uma identidade inacabada: nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo**/Marcelo Alario Ennes. - São Paulo: Editora UNESP, 2001.

EQUIPE NOVA PETROPOLIS É CAMPEÃ GAUCHA DE SUMÔ. **O Diário**, sexta-feira, 25 de Abril de 2008. Edição 1938, Ano XVI - Sessão Esporte, p. 58). Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

EQUIPE DE NOVA PETRÓPOLIS no Campeonato Gaúcho de Sumô. **REDESUL**, Nova Petrópolis. Postado em: 24/04/2009. Disponível em: <<https://www.redesul.com.br/noticias/show/noticia/15177-equipe-de-nova-petropolis-no-campeonato-gaucha-de-sumo>>. Acesso em 11 de agosto de 2022.

ESTADUAL DE SUMÔ. **O Diário da Encosta da Serra**. 30 de Abril de 2014, p.25. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA A COLÔNIA JAPONESA DO SUL DO BRASIL, 1971. Encontrado no acervo da ENKYOSUL.

EVENTO CELEBRA CULTURA JAPONESA EM PORTO ALEGRE. **Correio do Povo**, 18 de Agosto de 2012. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/evento-celebra-cultura-japonesa-em-porto-alegre-1.99212>>. Acesso em 02 de janeiro de 2021.

EXTRATO DOS ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA À COLÔNIA JAPONESA DO SUL DO BRASIL. **Diário Oficial**, 10 de fevereiro de 1971. Encontrado no acervo da ENKYOSUL.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, dez.2002, p.314-332.

FESTA das Etnias Vale do Caí. **Pioneiro**, sexta-feira, 3 de dezembro de 1993. Sessão Turismo, p. 3. Hemeroteca Digital Brasileira.

FESTIVAL DO FOLCLORE DE IVOTI. **Jornal de Ivoti**, 1ª quinzena de agosto de 1985, p. 15. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

FLORES, Moacyr. **Japoneses no Rio Grande do Sul**. Separata da Revista Veritas nº 77/75. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre- RS, 1974.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRÉDÉRIC, Louis. O Japão: dicionário e civilização. Tradução Álvaro David Hwang et al. São Paulo: Globo, 2008.

FREDERIC, Louis. **Japan Encyclopedia** (new ed.). Harvard University Press, 2005, p. 147.

FROSI, Tiago; MAZO, Janice Zarpellon. O abasileiramento do clube de remo dos italianos em Porto Alegre nas décadas de 1930-1940. **Movimento**, Porto Alegre. v. 18, n. 3, p. 51-71, jul./set. 2012.

FUKUDA, Ossami; STANGANELLI, Julius. Beisebol. In.: DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2006.

FUKUNAGA, Sérgio. **Entrevista**. Concedida à Josiana Ayala Ledur. 01 de maio de 2017. Transcrição: Josiana Ayala Ledur.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo, Ed. Nacional, 1975, p. 117, 119.

GAUDIOSO, Tomoko Kimura. **O trabalho temporário no Japão e seu reflexo na estrutura familiar da colônia de Ivoti**. IX Reunião de Antropologia do Mercosul, julho de 2011 - Curitiba, PR.

\_\_\_\_\_. **A saga dos imigrantes japoneses na História do Rio Grande do Sul.** Em homenagem ao cinquentenário da imigração japonesa. Porto Alegre-RS, 2006, não publicado.

\_\_\_\_\_. A presença dos primeiros japoneses no Brasil. In: **Tecendo Relações: 200 anos de encontros entre Brasil e Japão.** Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito – PPGDir./UFRGS Edição Especial. Porto Alegre, 2003, p. 09-19.

\_\_\_\_\_. **A presença do governo japonês e sua política para a preservação de memória, da identidade e perpetuação da etnia japonesa no exterior: Brasil, século XX.** 2019. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

GAUDIOSO, Tomoko Kimura e SOARES, Andre L. Ramos. 50 anos de história: imigração japonesa em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. (1958–2008). **Itajaí: Maria do Cais**, 2008.

GATEBALL foi bem representado nas homenagens do dia do Esportista em Caraguá. **Expressão Caiçara: o Jornal do Litoral Norte**, São Paulo, p. 7, 25 a 31 dez. 2013. GILSON, Jacinta Milanez. **A invenção da cidade germânica:** tradição, memória e identidade na arquitetura contemporânea de Forquilha-SC. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal de Santa Catarina, centro tecnológico. Programa de Pós graduação em Arquitetura e Urbanismo. Florianópolis, SC, 2013.

GINZBURG, Carlo. **Sinais:** raízes de um paradigma indiciário. In: Mitos, emblemas e sinais. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-180.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos:** coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

GONÇALVES, Cíntia R. S. A. LOPES, Maria M. C. PAIVA, Eliane M. **Ensaio sobre a herança cultural japonesa incorporada à sociedade brasileira.** Fundação Alexandre de Gusmão - FUNAG, Brasília, 2008. 260 p.

GRAVATAÍ DRAGONS, 2019. Disponível em: <[https://www.facebook.com/gravataidragons/posts/pfbid029E3AtaJgk78BYpRihQJdKDxDESjVjsqtJ9akM6nt7XuFcWZCSo8kEmBkdCbYzV9I?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/gravataidragons/posts/pfbid029E3AtaJgk78BYpRihQJdKDxDESjVjsqtJ9akM6nt7XuFcWZCSo8kEmBkdCbYzV9I?locale=pt_BR)>. Publicado em 6 de abril de 2019>. Acesso em 23 de março de 2022.

GRUPO SHINSEI. Kumiko Tashiro, uma das inspirações do nosso grupo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/GrupoShinsei/photos/a.751372481644664/2086967181418514/>>. Publicado em: 23 de janeiro de 2019. Acesso em: 02 de março de 2022.

GUBA, Egon; Lincoln, Yvonna. 1981. **Effective Evaluation.** São Francisco: Jossey-Bass.

GUTTMAN, Allen. **Visando a Modernidade: arco e flecha e a modernização do Japão.** Revista Movimento, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 5-17, set./dez, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Michael. **História oral: os riscos da inocência.** O DIREITO À MEMÓRIA. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 157-160.

HALL, Mina. **The big book of sumo: History, Practice, Ritual, Fight.** Stone Bridge Press, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

HANDA, Tomoo. **O imigrante Japonês: história de sua vida no Brasil.** São Paulo: Ed. T. A Queiroz e Centro de Estudos Nipo-brasileiro, 1987.

HATUGAI, Érica Rosa. **A medida das coisas: japonesidades e parentesco entre associados da Nipo em Araraquara.** 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de São Carlos, 2011.

HELMER, Diana Star; OWENS, Thomas S. **The History of Baseball.** The Rosen Publishing Group, Inc, 2005.

HIRATA, Ricardo Yoshiyuki. **Tempo e Espaço na Dinâmica Migratória Japonesa: o Caso de Mogi das Cruzes.** Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu, Minas Gerais, Brasil, 18 a 22 de setembro de 2006. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006\\_438.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_438.pdf)> Acesso em: 12 de novembro de 2021.

HOBSBAWN, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade** (1990), 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

HOFFMANN, Leonardo. **A influência do xintoísmo, pensamento chinês e zen na formação do bushido e a experiência zen de Eugen Herrigel.** 2007. 158 f. (Graduação em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

HOFFMANN, Maria Luisa. A fotografia aliada à história oral para a recuperação e preservação da memória. In. BONI, Paulo César (Org.). **Fotografia: múltiplos olhares.** Londrina: Midiograf, 2011.

IJUINEWS. Formalizada criação da Etnia Japonesa – SAKURA, em Ijuí. Disponível em: <<https://www.etniasijui.com.br/formalizada-criacao-da-etnia-japonesa-sakura-em-ijui/>> Publicado em: 21/12/2017. Acesso em: 21 de novembro de 2021.

IMIGRAÇÃO JAPONESA. Viamão das Antigas. Disponível em: <<https://www.facebook.com/viamaodasantigas/posts/pfbid0HEwSZZEj7skjJoPoVeqUv9C2q2MWWFFh9rZ27fjNzjw5n42gpTJBfdVwfqSbiuKYWI>>. Publicado em: 18 de julho de 2018. Acesso em: 05 de fevereiro 2022.

IRMÃOS SATO BRILHAM NO SUMÔ. **Folha do Povo**, 27 de agosto a 02 de setembro de 2014 - Edição 381- Jornal Semanal de Sapucaia do Sul e Esteio, p.16.

IVOTI RECEBE VISITA DO JAPÃO. **Jornal Livre Expressão**, 30 maio 1995, ano 1, nº 34, p. 2. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

IWAMOTO, Vivian; SARAT, Magda. Danças japonesas: a história e a trajetória de uma professora imigrante. **Revista de História Oral**, Dossiê, v. 19, n. 2, p. 87-107, jul./dez. 2016.

IWASAKI, Jaqueline Moraes. Diário de Ivoti: Mais gateball. **CLICRBS**, 18 mai. 2008. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&uf=2&local=18&template=3948.dwt&section=Blogs&post=68968&blog=354&coldir=1&topo=3994.dwt>>. . Acessado em: 29 out. 2021.

IZUMI, Patrícia Tamiko. **Envelhecimento e etnicidade**: o processo de aculturação dos imigrantes japoneses. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. Brasil, 2010.

JAPONESES EM SOLO GAÚCHO. Série 90 anos de imigração, n. 7, 2010. Encontrado no Acervo da Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul-Enkyosul.

JAPONESES PRATICARAM GATEBALL EM IVOTI. **O Diário da Encosta da Serra**, 23 de abr. 2014, p.25. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

JAPONESES VIERAM PARA SOMAR DESENVOLVIMENTO: cultura nipônica enriquece folclore do município. **Jornal Livre Expressão**, 17 out. 1995, ano 2, nº 54, p. 7. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

KARAOKÊ NA COLÔNIA JAPONESA. **Jornal Livre Expressão**, set. 1995, p. 21. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

KEIROKAI. Associação de Cultura Nipo-Brasileira de Pelotas. Disponível em: <<https://www.facebook.com/JapaoemPelotas/>>. Publicado em: 25 de setembro de 2018.

KUBOTA, Nadia Fujiko Luna. **Relatos de chegada**: imigrantes japoneses em Campo Grande. Auroraunesp. Ano II, n. 2, jun. 2008.

KUSANO, Darcí. **Teatro tradicional japonês**. Fundação Japão em São Paulo, publicado em fevereiro de 2013. Disponível: <[http://fjisp.org.br/site/wp-content/uploads/2013/03/teatro\\_tradicional\\_japones.pdf](http://fjisp.org.br/site/wp-content/uploads/2013/03/teatro_tradicional_japones.pdf)>. Acesso em: 06 de outubro de 2016.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LEDUR, Josiana Ayala. **Práticas corporais na colônia japonesa de Ivoti, Rio Grande do Sul (década de 1980 à década de 2010)**. 2017. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

JUSTINO, Guilherme. Imigração japonesa em Ivoti completa 50 anos em agosto. **GAÚCHAZH**, 6 de ago. 2016. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2016/08/imigracao-japonesa-em-ivoti-completa-50-anos-em-agosto-7184621.html>>. Acesso em: 22 de novembro de 2021.

KANAMOTO, Etsuko. Oi no bunka jinruigaku 1: oi no esunishiti – tabunka shakai nimiru nihon imin no rōgō. (Antropologia cultural da velhice 1: etnicidade da velhice – a velhice na imigração japonesa na visão da sociedade multicultural). *Shōsai no mado*, Tokyo: Yuhikaku, n. 566, p. 7-8, ago. 2007.

KANAN, Manuela. Costumes da terra do sol nascente chegaram ao Pampa há 50 anos. **Hipertexto-Jornal da FAMECOS-PUC/RS**, Porto Alegre, junho de 2006.

KANASHIRO, Miriam Masako; YASSUDA, Monica Sanches. Estudo da Adaptação e Aplicabilidade do Questionário Perfil de Atividades de Adelaide em Idosos de uma Comunidade Nipo-brasileira. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 245-253, 2011.

KAKU, William Smith. História do sumô no RS. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=4846963165403253&set=pb.100002688537407.-2207520000>>. Acesso em 12 de novembro de 2022.

KINOSHITA, Jorge. Ginástica Rítmica RádioTaissô 1. Arquivo pessoal Jorge Kinoshita, 2022.

KODAMA, Kaori; SAKURAI, Célia. Episódios da imigração: um balanço de 100 anos. **IBGE Resistência e imigração**, v. 100, 2008.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KUROSE, J. F.; ROSS, K. W. **Redes de Computadores e a Internet**. 5 ed. São Paulo: Pearson, 2010.

LANGBECKER, Andrea. Feições orientais na Serra Gaúcha. **Pioneiro**, 24 de agosto de 2000- Edição Especial- p.9.

LEÃO, Valdemar Carneiro. **A crise da imigração japonesa no Brasil, 1930-1934: contornos diplomáticos**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 1990. (Coleção Relações internacionais, 10).

LEDUR, Josiana Ayala. **Práticas corporais na colônia japonesa de Ivoti, Rio Grande do Sul (década de 1980 à década de 2010)**. 2017. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

LEDUR, Josiana Ayala; CARMONA, Eduardo Klein; MAZO, Janice Zarpellon. Karate Gōjū-ryū no Rio Grande do Sul: revisitando a vida de Akira Taniguchi. **Recorde: Revista de história do esporte**. Rio de Janeiro. vol. 6, n. 2, jul./dez. 2013, p. 1-23, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História & Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

LISBOA, Josefa. O discurso do branqueamento na realidade brasileira da segunda metade do século XIX e a valorização do nacional. **Revista GeoNordeste**, n. 2, 2013.

MACHADO, André Roberto de Arruda. Entre o nacional e o regional: uma reflexão sobre a importância dos recortes espaciais na pesquisa e no ensino da História. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 24, n. 45, p. 293-319, 2017.

MADURO, Luiz Alcides Ramiro. **A formação e a sua influência no papel do treinador de judô no planejamento dos treinos e nas competições**. Tese de

Doutorado (2011). Faculdade do Desporto (FADE)/ Universidade do Porto (PT). Porto/PT.

MARCAS DO DESBRAVAMENTO. Primeira imigração Japonesa ao Rio Grande do Sul (1956-2011). Campinas-SP, julho de 2011.

MARTINELLO, A. S.; DE CARVALHO, E.B. Colonização japonesa em Santa Catarina: metamorfoses na imigração tutelada. **História Unisinos**, v. 15, n.3, p. 453-465, 2011.

MATIDA. Odori: **Japanese Dance**. Editora Routledge, 2013, 74 p.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. **História oral como fonte: problemas e métodos. Historiae**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.

MATSUBARA, Elizabeth Sue; GODOI, Marcos Roberto. Os significados das práticas esportivas e Recreativas nas associações nipo-brasileiras de Cuiabá e Várzea Grande (MT). **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – v. 10, n. 2, 2011, p. 87-97.

MAZO, Janice. **A emergência e a expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945):** espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira. 2003. 366f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto – Portugal, 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/18673>> Acesso em: 22 de março de 2020.

MAZO, Janice Zarpellon, et al. Danças tradicionais japonesas e representações sociais no sul do Brasil. In: Missias-Moreira, Ramon; Freitas, Vera Lúcia Chalegre De; Collares-Da-Rocha, Julio Cesar Cruz (Orgs.). **Representações sociais na contemporaneidade**. Curitiba: CRV, 2019, p. 121-137.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MEMORIAL DA COLÔNIA JAPONESA. **O Diário da Encosta da Serra**, 18 outubro de 2013. Sessão Especial Ivoti 49 anos, p. 26. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

MISSÃO JAPONESA visita Ivoti. **Jornal Livre Expressão**, Ivoti, 12 de dezembro de 1995, p.6. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

MISSÃO JAPONESA visitou Ivoti. **Jornal O Diário**, Ivoti, 20 de dezembro de 1996, p.13. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

MOCARZEL, Rafael Carvalho da Silva. **Artes marciais e jovens: violência ou valores educacionais? Um estudo de caso de um estilo de Kung-Fu**. 2011. 108 f. (Mestrado em Ciências da Atividade Física) – Universidade Salgado de Oliveira, Niterói.

\_\_\_\_\_; COLUMÁ, Jorge Felipe. **Lutas e Artes Marciais: aspectos educacionais, sociais e lúdicos**. Rio de Janeiro: SUAM, 2015.

MULLER, Elio Eugênio. **Gente de Dois Mundos**. 25 Anos da Colônia Japonesa de Itati. Livreto Popular nº 02. Itaprint Gráfica e Editora, Curitiba - PR, 1993.

MULLER, Elio Eugenio. **“Face Morena”** – Coleção Memórias da Figueira, v. 5. Curitiba/PR. Editora AVBL, 2011, Bauru/SP.

MURATA, Gustavo Henrique Yoneo. **Marketing esportivo e liderança: aspectos relevantes do esporte brasileiro**. Rio Claro, 2013. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) - Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

NAKAMURA, T. N. **Memória e identidades nipo-brasileiras: cultura pop, tecnologias e mediações**. São Paulo: M. T. Nakamura, 2013.

NINOMIYA, M. O centenário do tratado de amizade, comércio e navegação entre Brasil e Japão. **Revista USP**. São Paulo, v. 28, p. 245-250, dez./fev. 1995/1996.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. **Imigração japonesa na história contemporânea no Brasil**. São Paulo: Gráfica Parma, 1984.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, n. 10. São Paulo, dez.-1993.

NOTÍCIAS DO ENKYO, 19 de julho de 2002. Encontrado no acervo da Associação de Assistência Nipo brasileira do Sul – Enkyosul de Porto Alegre.

NUNES, Alexandre Velly. **A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais**. Tese de (Doutorado)-Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. **Dicionário gaúcho**. 3. ed. Porto Alegre: AGE, 2005.

ONAR, J. Thadéo. A Estância de São Pedro em face da imigração japonesa, **Diário de Notícias**. Porto Alegre, 18 de maio de 1956, p. 8.

OS DEKASSEGUIS. **O Diário**, 12 junho de 2008, p.12. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

OSHIRO, Alexandre Cardoso. **Espelhos em trio**: por uma reflexão sobre o corpo no processo ensino-aprendizagem de Ryûkyû Buyô. 2016. 253 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

OS JOGOS QUE UNEM A COMUNIDADE. Zero Hora, 16 de junho de 2008, p. 33.

O 7º CAMPEONATO de “Gateball” do Enkyo RS. Informativo da Associação de Assistência Nipo-Brasileira do Sul, set., 2014. Encontrado no acervo da ENKYOSUL.

PEREIRA, Ester Liberato. **Configurações sociohistóricas da equitação no Rio Grande do Sul**: uma investigação das redes de interdependência nas práticas esportivas equestres. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. Cultura e Representações, uma trajetória. **Anos 90**, v. 13, n. 23/24, p. 45-58, 2006.

PESAVENTO, Sandra. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. **Fronteiras da história**: uma leitura sensível do tempo. Fronteiras do pensamento. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2008, p.179-190.

PESO PESADO. **Correio do Povo**, 9 de setembro de 2015 - Edição Especial- Jornal, p.16.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n.114, 179-195, nov. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300008&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 17 out. 2020.

PINTO, Meyre Eiras de Barros. **Concepção de velhice e cuidado em três gerações de origem nipo-brasileira**. Campinas, 1997. Tese de Doutorado em Educação, na área de Psicologia Educacional. Universidade Estadual de Campinas.

PIRES, Luiz Zini. O primeiro japonês gaúcho. **Zero Hora**, Porto Alegre, 18 de junho de 2008, p.11

PLUTSCHOW, Herbert. **MATSURI: The festivals of Japan**. Estados Unidos: Taylor print on dema, 1996.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p. 200-2012.

PRAETZEL, João. AQUI SE LUTA SUMÔ. **Zero Hora**, Porto Alegre, 23 e 24 de julho de 2022, p. 6 a 8.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITATI. Subvenção social ACEI. Lei nº 880/2013, de 17 de julho de 2013.

PROGRAMAÇÃO de eventos. **Notícias do Enkyo**, vol.3., março de 1997. Encontrado no acervo da Associação de Assistência Nipo brasileira do Sul – Enkyosul de Porto Alegre.

RÁDIO Taiso: acorde e exercite-se ao estilo japonês. Site coisas do Japão. Disponível em:<<https://coisasdojapao.com/2017/03/radio-taiso-acorde-e-exercite-se-ao-estilo-japones/>>. Acesso em 26 de fev. 2021.

RANFT, Marlise Sofia. **A Saga da família Sasada**: os primeiros japoneses em Ivoti. Jornal de Ivoti, mar.1987, p.6. Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

REGIONAIS. UCGB. *União dos Clubes de Gateball do Brasil*, 5 out. 2015 - Disponível em: <<https://gateball.org.br/regionais/>>. Acesso em 15 fev. 2022.

RIASCOS, Victor Alberto Abadia. RINCON, Diego Fernando Lozada. El softbol, su historia, como jugar y observaciones para mejorar el deporte. Universidad del valle. Instituto de educacion y pedagogia. Programa academico de licenciatura en Educacion fisica y deporte. Cali/ valle del cauca, 2014.

RONDINELLI, Rosely Curi. **O conceito de documento arquivístico frente à realidade digital: uma revisitação necessária**. 2011. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto de Arte e Comunicação Social, Instituto Brasileiro em Ciência e Tecnologia, Niterói.

RUBIO, Katia. Tradição, família e prática esportiva: a cultura japonesa e o beisebol no Brasil. **Movimento**. Porto Alegre, v.6, p.37- 44, 2000.

SAITO, Hiroshi (org.). **A Presença Japonesa no Brasil**. São Paulo, T. A. Queiroz/Edusp, 1980.

SATO, Antenor Yuzo. A história do Sumô no Rio Grande do Sul. Entrevista concedida à Luciana Watanabe [[@lucianawatanabeoficial](#)]. **Instagram**, 10 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/CE2spz8i-0D/>>. Acesso em: 18 de maio de 2022.

SAKURAI, Célia. **Imigração japonesa para o Brasil**: um exemplo de imigração tutelada (1908-1941). In: Fazer América; Boris Fausto, organizador. São Paulo. EDUSP, 1999. p. 201-238.

\_\_\_\_\_. **Os japoneses**. 2ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

SALZANO, Francisco M.; FREIRE-MAIA, Newton. Populações brasileiras: aspectos demográficos, genéticos e antropológicos. **(sem título)**, 1967.

SAMURAI, cerejeiras, bonecos e andarilhos no festival japonês. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 13 nov.1964. Hemeroteca Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Tematico&PagFis=27331&Pesq=>>>. Acesso em 12 de abril de 2017.

SANTA MARIA. LEI Nº 2188/81, de 03-11-1981. Denomina Japão uma rua na Vila São João em nossa cidade. **Diário Oficial da União**, p.1, 1981. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/s/santa-maria/lei-ordinaria/1981/219/2188/lei-ordinaria-n-2188-1981-denomina-japao-uma-rua-na-vila-sao-joao-em-nossa-cidade?q=DENOMINA+JAP%C3%83O+UMA+RUA+NA+VILA+S%C3%83O+JO%C3%83O+EM+NOSSA+CIDADE>. Acesso em: 12 de ago. 2020.

SANTOS, Antonio César de Almeida. **Fontes orais**: testemunhos, trajetórias de vida e história. Revista Via Atlântica, v.4, p.1-10, 2000.

SASAKI, Elisa Massae. A imigração para o Japão. São Paulo. **Estudos avançados**, v.57, p. 99-117, 2006.

\_\_\_\_\_. Dekasseguis: migrantes brasileiros no Japão. **Anais**, p. 577-603, 2016.

SASAOKA, Tadao. **Imigração japonesa (Rio Grande do Sul) 1957-1961**. São Paulo: Gráfica Paulista, 1971.

SATO, Aureo de Jesus. Undokai: a construção da identidade étnico-cultural em torno da niponicidade. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH. São Paulo, julho, 2011.

SBC: Folclore japonês na sociedade cultural. **Diário Popular**, São Paulo, 30 jun.1971. Hemeroteca Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Tematico&PagFis=27331&Pesq=>>. Acesso em 12 de Abril de 2017.

SCHNECK, Andréa Cristina Baum; MEINE, Belmiro; WAGNER, Hermedo Egidio; MUNDSTOCK, Walter Egon. (Org.). **Mosaicos de então**: pessoas, fatos, lugares de memória, crônicas de Ivoti. Ivoti: Sociedade Ivotiense de Estudos Humanísticos, 2020.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração no Brasil**: os preceitos de exclusão. Entrevista disponibilizada em 10 de dezembro de 2000, a internet. 2000. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/migrações/migr03.htm>>. Acesso em: 13 ago. de 2022.

\_\_\_\_\_. Colonização, imigração e a questão Racial no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n 53, p. 117-149, mar/mai, 2002. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33192>>. Acesso em: 02 jul. 2022.

SIAN. Sistema de Informações do Arquivo nacional. Série Interior - Naturalização. Disponível em: <[https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado\\_pesquisa\\_favorito.asp?v\\_CodReferenciaPai\\_id=567717&v\\_CodFundo\\_ID=1462](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_favorito.asp?v_CodReferenciaPai_id=567717&v_CodFundo_ID=1462)>. Acesso em 12 .mai. 2021>. Acesso em 05 jan. 2023>.

SILVA, Alexandra Begueristain da. **Nihonjinkai**: a associação dos imigrantes japoneses em Santa Maria/RS-sec.XX, 164p. 2019. Tese (doutorado do Programa de Pós-Graduação em História). Universidade Federal de Santa Maria.

SILVA, Ana Márcia. **Entre o corpo e as práticas corporais**. Revista ARQUIVOS em MOVIMENTO, Rio de Janeiro, Edição Especial, v.10, n.1, p.5-20, jan/jun 2014.

SILVA, Bruno. Gateball. Neste domingo, Cascavel sediará o 134º Campeonato do oeste do Paraná. **Hoje News**, Cascavel, p. A-18, 1º jul. 2012.

SILVA, Carolina Fernandes da. **O remo e a história de Porto Alegre, Rio Grande do Sul**: mosaico de identidades culturais no longo século XIX. 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, 2011.

SILVA, Carolina Fernandes da. **Esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul, Brasil**: esportivização e contatos culturais nos clubes. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

SILVA, Felipe Eduardo Schütt da. Itati sediou o 58º Campeonato Gaúcho de Sumô. **Prefeitura Municipal de Itati-Rio Grande do Sul** Disponível em: <<https://itati.rs.gov.br/artigo/119>>. Acesso em 17 março, 2021.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, edição n. 2, 2006.

SOARES, André Luis Ramos; GAUDIOSO, Tomoko Kimura. 50 anos de história: Imigração Japonesa em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil (1958-2008). **Itajaí: Mariadocais**, 2008.

SOARES, André Luis Ramos.; SOUZA, Cristiéle Santos. Imigração japonesa em Santa Maria através do jornal A Razão: 1956-1958. **IX Encontro Estadual de História**, 2008.

SOCIAL E ESPORTE. Banner de divulgação. Encontrado no Memorial da Colônia Japonesa de Ivoti, 2016.

SOFTBALL no Rio Grande do Sul. **Travinha Esportes**, 20 de junho de 2012. Disponível em:< <<https://www.youtube.com/watch?v=N277KKK4LAU>>. Acesso em 03 de março de 2021.

SOFTBOL. ANIBRA SHIMBUM. Informativo da Associação Gaúcha Nipo-Brasileira. Abril, 1988. Encontrado no acervo da Associação de Assistência Nipo brasileira do Sul – Enkyosul de Porto Alegre.

SUMÔ EM ITATI. **SporTV**, **2012**. Disponível em: <<http://sumobrasileiro.blogspot.com.br/2011/02/itati-na-globo.html>>. Acesso em 13 de maio de 2022.

SUMÔ. **O Diário**, quinta-feira, 23 de Abril de 2009. Edição 2190, Ano XVII - Sessão Geral, p.7). Encontrado no acervo da Biblioteca Pública Municipal Laís Helena Bruck Mundstock da cidade de Ivoti.

SUNGA SUMÁRIA DE SUMÔ. **Zero Hora** Porto Alegre, 19 de abril de 2017, p.14.

SUZUKI, Frank Shiguemitsu; MIRANDA, Maria. Luiza. de Jesus. A história da imigração japonesa e seus descendentes: prática de atividade física e aspectos sócio-culturais. **Conexões**: Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas, v. 6, ed. especial, p. 409-418, jul. 2008.

TAO, Iaioi Ueda. **Rádio Taissô em Ivoti**. Comunicação informal [*WhatsApp*]. 21 de agosto de 2022.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TIME DE BEISEBOL GAÚCHO. **Farrapos Beisebol Clube**, 15 de março, 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/FarraposBC/photos/bc>>. Acesso em 08 de fevereiro 2021.

TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TORNEIO MISTO 2015 de Softbol. **Jornal do Enkyo** setembro de 2014. Encontrado no acervo da Associação de Assistência Nipo brasileira do Sul – Enkyosul de Porto Alegre.

TRABALHA-SE... Trabalha-se em São Paulo para a maior difusão do base-ball. **Jornal de Notícias**, São Paulo, p.8, 16 de fevereiro de 1947.

TRAPHAGAN, John. W. Reasons for gateball participation among older Japanese. **Journal of Cross-Cultural Gerontology**, v.13, p.159-175, feb.1998.

TSUDA, Takeyuki. **Strangers in the ethnic homeland: Japanese Brazilian return migration in transnational perspective**. Columbia University Press, 2003.

TUBINO, Manoel; TUBINO, Fábio Mazon; GARRIDO, Fernando Antonio C. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.

UEMURA, Karoline Kika. **Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1989-2010)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

UNDOKAI NA ENKYOSUL. **Jornal do Enkyo**. 22 de abr. 1995. Encontrado no Acervo da Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul-Enkyosul.

UTSUNOMIYA, Fred Izumi. **Análise de discursos de sites de kenjinkai do Brasil: a construção de uma identidade cultural tipicamente nacional**. 2014. 275 f. Tese (Doutorado em Letras Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

VELOSO, Camila Motomatsu. **Percepção de idosos praticantes de Gateball sobre a prática de atividade física**. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2010.

YAMASHIRO, J. **História da cultura japonesa**. São Paulo: Ibrasa, 1986.

## Glossário

|                              |   |
|------------------------------|---|
| <b><i>Dadaiko/Ôdaiko</i></b> | A palavra “大太鼓” pode ser lida dessas duas formas, sem grande diferença de significado. Ôdaiko costuma ser mais comum. Se refere a um tambor Taiko de maior tamanho (100+ cm).   |
| <b>CCIJB</b>                 | Câmara do Comércio e Indústria Japonesa do Brasil.  |
| <b><i>Koinobori</i></b>      | Pipas em formato de carpas, costumam ser penduradas como bandeiras. Normalmente associadas ao dia dos meninos, ou ao espírito juvenil masculino.  |
| <b>親子三代リレー</b>               | “Oyako sandai rirê”, literalmente significando “O ressoar de três gerações de pais e filhos”, é uma corrida de revezamento entre três gerações familiares.  |
| <b><i>Gunka</i></b>          | Significa literalmente “canção militar”. Um tipo de música nacionalista e de cunho militar. Normalmente se refere às canções guerreiras do período imperial, mas também pode fazer referência a qualquer tipo de canção guerreira. (No caso do primeiro texto, acredito se referir mais às canções guerreiras do período Sengoku) |
| <b><i>Tana</i></b>           | Se refere a um pequeno facão, de lâmina larga, maior que a empunhadura. Normalmente utilizada para desfiar madeira ou modelar pedaços dela. Também usada para cortar gravetos. (O formato da lâmina pode variar).   |
| <b>JICA</b>                  | <i>Japan International Cooperation Agency</i>   |

|  |   |
|--|---|
| 川柳<br>(Senryû)                                 | Um tipo de poesia japonesa com foco em humor, reclamações e observações cotidianas.   |
| ちゃんこ鍋<br>(Chanko Nabe)                         | Literalmente “pote / panela chinesa”, é um panela de comidas quentes servida aos lutadores de Sumô.   |
| Genghis Khan                                   | É um prato japonês criado para ser uma representação da culinária mongol (é basicamente um churrasco com base em carneiro, que é comumente associado a Mongólia).                             |
| 丁髷<br>(Chonmage)                               | Corte de cabelo preso, utilizado por samurais e rikishis. Popularizado no período Edo:  |
| 国技館   両国国技館<br>(Kokugikan / Ryogoku Kokugikan) | A arena federal de Tóquio onde os maiores eventos de Sumô ocorrem.  |
| 南部館<br>(Nanbukan)                              | Órgão organizador de diversas atividades relacionadas a laido, Kendo e Kenjutsu. Aparentam ter refeito a marca/órgão (parecem não estar muito ativos nos últimos anos).                       |
| Colônia / Núcleo Celso Ramos                   | Colônia japonesa estabelecida próximo a cidade de Frei Rogério, SC, em 1968.  |
| 便所<br>(Benjo)                                  | Palavra bem antiga para se referir a “banheiro”, era comum na época da imigração mas caiu em desuso no Japão. Porém, perdura até hoje entre os nipo-japoneses, principalmente os mais velhos. |
| “Ganbattear”                                   | Vem do japonês “Ganbatte”, que significa “se esforce”. Porém, é flexionado como os verbos no português. Esse tipo de flexão pode funcionar com  |

|                      |  |
|----------------------|--|
|                      | qualquer palavra.                                  |
| <b>日語<br/>(Nigo)</b> | Vem de “Nihon go”, significando “língua japonesa”. |
| <b>ポ語<br/>(Pogo)</b> | Vem de “Porutogaru go”. Língua Portuguesa.         |